



Amor Imortal

RENDICÃO

HALICE FRS





Table of Contents

[Copyright](#)

[A vida](#)

[Capítulo Um](#)

[Capítulo Dois](#)

[Capítulo Três](#)

[Capítulo Quatro](#)

[Capítulo Cinco](#)

[Capítulo Seis](#)

[Capítulo Sete](#)

[Capítulo Oito](#)

[Capítulo nove](#)

[Capítulo Dez](#)

[Capítulo Onze](#)

[Capítulo Doze](#)

[Capítulo Treze](#)

[Capítulo Quatorze](#)

[Capítulo Quinze](#)

[Capítulo Dezesseis](#)

[Capítulo Dezessete](#)

[Capítulo Dezoito](#)

[Capítulo Dezenove](#)

[Capítulo Vinte](#)

[Capítulo Vinte e Um](#)

[Capítulo Vinte e Dois](#)

[Capítulo Vinte e Três](#)

[Capítulo Vinte e Quatro](#)

[Capítulo Vinte e Cinco](#)

[Capítulo Vinte e Seis](#)

[Capítulo Vinte e Sete](#)

[Capítulo Vinte e Oito](#)

[Capítulo Vinte e Nove](#)

[Capítulo Trinta](#)

[Capítulo Trinta e Um](#)

[Capítulo Trinta e Dois](#)

[Último Livro da Série Amor Imortal Amor Imortal - ETERNA UNIÃO](#)

[Página oficial:](#)

[Contatos da autora:](#)



Amor Imortal

RENDIÇÃO

گ

Halice FRS

Copyright © Halice FRS

Todos os direitos reservados. Proibida a distribuição ou cópia, integral ou parcial dessa obra sem o consentimento por escrito da autora.

Criado no Brasil

Imagens da capa: Can Stock Photo

Capa: Naty Cross

Agradeço a Deus, pela inspiração. A todas amigas leitoras que me incentivam a ir além. Especialmente a Thaís, Tássia, Lizzie, Racca e Vel que inicialmente acreditaram nessa história. E a Edivania e Luana que a divulgaram, tornando minha criação conhecida e amada nos *websites*.

Dedico essa história a minha mãe, que me deixou de herança seu gosto pela leitura.

Índice

[A vida](#)

[Capítulo Um](#)

[Capítulo Dois](#)

[Capítulo Três](#)

[Capítulo Quatro](#)

[Capítulo Cinco](#)

[Capítulo Seis](#)

[Capítulo Sete](#)

[Capítulo Oito](#)

[Capítulo nove](#)

[Capítulo Dez](#)

[Capítulo Onze](#)

[Capítulo Doze](#)

[Capítulo Treze](#)

[Capítulo Quatorze](#)

[Capítulo Quinze](#)

[Capítulo Dezesseis](#)

[Capítulo Dezessete](#)

[Capítulo Dezoito](#)

[Capítulo Dezenove](#)

[Capítulo Vinte](#)

[Capítulo Vinte e Um](#)

[Capítulo Vinte e Dois](#)

[Capítulo Vinte e Três](#)

[Capítulo Vinte e Quatro](#)

[Capítulo Vinte e Cinco](#)

[Capítulo Vinte e Seis](#)

[Capítulo Vinte e Sete](#)

[Capítulo Vinte e Oito](#)

[Capítulo Vinte e Nove](#)

[Capítulo Trinta](#)

[Capítulo Trinta e Um](#)

[Capítulo Trinta e Dois](#)

[Amor Imortal - ETERNA UNIÃO](#)

-

A vida

Estar viva era bom. Padecer lentamente a cada hora numa sobrevida vazia, não. O que era seguro, o que era certo, se mostrou inexpressivo. Não havia como seguir adiante depois que o mundo perdeu o brilho.

Viver teria graça e faria todo o sentido se pudesse tocar o frio e experimentar o extraordinário mais uma vez. Nem que fosse de verdade, a última vez.

Capítulo Um

Danielle Hall ainda custava a crer em tudo o que se passou até estar ali, na casa de um vampiro. Na sala escurecida, iluminada com frequência por relâmpagos seguidos de trovões estrondosos. Deveria estar apavorada com o clima de horror, mas o que temia eram os dias que passou longe do dono daquele lugar tétrico, Ethan McCain, e rogava não viver nada igual, nunca mais.

Tocando os lábios, recostada à parede por ter as pernas instáveis, Dana agradeceu a uma força divina por ainda estar viva, por ser aceita de volta. Não se sentia inteiramente feliz, pois não estava fora de perigo. Havia a bendita marca em seu quadril que descobriu ser algo abominado por Ethan, mas estava em paz. O que acontecesse quando o vampiro a visse seria apenas o destino atuando.

Respirando pausadamente para acalmar o coração, Dana esperou ouvir o ronco do BMW coupé quando Ethan de fato saísse para se alimentar, porém somente ouvia os trovões. Junto a eles estava o *tic-tac* intermitente de um relógio real e os rosnados furiosos do vampiro, gravados em sua memória. Sentindo o rastro de fogo onde Ethan a tocou, Dana tremeu ao lembrar como o provocou até que fosse aceita. Agiu por amor, desespero, saudade.

E quanto mais Ethan liberava aqueles ruídos guturais, mais ela sentia vontade de ser apertada entre seus braços. Nem ao menos se importou com o gosto de álcool ou com a pele não tão firme, áspera e poeirenta. Tudo que desejava era voltar à vida dele. Também não se importaria caso Ethan quisesse ir além, mas entendia a reserva.

Se aquele controle não fosse prova de que ele a amava, nada mais seria. Agora, ela esperava que aquele amor fosse forte o bastante para que Ethan não a matasse pela quarta vez ao descobrir a marca em seu quadril. Que percebesse o quão era absurdo imaginar que alguém fraca como ela seria capaz de machucá-lo.

Ao pensamento Dana estremeceu e se abraçou, decidida a não pensar sobre aquele assunto. Se não encontrasse coragem para mostrar sua marca, contaria com a sorte e esperaria até que Ethan a visse por conta própria. Nesse meio tempo, aproveitaria para viver intensamente ao lado dele. De súbito Dana desejou que Ethan não demorasse. Sem ele tudo parecia surreal. O ar novamente rareava e era como se fosse acordar em sua cama a qualquer momento, completamente sozinha. Precisava de seu vampiro de volta.

“Seu vampiro”. Dana estremeceu mais uma vez ao lembrar o motivo da saída de Ethan após a reconciliação. Ainda abraçando o próprio corpo, tentou não pensar no que ele estaria fazendo. Era necessário. Era da natureza dele matar e ela teria que se acostumar caso quisesse fazer parte daquele mundo.

O ruído de passos a tirou do transe. Receosa Dana seguiu até a porta e acendeu a luz. Sobressaltou-se ao mesmo tempo em que a senhora baixinha que entrava na sala, ambas assustadas, uma com a presença da outra. As duas reprimiram um grito antes de se analisarem com curiosidade.

– Boa noite, senhorita... – cumprimentou a mulher, dando a deixa para que Dana se apresentasse.

– Hall. Danielle Hall.

– Senhorita Hall, me desculpe se a assustei. Sabia que a encontraria, mas a sala estava escura. Eu não a vi aqui... Sou Carmem, cuida da casa. O senhor McCain pediu que viesse ligar o aquecedor e servi-la, caso deseje algo.

Uma empregada humana. Dana agora conseguia notar a diferença. Assim como passou a notar o frio do cômodo à simples menção a um aquecedor. Seu estômago também protestou quando ela assimilou o oferecimento vago. Há dias que não se alimentava direito, como Ethan. Porém não se sentiu a vontade de pedir comida, pois provavelmente esta nem existisse naquela casa. Com isso arriscou com o que considerou ser mais simples.

– Se fosse possível, aceitaria uma xícara de chá se tiver – pediu, sorrindo timidamente.

Carmem a deixou após um aceno de cabeça. Em poucos minutos, Dana pôde sentir a temperatura se elevar. Logo os tremores que sentia eram somente os de expectativa.

Curiosa, começou a explorar a sala completamente iluminada. Era ampla, decorada ao estilo renascentista. Dana não saberia dizer se os móveis eram originais ou réplicas, mas algo lhe dizia que deveria escolher a primeira opção. Ethan era antigo, porque seus móveis não seriam?

Aquela não era o tipo de decoração que Dana escolhesse, porém, surpreendentemente combinava mais com Ethan do que os móveis da cobertura. Especialmente o grande piano de cauda, localizado num ponto privilegiado da sala. Era branco, adornado por entalhes folheados a ouro. Desse detalhe ostensivo Dana não duvidava. O banco que acompanhava a *joia* era largo o bastante para acomodar duas pessoas. Dana imaginou se Ethan realmente o tocava. Ela arfou somente com a idéia. Seria uma visão e tanto!

Suspirando, Dana analisou as paredes e se deteve em alguns quadros a óleo. Nenhum conhecido como o Caravaggio da cobertura, mas todos de extremo bom gosto. Um em particular chamou sua atenção. Mostrava uma dama sentada, linda num vestido verde. Porém o que o tornava interessante era a criança que lhe fazia companhia. O menino tinha cabelos castanhos, brilhantes, e nos olhos verdes uma expressão de tristeza.

Ao se aproximar o coração de Dana falhou algumas batidas. Aquele não poderia ser Ethan, poderia?

Ainda analisava a tela de perto, quando Carmem voltou trazendo uma xícara de chá e um prato com alguns biscoitos acomodados numa bandeja. Havia alguma comida, afinal.

– Sempre gostei dessas telas – comentou a senhora, depositando a bandeja sobre a mesa de centro. – Trouxe algo para a senhorita comer.

– Obrigada – Dana agradeceu ao se sentar no grande sofá, aceitando a xícara de chá fumegante que a senhora lhe estendia. – Sabe quem são? – perguntou, indicando as telas.

– Não – Carmem encolheu os ombros. – Não sei muita coisa sobre esta casa.

– Mas a senhora disse que cuida dela.

– Sim. Mas é apenas isso. Nem ao menos conhecia o Sr. McCain pessoalmente até oito dias atrás. Ele nunca veio aqui.

– Nunca? – Ao ver a senhora confirmar com um aceno de cabeça, Dana lembrou que Ethan odiava a casa. Joly até se admirou da escolha de onde ele *definharia*. Ela estremeceu, e especulou para se distrair: – A senhora costuma ficar aqui até tão tarde? Ou ficou presa pela chuva?

– Não. Eu e meu marido moramos aqui. Ele é caseiro e jardineiro. Eu cuido para que tudo se mantenha em funcionamento e limpo. Essas são as ordens da senhora Miller, mas ninguém nunca aparece.

– Entendo – Dana murmurou antes de dar um gole em seu chá.

E ela duvidando do autocontrole de Ethan! Pensou. Ali estava mais uma prova de que sempre esteve errada. O pobre casal convivia com um vampiro sedento bem na porta aí lado há uma semana sem nem saber. Ou será que sabiam? Dana acreditava que não, afinal aquele segredo era incrível demais para ser revelado. Notou que era olhada com curiosidade quando a senhora comentou vagamente:

– Uma pena o senhor McCain ter vindo para cá num momento de tristeza.

– Como sabe disso? – Dana juntou as sobrancelhas.

A senhora a olhou por um tempo, como se avaliasse ser correto falar do patrão. Logo, porém, dizia em tom confiante:

– Bem... O senhor McCain nunca veio aqui ou qualquer outra pessoa, então, no sábado pela manhã eu me assustei ao ver poças de água no quintal e no caminho até a casa. Eu as segui até o quarto dele. Encontrei o Sr. McCain largado na cama, completamente imóvel, os olhos fixos no teto. A princípio pensei que fosse um ladrão, mas um ladrão não ficaria ali parado com tantas coisas de valor pela casa.

– Não, não ficaria – Dana concordou, impaciente. – E então?

– Bem... – Carmem prosseguiu. – Mesmo assim perguntei quem era. Ele disse que costumava ser Ethan McCain, mas que naquele momento não sabia. Algo na voz dele fez meu sangue gelar.

Sem nada dizer Dana depositou a xícara na bandeja sem terminar o chá, aflita com o rumo da narrativa. Alheia a ela, Carmem continuou:

– Eu me apresentei, mas ele nem me olhou. Estava tão pálido que se não tivesse me respondido eu poderia jurar que estivesse morto. A calça molhada tinha encharcado as cobertas, mas ele nem se importava. Estranhei o estado da roupa, pois não havia chovido e me perguntei como era possível que ele não estivesse com frio por estar molhado, descalço e sem camisa.

A esse comentário, Dana sentiu o coração oprimido. A mulher prosseguiu:

– Com isso tudo não é preciso ser detetive para saber que ele estava sofrendo. Que homem ficaria largado daquela maneira se não estivesse com sérios problemas?

– Acho que nenhum – respondeu Dana, automaticamente.

– Eu ofereci preparar algo para que comesse e perguntei quanto tempo ficaria. O senhor McCain respondeu que ficaria pelo tempo que fosse necessário e que não me preocupasse com comida. Tudo que me pediu foram duas garrafas de uísque diárias. – A senhora torceu os dedos nervosa. – Quem é capaz de viver apenas de bebida? Ele nunca me pediu um único prato de comida todo esse tempo. No entanto...

– Ele pode ter saído sem que a senhora percebesse. – Dana sugeriu apreensiva, assumindo a responsabilidade do segredo de Ethan para si.

Carmem maneou a cabeça antes de negar também em palavras:

– Não, ele não saiu. Pelo menos não para a rua. Para onde iria vestindo somente aquela calça? Pelo o que notei, ele saía do quarto apenas para se jogar na piscina e nadar. Ou ficar afundado por um tempo preocupante como pude ver algumas vezes. Quando vinha à tona, saía da água e entrava. Imagino que para beber. Nunca acreditei que esvaziaria as duas garrafas de uísque, mas todos os dias eu as reponho.

Como que para provar o que dizia, Carmem apontou para um canto da sala. Dana viu que ela indicava um velho carrinho de chá, transformado em bar com inúmeras garrafas de variadas bebidas. Somente as de uísque estavam tocadas. Uma vazia e outra com apenas um quarto da bebida âmbar. Dana sentiu um aperto no estômago.

– Sempre venho pela manhã. Ele me proibiu de vir aqui durante a noite. E também não quer que eu ou meu marido chegue perto dele. Só nos resta obedecer. Venho logo cedo, abro as cortinas, troco as garrafas... Ainda bem que não precisei mais juntar cacos.

– Cacos?!

– Sim, de copos ou garrafas. Acontecia mais nos primeiros dias... Agora ele apenas bebe. E mantém as cortinas fechadas. Parece que quer estar no escuro todo o tempo. Nem tem nadado mais...

– Entendo – Dana sussurrou.

Na verdade entendia muito mais do que gostaria. Qual a novidade? Ethan não quebrou os móveis da cobertura? O que seriam alguns copos e garrafas? Dana se sentia péssima por saber ser a causadora de tudo aquilo. Agora, o perdão adquirido tinha muito mais valor, pois simplesmente não o merecia.

– Bem... – Carmem disse. – Fico feliz que alguma coisa tenha mudado.

– Como?! – Dana se forçou a sair de sua culpa.

– Hoje foi a primeira vez que o senhor McCain me chamou para algum serviço. Achei estranho ele pedir para não abrir a porta, mas como sempre, obedeci. Ele parecia agitado quando me pediu que viesse aquecer a casa e cuidar para que a senhorita se sentisse a vontade. Agitação é um sentimento melhor que a apatia, então...

E lá estava o olhar curioso posto em Dana. Até mesmo a empregada da casa sabia que a culpa pelo sofrimento e acessos de raiva do patrão era dela. Algo que ela demorou até o último minuto para crer. Num lampejo, Dana acreditou ter entendido o significado da marca, afinal ela, uma mortal fraca, quase destruiu um vampiro forte e imponente. Não, Dana afastou o pensamento, não poderia ser aquilo!

– Mas olhe para a senhorita! – Carmem exclamou, tirando Dana da inquietação. – Está pálida, sua blusa está rasgada.

Dana agradeceu pela súbita mudança de assunto, surpresa ao descobrir que a criada tinha razão. A blusa estava rasgada no ombro e na gola.

– Não tenho como trocá-la, não se preocupe – tranquilizou-a.

– Bem... – A senhora começou sem jeito. – O senhor McCain disse para atendê-la no que desejasse... Então, talvez a senhorita quisesse um banho quente para se aquecer ou apenas um dos roupões... Tenho tudo muito bem conservado – declarou orgulhosa.

De repente a idéia de um banho pareceu agradável. Dana realmente se sentia enregelada e, além de se aquecer, fugiria definitivamente daquela conversa. Não precisava de mais detalhes para saber o quanto Ethan padecia em seu *inferno particular*. Como não sabia quanto tempo ele ainda demoraria, Dana aceitou o oferecimento.

– Se me disser onde fica o banheiro e onde posso encontrar esses roupões eu agradeceria – disse ao levantar.

– Venha! – Carmem indicou a escada, fazendo menção de acompanhá-la.

Dana queria ficar sozinha, mas reconheceu que não saberia se virar na casa, sem ajuda. Em silêncio seguiu a senhora pelo corredor. Não era grande, apenas espaçoso. Logo entraram numa suíte. Dana descartou a possibilidade de pertencer a Ethan, pois apesar de bonita era pequena e simples. Ethan jamais seria *simples*.

– Esse é um dos quartos de hóspedes – comentou a criada, confirmando a dedução. – Vai encontrar toalhas limpas no banheiro. Agora vou providenciar o roupão do qual falei.

Sem esperar resposta Carmem se foi, demonstrando que não acrescentaria novos detalhes perturbadores ao martírio de Ethan. Tanto melhor!

Enquanto esperava, Dana cruzou os braços e foi até a grande janela. Ao afastar as cortinas confirmou que já chovia forte. Um relâmpago iluminou parte do jardim e a piscina citada. Imediatamente Dana soltou a cortina e se afastou.

Desejou que Ethan voltasse logo e, sem que pudesse evitar, especulou quantas pessoas seriam preciso para satisfazê-lo. No segundo seguinte se ordenou a parar. Não queria saber.

Em poucos minutos a senhora voltou trazendo um roupão branco e felpudo, grande o bastante para envolver o corpo de Ethan. Dana o abraçou, agradeceu e dispensou a criada. Seu banho foi breve e não ajudou a cessar os calafrios.

Dana nem mesmo reparou no requinte que imperava no cômodo. Após secar-se ela recolocou a calcinha – odiou aquilo, mas não tinha outra – e se envolveu com o roupão. Descalça, tentando não pensar no que soube sobre Ethan nos dias que passou sozinho naquela casa, Dana seguiu até a cama e se atirou sobre ela.

Não queria dormir, pois era sua intenção vivenciar cada minuto que talvez fosse o último de sua vida, porém seu corpo simplesmente se rendeu ao cansaço.

∞

Ethan não foi longe. Não poderia, nem queria ir longe. A tempestade caía forte, o que de certa forma o favorecia. Não era preciso, além de matar, apavorar um inocente com sua aparência deplorável. Tinha consciência de que estava horrível, tanto que considerava incrível ter sido beijado pela humana. Não, ela não o viu com clareza, mas sentiu o cheiro de bebida e abandono. Sentiu a pele flácida sob suas palmas delicadas.

Não deveria ter sido assim. Depois de se render aos pedidos, ele deveria ter se mantido longe até estar recuperado. Mas, a quem enganaria? Nunca seria capaz de resistir a Danielle. Especialmente após a semana infernal de solidão, sede e fúria. Passado, Ethan pensou. Ela estava de volta e o aceitava mesmo deformado, provando que nunca o considerou asqueroso. A recordação do reencontro e das sensações por ele despertadas incitou-o a se apressar.

Depois de parcialmente ocultar o rosto com a gola erguida do sobretudo, Ethan acelerou o passo, seguindo para o rio. Com a chuva torrencial não haveria muitas pessoas por lá, o que aumentava as chances de encontrar alguém sozinho. E que fosse logo, ele rogou. Com a iminência de se alimentar, a sede se agravava. Ethan nunca ficou tanto tempo sem sangue; não sabia o quanto deveria tomar até que estivesse saciado.

Após quinze minutos de espera, avistou sua primeira vítima: um homem, beirando a meia idade. Ethan não se sentiu confortável por matá-lo, e para atenuar a leve culpa, induziu-o a dormir antes que o mordesse. Tomou-o todo, sem desperdiçar uma única gota, sentindo o sangue quente e fresco correr por suas veias ressecadas, trazendo sua força de volta pouco a pouco. Mas não foi o bastante.

Sem opções para se livrar do corpo, Ethan decidiu jogá-lo no rio. Terminava de soltá-lo além da grade de proteção, quando ouviu o grito. Imediatamente olhou na direção do som em tempo de ver a jovem largar o guarda-chuva e correr. Ele, sinceramente, preferia não matar mulheres e lamentou que aquela estivesse no lugar errado, em péssima hora. Ethan a alcançou antes que corresse dois metros.

– Por favor... Por favor, eu não vi nada! – exclamou apavorada. – Eu não vi nada!

Infelizmente para ambos a declaração mentirosa não poderia poupá-la. Entre todas as pessoas, Danielle era a única capaz de demovê-lo de suas decisões, para o certo e o errado. E Ethan tinha pressa. Era imperativo voltar para onde desejava estar. Seu único gesto de compaixão foi também fazer a moça dormir, calando as lamúrias e súplicas antes de agir.

Minutos depois, totalmente recuperado, Ethan entrou em sua casa pela porta principal, ansioso em rever Danielle. Sem se importar com a poça d'água que se formava aos seus pés, parou à entrada. Para sua consternação viu somente Carmem a recolher uma bandeja com alimento praticamente intocado. Os dois estacaram por um segundo. A empregada olhava-o, curiosa. Ignorando a velada especulação, Ethan perguntou pausadamente, pronto para deixar a casa e cumprir a ameaça feita ao sair:

– Onde está a senhorita? Foi embora?

– Eu... – Carmem começou incerta, após um instante que pareceu infinito. – Eu a levei lá para cima. Fiz mal?

– Não – Ethan a tranquilizou, desarmando-se. Depois de retirar o grande casaco encharcado, indicou a bandeja. – Ela não quis comer? Parecia indisposta?

– Parecia apenas com frio, por isso eu sugeri um banho quente. – Carmem olhou com indisfarçada reprovação para as marcas de água no piso. Então, equilibrando a bandeja em uma só mão, indicou o casaco e pediu: – Deixe isto comigo. E talvez seja melhor o senhor fazer o mesmo que ela ou vai acabar adoecendo.

– Farei isso – disse ao entregar o casaco, contendo o riso pela preocupação por sua saúde. – Vou ver se a senhorita está... aquecida agora.

– Senhor... – Carmem o chamou. Ethan se deteve e a encarou. – Talvez agora o senhor queira me dizer o que devo fazer. Ela ficará aqui? Devo preparar algo para o jantar? Ou...

– Não será necessário – Ethan a cortou gentilmente. – Caso seja preciso, encontrarei a cozinha abastecida, não?

– Sim – Carmem confirmou. E ainda sem jeito, observou: – Apesar do senhor nunca ter mexido em nada, providenciei tudo que achei necessário.

– Pois bem... – Ele ignorou o comentário. – Não se preocupe com nada esta noite. Pode ir para sua casa. Amanhã nos prepare o café da manhã. Se precisar de qualquer outra coisa antes disso eu a chamarei. – Ethan se preparou para deixá-la quando Carmem novamente o chamou. – Diga – ciciou impaciente.

– É um prazer finalmente conhecê-lo, senhor McCain!

A declaração o desconcertou. Sem dúvida ele era, de longe, o patrão mais estranho que alguém pudesse ter, ainda assim Carmem sempre foi discreta. Arrumando a bagunça que ele fazia em seus dolorosos acessos de fúria, mantendo sua dose diária de bebida sempre a mão para que pudesse mergulhar no torpor acolhedor depois que se exauria na piscina. Ethan não a conhecia como pessoa, nem se interessava em fazê-lo, mas a considerava uma boa criada, por isso sinceramente declarou:

– O prazer é todo meu!

Depois de lhe sorrir, Ethan seguiu escada acima ouvindo o acelerar do coração feminino. Sim, todas iguais! Ele considerou, sorrindo levemente. Somente as reações previsíveis dos humanos para acalmá-lo mais naquele instante. O desejo de ver Danielle se tornou urgente após o susto ao chegar, então subiu saltando de dois em dois degraus. Com sua *plateia* presente ele não poderia correr como queria.

No alto da escada, Ethan discretamente farejou o ar e deixou que o odor de Danielle o acalentasse, o guiasse. Encontrou-a adormecida num dos quartos de hóspedes, confirmando a descrição da empregada. Outra mais intrometida a teria levado para suíte principal. Não teria errado, porém Ethan apreciava o modo como sua hóspede foi tratada.

Ajoelhando-se, semicerrou os olhos e acendeu o abajur próximo à cama. Ao se acostumar com a claridade súbita, passou a perscrutar o rosto sereno. Mesmo pálida, com olheiras acentuadas, considerou linda sua Danielle. Depois de tudo pelo o que eles passaram Ethan não a comparava à princesa de contos de fadas. Ainda mais a talzinha da maçã. Frágil demais, assexuada demais... Sua humana era forte e quente.

Ao pensamento Ethan sorriu. O perigo de machucá-la não mais existia. Agora, quando quisesse, poderia ter dela o que desejasse. Lentamente ele acariciou os cabelos macios e aproveitou para afastar uma mecha que pendia sobre o rosto. Sentir a pele quente nas pontas de seus dedos fez um tremor percorrer seu corpo, excitando-o. O sorriso se alargou ao ver que Danielle despertava, e os olhos âmbar procurarem os dele.

– Oi... – Ethan sussurrou carinhosamente.

Dana analisou o rosto, novamente perfeito como o conhecia. Deteve-se nos olhos límpidos, perguntando-se como pôde ser tão cega. Ethan como um todo, em cada gesto, sempre demonstrou que a amava. Até mesmo aquela única palavra, dita de forma tão terna, confirmava o sentimento. Ela nunca se desculpava pelo mal que lhe causou.

Ethan ainda acariciava o rosto dela, esperando receber um sorriso, quando viu seus olhos marejarem. Antes que imaginasse o que se passava, Danielle se atirou em seus braços sem se importar com as roupas molhadas. A reação o desnorteou.

– Shhh... O que aconteceu, Danielle? – Também sem se importar que estivesse molhado, Ethan sentou na cama e a acomodou em seu colo. – Conte-me.

– Eu... Eu sinto muito! – ela fungou, sem se mover. – Eu não queria...

Ethan sentiu seu corpo enregelar, de expectativa e excitação causada pela respiração de Danielle na pele de seu pescoço. E sentiu medo.

– Danielle, o que você não queria?... Estar aqui?

– Eu não queria... – ela repetiu, e se calou sem responder.

Ethan cerrou os olhos e reprimiu um gemido de prazer e agonia. Por quanto tempo desejou sentir aquele sopro quente em sua pele? Uma eternidade. Percebeu mais os minutos e segundos dos últimos oito dias do que cada ano de sua existência. Não suportaria novo martírio.

– Lamento, mas não posso deixar que vá embora.

– E quem quer ir embora? – Danielle indagou embargada, confundindo-o. E não o ajudou sentir os lábios mornos depositarem um beijo demorado na base de seu pescoço antes que ela esclarecesse, sem olhá-lo: – Quero apenas que me desculpe. Eu... Eu não queria ter causado nenhum sofrimento a você.

Ethan especulou como ela poderia saber, para no segundo seguinte, elucidar. Sua boa empregada não era tão discreta afinal. Deveria condenar a fofoca indevida que arreliava Danielle, contudo, intimamente Ethan apreciou o reconhecimento de todo o mal causado. Ocultando o crescente contentamento, fez com que Danielle erguesse a cabeça e analisou seu rosto molhado. Era completamente inadequado, entretanto, regozijou-se por saber que tantas lágrimas eram vertidas por *ele*.

– Sobrevivi! – disse, domando sua alegria. – E agora nós estamos juntos.

– Sim, mas isso não muda o que fiz... Eu deveria ter ficado quando me pediu. Eu não deveria ter sentido tanto medo.

– Era esperado que sentisse medo. – Ethan lhe acariciava os cabelos com delicadeza, aplacando a saudade enquanto a tranquilizava: – Eu estava preparado para isso.

– Certo! Ter medo era natural – ela teimou, tentando secar o rosto –, minha reação covarde e exagerada não. Eu quase estraguei tudo não foi?

– Acho que não. Como disse inúmeras vezes, tudo é novo. Você me apresentou sentimentos que jamais imaginei existirem. Odiei os que senti quando foi embora, mas os que se instalaram ao recebê-la de volta são sublimes e quero guardá-los para sempre.

– Pois eu preferia que você não tivesse conhecido sentimentos ruins. Por causa deles você ficou... Tão fraco. – Dana evitaria dizer transfigurado, flácido ou ressequido.

– Mas estou bem agora – Ethan insistiu, beijando-lhe os olhos. – Não pense mais nisso. Promete?

Impossível prometer, pois ela jamais esqueceria o abandono no qual o encontrou. Tente, demandou a si mesma ao reparar nas roupas e nos cabelos molhados. Ethan havia saído, caçado, matado e estava de volta; lindo e forte. Era estranho pensar naquilo que o alimentava, mas para Dana apenas importava a última ação. Apesar de tudo, não causou danos irreparáveis. Com a constatação, Dana assentiu e esboçou um sorriso.

Naquele instante a alegria de Ethan se esvaiu. Estavam juntos, mas as pendências não haviam findado. Era incômodo o medo que o acometia, mas ele não protelaria sua obrigação. Depois de capturar uma das lágrimas dela, repetiu seriamente:

– Sobrevivi e agora podemos ficar juntos... Da forma correta, dessa vez.

– Da forma correta?! – O comentário pareceu confuso.

– Sim. Agora que está disposta a escutar, preciso dizer o que não pude... antes.

Dana tremeu involuntariamente, mas nada disse. Apenas ouviria e quando falasse, seria sem atropelos ou acusações. A reação não passou despercebida a Ethan, contudo ele a ignorou.

– Antes de qualquer outra coisa, empenho minha palavra e asseguro que nunca mais usarei de ilusão com você nem a farei esquecer o que quer que seja.

– Isso seria realmente bom. Não gosto da estranha sensação de vazio.

– Nunca pensei sobre isso, apenas fiz o que achava necessário. – Ele não pediria desculpa.

– Mas esse é o ponto – Dana comentou, agora muito curiosa. – Por que era necessário? Por que não se aproximou como outro faria?

– Não seria tão fácil, Danielle. As paixões são intensificadas em mim. Eu não dispunha de tempo para galanteios. Depois que senti seu cheiro, precisei ficar com você e esse foi o único jeito.

– Enganando? – Não queria julgá-lo, mas aquela era a verdade. Como desejava apenas entender, atenuou o teor da pergunta acariciando o rosto ainda molhado.

– Prefiro dizer que a iludi. – Ethan fechou os olhos ao toque, e manso indagou: – Foi tão ruim assim saber o que eu fiz?

– Não foi ruim. Foi... Inquietante. – Ethan abriu os olhos e a encarou. Poderia lidar com inquietante, pensou antes que sua amada prosseguisse: – Não vou mentir. Foi chocante *ver*

o que fez, mas seria hipocrisia de minha parte me fazer de ofendida ou condená-lo. Eu digo que foi inquietante porque... Porque eu sempre quis que fosse verdade.

Ethan não pôde se deleitar com a declaração, agora consciente. Não ao também ouvi-la citar as imagens que viu. Depois da liberação, Danielle entrou em pânico. Acusou-o de tê-la matado quando ele nunca causou tal mal irreparável. Imbuído no desejo de entender o que se passou, ele indagou:

– Já que tocou nesse assunto, poderia me explicar o que viu para que fugisse apavorada?

Dana enregelou. Ainda era cedo para falar das mortes. Atendê-lo implicaria em contar sobre sua marca. Estava resignada para o que viesse, mas não pronta. Se a reação de Ethan fosse como das outras vezes, Dana preferia adiar sua morte. Ainda queria ouvi-lo, olhá-lo ou simplesmente senti-lo. Queria tão somente ter alguns minutos a mais com seu vampiro, antes de revelar ter em si o bendito dragão.

Capítulo Dois

– Não, não – Dana negou num gracejo enquanto ainda acariciava o rosto amado. – Nada de atalhos, senhor. Vou contar tudo que vi, mas acho que devemos seguir a ordem dos fatos.

Ethan não aprovava a formalidade nem a tentativa de ludibriá-lo. Se havia uma sequência a ser seguida, Danielle deveria revelar o que viu imediatamente, pois aquela era a ordem. Tentou protestar, contudo foi silenciado por um beijo inesperado. A surpresa o atordoou por um instante, antes que se rendesse e a segurasse pelos cabelos para intensificar a ação.

Era sincera a intenção de trazer à luz todos seus atos ilícitos, porém impossível se manter firme em qualquer propósito ao ouvir as promessas de prazer que a língua morna segredava diretamente à sua. Com um gemido profundo, decidido a pular toda a conversa para retomar do ponto onde Danielle não o enojava e ansiava se entregar sem reservas, Ethan procurou pela abertura no roupão com a mão livre enquanto a inclinava sobre o colchão.

– Ethan, espere! – Dana pediu ofegante, resistindo.

– Por quê? – inquiriu rouco, encarando-a seriamente. O cheiro dela contradizia o pedido estranho.

Dana sustentou o olhar muito verde, corajosamente, apesar do receio que sentia. Ela o queria, era evidente, mas com a luz acesa Ethan veria a marca e então...

Não! Decididamente não estava pronta.

– Por favor, continue a contar sobre quando me conheceu. Agora que me aceitou de volta, temos todo o tempo do mundo para ficarmos juntos. – Enquanto falava ela o adulava, depositando breves beijos nos lábios rígidos, rogando que Ethan a atendesse. – Quero muito ouvir o que tinha a me dizer.

– Acho justo – Ethan aquiesceu e encerrou a sucessão de beijos que apenas o inflamavam mais. Ela escondia algo. Talvez ainda houvesse um resquício de temor que bravamente lutava em superar. Se fosse o caso, ele entendia e dar-lhe-ia algum tempo; não muito. – Onde eu parei?

– Você precisava muito de mim depois de sentir meu cheiro – Dana o lembrou. Feliz por conseguir freá-lo, revelou: – Já que é hora das confissões, devo dizer que também não parei de pensar em você desde aquela noite, na Cielo.

– Eu a vi antes disso – admitiu. – Numa noite, no Central Park. Quando ficou até tarde.

– Você estava lá?! – Dana estremeceu ao ver Ethan assentir. – Então eu fui mesmo seguida? A sensação foi... real?

– Sim. Você foi imprudente aquela noite. Nunca pensou no risco que corria?

– Na verdade eu nem percebi o tempo passar. – De súbito recordou outro detalhe perturbador. – Alguém atirou em você?!

– Não. Eu atirei em King – Ethan esclareceu sem reservas. – Eu precisava encobrir minha mordida.

– Não entendo. Você me mordeu algumas vezes, e eu nunca vi marca alguma.

– Com King foi diferente – disse a lhe acariciar o pescoço. – Não fui... gentil.

– Ah! – Inevitável estremeecer.

– Para ser sincero, naquela noite eu não pretendia abordá-la, Danielle. Você seguiria seu caminho em paz e eu o meu, mas então... – interrompendo-se, Ethan tomou uma mecha do cabelo dela entre seus dedos e levou ao nariz.

– Mas então...? – Dana o incentivou. Queria saber o que fez mudar seus destinos.

– A brisa trouxe seu cheiro – contou muito rouco. – Um odor tão inebriante que se prendeu em minha alma e revirou meu mundo. Eu simplesmente precisei de você.

A pressão perturbadora abaixo do corpo dela deixava evidente o quanto aquela recordação o afetava. Consequente igualmente a abalava.

– E então me seguiu – ela citou o óbvio apenas para manter o foco.

– E a teria alcançado se o maldito intrometido não tivesse aparecido – Ethan acrescentou com raiva súbita.

Dana lamentou que ele não a tivesse alcançado. Logo revivia as sensações daquela noite. O medo, a *força* cada vez mais próxima, indicando ser alguém que se mostraria tão importante.

– Ethan, eu...

– Fiquei imaginando formas de encontrá-la depois daquela noite – ele sequer a ouviu. – Eu tinha seu cheiro, mas fui impedido de procurá-la, pois choveu durante toda a maldita semana. Quando a vi na Cielo já tinha desistido de você. Bem.. Não de verdade, mas me enganei dizendo que sim. Para piorar, você não estava sozinha.

– Nem você – ela retrucou seriamente.

– Não estava – confirmou, saboreando o ciúme que sentia nela. – Escolhi Sarah entre tantas para que substituísse você.

– Acho que não quero saber – Dana baixou o rosto, aborrecida. Não era traição. Assim como não era função de seu coração raciocinar, então, doía.

– Esqueça... – Ethan pediu num breve sussurro, obrigando-a a encará-lo. Arrependido de sua pequena maldade. – E saiba que mulher alguma conseguiria o impossível. Desde que a vi você é única para mim. – Não acrescentou que tirou a vida de Sarah enquanto experimentava pela primeira vez o gosto amargo do ciúme mais violento que poderia existir.

– Não duvido, mas... Já que sou assim importante, por que quase me matou? Disse que não haveria acidentes para mim.

– E não haverá! – assegurou veemente. – E espero que algum dia possa me perdoar por aquilo. Acredite, eu não tencionava nem mesmo enfraquecê-la. Queria, sim, silenciá-la. Incomodava-me vê-la chorar ou cobrar explicações que ele nunca daria.

E conseguiu, Dana reconheceu com o rosto em chamas. Talvez não devesse haver perdão para a ação que quase lhe tirou a vida, porém, ela apenas se envaidecia.

– Não faz idéia do quanto senti falta desse ruborizar.

Dana estacou ao ter os dedos frios passeando em suas bochechas, desculpando faltas que nem cobrava. A bolha de encantamento estourou ao sentir nova pressão abaixo de suas nádegas e notar que Ethan baixava a boca sobre a sua. Ainda era cedo. Ele assegurava que não haveria acidentes, mas nada o impediria de um gesto intencional.

– Conte mais – encorajou-o, afastando-se minimamente.

A falta que sentia dela a cada instante se agravava, mas considerou ainda respeitar o tempo da humana, lindamente corada e desejável sobre seu colo.

– Acredite – disse a roçar os lábios nos dela. – Nunca foi minha intenção enganá-la. Eu apenas precisava estar com você, por isso me mantive perto, observando-a. Amando-a sem que soubesse. Na maioria das vezes agi por impulso, e não me arrependo. Não pedirei perdão.

O que seria absolutamente desnecessário, Dana considerou, relutando em não se deixar envolver. Queria apenas que ele continuasse falando, pois escutá-lo talvez fosse tudo que lhe restasse antes da inevitável entrega, e do possível fim.

– Acredito em você. E o que mais aconteceu?

Sempre a acariciar a bochecha corada, Ethan contou o real motivo da contratação de Paul e como aproveitou a proximidade para induzi-lo a se manter longe. Preparando-se para a reação de Danielle, por fim revelou ter sido ele o responsável pelo rompimento.

– Eu simplesmente estava farto de vê-la ligada a ele – concluiu.

E novamente veio o perdão, sem haver acusação. Ethan a livrou da mentira.

– Você fez o que deveria fazer.

– Não está aborrecida com minha interferência? – Ethan apreciava ser entendido, porém tamanha passividade lhe causava estranheza.

– Como eu poderia me aborrecer se estou feliz que tenha feito? – indagou ainda fascinada por descobrir o que se passou a volta dela sem que pudesse imaginar.

Ethan lutou por ela. Foi desleal algumas vezes, mas enfim... Tudo era válido no amor e na guerra. Havia apenas um detalhe destoante... Paul não se manteve longe todo o tempo. Intimamente Dana acalentava uma teoria e, disposta a confirmá-la, arriscou a pergunta:

– Essas induções às quais se referiu, poderiam ser burladas?

– Nunca soube ser possível. Por que pergunta? – Ao notar a hesitação, liberou gentilmente, estava curioso: – Pode falar sem receio.

– Bem... Não vá ficar bravo, mas é que... Acho que esse seu poder não é tão eficaz quanto pensa.

Ethan sabia que não, afinal ela despertou da indução de Samantha. Mas Danielle não tinha como saber. – Por que diz isso?

– É que “ele” não o obedeceu e... estive no meu apartamento depois do Halloween.

Dana encolheu os ombros. Como o encarava, viu a mudança gradativa dos olhos verdes, de límpido a um severo escurecer. Completamente arrependida, Dana sentiu o carinho em sua bochecha se tornar uma firme contenção de seu rosto por mãos poderosas.

Agora Ethan entendia a dúvida. Sanaria a curiosidade dela mostrando uma das tantas artimanhas dos vampiros. Sem soltar-lhe o rosto, lentamente baixou os olhos para a boca entreaberta e a admirou como na noite citada. Àquela altura o coração humano batia frenético.

Ansiosa, Dana esperou a ação seguinte. Estava claro qual seria, ainda assim ela congelou ao ter sua boca lambida uma, duas, três vezes antes que Ethan lhe chupasse o lábio inferior. Decididamente a teoria era verdadeira e inacreditável, tanto que instintivamente ela se agitou e tentou se afastar, mas foi contida por Ethan que a prendeu pela cintura.

– Mas como? Como você...?

– Talvez devesse ir embora – Ethan repetiu uma das falas que sabia de cor, ignorando a reação –, mas finalmente você está tão perto. E esse seu cheiro.

– Era mesmo você! – Dana exclamou. Nem seria preciso que ele assentisse para ela saber que a partir daquela noite Ethan teve acesso ao seu apartamento, pois o convidou a entrar. Ao perceber a grandiosidade daquela incrível transformação, Dana segurou o rosto amado com irrefreável paixão.

– Ethan, existe alguma coisa que você não faça por mim?

– Talvez eu não devesse responder, pois ao fazê-lo vai saber que me tem nas mãos. Ainda assim digo que não, Danielle, não existe nada que eu não faça por você.

O que dizer? Em seu íntimo Dana gritava que o amava acima de todas as coisas, porém sentia-se ínfima diante de toda magnificência dele. Se estivesse pronta, naquele momento falaria sobre a marca, pois talvez somente com essa revelação provasse estar disposta a tudo por ele. Mas se acovardou. De toda forma, sabia que deveria dizer alguma coisa.

Não teve a chance ao ser beijada, súbita e apaixonadamente. Não teve força nem vontade de resistir quando ele a deitou gentilmente, restando apenas se render ao que viesse.

O tempo da reserva tinha expirado, Ethan determinou. Depois de um gemido incontido, enquanto tirava os sapatos com os pés, ele se estendeu sobre o corpo amado, apreciando a coincidência de novamente haver um roupão entre eles. Explorando a boca macia, Ethan acariciou a base do pescoço delicado e insinuou a mão pela gola até tocar a jugular, deliciando-se com o pulsar frenético, sabendo que poderia ir até o fim, sem machucá-la.

Sem nunca quebrar o contato das bocas, Ethan apertou sua rigidez no corpo macio, comprazendo-se com as sensações que por dias acreditou estarem perdidas. E Danielle o correspondia, quente e vibrante, mas não o tocava como antes. Para aplacar a falta sentida, Ethan desejava sentir as mãos mornas percorrerem seu corpo, contudo nem mesmo sua camisa foi aberta. Não se prendendo ao detalhe, tomou para si aquela função.

Dana conteve a respiração ao ver Ethan se ajoelhar sobre ela, deixando-a no vão das longas pernas para desabotoar a camisa molhada, sempre a encarando. A visão era estonteante, excitante. Não queria ser morta, mas não havia como pará-lo. Na verdade, não queria pará-lo. Se antes era fascinada pelo homem, agora simplesmente estava alucinada por aquele vampiro obstinado, tanto que nem sabia como tocá-lo. Apenas adorá-lo.

Preso à visão do rosto corado, ao corpo trêmulo e ao cheiro de cio que o torturou mesmo quando sua dona não esteve presente, Ethan atirou a camisa ao chão. Teria Danielle sem pressa. E eternamente, tão logo todas as dúvidas fossem esclarecidas e a transformasse. Se possível, ainda aquela noite! Nunca mais usaria de artifícios; nunca mais a perderia.

Ethan a encarava como se fosse capaz de devorá-la. Assisti-lo agora a desafivelar o cinto minava as forças de Dana. Mais do que nunca ele era demais; muito além do que ela poderia suportar. Para sua condenação, aquele ser incrível baixou os olhos para o nó que fechava o roupão. Lentamente, assistindo ao que fazia, Ethan começou a desfazê-lo. Ao sentir os dedos frios tocarem sua pele enquanto ele separava as laterais da peça, Dana arfou. Para ela, a avaliação faminta que Ethan fazia dos seios expostos era como uma carícia. Tanto que seus mamilos se eriçaram. Todo seu corpo vibrava com a expectativa de ser amada ou morta.

Ethan prendeu a respiração ao admirá-la. Considerou-a magra, mas não ao ponto de afetar a beleza ou mitigar seu desejo. Ansioso por tocá-la, Ethan pousou as mãos

espalmadas sobre as costelas dela e se deliciou ao vê-la arfar quando as escorregou até a base dos seios para apertar gentilmente antes de ir além e fechar as palmas sobre os bicos tesos.

– Ethan, por favor...

Dana não queria morrer, mas desejava por fim à dor íntima, agravada a cada toque. Forçando-se a sair do torpor, tocou as coxas dispostas ao lado de seu corpo e as apertou. Subiu as mãos até um limite perigoso e parou, acovardada. Ethan emitiu um gemido baixo e se curvou sobre ela para sugar o cume de um seio. Novamente Dana arfou ao contato da boca fria que parecia beber dela com vontade própria aos famintos.

Ao pensamento, Dana determinou ser cedo para se entregar ao que o destino lhe reservava. Em um gesto rápido, estendeu o braço e apagou o abajur. Imediatamente Ethan ergueu a cabeça e tentou acendê-lo. Dana o deteve, tocando-lhe o braço gentilmente.

– Deixe assim – imitou-o como na primeira noite.

– Mas eu quero ver você – ele disse a fala invertida.

– Não precisa disso... Basta me sentir.

O sangue novo que corria as veias do vampiro borbulhou. Em parte por ciúme, pois ela recordava em detalhes uma noite quando não foi verdadeiramente “ele”. Por outro lado, apreciou a proposta, pois sempre seria extremamente prazeroso apenas sentir, então sorriu e retomou o beijo.

Feliz, Dana o retribuiu movendo-se sob Ethan, acariciando-lhe a nuca. Ao descer as mãos pelas costas largas, sentiu a elevação sob sua palma. Agora sabia ser uma cicatriz, mas ignorou-a. Precisava dele desesperadamente. Ainda receosa em tocá-lo, procurou pelo cóis da calça molhada, já livre do cinto. Não foi preciso ir além. Ethan rapidamente se afastou e a tirou. Logo estava de volta, nu.

– Por favor, Ethan – rogou contra os lábios dele. – Por favor...

Danielle não precisaria implorar mais, ele próprio tinha urgência. Impaciente, incitado pelos pedidos e pelo cheiro de fêmea, Ethan partiu as laterais da peça mínima e se posicionou sobre Danielle, acariciando-a com sua dureza de macho. Para seu contentamento ela moveu o quadril, também impaciente, instigando-o. Com um gemido gutural, ele a atendeu e entrou.

– Ethan...

Ouvir seu nome o incentivou a serpentear com maior vigor sobre o corpo amado. As mãos de Danielle não se aventuravam por seu corpo, ainda assim o toque quente o inflamava, dizimando as lembranças ruins de quando esteve miserável, perdido.

Senti-lo novamente em si, roubou o ar de Dana. Inacreditavelmente era amada por um vampiro, que não gemia, urrava, excitando-a mais ao beijar seu pescoço de forma sugestiva.

– Me morde – pediu rouca, enlouquecida.

– Não! – A negativa foi veemente, rosnada entre dentes.

– Por favor, me morde, Ethan – ela choramingou, sabendo que logo cederia ao prazer. Antes do ápice, queria sentir como era ser mordida, provar sua confiança sem reservas.

– Não posso – ele grunhiu, fraquejando em sua decisão.

– Por favor... Sei que não vai me machucar. – Dana moveu a cabeça para trás, expondo a veia que pulsava frenética. – Só um pouquinho...

Não havia como negar aquilo que ansiava ardentemente, contudo Ethan relutou. Não queria quebrar sua palavra; não novamente. Para sua condenação, Danielle passou a se mover lentamente numa clara tentativa de retardar a própria satisfação.

– Por favor, Ethan... Faça como das outras vezes.

Por um instante o tempo estagnou e somente a tempestade furiosa era ouvida. Quando Dana acreditou que não seria atendida, Ethan liberou um urro sofrido, cheirou a curva de seu pescoço antes de lambê-lo até o ponto onde finalmente o mordeu. Dana liberou o ar de seus pulmões, antecipando uma dor que não veio. Tudo que sentiu foi o roçar de dentes e o sugar compassado, luxuriante.

A sensação de prazer extremo a eriçou inteira, e se tornou alucinógena depois que Ethan voltou a se mover dentro dela enquanto ainda a bebia. Dana acreditou que não suportaria aos muitos estímulos e então sua mente pareceu explodir, eclodindo em mil cores e sons guturais. Trêmula, em seu resquício de lucidez, ela se lembrou do pedido que, antes, considerava estranho e sem ponderar se devia ou não, o mordeu com toda sua força.

Ethan urrou em êxtase ao sentir Danielle apertar os dentes em seu pescoço. Lá estava sua bruxa, imitando-o, enfeitiçando-o mais. Aquele poderia ser o momento propício de dar seu sangue a ela, mas não ainda. Uma nova mordida, agora em seu peito, o distraiu. Enlevado, Ethan urrou e sorriu, abraçando-a forte para se mover mais e profundamente até que Danielle novamente estremecesse, acompanhando-o em sua gloriosa satisfação.

Surpreso e feliz, Ethan reconheceu que nunca estaria preparado para a força das sensações que Danielle lhe despertava. Ainda saboreava cada uma delas quando sentiu que ela se agitava. Somente então ele atentou que ainda lhe prendia a cabeça junto ao coração. Ao soltar Danielle percebeu com certo remorso, que ela sorveu o ar aos bocados.

– Perdoe-me – pediu sincero.

– Por... Por quê? – Ela ainda sufocava.

– Pela impetuosidade.

– Você é um vampiro... – murmurou, sendo arrastada pelo sono reconfortante. – Acho que ser impetuoso faz parte do pacote.

Ethan riu manso. Como salientou mais cedo, Danielle era absurda. Nas horas mais improváveis ela o fazia sorrir. E o surpreendia. Podia sentir a pele formigando deliciosamente onde ela o mordeu, assim como ainda saboreava o gosto do sangue morno e doce que ela voluntariamente lhe ofereceu.

Ainda sorrindo Ethan os cobriu. Preferia estar na sua cama, mas não quis perturbar Danielle, já vencida pelo sono. Pousou a cabeça dela em seu ombro e permaneceu imóvel, ouvindo a respiração agora regulada, sentindo a quentura do corpo jovem junto ao seu, alimentando-se também da presença dela. Sabia que não dormiria, talvez demorasse a acontecer por temer despertar em meio ao seu pesadelo particular.

Estreitando os braços ao redor de Danielle, Ethan olhou além da janela. A chuva dava uma trégua, contudo, pela constância dos relâmpagos e trovões, era evidente que o pior do temporal ainda viria. Os pelos do vampiro se eriçaram ao pensamento e ele especulou se, inconscientemente previa uma tormenta, não climática, mas em sua própria vida.

Capítulo Três

Não completou uma hora antes que chuva voltasse a castigar a vidraça, aumentando a inquietação de Ethan. Danielle estava de volta, ele satisfeito, mas sua mente não se calava como o vento lá fora. Com a iminência de retomar sua vida do ponto onde a deixou, começava a se cobrar por voltar às costas a sua liderança. Por sorte, apenas Thomas e Joly conheciam a verdade por trás de seu desligamento.

O casal, Ethan pensou com leve remorso, bem que tentou resgatá-lo. A constante presença em torno da casa foi reconfortante, mas inútil. Não queria estar com nenhum deles, então se valeu de sua força para mantê-los longe. E agora, esse era o detalhe pelo qual se recriminava. Ele não era o centro do universo. Talvez, os amigos apenas necessitassem do líder.

Com um suspiro resignado, Ethan acariciou o rosto de Danielle e se afastou com muito cuidado. Antes que a deixasse sorriu quando ela resmungou algo ininteligível e se acomodou, abraçando o travesseiro.

– Serei breve – prometeu.

Depois de vestir sua calça, Ethan deixou o quarto rumo ao gabinete. Era onde estava o telefone que o infernizou por uma hora inteira na noite de domingo. Sorte não tê-lo destruído. Ao entrar no cômodo, confirmou a eficiência de Joly. Até mesmo o computador era novo.

– *Ethan!* – ela o atendeu ao segundo toque de seu chamado. – *Finalmente! E então? O que aconteceu? Como está Dana? Você não...?*

– Boa noite, Joelle.

– *Boa noite, Joelle?! É o que tem a dizer? Eu não deveria ter deixado aquela humana maluca sozinha com você.*

– Se for seguir esse raciocínio – retrucou –, você não deveria tê-la trazido.

– *Como se fosse fácil dizer não a ela. Uma vez, na hora da raiva, tudo bem... Mas vê-la implorar não é agradável. Essa semana foi extremamente difícil.*

Não mais do que foi para ele, Ethan tinha certeza, mas não diminuiria a dor da amiga.

– Entendo, Joly. E se acalme. Nada de ruim aconteceu.

– *Nossa definição do que é ruim pode divergir. Como está a garota?*

– Bem – disse vago e sorriu.

– Ethan, tenha piedade! Não seja insensível – rogou. – Sabe o quanto me sinto responsável. Pelos dois, acredite! Mas você é de longe o que tem menos a perder.

– Agora não sabe o que diz! – cortou-a, soturno. – Acredita que se o pior tivesse acontecido, eu estaria aqui, conversando tranquilamente ou me sentindo bem de alguma maneira? Minha vida está ligada a dela. Se eu a matasse morreria em seguida. Nunca sairia vencedor dessa história.

– Conto sempre com isso! Só estou preocupada, não leve em conta o que digo. Apenas por nos procurar eu já deveria saber que tudo está bem.

– Evidente! Danielle está dormindo agora.

Joly se calou por alguns segundos.

– Sentimos sua falta, Ethan.

Enquanto ele, debilitado, somente sentiu a falta de Danielle. Seria sincero, porém nada fraterno comentar tal detalhe.

– Estou de volta – disse apenas. – Deixe-me falar com Thomas.

– Ele não está.

– Não está?! – A novidade era estranha. – Para onde foi?

– Logo ele estará aqui. Não se preocupe. – Joly o tranquilizou.

– Muito bem... Já que Thomas não está, diga você o que perdi.

– E tem certeza de que quer falar disso agora?

– Se tiver algo importante que eu deva saber, sim.

– Já que é assim... Ontem foi noticiada a morte de outra garota. Melissa Evans.

– Essa eu não conheço. – Ethan franziu o cenho, vasculhando a memória.

– Nenhum de nós a conhecia, mas nosso intruso já matou pessoas não relacionadas a você. Acho que agora a idéia é causar terror. E saiba que ele está conseguindo. É sutil, mas à noite, as ruas estão cada vez mais vazias.

– E quanto a Danielle. Alguma aproximação? – indagou o que de fato o interessava. Joly se manteve em silêncio, exasperando-o. – Fale!

– Cuidar de Dana foi tranquilo – ela começou receosa. – Nenhuma novidade até ontem, quando um vampiro esteve no jornal.

– Quem? – Ethan controlava a voz, calando os rancos de seu peito.

– Eu não vi. Apenas senti o cheiro. Foi rápido. Eu estava esperando pela saída de Dana para segui-la como vinha fazendo todos os dias. Eu soube que não estava sozinha quando o vento mudou e denunciou nosso intruso. Perdi minutos preciosos decidindo se continuava com Dana ou seguia a pista.

– E então?

– Dana saiu com um colega de trabalho. Achei que não teria problemas deixá-la por algum tempo e segui o cheiro, mas eu o perdi.

Ethan já não ouvia.

– Danielle saiu com quem?

– Ah, não...

– Com quem, Joelle? – insistiu raivoso.

– Até onde sei, é só um colega de redação. Parece que Dana precisou de carona. E não acredito que ela fosse até aí, arriscando a vida, se estivesse interessada em outro. Faça-me o favor, McCain!

– Então você perdeu o rastro? – Ethan perguntou, voltando ao tema anterior. Enciumar-se independia dele; era instintivo.

– *Perdi* – disse e se calou.

– Só isso? – ele desconfiou.

– *Oui. Apenas isso.*

– Por que eu tenho a sensação que tem mais a dizer?

– *Não sobre esse assunto.*

– Sobre o quê, então?

– Tantas coisas, mas todas podem esperar até que possamos conversar pessoalmente. Nada vai mudar até que volte. Antes, resolva seus assuntos com Dana.

Era fato! Esteve ausente por tantos dias que algumas horas não fariam diferença.

– Está bem – aquiesceu, antes de especular. – Para onde Thomas poderia ter ido nessa chuva?

– *Ele apenas foi se ocupar de outro assunto* – Joly voltou a ser evasiva.

– Qual assunto?

– Ethan... Depois conversamos. Não se preocupe com nada até estar conosco novamente. Acredite, está tudo sob controle. Ou melhor... Tudo como sempre esteve.

– Não tenho o direito de duvidar. – Ethan reconheceu. – Eu os deixei.

– *Nós entendemos. Provavelmente Thomas ou eu faria a mesma coisa caso perdesse o outro. Também sabemos que você apoiaria qualquer um de nós, então... Vamos apenas esquecer essa fase, está bem?*

– De acordo.

– *Volte para sua Danielle e tente resolver tudo da melhor maneira possível, sim?*

– Farei isso. Agora me diga, providenciou os reparos em minha cobertura?

– *Sim, tudo estará pronto em dois ou três dias. Ainda não dá para voltar. O que pretende fazer? Virá para o apartamento de Dana?*

Ethan ponderou por um instante. Realmente não gostava daquela casa, mas também não o agradou ocupar o apartamento mínimo da humana. Queria tirá-la de lá, não fazer o inverso.

– Ficarei aqui – determinou. – E Danielle ficará comigo. Poderia...

– *Já tenho a mala dela pronta, mon ami.* – Joly se adiantou.

– Você é impossível Joelle! – ele novamente sorriu.

– Apenas prática. E profunda conhecedora de Ethan McCain e Dana Hall. Se o pior não acontecesse vocês iriam querer ficar perto, aqui ou onde estão. Bem, daqui a pouco vou até aí, mas não vou incomodá-los. Deixo a mala na porta e saio de fininho. Como se tivesse visto uma gravata na maçaneta.

– O velho universitário agradecerá a discrição.

Como há tempos não acontecia ambos riram com o gracejo antes das despedidas. Ethan sorriu até que desligasse, então voltou à seriedade por não ter esquecido um só instante da revelação de que o intruso esteve a espreitar Danielle no jornal. O que seria feito dele caso em uma das tantas visitas do casal amigo ficasse sabendo que ela foi morta enquanto lambia suas feridas, mergulhado na comiseração?

Bufando exasperado, Ethan deixou o gabinete e seguiu até a sala. Tentaria se acalmar enquanto Danielle descansasse. Habitado aos lampejos azulados que vez ou outra iluminava os cômodos, ele pousou o olhar no velho piano e num átimo estava ao lado do grande instrumento branco. Não acreditava que estivesse afinado. Depois de levantar a tampa, Ethan correu os dedos por algumas teclas. O som produzido fez com que se encolhesse.

Estava ali uma boa distração. Era uma peça antiga, possuía apenas oitenta e cinco teclas. Caso não tivesse perdido o jeito, em menos de trinta minutos teria o piano pronto para seu uso. Subitamente animado, obrigou-se a deixar antigos problemas fora daquela casa. Decidido também a esquecer sua inércia e a visita preocupante do intruso ao jornal, Ethan

foi servir-se de uísque antes de procurar pela pequena chave para a afinação e iniciar o trabalho.

Logo descobriu não ter perdido a prática e, antes do tempo que estipulou Ethan deixou o piano perfeitamente afiado. A tarefa cumpriu parte de seu papel, livrando-o de pensamentos perturbadores. Não evitou, contudo, que analisasse todos os aspectos de seu relacionamento com a humana que dormia inocente quanto aos reais perigos que corria ao se juntar a ele.

– Não por muito tempo – sussurrou, antes de deixar a banqueta.

Transformar Danielle eliminaria parte considerável dos problemas que os cercavam, e traria a tranquilidade de sabê-la sua, indefinidamente. Foi imbuído no anseio em dar aquele passo que Ethan correu escada acima e resgatou Danielle do quarto de hóspedes. Carregou-a para o quarto ainda enrolada ao lençol. Mesmo ansioso o vampiro caminhou em passos normais até sua suíte.

A chuva caía pesadamente; os relâmpagos iluminavam o corredor escuro e as vidraças trepidavam ao som dos trovões. Ethan sorriu ao analisar o cenário digno de um filme de horror, onde ele, um vampiro real, carregava a donzela indefesa para sua alcova.

Ainda sorrindo, divertido pelo pensamento, Ethan depositou Danielle cuidadosamente sobre a cama espaçosa e arrumou o lençol sobre seu corpo. Não se deitou ao lado dela, ao invés disso sentou ao lado e pousou a mão na altura do coração dela para sentir as batidas suaves. A cadência faria falta, a quentura da pele, a doçura do sangue, mas conviveria com a lembrança. Quando Danielle acordasse, ele faria a proposta e, depois do ato consumado, trocaria todas as maravilhas que perderia por outras infinitamente melhores.

Um novo clarão iluminou o quarto, como se confirmando o pensamento. Também iluminou o corpo de Danielle, evidenciando a esbelta silhueta sob o fino lençol. Evidente que a visão o distraiu, lembrando-o de um desejo ainda não realizado. Nunca a viu completamente nua. Ethan tentou conter sua curiosidade – não muito – e riu escaninho de sua pouca vontade. Não tinha porque esperar.

Depois de semicerrar as pálpebras, acendeu as arandelas dispostas acima da cabeceira. Antes de abrir os olhos Ethan conteve a respiração. Ao fazê-lo, primeiro fitou o rosto de Danielle obrigando-se ao menos a admirá-la aos poucos. As marcas que ele deixara na semana anterior ainda eram visíveis no pescoço dela.

Sabendo que logo desapareceriam, Ethan segurou a ponta do lençol e o fez deslizar para baixo, revelando os seios. Perfeitos! Reprimindo o desejo de prová-los ele prosseguiu com sua tarefa, deslizando mais o lençol sobre o corpo amado, além do ventre liso e... Foi quando Ethan estacou e se enregelou tendo os pelos de sua nuca eriçados.

Ali, no quadril direito, estava sua condenação.

Ethan não saberia dizer quando exatamente saltou para fora da cama e se pôs junto à parede oposta. A sufocar, olhava para Danielle, em choque. Ainda que estivesse longe, via

com perfeição as linhas claras que determinavam o fim de tudo que sonhou ter com ela. Um instinto animal rugia em seu peito clamando por proteção, soprando as palavras de Raca em seu ouvido.

Somente alguém com a marca como a sua poderá subjugar-lo; derrotá-lo.

O som de um trovão o despertou do transe. De repente, o cômodo se tornou pequeno. Ethan o deixou numa corrida desesperada. Saltou todos os degraus e quando deu por si estava no jardim, sob a chuva torrencial. Foi onde parou incapaz de dar um passo além, cego e surdo aos raios e trovões. Ouvia somente os próprios rugidos, via apenas a marca que maculava a pele de Danielle.

Ao descobrir o parentesco dela com Maria, acreditou que fizessem parte de uma piada macabra, mas, ali, depois da terrível visão, Ethan soube se tratar de castigo por anos de perversão e crueldade. Civilizar-se não foi suficiente! Sem notar, logo Ethan andava de um lado ao outro.

– Marcada! Danielle! – urrou para que ouvisse e assim acreditasse. Aflito, Ethan passou as mãos pelos cabelos e as fechou, puxando com força. Queria causar-se dor. Qualquer dor que livrasse seu coração daquele ataque, porém nada suplantaria aquilo que o partia de dentro para fora.

Saiu para a rua, movido pela raiva e o desespero. Acometido pela cegueira própria aos loucos, Ethan seguiu sem rumo. Com a chuva incessante e o adiantado da hora, as calçadas estavam vazias. Tanto melhor, pois não respondia por si. Seu pior lado, o irascível, estava desperto.

Para a elevação de seus pecados, logo passou a ser seguido por uma viatura. Em seu íntimo dois desejos duelaram.

– Ei, você! Parado!

Ethan sabia qual prevaleceria se os atendesse e optou por seguir seu caminho; fosse qual fosse.

– Por acaso você é surdo? Mande parar.

“Se é o que quer...” Ethan pensou e parou. A viatura foi estacionada e dois policiais saltaram.

– Mãos na parede – ordenou um deles, aproximando-se com cautela.

– E por que eu faria isso? – Ethan o encarava, desafiador.

– Por que eu mandei!

– Esse motivo não é suficiente. Agora se me der licença, adoraria seguir meu caminho em paz. – Ele iria, se tivessem permitido.

– Parado aí, drogado de merda.

Ele era um drogado, viciado na droga mais poderosa que poderia existir. Uma que lhe dava prazeres imensuráveis, viagens alucinantes e que agora cumpria seu papel, matando-o.

– Vire-se e coloque as mãos contra a parede.

Ethan fechou os olhos e salivou em expectativa, friccionando os dedos.

– Obedeça de uma vez! Não temos a...

Ao obedecê-lo, Ethan o prendeu pelo pescoço. E também conteve seu parceiro, mesmo distante, fechando a mão vazia para que este sufocasse. Sem nunca deixar de encarar o homem que realmente prendia, sem qualquer palavra, sem cuidado, Ethan o mordeu. Enquanto bebia liberava urros guturais, dilacerava a carne. Imediatamente ao largar o peso morto aos seus pés, encarou sua próxima vítima. Sabia que estava ensanguentado, mas não se importava. O que recebeu em troca por anos de civilidade?

– O que eu faço com você? – perguntou roucamente ao policial que não tinha como responder. – Tem família, senhor? Esposa, filhos... Talvez tenha um pai ou uma mãe, ou ambos... Se eu o soltasse poderia voltar para eles e seguir com sua vidinha insignificante. Gostaria disso?

O homem apenas sufocava com seu aperto. Ao ser solto caiu de joelhos, tossindo e tremendo violentamente, encarando o vampiro com seus olhos vidrados.

– Responda! – Ethan vociferou. – Gostaria de voltar para sua vida medíocre? É evidente que gostaria. Não abriria mão de sua vida previsível na qual envelheceria e morreria em paz. Onde não precisaria lidar com problemas que transcendem sua limitada compreensão e viveria ao lado da mulher que ama sem temer ser destruído por ela.

– Meu Deus! – o policial finalmente encontrou sua voz. – É verdade! Você existe! Você é... Todas as mortes... Foi você! Foi você!

A acusação fez com que Ethan tomasse consciência da atrocidade cometida e boa parte de sua fúria voltou contra si. Agira como o maldito intruso. Pior até! Mortificado, ele manipulou a mente do policial, ordenando que esquecesse e partisse. Depois de danificar a câmera da viatura, Ethan seguiu seu caminho, deixando o corpo onde estava. Não suportaria tocá-lo.

Novamente andou a esmo, sentindo que a chuva o limpava. Somente ao se deparar com os portões da mansão infernal ele entendeu que não importava quantos matasse, seu instinto clamava por Danielle. Mas como poderia atendê-lo? Qual o sentido em proteger a si mesmo se ao destruí-la morreria em seguida?

Ou não, cogitou de súbito. O pensamento era perturbador, contudo relevante. Talvez não a amasse e, sim, apenas estivesse preso a algum sortilégio vindo da marca maldita. Se o

que sentia fosse mentira, ao matar Danielle estaria livre e voltaria a ser o que sempre foi: senhor de seus atos. E seria rápido, sem crueldade. Danielle dormia. Bastava beber um pouco mais de seu sangue para que ela mergulhasse em sono eterno, livrando-o da maldição.

Sem pressa, Ethan saltou os portões e seguiu para a casa. Entrou e galgou degrau a degrau até seu quarto. Encontrou Danielle deitada, coberta. Ela era linda. Sentia por ter que eliminá-la, mas faria. A marca estava nela, zombando dele por nunca tê-la visto, mesmo que agora estivesse oculta pelo lençol. Contudo, seria ele a rir por último, senhor de si!

Ethan se preparava para encerrar a farsa do destino, quando Danielle lentamente abriu os olhos e o encarou. Logo ela puxou o lençol para cobrir os seios, tendo o rosto ruborizado. O lado enfeitado do vampiro questionou se poderia viver sem aquele pudor. O instinto animal assegurou que ele viveria como sempre viveu antes dela.

Dana soube que sua marca foi vista ao acordar sozinha e descoberta. Considerou surpreendente estar viva e tentou acreditar que a saída fosse por alguma razão positiva, afinal Ethan não agiu instintivamente como esperava. Contudo, ao notar a indiferença nos olhos verdes, ela entendeu que a retirada serviu para a deliberação. Fora julgada e condenada. Poderia argumentar ou assegurar ser inofensiva, porém, se depois de pensar Ethan chegou à conclusão de que ela poderia feri-lo, não havia o que dizer.

– Por que saiu nessa chuva? – Dana perguntou pausadamente para não hesitar. Partiria com dignidade.

– Foi preciso. – Ethan lhe escrutinava o rosto. Dana esboçou um sorriso ao se ajoelhar sobre a cama. Atreveu-se a tocá-lo, mas logo recolheu a mão.

– Ainda bem que você não adoece, não é mesmo? – O frio era insuportável.

– Não ficaria mais doente do que estou agora – retrucou soturno.

Protelar era inútil. Deveria se livrar do encantamento antes que se rendesse aos toques hesitantes, ao olhar inocente. Por certo que Danielle não era culpada por ter nascido com a marca, mas a falta de conhecimento não eliminava o poder destruidor que ela exercia sobre ele. Os dias de abandono eram a prova irrefutável.

Decidido a encerrar o feitiço, Ethan tentou afastar o cabelo que cobria o pescoço dela, contudo Danielle se afastou minimamente e sorriu.

– Adoro seu toque frio – explicou –, mas agora você está congelando. Por acaso não estaria disposto a tomar um banho quente para... voltar ao seu normal? Prometo que não vou à parte alguma – ela tentou um gracejo.

Por quem era, pela vida que perderia, Danielle merecia o cuidado.

– Não me importo desde que você venha comigo – Ethan a convidou decidido a dar a ela a mesma atenção que deu às outras antes de fazê-las partir. – Caso também não se importe.

– Não me importo.

Estava confusa, porém resignada. Trêmula, Dana se enrolou melhor no lençol e seguiu muito ereta ao banheiro, sempre seguida por Ethan; taciturno e mudo. Este parou sob o batente e a observou enquanto ligava o chuveiro e testava a temperatura da água.

Então é isso! Dana pensou ao deixar cair o lençol e entrar no box. Finalmente entendeu que seria morta como das outras vezes. Não, ainda não estava pronta, mas sabia que aquela seria a melhor forma de morrer.

– Pode vir – disse ao encará-lo. – Estou pronta!

Capítulo Quatro

Sem deixar de encará-la, Ethan se despiu e a acompanhou para se colocar sob o jato de água quente. Logo Danielle se aproximou e lhe tocou os cabelos, empurrando sua cabeça levemente para colocá-la também sob a água, massageando os fios como se os lavasse.

– Estão frios!

Ethan analisava o rosto próximo, tentando gravá-lo na memória, assim como o toque que evoluiu para sua nuca e se tornou um massagear de seus ombros. Ele podia ouvir o coração acelerado, sentir o tremor, mas não tinha como prever o que viria então se surpreendeu que ela tomasse a iniciativa e beijasse seu peito, mordiscasse sua pele.

Ele fechou os olhos ao sentir o conhecido calafrio atravessar sua coluna e refletir em seu sexo. A voz animal ordenou que a matasse antes que fosse tarde, mas foi ignorada quando Ethan sentiu o tímido sugar em seu mamilo. Sem dúvida aquela seria a melhor de todas as despedidas, ele reconheceu, gemendo em deleite.

A impressão foi confirmada quando Danielle, sem hesitar, voltou a escorregar as mãos por seu dorso, por seu abdômen e fechar uma delas em sua ereção. Ethan urrou e imediatamente cerrou os punhos, maldizendo o encerramento inapropriado da conhecida covardia. A água quente caindo em seu corpo era uma carícia extra a potencializar o carinho indecente.

Mate-a! Seu instinto demandou. Ele não poderia se render a luxúria, arriscando sua proteção. Daquela vez aceitou a ordem, pois apenas se torturava ao protelar. Decidido, Ethan afastou as mãos adúladoras de seu corpo. Retomando o controle, segurou Daniele pela nuca e a fez encará-lo.

– Considera que voltei ao meu normal? – indagou roucamente.

– Ethan? – Dana indagou, surpresa com a mudança. Por um instante pareceu que nada mudaria. Por um instante...

– Considera que voltei ao meu normal? – Ethan insistiu com acentuada rispidez.

– Está como eu – ela assegurou. – Está perfei...

O vampiro a silenciou com um beijo. Ávido, colheu a língua morna e a sugou com força. Danielle gemeu entre seus lábios, correspondendo com paixão.

Mate-a! Ditou a si mesmo. O que sentia era ilusão.

Sem desfazer o beijo, Ethan ergueu Danielle pelas nádegas para que o enlaçasse com as pernas. Ela tentou abraçá-lo, porém teve os braços afastados para que seus seios ficassem

livres para o ataque da boca faminta. Contudo, Dana não se deu por vencida. Saindo da inércia, ela lhe acariciou as costas, correndo os dedos pela cicatriz.

Ethan urrou de excitação extrema e raiva. De Danielle por ser maculada e dele por fraquejar. Então reaja! Obediente, Ethan mordeu um seio e bebeu diretamente daquele ponto. Cogitou consumir o ato daquela maneira antes que sucumbisse, contudo precisava senti-la por inteiro antes de deixá-la partir. Verdadeiro ou falso, o sentimento estava ali e ele ainda precisava “dela”.

– Ethan...

Ouvir o nome nublou a mente do vampiro. Ele realmente ainda não poderia matá-la. Após lamber o seio, para fechar a ferida, Ethan ergueu Danielle mais uma vez, agora para enterrar-se nela, profundamente. Nesse instante gritou aflito, de prazer e desespero. Os sentimentos por ela não eram reais, não eram reais. Com esse pensamento, moveu-se nela, aproveitando a quentura apazível pela última vez. Mas não queria que fosse pela última vez, lamentou. Talvez se...

Liberte-se da influência enganosa! Seu instinto gritou mais alto. Seria rápido uma vez que bebeu dela por duas vezes aquela noite. Um pouco mais e tudo estaria acabado. Ethan fechou os olhos com força e lambeu a lateral do pescoço antes da mordida fatal. Danielle arfou, estremeceu e comprimiu-se ao redor dele, cravando as unhas em seus ombros.

– Eu amo você, Ethan!

A declaração inesperada veio entre um gemido, enquanto o vampiro chupava o corte mínimo, vagorosamente. Em sua concentração ansiosa, Ethan não a ouviu. O sangue quente dela vertia em sua boca; inexplicavelmente não era doce, sim, amargo como fel.

– Se você acredita ser o certo... – ela prosseguiu – Faça!... Sei que não é culpado... Somente... Sentirei sua falta, meu amor.

“Meu amor” As palavras ecoaram de muito longe, mas foram ouvidas levando Ethan a hesitar. Antes que ele percebesse fechou a nova ferida e mordeu o lábio sem afastar o rosto, contendo-se.

– O que disse? – perguntou num esgar animal contra a pele dela.

– Que eu amo você – Dana repetiu em um fio de voz. – E que sentirei sua falta.

O que era aquilo? Ethan não conseguiu raciocinar. Seus olhos ardiam, todo seu corpo tremia. A declaração da humana ocupou todos os espaços de sua mente e coração. Mesmo sem entender todo o resto, as palavras o despertaram para a realidade imutável. Ele jamais teria chegado ao fim. Era inútil lutar! Inútil procurar por desculpas que facilitasse a morte de Danielle.

Aquela era uma guerra perdida.

Mesmo que Danielle tenha sido especialmente preparada para destruí-lo, por feitiços ou maldições que iam além de seu entendimento, Ethan não viveria tranquilamente onde ela não estivesse; sem a voz, sem o cheiro. Com a certeza veio outra ainda mais perturbadora... Danielle sabia o que ele intencionou fazer. Ao aceitar a lógica irrefutável, o vampiro não se considerou digno de estar com ela. Foi com forte vergonha e aceitação que a pôs no chão.

– Ethan... – ela choramingou num sussurro, tentando abraçá-lo quando foi afastada. – O que foi?

– Já voltei ao meu normal. Termine o banho sem mim.

Sem olhá-la, Ethan a deixou, recuando sem lhe dar as costas. Pegou uma das toalhas e fugiu do olhar inquiridor que sentia arder em seu peito, agora com a verdade a gritar em sua cabeça; Danielle sabia que sofreria seu *acidente*.

Se enfrentá-lo para conseguir perdão não contou como prova do amor declarado, ela ter aceitado o convite para o banho, sabia como terminaria, afastava toda e qualquer dúvida, deixando vampiro mortificado por questionar o próprio sentimento.

Abalava-o também sentir-se *vivo*, ainda que exausto. Como um naufrago que nadou contra a maré. Agora estava sem Norte, flutuando à deriva, temendo saber aonde a correnteza o levaria. A única certeza era que, se estava predestinado a ser destruído por Danielle... Amém!

Estava vivo há tempo demais, ceifando vidas, acumulando riquezas, poder. E tudo isso para quê? Para numa noite tudo que acreditava perder o sentido? Para invejar a vida monótona de um reles mortal? Não, não poderia mudar o que era; jamais seria como o policial ou voltaria a ser humano. Não envelheceria, nem teria uma vida previsível, contudo, morrer vencido por quem se ama talvez fosse um nobre fim no final das contas.

Dana permaneceu sob o chuveiro até que os tremores cessassem descrente de que ainda estivesse viva. Não houve ação instintiva para ela, sim, hesitação. Ainda não sabia se estava fora de perigo, e sinceramente não se importava. Estava feliz e enquanto vivesse teria a chance de mostrar a Ethan que ele não tinha o que temer.

Decidida a encontrá-lo, Dana desligou o chuveiro. Nada foi dito naquele sentido, mas estava claro que teriam muito a conversar. Depois de secar seu corpo, ela seguiu para o quarto enrolada na toalha. Não encontrar Ethan a preocupou. Especulava se ele teria novamente saído, quando os acordes de *Kiss The Rain* quebraram o silêncio. Saber que não fora deixada uma segunda vez de forma tão delicada, alegrou-a.

A música foi recebida como a segunda gentileza. A primeira foi encontrar a parte superior de um pijama preto, disposta sobre a cama. Rogando para que o pior tivesse passado, Dana a vestiu, ajeitou os cabelos molhados como podia e deixou o quarto. O chão do corredor estava frio, mas não incomodava seus pés descalços. Preocupava-a mais estar novamente com Ethan, então seguiu a música.

No limiar da escada, Dana se valeu da luz vinda do vitral, sempre embalada pelos acordes do piano. O som enchia toda a sala espaçosa, em excelente acústica propiciada pelo teto alto. Ansiosa por estar com o exímio pianista, ela se apoiou ao corrimão e desceu os degraus, sabendo que sua presença era conhecida.

Era infantil se comparado aos problemas que tinham, mas Dana lamentou que não pudesse surpreender o vampiro. Nunca! Repreendendo a si mesma por tão tolo pensamento, aproximou-se lentamente, tomando o devido cuidado de não tropeçar em nenhum dos móveis.

Ethan não podia ser visto com clareza. Infelizmente a luz súbita e passageira iluminava apenas a silhueta de seu dorso nu. E era esplendida! Dana riu manso ao constatar que ela, sim, sempre se surpreenderia com a infinita beleza e contraditórias atitudes do vampiro.

– O que poderia ser engraçado, Danielle?

A pergunta inesperada, em voz rouca e levemente ríspida, feita antes mesmo que ela chegasse até ele, assustou-a.

– Nada... – respondeu, finalmente parando às costas de Ethan. – Bobagem minha.

– Divida comigo – ele pediu, ainda duramente. – Acho que posso conviver com suas bobagens.

– Eh... Apenas achei engraçado saber que nunca vou surpreender você. Afinal... Seus sentidos são aguçados, não são?

– Sim, eles são – disse simplesmente, ainda tocando. – Mas está errada. Você, na maioria das vezes, me surpreende.

Sim, Danielle o surpreendia com suas ações inexplicáveis. Como praticamente se oferecer em sacrifício, deixando-o sem saber como abordar o tema. Por essa razão desceu e agora tocava. Se músicas executadas ao piano tinham o poder de acalmá-la, talvez também agisse sobre ele. Sabia lidar com devassidão, ambição, violência, logro, entretanto nada em sua existência o preparou para o arrependimento ou a impotência vexatória que sentia.

Ethan esperava que a bobagem da humana viesse também diverti-lo, não aconteceu. Nem mesmo os absurdos apreciados o livrariam de tão incômodos sentimentos. Decidia o que fazer quando sentiu dedos trêmulos em seus cabelos molhados. Não se sentia digno de ser tocado, porém não teve coragem de se afastar. No fim, Danielle sempre seria a resposta.

– Não pare – ele pediu.

Dana não soube o que fazer. Queria conversar sobre o que passou, mas achou por bem apenas atendê-lo. Talvez fosse o caso de não entender. Ethan era perfeito, movido por sentimentos extremos, amante habilidoso. Vampiro sanguinário e letal que a poupou por duas vezes. Precisava de mais? Não, não precisava.

Obediente, ela continuou a acariciar os cabelos úmidos, deixando que escorregassem entre seus dedos. Logo se aventurou a tocar o rosto. Conhecia cada milímetro dele, mas sentiu um novo prazer ao contornar seus traços.

Delicadamente ela lhe tocou as pálpebras, o nariz, as bochechas. Ao acariciar a boca, Dana recebeu um beijo leve e inesperado. Contenta, ela acariciou o queixo marcado antes de descer as mãos pelo pescoço até os ombros.

Ethan prendeu a respiração ao ter a marca tocada delicadamente. A reação enregelou o coração de Dana, que imediatamente afastou as mãos.

– Não pare. – Os carinhos dela finalmente traziam paz ao seu coração. Deveriam também silenciar sua cabeça, aniquilar a culpa. – Prossiga! Explore-me!

O som distante de um trovão a fez reagir. Tentando ignorar os tremores traidores, evitando a marca, Dana voltou a correr as mãos pelos ombros largos, ao longo dos braços. Apreciando os músculos definidos, fez o caminho de volta e desceu as palmas até o peito forte e as pousou na altura do coração imortal. Não entendia como as batidas fracas e esporádicas eram possíveis, mas agradecia cada uma delas. Seria estranho se não existissem.

Não havia jeito, Ethan reconheceu ao sentir seu corpo reagir de forma contrária a esperada. Os carinhos mornos de Danielle o excitavam, sem afastar a consternação. Há bons minutos já estava estimulado pelo cheiro dela. Se permitisse que fosse além, seria capaz de possuí-la ferozmente sobre o piano, não conversar como deveriam.

E como não haveria formas de protelar mais, Ethan se valeu de sua força e fechou os olhos, concentrando-se.

Dana se sobressaltou e instintivamente se afastou de Ethan quando a luz eliminou a escuridão. Foi preciso piscar algumas vezes até que seus olhos se acostumassem à claridade excessiva.

Aturdida, ela olhou em volta, acreditando ter sido Carmem quem acendera as lâmpadas, porém estavam sozinhos. Imediatamente entendeu ter sido obra do vampiro. A curiosidade acerca daquele poder se sobrepôs a qualquer assunto, contudo no segundo seguinte se esvaiu. Bastou que ela visse a cicatriz causadora de tanto infortúnio a eles dois.

Respirando fundo, hipnotizada, com os dedos a formigar, Dana a tocou. Ethan se retesou, mas não falhou uma nota da música que ainda tocava.

– Horrível! – ele rosnou, tornando o som delicado em algo tenso, vibrante.

– Linda! – Dana garantiu, correndo as pontas dos dedos ao longo do desenho, fascinada.

Nunca gostou de seu sinal de nascença, mas a marca que tocava era verdadeiramente linda. Ocupava quase que toda escápula esquerda e descia pelo dorso. A forma distinta de um dragão se apresentava imponente. E era avermelhada, mais escura do que a dela.

Dana não via como seria capaz de afastar os dedos dos contornos salientes e se animava ao notar que a musculatura comprimida de Ethan gradativamente relaxava com sua carícia.

– Joly sabia sobre a sua – Ethan externou a conclusão à qual chegou enquanto esperava.
– E lhe contou sobre a minha. Contou toda a história.

– Contou.

– Quando?

– Essa noite, para que eu tomasse a melhor decisão. Joly explicou o que esse desenho significa para você e o que... costuma fazer quando o vê.

– E mesmo assim você veio – murmurou intimista, sentindo-se mais miserável.

– Não vi motivos para não vir.

Ethan encerrou a música ao espalmar as mãos sobre as teclas. O som produzindo ainda reverberava pela sala ao indagar roucamente:

– Então perder a vida não era motivo mais que suficiente?

Voltando a se aproximar, Dana se encostou às costas de Ethan que se retesou. Ignorando a reação, ela correu as mãos até o rosto amado e o ergueu, deixando a cabeça dele pousada no vão de suas costelas. Perdida na expressão indecifrável do olhar invertido declarou:

– Quando Joly me contou eu já estava morta. Nada seria pior.

– Você sabe – ele começou. – Sabe o que eu estive disposto a fazer... minutos atrás.

– Sei. E não o amo menos por isso.

Ethan a olhou por um minuto inteiro como se a visse pela primeira vez. Num gesto súbito, puxou-a para seu colo e lhe prendeu a cabeça entre suas mãos para que o encarasse.

– Então – soou rouco – não teria problema se eu o fizesse agora?

– Não.

– Por quê? – Ele não entendia.

– Amar você não é a resposta?

– Você entende a gravidade do que fiz? – Custava a crer em tamanho desprendimento. – Como pode amar quem quis matá-la?

– Não sei como. Apenas sinto! – assegurou. E, consciente de que talvez não houvesse hora mais propícia, acrescentou: – Caso tivesse ido adiante, você não se livraria de mim. Eu sempre volto.

Ethan saboreava a declaração quase que palatalmente então não entendeu o acréscimo sem sentido.

– Poderia explicar?

– É que... Essa não seria a primeira.

De súbito Ethan soube que ela se referia ao que viu na cobertura, pois novamente fazia confusão com os fatos. Estava confuso pela sucessão de sentimentos ambíguos, sentia-se em débito, mas não deixaria que ela o acusasse daquilo que não fez.

– Por favor, pare de insinuar que eu a matei. Ouvir esse absurdo me irrita.

– Me desculpe, mas não é insinuação. – Ethan a censurou com o olhar, advertindo-a silenciosamente, porém Dana não se intimidou. – Você parou dessa vez, mas já me matou, sim.

– Não sei se essa é mais de suas tantas bobagens nem me interessa saber então, pare! – demandou rispidamente.

Seria prudente encerrarem aquele assunto. Ethan não gostava do rumo que tomavam, pois voltava a se enfurecer. Infelizmente Danielle não compartilhava o mesmo pensamento.

– Não é bobagem. Eu *vi*. Depois que você mesmo ordenou.

– Justamente! – Em um novo gesto rápido, Ethan a deixou sobre a baqueta e se afastou para prosseguir com voz alteada: – Sei o que fiz então pare de mentir. O que pretende? É alguma forma de castigo? Quer que me ajoelhe e implore perdão?

– Não! Nada disso! Quero apenas que escute e aceite a verdade.

Ethan circulava pela sala, bufando enraivecido. Dificilmente voltaria a ameaçá-la, mas não era prudente contrariá-lo.

– Evidente que não matou a *mim* – ela prosseguiu sem se intimidar. – Mas tirou minha vida quando fui Maria e...

– Foi como eu imaginei! – Ethan a cortou. – Você está confundindo tudo!

– O bar estava cheio aquela noite – Dana começou a narrar, segura. – Era Dia dos Pais...

– Não se coloque na cena, Danielle! Isso não prova nada. Você sabe quando tudo aconteceu, onde sua tia trabalhava. Imaginar que o bar estivesse cheio num feriado é fácil.

– Você estava sentado à mesa que ficava num dos cantos escuros do salão, apenas olhando.

Ethan estacou.

– Em determinado momento – ela prosseguiu – Maria sentiu medo de você. Pouco antes da pausa para o cigarro... Ela estava nos fundos do *Wally's* quando você se aproximou e pediu que não se assustasse, pois já te conhecia... Esperava por você.

– Como sabe essas coisas? – ele inquiriu roucamente, sentindo seus pelos se eriçarem. – Apenas Maria e eu estávamos lá naquela noite.

– Exatamente.

Com a mente a trabalhar em velocidade vertiginosa, Ethan se sentou numa das poltronas, tentando achar argumentos coerentes para provar que ela se projetava na vida de outra, formando imagens reais em uma mente fantasiosa. Contudo não foi capaz.

– Esse... *reaproveitamento* de almas não existe – falou descrente.

– Ouvi dizer o mesmo sobre vampiros.

– Tudo bem! – Ethan aquiesceu, ainda que incrédulo, desejando que ela se traísse. – Então eu a matei quando foi sua tia. Quais foram as outras vezes?

– Não gostei muito de minha versão loira, mas eu fui bonita. Não sei se esse detalhe era importante ou se para você o principal fosse ter *alimento*, mas o fato é que chamei sua atenção. Mesmo em momento tão corriqueiro quanto estender roupas num varal.

Para Ethan o tempo estagnou e ele se levantou sem perceber. Queria pedir que ela parasse, mas não encontrou sua voz, então ainda a ouviu dizer com falsa repreensão:

– Não foi muito educado ou prudente fazer amor comigo em local aberto, alguém poderia ter visto o que fez.

Ethan notou que ela gracejava, mas nada que dissesse ou fizesse atenuaria a gravidade do que ouvia. Danielle não inventava. Inacreditável e assustadoramente, conhecia os detalhes ao passo que ele nada sabia. Ethan não gostava da nova realidade onde tantas vezes ceifou a vida de Danielle, sua eterna prometida.

– Vou até você – ela anunciou antes de levantar. – Por favor, não corra. Senão eu nunca o alcançaria.

Ethan teria rido caso não estivesse inquieto. Joly sempre esteve certa. Danielle pertencia a ele desde sempre sem que jamais a reconhecesse. Sem nunca amá-la. Ao sentir a agitação em seu peito Ethan entendeu o presságio de horas antes. A tormenta viria, sim, para a sua vida.

– Foi por isso que fugi – ela revelou ao se aproximar. – Mesmo assustada com tudo que aconteceu aquela noite, eu queria ficar. Mas depois que me deixou lembrar essas coisas... Eu não pude. Pode entender?

– Evidente que entendo – ele ciciou. – Na verdade, entenderia se fosse embora agora.

– Não vou à parte alguma. Joly me explicou como você se sente.

Ethan deixou a poltrona antes que Danielle o tocasse. Parou ao lado da janela, longe o bastante. Olhando além da vidraça, para a chuva que cai mansa.

– Esse é o detalhe que deveria me incomodar porque o impulso não me exime da culpa. O certo seria que eu de fato me ajoelhasse e implorasse perdão. Mas se o fizesse seria somente por essa noite. É horrível o que vou dizer Danielle, mas não posso me desculpar por aquilo que faria exatamente igual. Isso é o que sou!

E ela o queria diferente? Dana se perguntou a admirar as costas do vampiro, lindo em sua rígida altivez. Procurava palavras para tranquilizá-lo, quando Ethan acrescentou:

– Por isso, muitas vezes me pergunto que poder é esse que você tem sobre mim, e me espanta as concessões que faço a você.

Como não caberiam reservas, Dana foi até ele lentamente, enlaçou-o pela cintura e apoiou o rosto no centro de suas costas frias.

– Não existe poder algum... Você faz concessões porque me ama.

– Verdadeiramente! Agora não resta a mínima dúvida.

– Sei disso. E entendi que você agiu movido pelo... medo.

– Odeio esse sentimento, Danielle! – Ethan sibilou sombrio, segurando as mãos dela sobre seu peito. – Não tolero ser ameaçado. E é isso o que esse maldito dragão representa.

– E se não for nada disso? E se você estiver enganado?

Depois de afastá-la, instigado com a pergunta, Ethan a colocou contra a vidraça e a encarou com o cenho franzido.

– No que está pensando?

– Não sei exatamente, mas acredito que você não deva se preocupar com o significado desse desenho. E definitivamente não deve acreditar que eu possa fazer mal a você. Sou humana, Ethan. Não vê que tem alguma coisa errada?

– Tudo está errado! Se as coisas estivessem certas, eu não deveria existir. E talvez nem mesmo você existisse, visto que eu não a teria matado pela primeira vez. Toda a história seria diferente. No entanto, aqui estamos! Os dois, totalmente fora de lugar.

– E juntos! Acredito que tudo é da forma que tem que ser, assim como acredito que essa marca não signifique algo trágico ou ruim.

Sem retrucar Ethan a abraçou fortemente, lamentando que ela não estivesse certa. Raca foi categórica. E ele conhecia o poder devastador que ela, simples humana, tinha sobre ele,

o poderoso vampiro. O fato relevante era estarem juntos, e seu instinto silenciado. Fosse o que fosse que aquele desenho horrendo significasse, descobriria com o tempo.

– Talvez você tenha razão – anuiu apenas para satisfazê-la.

Contentou-o sentir que ela sorria junto ao seu peito. Nesse instante um ronco baixo foi ouvido, levando Ethan a se recriminar. Era péssimo anfitrião! Como se não bastasse ameaçar a vida de sua hóspede, também lhe negava comida. Novamente tinha a deixa perfeita, agora para a mudança de assunto.

– Está com fome – disse ao afastá-la.

– Não sabia que estava com tanta. – Dana sorriu timidamente.

– Há quanto tempo não se alimenta Danielle?

– Não tenho tido muito apetite esses dias – ela declarou, mordendo o lábio inferior. – Mas hoje... Eu comi um sanduiche do almoço.

– No almoço?! – Ethan se alarmou. – Não é de se admirar que esteja sumindo.

– Olha só quem fala! – Dana retrucou, apoiando as mãos na cintura. – Você não era a pessoa mais bem alimentada quando cheguei aqui.

Ouvir uma humana fazer referência a má alimentação de um vampiro foi algo bizarro, de toda forma não poderia nunca ser usado como parâmetro.

– Não se compare a mim – ele pediu com seriedade antes de tomá-la no colo num de seus movimentos bruscos. – Sou durável, você não é.

– Nada de comparações – Dana aquiesceu e gracejou com a verdade. – Agora, poderia fazer o favor de avisar antes desses seus gestos super rápidos? Meu coração é fraco.

Ethan se permitiu sorrir. O pior, aparentemente, havia passado. Extraordinariamente Danielle estava viva e não o recriminava. Caso tivesse as respostas sobre o que fazer dali em diante tudo seria perfeito, mas não estava disposto a pensar no tema. Não quando Danielle tinha fome, não quando ele começava a ser afetado pela proximidade.

– Tentarei me lembrar – prometeu para manter o clima ameno. – Mas não dou minha palavra, pois ser ávido faz parte do pacote.

Deixando-se contagiar pelo súbito bom humor de Ethan, Dana sorriu e passou a traçar pequenos círculos sobre o peito forte.

– Pelo que pude ver você veio com o kit completo do vampiro perfeito. – Ela o beijou levemente nos lábios. – Ao que mais tenho direito?

– Contenha-se, mulher! Nada de tentar me seduzir. – Ainda era estranho brincar, tanto que ele considerou melhor se ocupar de atender às necessidades dela. – E como prometido, considere-se avisada.

– Sobre o quê? – Dana perguntou confusa.

– Voarei com você.

Sem dar a mínima chance de Danielle assimilar as palavras, Ethan eliminou a distância entre a sala e a cozinha. Foi breve, mas se deliciou com o aperto imediato dos braços mornos ao redor de seu pescoço, o arfar e o acelerar do coração.

Capítulo Cinco

– Gosta mesmo disso?

– Desde criancinha – Dana respondeu tentando não rir da expressão enojada de Ethan.

– De verdade? – ele insistiu, remexendo na pasta com a pequena espátula que Dana acabara de usar, como se tentasse descobrir todos os ingredientes da receita, completamente absorto; assim como Dana ao olhar para ele.

Na iluminada cozinha, ela confirmava o quanto Ethan era bonito. E descobriu como ele era péssimo ao lidar com comida humana, ela salientou, reprimindo um sorriso ao lembrar que ao chegarem ali, ele a depositou em uma cadeira e ordenou que permanecesse sentada enquanto lhe preparasse algo.

Todo aquele zelo depois de quase a matar foi inusitado, porém reconfortante. E ela o atendeu, até porque estava adorando a atenção desmedida e a visão que era ter Ethan vestido somente em uma calça de pijama a andar de um lado ao outro focado em preparar uma refeição.

Contudo, depois de vê-lo abrir a geladeira e retirar dela uma quantidade variada de potes e frios – algum deles de sabores nada compatíveis – e retirar pacotes de pães, torradas e biscoitos dos armários, ela achou por bem se rebelar. Ethan ainda tentou protestar quando a viu sair de seu lugar, mas depois que ela lhe mostrou que jamais seria capaz de ingerir tanta comida, ele aquiesceu.

Resignado, Ethan sentou na mesma cadeira onde se encontrava agora e passou a avaliá-la, como ela havia feito com ele. Passar de observadora a observada não foi tão prazeroso. Novamente o olhar de Ethan foi físico. Por vezes Dana esteve perto de derrubar o que segurava. Diante disso, desistiu de preparar um sanduiche elaborado e contentou-se em guardar o que ele havia tirado do lugar, deixando somente o leite que agora bebia puro, um pacote de torradas e o pote com a pasta que o vampiro incessantemente revirava.

E assim, mesmo bonito ao extremo, semidespido, longe da figura do advogado bem-sucedido e com o cenho franzido como se estivesse prestes a exclamar “eca!”, Ethan lhe pareceu tão humano quanto qualquer mortal. Intimamente agradeceu que não o fosse, pois ele era perfeito do jeito que era. Possessivo, impulsivo, ávido ou com qualquer outro comportamento extremo que pudesse demonstrar por ela.

Ethan não poderia ver – estando entretido como estava – que Dana sorriu para ele livre de divertimento, somente enternecida.

– Recuso-me a acreditar que goste dessa coisa gosmenta! – ele comentou, torcendo o nariz. Faltou liberar *eca!*

Ao terminar de mastigar e engolir um pedaço de torrada, Dana perguntou contendo o riso, novamente divertida. Feliz por estarem livres da tensão:

– Não conhecia mesmo pasta de amendoim? – Sua voz era incrédula. Para provocá-lo fez nova pergunta: – O que comia quando era criança?

Ethan largou a espátula e a olhou, estufando o peito, solene.

– Se pergunta por algo comparativo a isso – ele indicou a pasta. – A cozinheira de meu pai costumava fazer geléias de frutas da estação e manteiga fresca. E não acredito que a Sra. Scott deixasse me servir algo com essa aparência duvidosa.

De repente Dana se viu curiosa quanto à infância de Ethan. Ele citou o pai. Esse detalhe não lhe passou despercebido. Não sabia nada sobre ele. Decidida, prosseguiu com a conversa trivial até que chegasse onde queria.

– Acho que nesse tempo nem existia pasta de amendoim.

– Acredito que não – ele concordou, cruzando os braços sobre a mesa.

Dana ignorou o peito forte e que ficou em evidência e tomou um gole de seu leite antes de perguntar, fixando os olhos no rosto a sua frente:

– E de quanto tempo estamos falando? Quantos anos você tem, Ethan?

– O suficiente – declarou sério.

– Essa resposta não vale... Quantos anos? Prometo não me espantar se tiver mais de mil.

– Não sou tão velho. – Ethan por fim sorriu torto e encarando-a. – Tenho apenas 197 anos.

– Nossa! – ela exclamou, depositando o copo sobre a mesa com força desmedida. Aquilo explicava muita coisa! O cavalheirismo, a educação ao falar...

Com aquela idade, Ethan foi contemporâneo a vários acontecimentos históricos, viu invenções serem postas em práticas e o desenvolvimento de outras tantas. Dana se perguntou se ele teria participado de guerras ou revoluções. Sua cabeça fervilhava. Tanto a se descobrir. Dos questionamentos que surgiam em sua mente, ela tentou ignorar um em particular, por saber a resposta e não gostar nadinha dela.

Não haveria nada de interessante em saber quantas mulheres ele teve em mais de 150 anos de existência. Desejava saber de seu passado, mas somente assuntos referentes à família e a ele exclusivamente.

– Você prometeu que não se espantaria – Ethan a lembrou, estendendo o braço para tocar seu rosto. – Minha idade a assusta?

– Não... – disse sinceramente. – Você está... muito bem! Para um idoso, devo acrescentar.

Ethan apenas sorriu. Ele estava bem para um semimorto, ela deveria acrescentar.

– Ethan...?

– Fale – encorajou-a.

– Me conte mais sobre você... Como era sua família. Você citou a casa de seu pai... Não tinha uma mãe?

A expressão dele se fechou e Dana se recriminou por isso.

– Não precisa responder se não quiser – apressou-se em dizer. – Eu só...

– Não tenho problemas quanto a isso, só não desejo falar sobre meu passado nesse momento – esclareceu ainda sério. – Está tarde! A noite foi desgastante e tensa. Preferia que você terminasse sua refeição para que pudéssemos subir. Você precisa descansar... Recupera-se. Afinal... Perdeu muito sangue essa noite.

– Está bem! – Dana anuiu e obediente terminou de beber seu leite. Quando depositou o copo sobre a mesa reparou que Ethan a encarada fixamente. – O que foi?

Ethan estendeu a mão e segurou a dela. Pensativo, brincou com os dedos pequenos.

– Preciso que me perdoe, Danielle – falou, mirando os dedos entrelaçados.

– Ethan, não precisa...

– Preciso! – ele a interrompeu. – Por favor, deixe-me terminar. Como disse, não posso me desculpar pelo o que fiz antes, mas com você é diferente. Sempre disse que a protegeria, pedi que confiasse em mim, no entanto, traí sua confiança. Agora que estamos aqui, que os ânimos se acalmaram... Gostaria que fosse sincera e me dissesse... Acha que pode me perdoar e voltar a confiar em mim?

Então era isso! Mesmo que estivessem conversando animadamente ele permanecia preocupado com todo o acontecimento anterior. Qual a dúvida? Quase ter-lhe tirado a vida foi realmente grave, mas não importava mais.

– Nunca deixei de confiar em você, Ethan!... Não tenho nada a perdoar.

– Danielle...

– Mas... – ela o interrompeu enfaticamente. – Já que se sente culpado. Sei de uma coisa que pode fazer para se redimir.

Dana não desejava de forma alguma retornar à tensão anterior. Retribuindo o olhar interrogativo com um sorriso levemente travesso, desprendeu a mão que Ethan segurava. Depois de tirar uma quantidade significativa de pasta de amendoim diretamente do pote com dois dedos unidos, entendeu-os para ele.

Ethan olhou para a pasta, então para ela e novamente para a pasta.

– Não pode estar falando sério! – ele disse voltando a encará-la, incrédulo. – Experimentar essa gosma nojenta não seria um sacrifício à altura do que fiz.

– A cada segundo que passa me convenço de que é, pois caso contrário você não questionaria.

O semblante do vampiro se fechou, soturno. Uma veia em sua mandíbula se moveu, como se ele avaliasse se cabia resposta ou não. Depois de um suspiro profundo, Dana o viu baixar os olhos para seus dedos cobertos com a pasta. Lentamente, com as duas mãos segurou a dela e trouxe-a mais para perto enquanto se inclinava sobre a mesa para alcançá-la a meio caminho.

Com a respiração suspensa Dana o viu abocanhar seus dedos de uma só vez. Antes de se sentir satisfeita que Ethan tivesse aceitado a provocação, ela se inquietou. A brincadeira começou a fugir de seu controle quanto, ao invés de pegar a pasta e soltá-la, Ethan passou a chupar seus dedos lentamente. Engolindo o creme aos poucos, tirando quantidades pequenas a cada sugada ritmada.

Involuntariamente Dana tentou recolher a mão, porém Ethan a prendia firmemente. A visão era extremamente sensual e o sugar se tornou erótico. Gradativamente ela sentia as físgadas em seu sexo. Não ajudava em nada que estivesse nua sob a camisa de seda. De repente Dana ficou perigosamente consciente do tecido frio em sua pele. Não era essa a idéia. Queria somente deixar o clima leve, contudo, já que seu corpo começava a implorar pelo dele, ela fechou os olhos e gemeu incentivando-o.

– Ethan...

Ouvi-la gemer o despertou do transe. Aparentemente nunca mudaria. Sempre se distrairia em tudo nela. Não gostou da proposta nem de brincadeira, pois provar aquela massa horrenda jamais se equipararia a quase assassiná-la. Esteve prestes a brigar com ela, mas não o fez ao entender que nada mais era que realmente isso; uma brincadeira pueril com a intenção de encerrar o assunto e manter as coisas leves entre eles.

Porém, apesar da péssima aparência, a tal pasta era realmente agradável ao paladar. E dificilmente algum ato relacionado à Danielle seria verdadeiramente considerado infantil, então, provocou-a. Mas aquele era um caminho de via dupla. Jamais poderia aticar Danielle sem ser arrastado para o mesmo lugar.

Infelizmente para eles não poderiam brincar em cima da mesa. Danielle parecia estar bem, mas Ethan sabia que não estava. Iria explicar exatamente isso, quando ouviu os passos do lado de fora da casa.

– Espere. Não vá embora. Quero falar com você.

E então, Ethan não estava mais lá. Como num passe de mágica Dana via somente o espaço vazio.

Ethan não quis assustar Danielle ao deixá-la daquela forma, mas a presença de Joly no quintal de sua casa, totalmente fora de hora, o alarmou. Em seu surto depois da descoberta da marca, nem se lembrou que ela viria. Então não seria de se estranhar que também não sentisse falta da tal mala a sua porta visto que nem mesmo olhou para os lados quando entrou decidido a matar Danielle. Passado Ethan, passado.

Precisava apenas decidir como faria para burlar a praga de Raca, mas isso ficaria para depois. No momento queria saber de Joly porque havia vindo tão tarde. Diante da porta, depois da breve corrida, abriu-a de chofre e se deparou com Joly. A vampira trazia a bolsa de Danielle e uma mala. E piscava incomodada com a claridade súbita.

– Achei que o combinado fosse deixar a mala e sair à francesa – disse confusa.

– Isso se você tivesse vindo *antes* – ele enfatizou, dando-lhe passagem. – Entre!

Joly o obedeceu sem questionar, indo parar no centro da sala espaçosa. Ethan deu uma olhada rápida para fora antes de fechar a porta.

– Você veio sozinha?... Thomas ainda não voltou de...

– Estou tão feliz que esteja de volta! – Joly o calou ao abraçá-lo de súbito.

– Também estou feliz em vê-la – disse, afastando-se ainda preocupado. – Agora me responda. Onde...

Sem aviso ela voltou para perto e farejou na direção de sua boca, interrompendo-o mais uma vez.

– Esteve comendo pasta de amendoim?!

– É uma longa história... – Ethan respondeu impaciente.

Joly ignorou sua expressão. Sorriu cúmplice e disse; erguendo as mãos como se desejasse contê-lo:

– Pare! Vindo de você, com Danielle na casa, aposto que além de longa é uma história imprópria. Prefiro não saber os detalhes. – Então olhou em volta curiosamente. – Por falar nisso, onde está ela?

Antes que Ethan pudesse responder, a amiga já sorria em direção ao corredor.

– Estou aqui! – Dana se apresentou ao entrar na sala.

Joly olhou de um ao outro, analisando-lhes a roupa – ou a falta dela – então seu olhar preocupado traiu sua animação inicial. Sem aviso ela se aproximou rapidamente e a abraçou, como fez com Ethan, porém demorou mais a soltá-la.

– Tive tanto medo. Desculpe-me por deixá-la, Dana.

– Eu é que preciso me desculpar – Dana corrigiu, retribuindo ao abraço. – Não devia ter sido malcriada com você.

– Tudo bem! – Joly finalmente se afastou. – Você estava certa. A vida é sua, afinal.

A vampira analisou a humana, detendo-se por instantes na marca avermelhada em seu pescoço, então novamente olhou de um ao outro. Seu rosto era a expressão da curiosidade. Ethan cogitou deixá-la sem resposta, pois sabia exatamente o que ela desejava saber. Contudo, Joly estava com créditos por muito tempo ainda.

– Não precisa ficar apreensiva. Finalmente descobri o motivo de seu comportamento estranho nos últimos dias. Deveria ter-me dito desde o começo.

– Provavelmente se tivesse feito isso, hoje Dana não estaria aqui.

Ethan percebeu o estremecer de Danielle. Gostaria de contradizer Joly, mas não poderia. Amar e ser correspondido foram fatores determinantes para poupá-la.

– Você está certa! – Ao dizer isso ouviu o coração de Danielle acelerar. – Mas agora entendo que você fez o que deveria ser feito. Obrigado!

Dito isso foi até Danielle e a abraçou pelos ombros e lhe beijou o alto da cabeça para tranquilizá-la. Imediatamente ela o abraçou pela cintura e pousou a cabeça em seu peito.

– Por que não vai se deitar? – Ethan sugeriu carinhosamente. – Irei logo em seguida. Preciso apenas conversar umas coisas com Joly.

– Prefiro ficar com você.

– Então seja uma boa menina e fique fora do chão frio – disse ao erguê-la no colo e levá-la até um dos sofás.

Ethan não se sentou ao seu lado. Precisava realmente saber o que Joly fazia ali fora de hora e a proximidade com Danielle o distraia. Quando olhou na direção da vampira, percebeu que ela assistia a cena, enlevada. Ignorando o olhar de adoração, Ethan disse:

– Agora que já encerraram as amabilidades entre nós, poderia me dizer por que trouxe as coisas de Danielle somente agora?

– Minhas coisas?! – Dana se espantou e então prestou atenção na mala e em sua bolsa que estavam no centro da sala, ao lado da mesinha.

– Você não vai querer ficar vestida nas roupas do Ethan o tempo todo, não é? – perguntou Joly.

– Não, mas...

O tom incerto de Danielle não agradou Ethan. Acaso ela imaginava que partiria na manhã seguinte? Não aconteceria nem ele discutiria a resistência dela em morar com

namorados naquele momento, então, cortou-a sem se importar se pareceria grosseiro ou não:

– Joly, responda-me, por favor!

Dana se calou imediatamente. Algo no tom de Ethan a inquietou. Aparentemente a Joly também, visto que respondeu sem hesitar:

– Eu vim antes, assim que nos falamos, mas percebi que estava sendo seguida.

– Seguida? Por quem? – Ethan se pôs em alerta.

– Não a conheço.

– Uma mulher... – ele murmurou como que para si mesmo.

– Sim – Joly confirmou seu resmungo. – Não a vi com nitidez, mas a silhueta era feminina e completamente estranha para mim.

Dana ouvia a tudo em silêncio. Não sabia sobre o que conversavam. Quem se interessaria em seguir Joly até a casa de Ethan? Ainda mais uma mulher? Certo, não entendia e não gostava.

– E então...? – Ethan a encorajou.

– Não sei qual era a intenção dela então a despistei e voltei para meu apartamento. Esperei que Thomas voltasse para vir novamente. Saí na frente e ele me seguiu à distância para o caso dela aparecer. Nesse momento Thomas está nos cercando somente por precaução.

– Então ela não apareceu?

Ethan sentia-se expectante. Andava atrás do sofá, às costas de Danielle, impaciente. Uma mulher? Questionou-se. Quem seria?

– Aparentemente não – respondeu a vampira. – Mesmo assim dei algumas voltas antes de chegar aqui.

– O que mais Joly? – Ele sabia que tinha mais.

A amiga olhou furtivamente para a jovem e mordeu o lábio inferior, indecisa.

– Acho que pode dizer qualquer coisa na presença de Danielle – Ethan falou ao perceber a dúvida da amiga. – Ela disse que estava disposta a ficar comigo, então precisa se acostumar a todo tipo de assunto. Não tente poupá-la de nada.

– Sendo assim... Devo dizer que a noite no seu bairro está agitada.

– Agitada? Fale de uma vez Joly!

– Bom... É que passei pela cena de um assassinato há algumas quadras daqui – ela o olhava ansiosamente. – Um policial.

Ethan nem ao menos piscou. Arrependia-se por ter perdido a cabeça, mas nada poderia fazer quanto àquilo. Agira no auge de sua loucura. E ali estava um bom momento para introduzir Danielle no seu mundo. Saindo de atrás do sofá, o vampiro foi até Joly de forma que pudesse ver a reação da humana e impassível declarou:

– *Mea maxima culpa!*

Dana seguiu Ethan com o olhar até que parasse ao lado de Joly e se perguntou se teria entendido quando ele declarou ter matado um policial, afinal a informação era de que ele não matava gente inocente. Mas algo na postura do vampiro lhe dizia que não houve erro. Ethan cometera sua “falha mais grave” provavelmente em sua segunda saída na noite chuvosa. Se ele esteve prestes a matar a mulher que amava, o que não faria a estranhos?

– Um policial, Ethan?! – exclamou Joly, alheia à significativa troca de olhares entre o casal. – Onde estava com a cabeça?

– Acredito que no momento eu não tivesse uma – ele respondeu ainda mirando Danielle, confirmando suas suspeitas. Aparentemente ele estava certo em não esconder suas ações. Ela sequer pestanejou ante sua confissão. Ao que parecia sua humana era mais forte do que pensava. Ou pelo menos se esforçava a ser.

– Mas que droga, Ethan! Poderia ao menos ter se livrado do corpo. – Ao se calar Joly olhou alarmada para Dana, como se recordasse de súbito que uma humana ouvia a conversa. – Dana esse assunto não é para você... Por que não faz como Ethan sugeriu e sobe?

– Acho que estou nessa agora – disse Dana, decidida. – Sei o que fazem e não vou me assustar facilmente.

Ethan lhe sorriu discretamente e Dana entendeu o gesto como um cumprimento. Sem que pudesse evitar sorriu de volta. Mais uma vez Joly olhou de um ao outro então revirou os olhos, exasperada.

– Que os deuses tenham piedade de mim!... Dois de vocês eu não aguento!

Ethan teria achado graça se um detalhe em sua narrativa não o perturbasse. De volta à seriedade, deixou o comentário passar sem resposta.

– Você disse que a noite em meu bairro *está* agitada... O que mais você viu?

– As ruas estão repletas de policiais. Não vi a outra cena, mas ouvi enquanto passava ao lado de uma das viaturas que estavam na cena do *seu* crime. Pelo que entendi, pouco mais de uma hora antes, encontraram outro corpo no Saint Nicholas Park.

– Estranho! Você foi seguida quando vinha até aqui... Isso nos leva a crer que tenha sido por nosso intruso, embora você ache que se trata de uma mulher.

– Era uma mulher – Joly foi categórica. Ethan prosseguiu como se ela nada tivesse dito:

– No entanto, outro assassinato ocorreu, aparentemente ao mesmo tempo...

– Ethan... – Joly arfou. – Você não está...

– Sim... Sempre tratamos por *nosso* intruso, mas ao que tudo indica temos mais de um vampiro desconhecido na cidade.

A dedução o deixou inquieto. A situação era pior do que imaginava.

– Onde estão os outros? Andrew? Seager? – Não confiava neles, mas até que se provasse o contrário eram seus aliados.

– Seager saiu hoje para sua viagem semanal de caça e Andrew...

– O que tem ele?

– Não saberei dizer. Ele está fora da cidade desde sábado e até agora não deu notícias.

– Uma semana sem notícias? – ele estranhou. Ao ver Joly assentir, indagou: – O que Thomas acha disso tudo?

– Apenas observa e espera que algo diferente aconteça. Como sempre não há nada que possamos fazer. O clima está tenso, mas estranhamente calmo.

Ethan não sabia o que pensar. Andando de um lado ao outro, impaciente, passou as mãos pelos cabelos. Gostaria de falar com Thomas, desculpar-se por tê-lo deixado sozinho em tempos difíceis, mas isso teria que esperar. Estava claro que não poderia fazer nada para ajudar ou resolver. Saber de tudo que acontecia à sua volta somente o deixou preocupado e reavivou o sentimento perturbador de inutilidade.

Depois de expirar profundamente, Ethan pousou os olhos em Danielle. Pelo menos algo de bom aconteceu em meio ao caos, ela estava com ele. Sem barreiras, mentiras ou segredos. Poderia protegê-la ainda que fosse preciso achar uma forma de proteger-se dela.

– Bem... – disse a Joly, subitamente cansado. – Concordo com o que disse ao telefone, também acho que nada mudará de uma hora para outra. Então é melhor voltar para seu apartamento. Amanhã irei até lá e conversaremos. – Ao se lembrar de algo, perguntou: – Você e Thomas não vão viajar?

– Não estava em nossos planos. Não queríamos deixar você sozinho.

– Agradeço, mas não será de muita ajuda se ficarem fracos. Acredito que não será problema – acrescentou ao notar que ela negaria. – Danielle está aqui comigo. Ninguém

sabe onde estou. Se o tempo continuar chuvoso, posso sair para me alimentar sem ser percebido.

– Tem certeza? Podemos nos virar por aqui com animais domésticos. E não se preocupe Dana – disse ao ver o olhar alarmado da amiga –, eu não tocaria naquele pulgento.

– Black não tem pulgas – ela retrucou. E agora que entendia a gravidade de tudo que conversaram ali, e percebia que ficaria com Ethan por tempo indeterminado, pediu: – Poderia cuidar dele, Joly? Basta trocar a água e colocar comida.

– Não se preocupe. Eu cuido daquele gato mal-educado.

– Obrigada.

– Bom... – Joly disse ao líder. – Vou conversar com Thomas e ver o que ele acha de fazermos uma breve viagem. Depois aviso.

Ethan assentiu e a acompanhou até a porta.

– Ah, já ia me esquecendo! – Joly estacou de súbito e levou a mão ao bolso do casaco de onde retirou um aparelho negro. – Isso é para você.

Ethan pegou celular e, sem olhá-lo, agradeceu.

– Não me agradeça – disse Joly. – Achei os restos de seu antigo aparelho quando fui à sua garagem. Os acessórios desse aí estão na bolsa de Dana.

– Sim, senhora! Agora... – novamente a encaminhou até a porta. – Boa noite!

– Boa noite, Dana! – Joly acrescentou antes de sair: – Acho que ainda vou deixar meu carro aqui caso precisem de um veículo decente.

Depois de fechar a porta, Ethan se voltou para Danielle, preocupado. Em um átimo deixou o celular sobre a mesinha e se sentou ao lado dela no sofá. Como sempre, ela escorregou para seu colo. Imediatamente Ethan a abraçou, deixando que o calor do corpo humano o envolvesse.

Com Danielle aninhada em seus braços ele olhou para o relógio fixado a parede; 3h10. Precisavam subir e descansar depois de toda inquietação. Porém Ethan não tinha ânimo. De olhos fechados, recostou a cabeça no encosto do sofá. Logo sentiu dedos delicados em seu rosto. O contato o acalmava, mas precisava de mais.

– Distraia-me – pediu num sussurro.

Capítulo Seis

Era estranho se compadecer de um vampiro, especialmente um que não demonstrava o mínimo arrependimento por matar, mas Dana o olhava com pesar. Já havia aceitado que aquela era natureza de Ethan, então, faria o que fosse preciso para reconfortá-lo. No entanto, não tinha a mínima idéia de como poderia distraí-lo.

– O que posso fazer? – ela perguntou a lhe acariciar o rosto.

Todos os assuntos que tinham em comum eram perturbadores. Novamente estavam na fase das descobertas e somente uma coisa lhe ocorria no momento, porém, mesmo em se tratando de Ethan McCain, não acreditava que ele esperasse ser seduzido.

– Converse comigo. – O pedido confirmou sua impressão. – Diga qualquer coisa que me faça esquecer, momentaneamente, tudo o que ouviu.

Incrível acreditar que vampiros pudessem ficar tão vulneráveis. A testa vincada denunciava sua consternação. Dana sabia que encontrar aquele intruso ao qual se referiam era extremamente importante para todos. Como se não bastasse tinham os seus próprios dramas, as revelações, a separação, a marca.

Dana procurou por algo que pudesse distraí-lo, qualquer assunto ameno, mas não encontrou nenhum. Especular sobre sua profissão estava fora de questão, pois lembrava que o tema foi vetado quando estiveram na praia. Também duvidava que seu pedido envolvesse assuntos referentes ao país ou com o que se passava no mundo.

– Acho sua casa bonita! – comentou ao ver-se sem opção.

– É sua! – Ethan sequer abriu os olhos.

– Minha casa, sua casa? É isso? – Dana sorriu ao lembrar que havia dito algo parecido.

– Não... – Ethan a encarou. – Somente *sua* casa!

– Isso não é sério? – ela uniu as sobrancelhas, escrutinando-lhe o rosto.

– Por que não? Você acabou de dizer que a considera bonita.

– Sim, mas... Não é porque não gosta dela nem porque eu a elogiei que vai dar sua casa para mim – comentou, chegando onde queria desde o começo.

– Joly precisa aprender a ficar calada. Uma vez a cada dez anos seria prefeito!

– Por que não gosta dessa casa? – especulou, rindo de leve ao comentário. Ethan tornou a fechar os olhos e Dana continuou os carinhos em seu rosto.

– Não gosto do que ela representa... Comprei-a, pois era parecida com a casa que morei com meu pai, em Chicago.

Novamente o silêncio. Talvez não fosse boa idéia ir por aquele caminho, afinal Ethan pediu que o distraísse não que o perturbasse mais.

– Ethan, não precisa...

– Providenciei para que ficasse exatamente igual – ele não a ouviu. – Mandeí virem alguns móveis, outros adquirir em antiquários, todos semelhantes aos que possuíamos.

Dana olhou em volta. Realmente aquela nunca seria sua primeira opção de decoração, mas todos os móveis, assim como a casa, eram lindos. Como observara, combinavam à perfeição com os 197 anos do proprietário.

– Não conheci a casa original, mas essa é linda! Agora me diga... Se você teve todo esse trabalho em criar uma réplica da casa de seu pai, por que não gosta dela?

– Como disse... – ele começou, voltando a encará-la. – Não gosto do que ela representa. Essa casa ficou idêntica a outra. Deveria me trazer boas recordações, contudo, consegui o efeito contrário. Esse lugar me lembra tudo que perdi... Todo o tempo desperdiçado por mim e meu pai. Depois o tempo que nos foi roubado quando...

– Quando...? – Dana perguntou expectante. Percebia que o assunto o entristecia, mas o ouvia fascinada e queria mais. Foi a vez de Ethan lhe acariciar o rosto.

– Quando mataram meu pai e a mim – respondeu, mirando-lhe a boca.

– Ethan...

– Não se preocupe. – Ele esboçou um sorriso que não chegou aos olhos. – Já faz muito tempo.

– Você... Você se importaria de me contar como foi. – Ela realmente gostaria de ouvir, mas se considerou invasiva. – Se não puder, tudo bem! Eu...

– Acho que não tenho problemas em contar como foi – ele a calou. Depois de beijá-la levemente, contou como havia perdido seu pai na noite em que foi transformado.

Dana ouvia em silêncio reverente. Prendendo a respiração, arfando ou suspirando a cada momento inquietante. Não gostou de saber como a vampira – Sabina – o transformou, mas não poderia se manifestar quanto a isso. Não era hora de sentir ciúmes, ainda mais de uma criatura que Ethan odiou e matou há quase 170 anos.

Alheio à sua possessividade infundada, Ethan prosseguia com a narrativa, lembrando o momento em que outra vampira – Raca – o marcou com um líquido em brasa. Involuntariamente Dana se encolheu como se a queimadura estivesse sendo feita em sua própria pele. Nesse momento Ethan se interrompeu e a olhou preocupado.

– Estou assustando você.

Não foi uma pergunta e a iminência de ficar sem o restante da história levou Dana ao desespero, pois sabia que Ethan simplesmente se calaria caso decidisse fazê-lo.

– Não – negou segura. – Apenas não gosto de imaginar como foi seu sofrimento, mas não estou assustada. Não pare, por favor!

Ethan a avaliou por um instante. Não queria parar, pois era bom contar sua história para ela.

– Como dizia... Já faz muito tempo. E foi ruim apenas na hora. Depois que despertei não sentia dor alguma, a não ser a queimação em minha garganta, a sede. Sem esse detalhe, era como se Raca não tivesse marcado minha carne a fogo.

Novamente Dana estava curiosa quanto ao desenho, mas não o mencionaria mais que o necessário.

– O que fez depois que as matou? – Com o coração pequeno no peito, perguntou: – Nunca mais teve contato com essa... Raca?

– Nunca mais. Por um tempo acreditei que ela viesse me procurar para tentar vingar as amigas, mas isso nunca aconteceu.

– Ethan – Dana falou sem nem amadurecer a idéia –, você não acha que essa mulher que seguiu Joly hoje possa ser essa vampira?

– Não creio! Depois de tanto tempo, o que ela poderia querer comigo? Vingança? Agora?... Pouco provável.

– Foi só uma idéia – Dana se desculpou. Respirando fundo, incentivou-o mais uma vez; estava adorando ouvi-lo. – O que fez depois que voltou do Brasil?

Mais uma vez Ethan a beijou de leve e retomou a narrativa, contando como foi sua volta para casa, quando se reencontrou com Thomas e como foi doloroso ter perdido a companhia do pai depois que finalmente haviam feito às pazes. Essa parte da história pareceu confusa para Dana, pois Ethan não havia dito o motivo pelo qual se desentenderam. Mesmo assim, finalmente ela pôde entender o desgosto pela casa atual.

Acomodando-se sobre o colo de Ethan, Dana olhou em volta. Tentando ignorar a mão que agora brincava com uma mecha de seu cabelo, analisou o cômodo espaçoso. Seus olhos foram atraídos para a parede com os quadros. Especificamente para o quadro com a mulher e a criança. Como – aparentemente – ele estava se distraindo com as lembranças, Dana arriscou prosseguir e saciar sua curiosidade.

– Você tem belos quadros aqui...

– Pergunte de uma vez, Danielle – ele liberou carinhosamente depois de levar uma mecha de cabelo ao nariz, fechar os olhos e cheirá-la.

– Certo! – anuiu Dana, desconcertada por ser flagrada em seus rodeios. – Gosto em especial daquele com a mulher e o menino. Quem é ela?

– Está tarde. O que acha de eu levá-la para dormir?

Sim estava tarde, ela estava cansada, mas uma vez que sua curiosidade estava desperta, não poderia dormir sem respostas. Ethan nada dissera, ainda assim Dana considerou ser alguém importante e na sequência, sentiu ciúmes. Ethan provavelmente teve mais mulheres do que Don Juan e Giacomo Casanova, juntos!

– Irei assim que me responder quem é ela – disse, falhando completamente em tentar disfarçar sua ansiedade.

Ethan analisou seu rosto por um tempo – ainda cheirando a mecha de cabelo – então a presenteou com um de seus melhores sorrisos.

– A informação parece ser valiosa... O que ganho em troca?

– Meu agradecimento eterno por ter respondido – ela retrucou enquanto sentia o conhecido calafrio cruzar sua coluna ante a nada sutil mudança de clima entre eles.

– Interessante! Mas é pouco...

Ao se calar Ethan correu as costas dos dedos pelo pescoço delicado. Dana fechou os olhos e suspirou quando o carinho chegou ao decote formado pela camisa do pijama. Após alguns segundos sem que nada acontecesse, ela abriu os olhos e encontrou Ethan encarando-a com... pesar?

– Pensando bem – ele recolheu a mão –, sua gratidão eterna é um bom pagamento pela informação. Sei que para você devo parecer um conquistador, mas acredite... Tive somente as mulheres que fora preciso.

– Pelo pouco que conheço de sua *precisão* imagino que você pareça exatamente o que sempre foi – retrucou mal-humorada. – Vai me responder ou não?

Dana insistiu por teimosia, pois se uma pergunta simples rendia todas aquelas voltas estava explícita a importância da tal mulher, então ela não queria saber. Talvez fosse uma esposa já morta. O menino talvez fosse um filho, também perdido. Com o pensamento Dana se recriminou por sua insistente indiscrição. Naquele instante poderia ter causado uma dor profunda sem que fosse sua intenção.

Lutava contras as lágrimas, procurando por palavras para se desculpar, quando Ethan liberou uma sonora gargalhada. Dana não se lembrava de ter ouvido outro som tão musical e perfeito, contudo não pôde apreciar a primeira vez que via o vampiro descontraído, pois se sentia mortalmente humilhada.

Sabia ser inútil, mas agiu instintivamente tentando sair de seu colo. Evidente que foi detida sem esforço por um Ethan que ainda se recuperava do acesso divertido. Magoadas,

ela evitou encará-lo. Porém ele segurou seu rosto firmemente e a beijou. Ainda ressentida, Dana tentou lutar, mas... Como resistir a Ethan?

Mesmo chorando agarrou-se ao pescoço do vampiro, separando os lábios para que a língua fria explorasse cada canto de sua boca. Sem romper a conexão dos lábios, Ethan a ergueu nos braços e seguiu com ela escada acima. Não correu. Andou na velocidade humana, sempre a beijando, roubando-lhe o ar e incendiando seu corpo. Quando foi deitada sobre a cama, Dana nem se lembrava como o desentendimento começou nem porque chorou. Tudo que conseguia pensar era que Ethan terminaria o que interrompeu no boxe.

Contudo, depois que se deitou ao seu lado, ele apenas a abraçou e a manteve junto ao peito, segurando sua mão sobre o próprio coração. Nada disse até que a respiração dela voltasse ao normal. Dana não entendeu como rejeição, mas se sentiu frustrada. Conformando-se que não teria Ethan como desejava, nem sua reposta, ocupou-se em sentir as batidas erráticas do coração dele. Estava realmente tarde e logo o cansaço a venceria.

– Justine – Ethan falou algum tempo depois, quando ela quase dormia. – Aquela no quadro é Justine McCain, minha mãe.

– Como pôde?! – Desperta, Dana se sentou para encará-lo. – Deixar que eu acreditasse se tratar de alguma esposa ou algo que o valha foi maldade sabia?

– Sabia, mas não pude evitar. Você fica irresistível quando está com ciúmes.

Como retrucar àquilo quando pensava o mesmo referente a ele? A diferença é que estar no outro lado do sentimento não era nada bom.

– Certo... Mas não faça novamente. Você sempre diz que as sensações são intensas para você, mas acredite... As que você provoca também são.

– Desculpe-me! – pediu com sinceridade.

– Bem... Sua mãe era muito bonita. Então aquela criança só pode ser você... Quantos anos você tinha quando ela morreu? Você só se refere ao seu pai...

– Você não se cansa nunca? – Ethan perguntou entre divertido e sério.

– Jornalista, esqueceu?

Ethan apagou a luz e puxou Danielle para seus braços.

– Depois de hoje não esquecerei – troçou antes de lhe beijar o alto da cabeça. – Vou contar então.

– Certo, mas antes... – disse ao se afastar. – Preciso de um instante. Volto logo!

Ethan assentiu. Dana o beijou levemente e correu até o banheiro. De volta ao quarto, depois de todos os procedimentos noturnos, viu seus chinelos aos pés da cama. Não era

preciso olhar para saber que sua mala deveria estar em algum ponto do quarto. Tentando não pensar no que aquilo implicava, Dana foi se acomodar ao lado de Ethan.

– Onde paramos? – perguntou depois de abraçá-lo.

– Onde eu lhe contava sobre minha mãe. Sim, minha mãe foi linda... E aquela criança sou eu, mas não a conheci. Ela morreu no dia em que nasci... Durante o parto.

– Sinto muito, Ethan!... Mas se não a conheceu, como estão juntos?

– Um amigo de meu pai achou que seria uma boa homenagem nos retratar e se permitiu essa *licença* de mau gosto.

Se as palavras não fossem suficientes para expressar seu desagrado, o tom usado por Ethan o confirmaria. Dana o ouviu em silêncio e logo soube o motivo. Ethan revelou sua origem bastarda com questionável indiferença. Disse não gostar da tela, mas por ser a única representação da mãe, a mantinha. Contou também sobre sua infância solitária, sem a presença daquele que sempre considerou ser seu pai – o senhor elegante do quadro que ficava à direita do de sua mãe.

Relatou como soube da verdade ao voltar para a casa paterna depois de formado. Tudo até que chegasse novamente ao ponto de sua transformação e dos motivos que o faziam odiar a casa. Naquele momento, depois de tudo que passaram aquela noite, o vampiro se mostrou inteiro para sua humana e gostou que ela o conhecesse um pouco mais.

∞

Dana se espreguiçou ainda entre os braços de Ethan, apreciando a temperatura que ela emprestava ao corpo dele, assim como às cobertas que cobriam a ambos. Aninhada como estava, descansada depois das horas de sono, Dana passou a admirar o rosto perfeito.

Sabia que Ethan não dormia, mas como permanecia de olhos fechados ela decidiu respeitar seu tempo. A noite anterior fora realmente agitada, então nada mais justo que ele se reservasse alguns minutos de paz.

Olhando a testa relaxada, Dana congratulou-se por ter conseguido distraí-lo e imediatamente se enterneceu ao recordar sua história. Saber dos detalhes mais íntimos do passado de Ethan confirmou sua importância para ele no presente. E no futuro, ela esperava.

– Eu já disse que é feio ficar encarando – disse ele, mansamente ao abrir os olhos.

– Também não é nada educado fingir dormir quando se está com uma dama – ela retrucou no mesmo tom.

– Ponto para você! – Ethan se moveu de súbito, obrigando Dana a deitar de costas e parou o rosto próximo ao dela. – Perdoe minha pouca educação. Ajudaria se dissesse que esperei tanto por esse momento que estava apenas desfrutando dele o máximo possível?

– Ajudaria... – Dana murmurou, afetada pelo ataque. Seu coração batia acelerado em expectativa, Ethan não avançou mais. Apenas sorriu.

– Obrigado! – disse ao se afastar. – Como prova de meu arrependimento vou providenciar seu café da manhã.

Ethan a estragou, pois tinha algo completamente diferente em mente, mas ao ter certeza de que somente ela pensava na diversão matinal, torceu o nariz e troçou para disfarçar seu embaraço:

– Não vai tentar me fazer comer peito de peru com pasta de amendoim, não é?

– Desisti da culinária. Carmem está preparando nosso desjejum. Posso ouvi-la na cozinha nesse exato momento. Não sente o cheiro de café? – perguntou provocativamente.

– Não sou a criatura com o olfato aguçado aqui, mas logo estarei tão afinada quanto você.

Ethan não retrucou, não poderia. Na noite anterior, depois de passar sua vida a limpo para ela, acreditou ter encontrado uma forma de burlar o poder das marcas iguais. Por não desejar enveredar por aquele assunto, somente se debruçou sobre Danielle, depositou um casto beijo em seus lábios e saiu do quarto, ignorando o olhar inquiridor.

Com Carmem na casa, Ethan teve de seguir na velocidade limitada dos mortais. E mesmo com esse cuidado, assustou sua empregada ao entrar na cozinha. Com a mão no coração ela se recuperou parcialmente do sobressalto antes de cumprimentá-lo:

– Boa tarde, senhor McCain!

Ethan retribuiu o cumprimento e, fingindo não notar o tom especulativo, aproximando-se da mesa que Carmem preparava para Danielle e ele. A mulher poderia não ser tão discreta como acreditou inicialmente, mas era competente. A arrumação exibia capricho e cuidado. Pena que não fossem usá-la.

– Fiquei em dúvida se arrumava aqui ou lá na sala de jantar, então... Como vi que usaram a cozinha durante a noite, achei melhor arrumar aqui mesmo.

– Obrigado, mas não faria diferença. Prefiro que arrume tudo numa bandeja. Seria possível?

Ethan sorriu ao ouvi-la resmungar algo sobre todo o trabalho que teve por nada, baixo o suficiente para que ele não ouvisse. Era bom ter algum divertimento, então, para puni-la pela velada insubordinação, passou a olhá-la fixamente. Logo Carmem estava intimidada, trêmula, com o coração descompassado. Sim, aquilo foi divertido, mas não durou.

Com a bandeja arrumada pela atabalhoada criada, Ethan se aproximou para iniciar a primeira etapa de seu plano. Era sua intenção pedir a Danielle que ficasse em casa quando ele retornasse ao escritório e pelo tanto que a conhecia, sabia que não seria atendido. Seria preciso olhos e ouvidos extras.

– Carmem! – chamou-a para que ela o encarasse e ditou a ordem: – Na minha ausência, ninguém entra sob qualquer pretexto, somente a Sra. Miller. A Srta. Hall não deve sair. Caso queira, tente fazer com que mude de idéia. Mas não deve impedi-la. Se ela sair me avise imediatamente.

– Sim, senhor – Carmem aquiesceu sem hesitar.

– Agora pode ir para sua casa. Se precisar de algo, eu a chamarei.

Com sua tarefa cumprida, Ethan pegou a bandeja e retornou ao quarto. Encontrou Danielle de volta à cama. Estava com os cabelos úmidos apenas pelo vapor do chuveiro e lhe sorria. Linda! Para seu contentamento, vestia novamente a parte superior de seu pijama. O gesto simples era carregado de simbolismo para ele. Estavam realmente juntos, eram íntimos.

– Certo! – Dana disse ao verificar tudo o que vinha na bandeja. – Realmente não foi você que preparou essas coisas, pois tudo combina, mas aqui tem comida demais.

– Não se esqueça que para todos os efeitos vou acompanhá-la – lembrou-a, pegando uma fatia de presunto cuidadosamente enrolada para levá-la à boca.

– Sei que vocês comem. Eu já almocei com Joly, mas... É estranho ver você fazer isso agora que sei de sua condição – Dana comentou enquanto ele mastigava.

– Sempre apreciei presunto. Estava com saudade do gosto. Ainda temos nosso paladar e isso de certa forma é algo bom, afinal, precisamos manter as aparências. Mas comida não nos atrai. Nosso organismo pede sangue apenas.

– Joly já explicou. Por isso é estranho... Assim como é estranho que beba. Duas garrafas de uísque, Ethan? Sério?

– Foram necessárias – retrucou impassível, preferia esquecer esses detalhes. – O bolo parece delicioso.

Ao entender a deixa, Dana se calou. Estava mesmo com fome, então experimentou um pedaço de bolo. Ethan assistia cada gesto atentamente, desconcertando-a.

– Não vai ficar aí parado me olhando comer, não é?

– É uma dúvida?! – Ethan simulou espanto. – O que tem demais olhá-la?

– O problema é o que tem de menos. Menos privacidade. Menos coordenação. Com certeza logo vou derrubar alguma coisa sobre a cama ou me engasgar.

– Carmem troca os lençóis e sou familiarizado com a manobra *Heimlich*.

– Muito bem, espertinho! Mas ao menos converse comigo, não fique só olhando.

– O pedido é justo! O que quer que eu diga?

– Pode começar me falando como eu era... Quando me lembrei de Maria e Regina não senti como se o conhecesse, mas com Valerie foi diferente... Estou certa? – concluiu receosa.

Ele não gostava do tema, mas sentiu que devia isso a ela.

– Está certa, foi diferente... Conheci Valerie Hernandez em 1879. Num bairro boêmio de Paris. Era inglesa, tinha vinte anos e morava na cidade há três. Havia fugido de casa e como não encontrou nada mais decente para fazer se tornou uma... Dama de companhia.

– Prostituta – corrigiu Danielle, totalmente envolvida na história.

– Queria ser gentil, mas... Sim. Uma prostituta de luxo.

– Nossa!

Ethan olhou para ela tentando perceber algum detalhe que lembrasse sua primeira versão, e não viu nenhuma semelhança que a aproximasse de Valerie. A prostituta tinha quadril largo e seios tão fartos que praticamente saltavam dos decotes generosos que costumava usar. Danielle nem mesmo se parecia com Regina, sua versão antes de Maria.

Quanto à francesa, todas as vezes que Ethan procurou por companhia de cortesãs nunca a escolheu, mesmo que ela lhe chamasse a atenção.

Por algum motivo desconhecido, receava fazê-lo. Invariavelmente, valia-se de uma desculpa e copulava com outra mais bonita, mais alta, mais magra, mais *não Valerie*. Era atraído por ela, mas a mantinha a distância.

– Naquela época eu já havia decidido... *caçar* somente determinado tipo de pessoa e foi em uma dessas caçadas que me aproximei dela. Já a conhecia da casa onde trabalhava, mas nunca fiquei com ela. Quando verdadeiramente a conheci, ela estava para ser atacada por dois homens. Eu a fiz dormir e os matei – disse mirando o vazio.

– Você a salvou – murmurou Danielle como se tentasse se lembrar dos mesmos detalhes.

– Sim. Não sei dizer, mas vi algo que nunca tinha reparado antes, talvez em seus olhos. Pode soar estranho, pervertido até, mas, depois do acontecido eu simplesmente precisei ficar com ela. – Ethan poderia ter parado ali, mas se sentia compelido a ir além. – Infelizmente, quando estávamos no quarto reservado e a despi, descobri a marca. Não era idêntica a minha, mas muito próxima. Bem... Como já sabe, não pensei a respeito, apenas agi. Não me orgulho, porém não me arrependo.

– Sei disso – disse Danielle, trêmula.

– Preferia que eu não tivesse contado?

– Eu perguntei não foi? E como também já disse, não tem com o que se preocupar... Isso tudo é passado. Estava apenas curiosa. E agora confirmei porque sempre tive medo de você depois que no conhecemos. Era uma defesa instintiva me avisando para ficar afastada.

– Mas você não ficou. – Os olhos verdes brilharam significativamente.

– Não tive muita escolha, não é mesmo?

– Não teve porque eu também não tive – disse intimista. – Já expliquei o que senti quando a vi. Gostaria apenas de saber onde essa marca se encaixa na história. A da moça do quintal também não era exatamente idêntica, era como se tivesse evoluído. Com mais detalhes similares. A sua é a cópia fiel. No entanto, sua tia não tinha nenhuma.

– Na verdade, tinha. A dela ficava nas costas. Segundo minha mãe, exatamente igual a minha.

Aquilo era novo. Anos e anos acreditando ter cometido uma falha e agora descobria que não errou. Apesar da descoberta, Ethan não se sentiu aliviado de forma alguma. Cada vez mais entendia menos. A única certeza era a de que a marca realmente evoluiu em cada uma de suas prometidas e que tinha, sim, um significado para tanto.

Com a constatação os pelos de Ethan se eriçaram. Puro reflexo, pois já havia encontrado um jeito de Danielle nunca ser uma ameaça. Recuperado da reação, estendeu a mão e ajeitou uma mecha de cabelo dela atrás da orelha, excitando-se com o breve contato das peles.

– E a sua veio mais clara, num ponto de difícil visualização – disse intimista. – O destino se encarregou de me deixar vê-la somente quando ficaria sem ação. Agora entendo a razão... Precisávamos encerrar esse ciclo, juntos.

Dana não tinha palavras, novamente considerando insólito fazer parte daquela história. Ethan por sua vez, sem se importar que ela tivesse terminado de comer ou não, tirou a bandeja da cama. Falar sobre a marca o instigou.

– Acho que estou preparado para vê-la novamente. Mostre-me!

Não era sua intenção induzi-la, mas pareceu ter feito. Danielle se deitou sem hesitar e, sempre o encarando, começou a desabotoar a camisa de seu pijama de baixo para cima. Naquele instante Ethan soube que ela não estava sob sua influência, pois seu coração acelerou de forma perturbadora. E ela não abriu a camisa por completo, somente o suficiente para expor seu ventre e quadril então abaixou a lateral da calcinha. Ethan via a marca, porém estava envolvido demais para se contentar com tão pouco.

– Sem barreiras.

O coração humano bateu ainda mais rápido, contudo Danielle novamente não hesitou. Logo despiu a calcinha e a atirou ao chão. E lá estava ela! A marca infernal maculando a pele perfeita de Danielle. Sim, era maldita, mas naquele momento tinha o poder de incendiá-lo como tudo em sua humana. Curvando-se sobre ela, Ethan analisou o desenho atentamente.

Conhecia os riscos de cor e, mesmo que odiasse a sua, agora que seu medo estava controlado, começava a apreciar a dela. Tanto que ao dar por si já a contornava com a língua, lentamente.

– Ethan... – Dana gemeu surpresa, abrindo-se, oferecendo-se.

Ethan não se faria de rogado. Estava miseravelmente enrijecido desde que ela se despiu, então bastou se livrar da calça do pijama para aceitar o convite irrecusável. Escrutinando o rosto corado, ele os uniu e se moveu com vigor, terminando o que começou na noite anterior, quando quase... Lembrar o que esteve prestes a fazer inflamou-o mais.

– Ethan... – Dana arfou, abraçando-se a ele.

– Dance comigo – ele pediu roucamente. – Acompanhe-me.

Dana o obedeceu, movendo o quadril sob ele até que algo em seu corpo e em sua mente explodisse em mil cores.

– Amo você, Ethan!... – ela sussurrou muito trêmula.

– Eu amo você, Danielle!

Dana sorriu languida e docemente. Quando Ethan se estendeu ao seu lado, ela juntou forças e se apoiou sobre seu peito para encará-lo.

– Então, justamente porque nos amamos, não devemos dar importância a essa marca. Eu jamais seria capaz de fazer qualquer mal a você.

Ethan sabia que não faria, pois ela nunca teria força suficiente para tanto.

Capítulo Sete

Uma vez que o ciclo se encerrou e Ethan domou seu medo, poderiam viver em paz, Dana pensou contente. De preferência recuperando todo o tempo perdido nos dias, anos, vidas anteriores. Estava claro que eram almas gêmeas e quando a transformasse eles ficariam juntos eternamente. Por essa razão quis confirmar que nunca o machucaria e foi o que fez.

Como olhava diretamente para Ethan, pôde ver a sutil transformação pela qual seu rosto passou. Antes, ele estava apenas agitado pelo sexo recente. Porém, gradativamente uma sombra de preocupação baixou sobre sua feição, tornando a testa vincada, deixando o olhar sombrio.

– Sei disso – disse sério, enigmático. A afirmação não combinava com a postura rígida. Dana juntou as sobrancelhas e ergueu o dorso para encará-lo, receosa.

– Ethan, o que foi? Ainda acredita que haja uma maldição?

– Caso haja, esta perdeu a importância.

E mais uma vez lá estava a contradição entre fala e expressão! Mesmo assim Dana sorriu.

– Fico feliz que pense assim. Seria um absurdo acreditar que eu faria algo ruim a você.

– Não fará – Ethan assegurou, sustentando-lhe o olhar –, pois cuidarei para que nunca tenha força suficiente.

Intrigada, totalmente livre das sensações que Ethan lhe provocou, Dana se ajoelhou e se cobriu, abraçando as laterais da camisa dele sobre seu dorso. Precisava entender o que se passava pela cabeça do vampiro, pois se recusava a acreditar naquilo que tinha entendido.

– O que quer dizer com isso? – perguntou num fio de voz. Para seu infortúnio, dessa vez ele respondeu de pronto:

– Antes de tudo, quero que saiba que minha intenção sempre foi transformá-la assim que me aceitasse como sou, mas diante desse fato novo, não o farei.

Dana precisou de alguns segundos para processar a informação. Como Ethan esperava que ficassem juntos para sempre se ela não fosse como ele? Abalada com a revelação e já temendo o futuro, seu coração passou a bater descompassado. Ethan pretendia mesmo deixá-la envelhecer e morrer? Desejava-a, porém por tempo determinado. Amava-a, mas não confiava nela... Era isso?

– Não está falando sério – disse embargada.

– Nunca falei tão sério em toda minha existência – Ethan assegurou.

Sem pensar, Dana saiu da cama. Ethan não tentou detê-la. Abraçada ao próprio corpo, passou a andar de um lado ao outro, lutando com as lágrimas. Quando acreditou estar controlada, voltou-se para a cama e descobriu que Ethan tinha vestido a calça e estava sentado, encarando-a, impassível.

O olhar inexpressivo teve o poder de atingir seu coração. Dana queria dizer tantas coisas, argumentar em seu favor, contudo se calou. Como era possível que Ethan a levasse ao paraíso para logo em seguida a puxar de volta à Terra de forma impiedosa?

Qual a novidade afinal? Sempre o considerou contraditório e agora sabia que era um vampiro movido a extremos. Deveria estar preparada para as mudanças vertiginosas.

Bem... Como Ethan dissera, não seria forte. Contudo poderia digerir a notícia longe dele. Resoluta, Dana foi até sua mala e procurou dentre as coisas trazidas por Joly algo decente para vestir.

Apressando-se, pegou uma calça *jeans* básica, uma blusa de malha vermelha e peças íntimas. Dirigiu-se ao banheiro, evitando olhar para Ethan. Caso encontrasse o mesmo olhar estoico, sucumbiria. Depois de se banhar e estar devidamente vestida voltou ao quarto.

Ethan se encontrava sentado no mesmo lugar e, como antes, voltou a assisti-la andar pelo cômodo. Evitando encará-lo, Dana seguiu até a porta e a abriu, decidida a sair. Logo descobriu que não seria fácil.

Como por encanto, Ethan se materializou entre ela e o corredor, apoiando um dos braços no batente, barrando-lhe a passagem.

– Achei que o banho levaria a infantilidade embora? – ele comentou duramente.

– Ah, eu sou infantil? – Dana juntou suas forças para encará-lo. – Se for esse o caso não estou sozinha nessa. Então sugiro que também tome um banho. Quem sabe funcione com você e a sua infantilidade em temer simples palavras não seja levada embora. Agora, se me der licença...

– Não diminua o que sinto! – soou ríspido. – Não foram simples palavras. Você não entende nada sobre meu mundo, assim como não sabe como foi difícil tomar essa decisão.

Ethan tinha vontade de chacoalhá-la. Não gostava de vê-la na defensiva; distanciando-se dele. Gostava menos ainda que ela menosprezasse seu temor. Não poderia ser condescendente por estar apaixonado. Danielle tinha que entender e respeitar sua decisão.

– Sim, acredito que tenha sido difícil... – ela replicou debochada. – Confiar ou não confiar, eis a questão!

Ethan desculpou seu tom por saber que Danielle estava magoada. Humanos eram sensíveis e invariavelmente usavam o ataque como defesa.

– Minha escolha não tem nada a ver com confiança. É somente lógica – ele a corrigiu apaziguador. – Pare de se torturar e pense Danielle. Eu a amo acima de todas as coisas. Evidente que confio em você, mas nada impede que faça algo não intencional.

– Toda essa história é tão absurda que chega a ser ridícula! – Dana lançou as mãos ao alto, exasperada.

– Já pedi para não menosprezar o que sinto – lembrou-a num ciciar, verdadeiramente irritado por ela não se importar com seu tom ameaçador.

– Talvez ajudasse mais se *você* não supervalorizasse palavras ditas por uma vampira maldosa num momento de raiva extrema.

Por um segundo as palavras dela chamaram sua atenção, mas logo as banuiu. Sabia o que ouviu e não mudaria o pensamento anos depois somente porque uma humana cética e magoada não entendia.

– Além do mais – ela acrescentou –, acho que não preciso de você para ser imortal. Posso pedir esse favor ao Thomas ou a Joly.

Involuntariamente rosnados se formaram no peito do vampiro. Não havia sofrimento que justificasse tal enfrentamento.

– Nenhum dos dois seria louco ou suicida.

– Você não faria mal a eles – Dana retrucou, inadvertidamente.

– Experimente! – Ethan praticamente rosnou, pegando-a pelos ombros. Danielle maximizou os olhos âmbar, tremeu sob suas mãos, porém ele não se importou. – É assim que devo confiar em você? Ouvindo-a dizer descaradamente que agiria contra minha vontade? Sua atitude deixa claro que estou certo. Alguém tão voluntariosa não seria capaz de conter seus impulsos.

– Está me machucando – Dana disse num sussurro. Imediatamente Ethan a soltou. Uma vez livre, ela passou a esfregar os ombros, sem encará-lo.

Ethan jamais a machucaria deliberadamente, estava preocupado que o tivesse feito em seu arroubo, mas não se desculpou. Danielle teve o poder de enfurecê-lo. Joly salientou várias vezes e agora ele via o quanto ela era impertinente. Melhor encerrar a discussão infrutífera antes que chegasse a um ponto insustentável.

– Conversaremos em outra ocasião – disse ao lhe dar passagem.

Sem retrucar nem olhá-lo, ela ergueu o queixo e saiu. Quando Danielle passou ao seu lado, Ethan refreou o impulso de segurá-la e jogá-la na cama para eliminar aquele ar arrogante da forma que melhor sabia. Contudo algo lhe disse que talvez, daquela vez, tudo terminasse de forma inesperada. E ainda que, talvez, ao invés de se irritar devesse se

envaidecer, pois com sua rebeldia, Danielle deixou claro que faria qualquer coisa para ficar com ele.

A esse pensamento Ethan domou seu mau gênio e segregou os sentimentos que Danielle lhe despertava. Seria melhor que ambos se acalmassem e até lá, ele se ocuparia de assuntos práticos. Agora que estavam juntos, era hora de voltar definitivamente para onde nunca deveria ter saído.

∞

Com os ombros mais a queimar do que a doer, Dana chegou ao térreo e seguiu diretamente à cozinha. Sua intenção era tomar um copo com água para se acalmar, mas ao reparar com as duas portas que havia visto na noite anterior, mudou de idéia. Curiosa, testou a maçaneta da primeira e a abriu.

Bem, definitivamente não existiria um cômodo como aquele na versão original da casa de Chicago, uma sala de TV, clara e moderna. Dana não se demorou e, fechando a porta, foi para a seguinte. Descobriu um gabinete. Depois das estantes repletas de livros, o que lhe chamou a atenção foi o computador sobre a mesa de trabalho.

Joly havia trazido seu netbook, mas escrever e saber o que se passava além dos muros que a cercava num parêntese maior e melhor não só a distrairia como seria muito mais interessante. Sem cogitar pedir permissão para usá-lo Dana o ligou. Enquanto esperava por todo processo inicial, passou as mãos pelos cabelos e bufou exasperada.

Ainda não acreditava que deixara seu mau gênio aflorar justo na frente de Ethan. Sabia que sua atitude não ajudaria em nada para fazê-lo mudar de idéia, mas ele realmente a tirou do sério. Ao que tudo indicava ser imortal não mudava muito a mente masculina, na verdade somente piorava. Como Ethan podia ser tão obtuso?

Certo, obtuso não era a palavra. O termo correto seria cabeçudo, pensou mal-humorada. Melhor esquecer aquele assunto e tentar ocupar a mente. Talvez refizesse a matéria sobre o Dia de Ação de Graças. Estava em falta com sua editora e agora que as coisas estavam em boa parte resolvidas, melhor seria que retomasse sua vida. Especialmente por estar de volta à sua área.

Recordar o jornal amoleceu seu coração. Não tinha o direito de duvidar do amor de Ethan tanto quanto cobrava a mesma atitude dele. Precisava respirar, colocar os pensamentos em ordem para poder argumentar com coerência quando estivessem mais calmos, sem a influência recente dos acontecimentos, sem discussões.

Decidida, dedicou toda sua atenção ao computador. Era moderno e tinha uma boa conexão com a internet. Antes de qualquer coisa, Dana resolveu checar seus e-mails, algo que há dias não fazia. Há dias sequer vivia, pensou.

Ao abrir a caixa de entrada se enregelou ao se deparar com um e-mail enviado por Paul. Era recente, de dois dias apenas. Imediatamente moveu a seta e o excluiu. Não tinham assuntos em comum.

Na sequência abriu os e-mails de sua mãe. Nos dois primeiros Stacy contava as novidades de Albany, nos dois seguintes perguntava por ela e comentava o tom alheio ao telefone e no último ameaçava vir à Nova York caso não a respondesse até... Dana olhou a data no canto da tela. Amanhã!

Imediatamente começou a redigir uma resposta com pedidos de desculpas no qual contava, parcialmente, os problemas recentes, usando-os como desculpa para sua alienação. Estava no meio de sua *carta*, quando sentiu os pelos de sua nuca se eriçar. Estava sendo observada!

Depois de minimizar a aba, cruzou os braços sobre a mesa e olhou em volta, escrutinando a sala vazia.

– Sei que está aqui – disse segura.

Imediatamente pôde ver Ethan recostado ao batente, sério, com os braços cruzados como se sempre estivesse ali. Dana sabia que não era o caso. Ele estava totalmente vestido. Usava calça cinza chumbo e camisa preta, o cabelo estava devidamente penteado. Para seu infortúnio, era desnecessário acrescentar que estava *absolutamente lindo*!

– Não preciso dizer que também não é educado ficar xeretando o que as pessoas escrevem – ela resmungou, tentando ignorar as batidas traidoras de seu coração.

– Não é uma jornalista? Pensei que escrevesse para as massas.

– As massas podem ler o que escrevo depois de impresso, não antes. E nunca, nada que seja pessoal. E ainda não sei se quero falar com você, então... Gostaria de ficar sozinha, por favor.

Dana notou que Ethan travou o maxilar. Não gostou da expressão, pensou em se desculpar, mas as palavras não vieram. Ela estava com a razão. Se começasse aquele relacionamento cedendo sempre para não magoá-lo, seria atropelada pelas vontades do vampiro.

– Não se preocupe – tranquilizou-a. – Terá toda privacidade necessária para responder à sua mãe.

– Eu sabia! – Ela o encarou acusadoramente. – Estava lendo.

– Evidente que sim – confirmou inabalável. – Nunca escondi que tudo sobre você é de meu interesse.

– Certo. Vou levar em conta que *isso* – ela indicando aos dois – é novo para você. Depois conversaremos sobre limites e individualidade.

– Perfeito! Adoro novas expressões, novos conceitos! – Ethan retrucou, simulando entusiasmo. Dana abriu a boca para replicar, e ele não permitiu. – Assim como adoro nossas conversas, mas como você disse anteriormente, deseja ficar sozinha... E eu preciso sair.

– Vai sair... Sair de verdade?! – Dana levantou-se, alarmada. – E vai me deixar aqui?

Ethan sorriu, satisfeito com a reação, vitorioso. E que se danasse, Dana pensou. Ele poderia se vangloriar quanto quisesse. Estava magoada, queria ficar longe, mas não ser deixada sozinha e não se envergonhava em demonstrar.

– Estive fora por tempo demais – Ethan esclareceu enquanto avançava pelo escritório. Ao contornar a mesa parou diante de Dana. – Vou até o NY Offices ver como estão por lá, depois vou até meu apartamento... Volto logo. Prometo!

– Eu poderia ir junto – ofereceu-se, esperançosa. Ethan alargou seu sorriso, porém voltou à seriedade.

– Prefiro que fique aqui. As coisas estão confusas... – ele a olhava atentamente, cada parte de seu rosto, como se o gravasse na memória. – Não posso me distrair com sua presença.

– Prometo me comportar.

– Acredite, quem não se comportaria seria eu. Como disse, volto logo.

– Ah... Está certo! – Dana exclamou. Exasperada, tentou virar o rosto para que Ethan não visse a frustração em seus olhos. Ele não permitiu, segurando-a pelo queixo, gentilmente.

– Vou chamar a Carmem. Ela pode lhe fazer companhia depois que arrumar suas coisas no meu guarda-roupa.

– Arrumar minhas coisas? – Dana juntou as sobrancelhas. – Acho que não é necessário.

Dana de fato não via a necessidade. Afinal, se Ethan não gostava da casa, com certeza logo voltaria para a cobertura. E ela iria para seu próprio apartamento, não iria?

– Ela arrumará mesmo assim – insistiu sombrio. – Depois virá ficar com você.

– Não preciso de companhia, obrigada!

– Não citei opções. – Antes que ela retrucasse Ethan a beijou. Dana tentou resistir, e falhou. Porém, quando fez menção de abraçá-lo, ele a afastou. – Volto logo – assegurou e se foi.

Dana ainda se perguntava o que realmente havia acontecido naquela sala ao ouvir o ronco da moto. Ainda estava de pé, mirando a porta, quando Carmem apareceu, sorridente.

– Vou subir para arrumar umas coisas e logo venho ficar com a senhorita.

Dana despertou de seu torpor, piscou algumas vezes e, depois de resolver que nada adiantaria dizer que não era preciso, retribuiu o sorriso e assentiu. Sem nada dizer, a empregada se foi. Conformando-se, Dana voltou ao seu e-mail. Agora, mais do que antes, era preciso ocupar a mente.

Ethan focou sua atenção no vento que batia em seu rosto para que se distraísse. Adorava provocar sua bruxa, mas a discussão perdia toda a graça quando tropeçava em assuntos sérios. E estava claro que estes ainda seriam muitos a resolver. A objeção de que suas roupas fossem colocadas junto às dele perturbava-o mais do que a explosão por não ser transformada.

Danielle não via? Não eram como os outros casais. Não precisariam passar por todas as etapas entediadas dos relacionamentos convencionais. O que precisavam – não somente por amor, mas por segurança – era permanecerem juntos.

Com esse pensamento, Ethan chegou ao edifício. Depois de estacionar sua moto ao lado da SW4, seguiu para o elevador. Sentiu como se houvesse se passado anos desde a manhã de sexta-feira, última vez que esteve ali; logo após a fuga de Danielle. Quando acreditou ser capaz de viver sem ela e foi até seu escritório como se aquela fosse uma manhã de trabalho como outra qualquer e pudesse representar em seus “atos” como sempre fizera.

Na ocasião, até mesmo sua sala debochou de sua inocência em acreditar em tal disparate. O escritório ainda tinha o cheiro dela em cada canto, ele mal foi capaz de ocupar sua cadeira. Tal presença marcante teve o poder de dilacerá-lo ainda mais por saber que Danielle não o procuraria. Foi quando a realidade o atingiu completamente e fez com que se exilasse na casa maldita.

Águas passadas Ethan, disse a si mesmo. Estava com Danielle agora, ficaria com ela pelo tempo que os deuses lhe permitissem e, assim que se livrasse de seus inimigos, seria feliz e faria sua humana tão feliz quanto. Ethan sorriu, satisfeito com seu arranjo, porém logo seu contentamento se esvaiu.

Quando as portas de seu elevador se abriram no andar dos escritórios, um cheiro familiar o inquietou. Em largas passadas foi para o corredor que levava às outras salas. O odor não era desconhecido, não era errado senti-lo, porém não era para estar ali. Joly dissera que o vampiro estava fora da cidade, então...

– Senhor McCain! – Seager o cumprimentou assim que assomou à porta.

– Boa tarde, Seager! – Ethan o olhava com atenção. O vampiro levantou e se aproximou com a mão estendida.

– Fico feliz que tenha voltado de sua viagem, senhor.

– Obrigado! – Ethan aceitou a mão estendida. Após um breve e firme aperto, Seager se afastou e colocou as mãos nos bolsos da calça.

– Joly não nos disse para onde o senhor foi – comentou. Em tom divertido, acrescentou:
– Como se fosse algum segredo.

– Não era segredo, apenas não era da conta de ninguém – replicou seco.

– Sim. Evidente...

Retirando as mãos dos bolsos Seager voltou ao seu lugar, atrás da mesa de trabalho. Ethan se aproximou e relanceou o olhar para os papéis dispostos. Apenas folhas de um processo. Ethan achou melhor não mencionar o comentário de Joly.

– O que faz aqui?... Esperava vê-lo somente na segunda-feira.

– Eu tinha de analisar este processo. Resolvi fazê-lo agora.

Ethan não sabia o que pensar nem conseguia decifrar o olhar do vampiro. Seager parecia verdadeiramente satisfeito em vê-lo, mas também havia certa ansiedade. Poderia ser impressão sua, mas a cada meio minuto Seager lançava um olhar furtivo para seu aparelho celular, deixado sobre a mesa. Seria inútil perguntar.

– Não vou distraí-lo mais. Volte aos seus afazeres, não quero atrasá-lo.

– Sim, senhor.

Sem nada acrescentar, Ethan saiu da sala. Para ele estava claro que Seager esperava por alguém ou ao menos uma ligação importante. Para confirmar suas suspeitas, quando estava no final do corredor, ouviu o aparelho tocar. Antes que se concentrasse para escutar a conversa, um de seus funcionários humanos o descobriu ali e foi até ele.

– Senhor McCain! Que bom vê-lo de volta!

Ethan tentou ignorá-lo e ouvir a voz de Seager. *“Não acho prudente e...”*

– Bem-vindo! – a voz do homem se sobrepôs a do vampiro, não permitindo que ouvisse nada mais. Ethan o encarou seriamente, mas resolveu que não deveria culpá-lo, porém, também não via motivos para ser gentil.

– Obrigado! – agradeceu secamente.

Impaciente, dispensou o humano que lhe lançou um sorriso incerto e se foi, levando com ele a chance de seu chefe ouvir a conversa unilateral. Contrariado, Ethan seguiu para seu escritório. Ao chegar à antessala, deparou-se com a funcionária encarregada da limpeza. Cumprimentou-a e incontinentemente estacou. O cheiro estava em todo lugar... Fraco, encoberto pelos produtos de limpeza, mas não restavam dúvidas. Seager esteve ali na sua ausência.

Sem nem pensar, Ethan girou nos calcanhares e voltou ao escritório do vampiro. Não se surpreendeu ao encontrá-lo vazio. A mesa estava em ordem, como se tivesse sido usada há menos de três minutos. Ethan desejou segui-lo, mas precisava ser realista. Seager tinha a vantagem, e garoava. Mesmo que corresse escada abaixo, perderia o rastro ao chegar à rua.

Ethan bufou enraivecido e passou as mãos pelos cabelos. Tudo muito estranho. O que Seager poderia querer em sua sala? Definitivamente não poderia confiar em ninguém, pensou.

Resignado, voltou ao escritório. Passava pela faxineira quando a idéia lhe ocorreu. Em um átimo, Ethan olhou em volta e ao constatar que não eram observados, segurou-a pelos ombros, prendeu-a pelo olhar.

– Viu se alguém esteve em minha sala? – Após o débil assentimento, por saber de quem se tratava, Ethan quis outros detalhes. – Há quanto tempo ele saiu? Levava alguma coisa?

– Eles estiveram em sua sala, primeiro um, depois o outro e não levaram nada.

– Eles?! – Ethan franziu o cenho. Andrew e Seager?

– Não. Primeiro uma mulher muito bonita que me mandou esquecer e limpar sua sala. Minutos depois o Sr. Holmes.

Ethan a soltou como ela o tivesse picado.

– Essa mulher esteve aqui outras vezes durante minha ausência?

– Não que eu tenha visto, senhor.

A faxineira não poderia ajudá-lo mais. Liberou-a depois de ordenar que esquecesse o que viu. Imediatamente Ethan foi para sua sala. Dessa vez apurou os sentidos, tentando adivinhar outro odor que não fosse o do vampiro. Então, de súbito notas amadeiradas invadiram suas narinas e ele todo se eriçou muito pronto a saltar, defensivo, mesmo estando sozinho.

O cheiro era agourento e familiar. Não poderia estar ali, pois pertencia a uma mulher morta. Ele cuidou para que morresse rapidamente anos atrás. Aquele era o cheiro de Sabina. Impossível!

Imediatamente Ethan voltou a farejar o cômodo, inutilmente. O vampiro não sabia se agradecia ou mal dizia a falta de precisão. Não queria alimentar falsas pistas. Ainda mais uma que estava evidentemente ligada às inquietações da última noite. Ele poderia apenas estar influenciado pela marca de Danielle assim como a narrativa de como foi transformado. A verdade é que o odor de Sabina estava entranhado em sua memória, pois ele a teve em seus braços à beira do rio amazonense, durante todo o tempo de sua transformação. Era isso!

De repente sua sala se tornou pequena. Não havia o que pudesse fazer ali, sem Thomas, Joly ou até mesmo Andrew. Com isso Ethan deixou seu escritório e foi – pela escada – até sua cobertura. Ao entrar parou por um segundo. Sentiu como se muito mais que três anos tivessem se passado desde que a viu pronta pela primeira vez. A sala estava igualmente vazia; os reparos estavam prontos não restando um caco ou resto de madeira que lembrasse a cena de guerra que deixou para trás.

Ethan nem pôde apreciar a volta ao seu apartamento, mesmo que momentaneamente. O odor improvável ainda em seu nariz o incomodava além do que gostaria de admitir. A mente povoada de pensamentos díspares. Sem que percebesse seguiu até sua piscina. As

águas lhe pareceram convidativas, contudo não cederia ao chamado. Não estava sozinho e, definitivamente, não estava com ânimo sequer de perturbar ou constranger a pobre Martha com sua nudez.

– Senhor McCain, boa tarde! – ela o cumprimentou às suas costas.

Com as mãos nos bolsos, Ethan se voltou. Estranhou em encontrar um sorriso no rosto da serviçal, ainda que tímido.

– Boa tarde, Martha!

– Que bom que voltou! Depois de tanto tempo era estranho estar aqui sabendo que o senhor não viria.

Ethan apenas assentiu. Realmente era nova aquela atenção. Martha trabalhava para ele há anos e em todo esse tempo não trocaram mais do que os cumprimentos de praxe. Na verdade era como se a visse pela primeira vez.

– Bom... Fico feliz em vê-lo aqui, mas não o esperava... Ainda não terminei a limpeza. A senhora Miller disse que eu teria o dia de hoje e amanhã para deixar tudo pronto para a entrega de seus móveis novos. Se quiser posso deixá-lo...

– Não será necessário – cortou-a impassível. – Vim somente ver como estava tudo por aqui. Em breve sairei assim você termina sua tarefa em paz. Pode ir agora.

Estava claro que desejava ficar sozinho e sua empregada não se fez de desentendida. Com um último sorriso tímido e um aceno de cabeça, ela se foi, deixando-o com seus pensamentos.

Ignorando a presença humana, Ethan voltou a mirar a água de sua piscina, admirando sua placidez. Desejava que a mesma fosse possível em sua vida, mas não via possibilidade. O intruso, ou melhor, os intrusos estavam cada vez mais perto. O cerco estava se fechando!

Por um instante Ethan repensou sua decisão. Se Danielle não estivesse fortalecida teria que redobrar o cuidado, mas decidiu que assim seria. Não voltaria sua palavra atrás. Seria por pouco tempo. A proximidade dessa mulher, com certeza, traria o desfecho daquele mistério.

Depois que toda confusão terminasse, ele ocuparia todo seu tempo tornando Danielle uma mulher extremamente satisfeita, de forma que ela não se importasse de envelhecer ao seu lado. Ethan ainda olhava para a água quando sentiu um leve aperto no coração: era conhecido e não gostava dele. Ignorando-o, foi até seu *closet* onde mantinha um pequeno cofre. Dele retirou o que queria e voltou a trancá-lo, disposto a voltar para Danielle.

Capítulo Oito

De braços cruzados, parada junto à janela, Dana admirava o jardim. Desejava sair e explorá-lo, porém Carmem se pôs em seu caminho como um cão de guarda. Certo, era exagero!... A mulher nada mais fez do que argumentar que estava chovendo e que seu patrão não ficaria feliz com ela e a acusaria de não ter sido uma boa companhia caso ficasse doente.

A chantagem emocional valera, apenas porque Dana não desejava adoecer. Não agora que estava com Ethan e ansiosa para retomar sua vida na manhã de segunda-feira. Revisar seu artigo sobre o dia de Ação de Graças a animou. Queria voltar à redação, agora totalmente focada. Pronta, para fazer parte da “família” como disse Cindy.

– A senhorita deseja alguma coisa? – perguntou Carmem da soleira. – Mal tocou no café que o senhor McCain levou para o quarto. Vocês, jovens, não têm juízo. Não sei como vivem.

Dana sorriu com o comentário. No caso da falta de apetite de Ethan, se a pobre senhora soubesse, provavelmente sairia correndo da casa, quiçá da cidade. Estava prestes a dizer que não desejava nada, quando seu estômago protestou.

– Aceito um sanduiche e uma xícara de chá. – Ficar sem comer em nada a ajudaria. – Poderia levar para mim na sala de TV?

– Sim, vá se distrair. Levo tudo num instante.

Distração era o que Dana precisava. Na sala, encontrou o controle facilmente e, depois de acomodada, ligou a televisão. Zapeou pelos canais e ao não encontrar nada interessante, deixou no canal de notícias. Nada havia de novo na boa e velha terra do Tio Sam, descobriu. Economia desestabilizada, guerra ao terror, preparativos para o dia de Ação de Graças...

– Seu lanche, senhorita – Carmem anunciou ao entrar. – Se precisar de qualquer coisa estarei na cozinha, cuidado do jantar. Pensei em fazer aspargos com queijo e presunto cru como entrada e ensopado ao vinho ou massa... Talharim talvez. E pudim de claras para a sobremesa, mas se desejar pedir algo em especial... Não conheço os gostos do senhor McCain...

Muita comida! Dana apreciava a atenção e eficiência de Carmem, mas não via razão de ocupá-la quando seria a única a desfrutar da refeição que ela prepararia com tanto esmero.

– Tudo parece ótimo, mas esqueça a entrada e a sobremesa. Somente um prato vai estar ótimo! Gosto de massa... Ethan também – acrescentou rapidamente. – Talharim me parece uma boa escolha.

– Farei um que meus filhos adoram. Vocês estão precisando de algo substancial.

Estava evidente que a mulher apreciava ter a quem servir. Dana também estava satisfeita em estar ali, mesmo que já tivesse se desentendido com Ethan. Quando terminou sua leve refeição, levou a bandeja até a cozinha, depois foi até o andar superior escovar seus dentes.

Dana evitou olhar diretamente para a cama espaçosa para não agravar a falta que sentia de seu vampiro. Por que Ethan demorava tanto?

Logo estava de volta à sala de TV. Mais uma vez zapeou somente para cair na CNN. Em minutos reconheceu sua dispersão. E pronta a desligar a TV, quando um nome dito pelo apresentador chamou sua atenção. Dana pegou o controle e aumentou o volume.

... está desaparecido desde a noite de segunda-feira. A família ainda não descarta a possibilidade de sequestro mesmo sem ter recebido nenhuma ligação nesse sentido. A polícia segue com as investigações...

– Repita o nome! – Dana rogou.

... de toda forma, nós, do meio das comunicações, nos solidarizamos e deixamos aqui, nossos votos para que esse caso tenha um desfecho o mais breve possível. Editores conceituados como Billy Jones não podem simplesmente desaparecer sem que as autoridades não encontrem nenhum rastro. Até...

Dana já não ouvia. Billy desaparecido? Como Jeff. E Melissa morta. Poderia ser apenas coincidência? Pouco provável, ela considerou. Sem que percebesse estava de pé, andando de um lado ao outro. O que estava acontecendo? E onde estava Ethan afinal?

Mais uma vez se encontrava impaciente. Precisava sair, respirar ar puro. Apressada deixou a sala e seguiu para a porta principal, porém, mal havia girado a maçaneta ouviu a voz alarmada de Carmem que vinha pelo corredor:

– Senhorita, aonde vai? A chuva está mais forte agora.

– Não se preocupe. Só preciso de um pouco de ar.

Ao tranquilizá-la, saiu para o pequeno alpendre. Ao se recostar em uma das duas pilastras, cruzou os braços e respirou fundo. Ela não precisou olhar para saber que a empregada ainda estava às suas costas. Depois e um tempo mínimo ela finalmente se foi.

Para Dana parecia claro que os desaparecimentos eram obra do vampiro desconhecido, mas por que ele escolheria aquelas pessoas? Os três últimos eram seus conhecidos, porém não eram importantes para ela. Então, não poderia dizer que de certa forma o tal vampiro desejasse atingi-la para chegar até Ethan. Poderia?

Talvez estivesse procurando por chifres em cabeça de cavalo como diria seu pai. Pegando-se a esse pensamento, Dana entrou. O tempo passou sem que percebesse. Começou a sentir frio. A noite caiu rapidamente por causa do mal tempo. Onde estaria Ethan? Sentia sua falta.

Dana pensou em esperá-lo na sala, contudo deu apenas uma volta pelo cômodo e, ao se sentir observada por um Ethan em miniatura que lhe encarava tristemente do quadro, subiu ao quarto. Bastou entrar para ouvir o som da moto. Naquele instante Dana se esqueceu da briga, das mortes... Somente desejou poder ser rápida como o vampiro e correu porta afora.

∞

Há vários anos Ethan não caçava tão cedo, fora incômodo, porém necessário. Não se sentia inclinado a deixar sua casa duas vezes no mesmo dia. A boa notícia era que não foi seguido. Nem no trânsito nem ali no beco. O mal tempo ajudava a se manter em segurança. A única inconveniência era ser obrigado a encobrir o corpo sob pilhas de papelão. Joly já havia alertado sobre o medo crescente da população e com certeza já bastava sua contribuição na noite anterior para agravar um possível pânico coletivo.

Precisava encontrar aquele vampiro covarde e acéfalo – fosse de qual gênero fosse – e por fim às mortes desnecessárias antes que o caos se instalasse e a existência deles todos fosse revelada, pensou ao deixar o beco. Para se certificar de não ter sido seguido, Ethan deu algumas voltas ao chegar ao seu bairro e pôde constatar que o policiamento era intenso em algumas áreas. Pena que o aumento do contingente nas ruas de nada adiantasse para nenhum deles.

Uma vez em sua casa, estacionou a moto na garagem e seguiu para a entrada principal como qualquer mortal. Ao entrar, enquanto retirava o sobretudo úmido, deixou que o cheiro de Danielle lhe desse boas-vindas.

Repentinamente a casa não lhe pareceu tão odiosa ao considerá-la um lar onde encontraria a mulher que amava. Ainda saboreava a sensação reconfortante, quando percebeu Danielle, que vinha correndo escada abaixo. Teve tempo somente de virar e abrir os braços para recebê-la, pois de onde estava – ainda faltando descer quatro degraus – ela se atirou em sua direção. Caso não fosse forte, teriam caído com o impacto.

– Ethan! – ela murmurou em seu pescoço. – Você demorou!

Como seu cheiro, a declaração e o abraço inesperado, tiveram o poder de atordoá-lo. Não estava preparado para uma recepção tão calorosa. Imediatamente todo seu corpo se inflamou e ele a estreitou em seus braços.

– Estou aqui agora.

– Mas demorou... – ela choramingou ainda com o rosto em seu pescoço.

Para ele, por mais que adorasse tê-la em seus braços, aquela não era uma posição cômoda. Para distrair seu corpo, provocou-a:

– Devo entender que agora deseja minha companhia?

Danielle ergueu a cabeça para encará-lo, incrédula.

- Pensei que isso tivesse ficado claro quando pedi que me levasse com você.
- Ah! Perdoe-me... Eu não li nas entrelinhas.

Danielle juntou as sobrancelhas e o olhou como se avaliasse suas palavras.

– Certo. Talvez eu não tenha sido clara. Devia ter dito que estava apenas contrariada. E que não sou a melhor das pessoas quando fico assim, por isso acho melhor me afastar antes que acabe falando algo que não deva ou que me arrependa depois, mas...

Ethan a calou. Sabia perfeitamente como ela se sentia quando saiu do quarto, mas não concordava que quisesse ficar sozinha. Justamente por isso e pelo tempo que passou fora que não perderia tempo com provocações e justificativas quando podia beijá-la.

Com ela em seu colo, invadiu-lhe a boca com a língua sedenta. Dana gemeu, entregue, e apertou os braços em volta de seu pescoço. Os seios tocando seu peito eram como um convite que, infelizmente, não poderia aceitar. Quando separou as bocas, Danielle o encarou com os olhos em chamas, inquiridoramente. Sem dizer uma única palavra, Ethan apenas indicou o corredor com o olhar.

– Boa noite, senhor McCain!

– Boa noite, Carmem! – retribuiu o cumprimento antes de colocar Danielle de pé sob o olhar de espanto mal disfarçado de sua empregada.

– Eh... Desculpem interromper, mas é que... – Carmem começou embaraçada. – Terminei de preparar o jantar... Vim perguntar à senhorita à que horas posso servi-lo, mas já que o senhor está aqui.

– Ainda deve perguntar à senhorita. Ela é a dona da casa agora.

O vampiro se deleitou com o rubor que cobriu a face da humana. Imaginou por um momento que ela fosse contradizê-lo, porém Danielle não o fez. Apenas retribuiu o olhar de forma intensa. Melhor assim, pois não brincou. A casa lhe pertenceria assim como ele próprio e tudo mais que possuísse. Danielle não precisaria ser uma vampira para ser sua companheira. Deixaria isso bem claro, ainda aquela noite.

– Então... Senhorita – Carmem começou, após um pigarro. – À que horas posso servir?

– Se o Sr. McCain não desejar nada mais, você pode ir para sua casa. Eu mesma servirei o jantar quando sentirmos fome. Estou bem por hora e acredito que Ethan já tenha se alimentado antes de voltar para casa.

Ethan reprimiu um sorriso provocador. Se Danielle queria brincar...

– Realmente, já me alimentei – respondeu para a empregada, porém sempre encarando Danielle. – Minhas necessidades no momento são outras, então... Pode fazer como a senhorita recomendou e ir para sua casa. Sinta-se dispensada por hoje.

Bastou ficarem a sós para que Ethan a puxasse para um abraço, encarando-a seriamente.

– Como pôde se referir sobre minha alimentação diante de Carmem?

– Ela não tem como saber... – Dana disse arrependida de sua gracinha. – Mas eu não devia ter feito, me desculpe.

Ethan voltou a sorrir e a prendeu com maior força.

– Não me sinto magnânimo – declarou ao segurá-la pelos cabelos da nuca. – Não vou desculpá-la. Muito melhor será ensiná-la que não se deve salientar a saciedade alimentar de um vampiro.

Suas palavras coincidiram com o fechar da porta da cozinha. Estavam sozinhos. Era hora da lição.

∞

Dana andava de um lado ao outro na cozinha, pegando nos armários tudo que precisaria: um prato, talheres, uma peça de jogo americano feito de tirinhas de madeira. Usava uma calça *jeans* e uma blusa de flanela, ainda assim era como se estivesse nua sob o olhar fixo de Ethan. Tentando ignorar a inspeção olhou em volta. Talvez por sua expressão indecisa, Ethan tenha comentado.

– Se quiser eu posso chamar por Carmem. Ela pode servi-la.

Recostando-se contra a pia, Dana o encarou. Esteve evitando fazê-lo nos últimos minutos exatamente para que não ficasse como se encontrava agora, desejando-o novamente como se não tivessem acabado de descer do quarto. Ainda sentia o rastro de fogo em sua pele e em todos os pontos estratégicos onde ele beliscou ou mordiscou enquanto lhe ensinava que não devia fazer insinuações veladas sobre sua imortalidade.

E qual era o problema que ele tinha com as camisas afinal? Deveria ser proibido que homens como ele andassem com o peito nu na presença de pobres mortais como ela. Legal! Agora estava excitada, hipnotizada e não sabia ao que deveria responder.

– O que disse? – perguntou, sentindo seu rosto corar.

– Que os deuses me defendam de você, Danielle! – Ethan disse entre sério e divertido. Antes que Dana o compreendesse, ele repetiu o oferecimento roucamente: – Posso chamar Carmem se desejar. Ela pode arrumar a mesa e servir você.

– Ah... Isso! – exclamou, situando-se. – Vamos deixar que ela descanse. Com Carmem aqui você teria que fingir comer... Então... Não, obrigada!

– Não posso argumentar quanto a isso – ele concordou indo até ela –, mas eu arrumo a mesa para você. Nada de comer na cozinha. Essa noite é especial.

Ao se calar estava tão próximo que correu as costas dos dedos pelo rosto dela. Dana não entendeu o brilho que passou pelos olhos verdes como tampouco pode conter o frio que atravessou sua coluna. Ensaiaa ficar na ponta dos pés para beijá-lo quando Ethan se afastou, deixando-a trêmula e confusa, ainda encarando-a com os olhos brilhando intensamente.

– Sirva-se!... Eu providencio o vinho – disse indo pegar duas taças. – Espero você na sala de jantar, não demore.

Num piscar de olhos Dana se viu sozinha na cozinha. Aquilo não era normal! Ethan não fez nada e a deixou queimando. Com um suspiro, obrigou-se a pensar com clareza. Antes, ele havia dito que ela era a dona da casa e agora que a noite era especial. De repente um sorriso brincou em seus lábios. Seria possível que Ethan tivesse mudado sua decisão?

Animada, Dana se serviu e seguiu para a sala. Logo descobriu que Ethan realmente considerava a noite especial, pois, além de ter criado o clima ideal ao acender a lareira e velas, estava inacreditável e impecavelmente vestido – se desconsiderasse a falta de sapatos. Como sempre ele não veio em seu socorro. Ficou onde estava deleitando-se com seu constrangimento.

Somente quando chegou ao seu lado, ele retirou o prato de suas mãos e o colocou sobre a pequena esteira de madeira – em seu encantamento nem havia percebido que ele a trouxera além das taças. Estas já se encontravam servidas, dois castiçais iluminavam a mesa e seu rosto de anjo, deixando-o com um tom de dourado na pele clara. Antes que se movesse, Ethan puxou a cadeira para que se sentasse.

– Obrigada! – agradeceu sem jeito.

– Não por isso – ele retrucou, sentando-se ao seu lado, à cabeceira da mesa. Depois lhe entregou uma das taças com vinho. – Experimente, é um de meus favoritos.

Ao pegar a taça, Dana reparou como sua mão estava trêmula. Tentando se acalmar, agradeceu e provou do vinho. Seu aroma era marcante e o sabor... Bem, Dana não saberia dizer com certeza, mas lhe lembrava frutas vermelhas de um modo geral e não somente a uva utilizada no preparo. Fechou os olhos por alguns segundos, apreciando a bebida.

– E então? O que achou?

– Muito bom! Um dos melhores que já provei.

– Fico feliz que aprecie! – Ethan a serviu de mais vinho e troçou. – Acho que combinará com essas estranhas bolas de carne que tem no seu prato.

– Nem almôndegas você conhece?!... Tsc, tsc, tsc... – Dana maneou a cabeça. – Se eu estive na sua casa ensinaria uma ou duas coisas à cozinheira... E a Sra. Scott serviria meus pratos com prazer.

– Se estivesse na minha casa – ele começou ao segurar-lhe a mão –, eu não a deixaria na cozinha por tempo suficiente para ensinar o que quer que fosse à cozinheira. Agora coma!

Como não poderia persuadi-lo a deixá-la comer sem encará-la, suspirou e pôs-se a provar a receita familiar de Carmem, focada nos próprios movimentos. Alternava uma garfada de comida, um gole de água, outro de vinho. Tentou seguir esse padrão, concentrando-se em não engasgar, porém em minutos estava com os nervos à flor da pele. Descansando os talheres na lateral do prato, pediu:

– Poderia ao menos conversar comigo?

– Perdoe-me! Sobre o que quer conversar?

– Me explique como você funciona. – Ethan franziu o cenho e Dana se apressou em dizer:
– Bem... É que você come, dorme, seu coração bate mesmo que de forma diferente e nós... Bem... Você sabe...

– Fazemos amor.

– Isso! Então eu gostaria de saber se você pode... Além de todas essas coisas... – Dana se calou, indecisa.

– Pergunte Danielle.

– Eh... Você pode... Bem, nós podemos ter filhos?

Os olhos de Ethan, postos nela, escureceram e sua expressão se tornou taciturna, fazendo com que Dana se arrependesse.

– Desculpe-me, eu nem sei por que perguntei isso! – ao se calar, voltou a comer.

– Está tudo bem! É normal querer saber essas coisas.

A rouquidão na voz dele indicava que o normal seria manter sua boca grande ocupada. Naquele assunto bastava seguir a lógica – uma das poucas naquela história improvável –, afinal, seu anticoncepcional não foi formulado para prevenir gestações vindas daquele tipo de relação.

Se Ethan não fosse estéril, depois de tantas vezes que ficaram juntos, ela já estaria com o menininho de olhos verdes em seu ventre. Deveria verdadeiramente ter mordido a língua. Quando o silêncio se tornou opressivo e o talharim intragável, Dana tomou coragem, um gole de vinho para limpar a garganta e tentou introduzir outro assunto:

– Então... Como estava tudo por lá, no NY Offices?

– Estava nos seus planos? – Ethan inquiriu.

Dana sabia sobre ao que ele se referia e não se faria de desentendida. Respondeu sem hesitar para que não ficassem dúvidas:

– Não!

– Não precisa mentir para mim.

– Não estou mentindo! Perguntei por perguntar.

– É natural mulheres sonharem com a maternidade. – A rispidez cedeu lugar à gravidade. – Posso fazer qualquer coisa por você Danielle. Dar-lhe o que me pedir... A jóia mais valiosa, o mais raro dos perfumes... Se não existir o que deseja eu sou capaz de criar para você, mas não posso lhe dar filhos legítimos.

Dana não gostou daquele novo tom assim como não gostou do anterior. Além de se desculpar Ethan pareceu pesaroso, deixando-a ainda mais arrependida. Não queria dele mais do que já tinha. Por isso, sem nenhum tremor na voz, ela estendeu a mão e tocou a dele, disposta sobre a mesa.

– Pode ser natural para a maioria, mas como tudo na vida, não é uma regra. E se fosse, eu seria a exceção! De verdade, nunca pensei nesse assunto. Estava apenas curiosa em saber como as coisas funcionam com você. – Então, imprimindo um tom jocoso à voz na tentativa de dissipar a nova tensão, acrescentou: – Afinal, precisava estar preparada para surpresas, pois não é todo dia que se tem a oportunidade de fazer amor com um vampiro.

Ethan a encarou por um instante, ainda sério. Como se decidisse que ela estava sendo sincera, desanuviou a expressão.

– Então seu namoro com o vampiro anterior era baseado na castidade?

– Você me pegou nessa! – ela lhe sorriu, aliviada. – Não houve vampiro anterior... Você é o primeiro e único em minha vida!

Dana não soube dizer o que poderia ter dito para que aquela nova sombra de seriedade nublassem os olhos de Ethan, tornando-o soturno.

De súbito, ele inverteu a posição das mãos e prendeu a dela. Sem que pudesse evitar, Dana sentiu seu coração acelerar gradativamente em expectativa. Ela não sabia o que esperava, mas decididamente não era vê-lo depositar uma caixinha preta sobre a mesa e deslizá-la em sua direção.

– Já que sou o primeiro e único em sua vida, o que me diz de ser a primeira e única da minha? Case-se comigo Danielle Hall.

Capítulo nove

Ethan conhecia a sensação de correr a uma velocidade alucinante ou de saltar de grandes alturas, mas nunca esteve vulnerável à força gravitacional de uma queda livre. Talvez o frio incessante em sua coluna e a leveza em seu estômago, fosse exatamente o que sentisse os amantes de esportes radicais ou valentes suicidas. E ele odiava aquela sensação.

Por várias vezes pensou em desistir do pedido depois da pergunta inoportuna. Evidente que ele nunca cogitou a possibilidade de a humana desejar um filho, visto que ele mesmo jamais pensou no assunto.

Para ele, os de sua espécie que fecundavam humanas eram criaturas doentias, afinal, era preciso assumir a forma feminina para armazenar o sêmen de homens humanos que se relacionassem com eles para que na forma masculina o repassasse para alguma incauta. O fruto dessa troca nem mesmo seria legítimo.

A esterilidade vinda com a transformação nunca fora um problema, pois jamais desejou ter uma família. E decididamente não iria querer filhos com Danielle. Sabia que sua vontade era extremamente egoísta, mas sempre, durante o tempo que eles estivessem juntos, iria querê-la somente para si.

Tanto que novamente ia contra suas convicções. Trouxera o anel que pertenceu a sua mãe para entregá-lo à humana. E agora, depois do pedido, estava como todo maldito humano deveria se sentir em situações como aquela. Parecia que horas haviam se passado até que Danielle reagisse.

– Ouvi direito? Você disse que...

– Quero que se case comigo – ajudou impaciente. – Então?

Ethan deveria ter imaginado que em se tratando de sua humana, não poderia esperar pelas duas únicas respostas possíveis: sim ou não. Qualquer uma delas seria tão “não Danielle”.

– Você mudou de idéia! – ela exclamou subitamente feliz. – Vai me transformar?

– Não, Danielle! Não mudei de idéia.

– Mas, então... – ela começou a recolher a mão. – Se não serei como você, por que quer se casar comigo? Como será daqui a dez, vinte anos? Será marido de alguém com aparência de ser sua mãe? Com mais algum tempo será casado com uma avó?

Ethan não sabia se preferia o tom arrogante do momento da discussão ou aquele totalmente entristecido.

– Bom... Na melhor das hipóteses, eu nem duraria tanto! – ela continuou. – Posso desenvolver uma doença terminal... Ou morrer em algum acidente de trânsito. Ser um vampiro viúvo seria melhor que um jovem amante de velhinhas.

– Retire o plural – ele pediu, tocando o rosto dela delicadamente. – Confio que você tenha uma saúde de ferro e não permitirei que entre para as estatísticas então será a única velhinha na qual terei interesse.

– Por favor, não faça piada! – ela rogou quase às lágrimas.

Decididamente ele preferia a arrogância; era muito melhor dobrá-la que consolá-la.

– Não estou fazendo piada – disse carinhosamente. – Apenas dizendo a verdade. Nunca olharei para outra mulher. Será sempre você até o fim.

– Esse é todo o problema – ela disse, sem conseguir segurar o pranto. – Não... quero que... nossos dias ... cheguem ao fim. Quero... você para sempre Ethan!...

– Shhh... – ele sussurrou, entregando-lhe a taça com água. – Beba isso e acalme-se.

Fazendo todo o possível para obedecê-lo, ela tomou um gole generoso e lutou contra as lágrimas que teimosamente caíam. Ethan usou seu guardanapo para secar seu rosto.

– Não foi você que disse que o que importa é o presente? – Ethan indagou pausadamente. Dana assentiu. – Pois bem... Preocupe-se somente com esse instante. Estamos aqui, juntos. Não direi jovens afinal eu, de verdade, tenho idade para ser seu... Septavô?!

Foi impossível para Dana não rir da expressão falsamente consternada. Ethan sorriu satisfeito com a reação.

– Nós nos amamos – prosseguiu – e completamos um ao outro, Danielle.

– Sei disso!

– Passamos por tantas coisas em tão pouco tempo que sinto como se estivéssemos juntos há séculos. Não posso mais ficar longe de você então quero que venha morar comigo, mas não na qualidade de reles amante. Você é única e especial para mim.

– Você é único e especial para mim, Ethan!

– Então me compreende – disse manso, aliciador. – Quero ser seu marido, cuidar de você... Quero mimá-la. O que me diz? Permita que eu a mime, Danielle Hall.

Como dizer não quando ele colocava daquela maneira? Em sua nova fixação em ser como ele apenas estava estragando um momento perfeito. Então, limpando a garganta de todo resquício de choro, Dana lhe estendeu a mão esquerda.

– Permito, Ethan McCain.

– Perfeito! – Ethan exultou e levantou para puxá-la de encontro ao peito. O beijo foi breve, porém intenso. Tanto que Ethan a afastou. Antes que perdesse o foco, abriu a caixinha e dela retirou o anel de ouro branco que ostentava um solitário diamante.

– Se me permite – disse ao tomar a mão dela gentilmente para escorregar o anel em seu dedo anelar.

Pela primeira vez, Dana maldisse sua mão pequena que não permitiu que o anel ficasse firme.

– Desculpe! – pediu, nem sabia por quê.

– Mandarei ajustá-lo – Ethan a tranquilizou. – Aproveito e mando ajustarem todos.

– Todos?! – Dana engasgou.

– Sim! Esse é apenas o de noivado. Quando nos casarmos usará outro, uma aliança. Mas todos os outros anéis de minha mãe agora são seus. Na verdade, todas as jóias.

– Ethan... Tem certeza?

– Desde que soube que a queria para mim.

– Sabe que não precisa fazer isso, não é? – perguntou preocupada. – Gosto da idéia de ser mimada, mas não espero que me dê todas as suas coisas.

– Justamente por ser assim que o faço! – Ele a beijou levemente. – Conheço você, Danielle. Não é mulher de fazer tipo... Você é diferente e por isso a admiro.

Comovida, Dana não soube o que responder, apenas corou e mordeu o lábio inferior analisando o anel que não parava certo em seu dedo.

– Nunca tive nada parecido – revelou comovida. – Acho que vou ter medo de usar.

– Não é verdade... Não parecia com medo na primeira vez que usou suas jóias.

– Não me lembro de ter... – Dana se calou abruptamente. – Ethan – murmurou incrédula –, você me emprestou as jóias de sua mãe no dia do baile?

– Não emprestei – ele negou roucamente, arrumando uma mecha do cabelo dela atrás da orelha. – Permiti apenas que a dona atual as usasse. Quando Joly me disse qual seria sua fantasia imediatamente me lembrei dos broches para o cabelo e dos brincos. Imaginei-os em você e fiquei curioso para ver como ficariam... E não me enganei. Ficaram perfeitos!

– Como poderia me considerar dona delas? – Dana o encarava, fascinada. – No Halloween ainda não éramos nada um do outro.

– Errada novamente – Ethan a contradisse, tocando-lhe a têmpora. – Hoje tenho certeza de que você não sabia aqui, mas aqui... – ele tocou seu peito na altura do coração. – Eu era

importante, assim como você já me era vital. Apenas não nos relacionávamos, mas isso não mudava o fato de que, cedo ou tarde, você viria para mim.

– Foi muita confiança de sua parte – disse para arreliá-lo, para encobrir seu desconcerto.
– Na história original o fantasma não leva a garota.

– Não vejo dessa forma – retrucou prontamente, os olhos a brilhar ao aceitar a provocação. – Ela somente foi covarde ao não aceitar o que verdadeiramente sentia então, quem não levou a garota foi o belo visconde. Ter uma mulher que sonha com outro é o mesmo que não ter mulher alguma.

– Então... – Dana começou tentando distrair-se do breve temor. – O fantasma sempre teve a garota?

Ethan sorriu abertamente, orgulhoso.

– Sim, o fantasma sempre teve a garota. Ela nunca teve escolha, esqueceu?

– Está bem, senhor convencido. É isso que queria ouvir, *você* sempre teve a garota. Agora vamos falar sério – pediu, tirando o anel frouxo para devolvê-lo. – Mande ajustá-lo, mas depois acho que seria melhor deixá-lo guardado. Posso usar uma aliança mais simples.

– Nada de coisas simples para você... Além do mais, você estará comigo.

– Não vai estar comigo todo o tempo!

– Sempre se dá um jeito – disse intimista. – Só não quero que tenha receio de usá-lo.

Dana assentiu. Antes que ela encontrasse outro tema a discutir, Ethan a tomou pela mão e a levou até o sofá. Depois de se acomodar e sentá-la em seu colo, disse sério:

– Agora que vamos ficar juntos, você precisa estar alerta e tomar alguns cuidados. Depois do que ouviu ontem e de saber qual a verdade sobre as mortes que são noticiadas você já entendeu a gravidade do que está acontecendo, não?

– Sim, eu sei. E não é apenas um vampiro como você acreditou.

– Exatamente. Estou contando que sejam dois, mas podem ser mais. – Ethan sentiu o coração humano acelerar. – Gostaria que não tivesse de saber dessas coisas, mas...

– Faz parte do pacote – ela brincou, longe de se sentir tranquila. Mas não voltaria atrás. Agora era noiva de um vampiro.

– Sim, e não de um vampiro qualquer – salientou sem orgulho. – Infelizmente eu não sei em quem posso confiar além de Thomas e Joly e você deve fazer o mesmo. Deve evitar ao máximo ficar perto de outro vampiro sem que eu esteja perto.

– Tudo bem, mas tem que me dizer quem são eles.

– Samantha está morta, então agora só restam Seager e Andrew. Com Thomas e Joly, eles formam meu grupo. Não confie nos dois primeiros.

As palavras “meu” e “grupo” fixaram-se na mente de Dana. Elas conferiam uma importância ainda maior ao mundo de Ethan assim como a ele próprio por deixar clara sua liderança. Sem que pudesse conter seu coração perdeu o ritmo.

– Você está bem? – Ethan perguntou preocupado, acariciando seu rosto.

– Estou... Apenas me distrai – tranquilizou-o. Nesse momento algo lhe ocorreu, fazendo com que ela se afastasse dele para olhá-lo de frente. – Esse Andrew sabe sobre a morte de Samantha? É ele que está desaparecido há uma semana, não é?

– Sim, é ele, mas não tem como saber – escolhendo as palavras Ethan explicou: – Eles estavam separados quando aconteceu tudo aquilo.

– Separados por sua causa? – Dana indagou. – Confiança é uma via de mão dupla Ethan, então não me esconda nada. Ela insinuou que vocês estavam juntos e não me lembro de você ter desmentido.

– Pois o faço agora. Nunca estivemos juntos. Samantha era louca. Às vezes penso que ela estava induzida, mas não sei se isso é possível... Induzir imortais. Se for esse o caso, usaram-na para me atingir. E, partindo dela ou não, usaram inclusive você. Por sorte não foram bem-sucedidos.

– Eu fui usada?!

– Sim... Quando Samantha a mandou se encontrar com seu ex.

Não se lembrava de Samantha a mandar fazer coisa alguma, mas se lembrava bem do encontro. De como despertou confusa... Agora fazia sentido, a não ser por um detalhe.

– Por que ela faria aquilo?

– Ela queria que eu matasse você! – Ethan elucidou sem rodeios. Imediatamente Danielle passou a tremer incontrolavelmente em seu colo.

– Ethan você não seria capaz – disse num murmúrio.

– Acho que seria – disse, mirando o colo pela gola da camisa entreaberta. Danielle tinha que saber a verdade para que sempre tomasse decisões conscientes. Antes de prosseguir, pousou a mão na altura do coração, diretamente na pele dela. – Nunca lidei bem com empréstimos ou perdas... O que considero meu tem que ser apenas *meu*. O problema com a marca está resolvido, mas... Se um dia quiser correr atrás de outro, seu coração fica comigo.

Dana ofegou e estremeceu, não por medo, mas por se excitar com a ameaça explícita. Decididamente ela não era normal.

– Ethan...

– Por sorte – ele prosseguiu livre da intensidade, retomando o assunto – você foi exceção e despertou antes que o pior acontecesse.

Dana ainda o encarou por um minuto inteiro antes de se render a sua curiosidade.

– Então, se sou exceção, acha que agora isso não me afeta mais? Digo... Acha que se outro de sua espécie tentar eu sou capaz de resistir?

Ethan não gostou da pergunta, pois não gostou de imaginar Danielle tão exposta ao ponto de outro vampiro se aproximar.

– Não acredite nisso. Naquela mesma noite eu a fiz me contar o que havia acontecido e também a fiz dormir duas vezes na noite em que você descobriu sobre mim. Então, é melhor não arriscar. Não deve confiar em Andrew ou Seager ou em qualquer outra pessoa que pareça suspeita: mortal ou imortal. Vampiros podem usar qualquer um na tentativa de atingi-la.

– E tem essa mulher que seguiu Joly.

– Exatamente. Acredito que ela tenha ido até meu escritório hoje.

– Por isso demorou? Foi atrás dela? Descobriu o que ela quer com você?

Não era hora para sentir ciúmes, mas não mandava no seu coração.

– Não a vi. Não sei quem é ou como se parece. Também encontrei com Seager que não era para estar lá. Não sei se estão juntos ou não – a voz de Ethan gradativamente revelava sua raiva crescente até se tornar um ciciar enfurecido. – E não saber me irrita profundamente. Como lhe disse ontem, não gosto de me sentir acuado ou ameaçado. E tudo só piora agora que você está diretamente envolvida.

– E agora que estou diretamente envolvida o que pretende fazer? – perguntou com cautela.

– Estive pensando... – ele começou, tentando modular a voz. – Que talvez fosse melhor você não ir ao jornal esses dias.

– Não vejo necessidade para tanto. Estive no jornal durante toda semana e nada aconteceu... – sua voz morreu no vazio por se lembrar de um detalhe.

– Posso ouvir seu cérebro trabalhando, Danielle, então conte de uma vez.

– Bem, não foi nada que aconteceu no jornal, mas teve um lance estranho na porta de meu prédio. – Com um suspiro resignado, ela escolheu as palavras com cuidado e contou sobre a carona e como alguém bateu no carro de seu colega de redação enquanto se despediam.

– Não sei se tem algo estranho nesse *lance* – Ethan comentou pensativo, analisando a situação friamente: na medida do possível. – Qualquer coisa pode ter batido nesse carro.

Seu colega e você estavam desprotegidos, se fosse esse intruso que vem matando pela cidade, ele não teria motivos para não atacá-los.

– Eu pensei que tivesse sido você, mas Joly garantiu que não e quando cheguei aqui... Bem... – disse sem jeito. – Sabemos que não foi você... Mas não acho que tenha sido *qualquer coisa*... Nada me aconteceu, mas Jeff não foi trabalhar no dia seguinte.

– Ele não ter ido trabalhar não quer dizer nada, Danielle – Ethan retrucou, encarando-a com desconfiança. Havia mais. – Sabe que agora não podemos ter segredos, não sabe? – Sem esperar que ela assentisse, acrescentou: – Prometo entender o que me disser apenas não me esconda nada. Cada detalhe é muito importante. Agora me diga... O que não me contou?

Dana baixou os olhos para a boca do vampiro, fechada numa linha rígida. Seria ingenuidade sua tentar esconder a verdade quando provavelmente seu coração já a denunciava, talvez agora realmente temendo que fosse guardado numa caixa.

– Bem... A verdade é que, quando estávamos nos despedindo, Jeff me beijou a força.

– Desgraçado! – Ethan vociferou, desejando que o cretino estivesse morto, caso contrário ele mesmo o mataria. A raiva que sentia era tamanha que seu corpo estremeceu e o ar se agitou à sua volta. Logo tentou se acalmar por temer machucar a humana.

– Ethan? Não tem porque ficar assim... – Dana tentou tranquilizá-lo, confusa com a súbita movimentação do ar dentro da sala fechada. Segurando o rosto do vampiro para que ele a encarasse, disse: – O que bateu no carro fez ele me soltar. Como já disse, pensei que tivesse sido você, mas...

– Mas nós sabemos que não – repetiu enraivecido também com ele mesmo por deixá-la a própria sorte. Agora, agradecia nem sabia a quem por salvá-la.

O pensamento o chocou. Um salvamento deliberado? Seria isso? Ethan conhecia somente uma pessoa que não suportaria ver Danielle nos braços de outro homem. Desprezava o humano com toda a força, mas tinha que admitir que o rábula a amava. Mas se havia sido ele, porque não retirou o rival a socos de dentro do carro como ele próprio faria?

Não conseguia ver onde estava a falha em toda aquela história. De repente Ethan liberou um grunhido exasperado por não saber mais o que pensar sobre aquele *lance*.

– Ethan, por favor, se acalme. Você está me assustando.

O vampiro não queria assustá-la nem machucá-la, muito menos pensar em algo mais, aquela noite. Exceto...

– Precisamos resolver a questão sobre você ir ou não ao jornal – disse cansado, voltando ao assunto que não poderia adiar.

– Tenho opção de escolha? – Dana suspirou profundamente, deixando o tema *Jeff* passar.

– Não, mas gostaria muito que você ficasse por sua livre e espontânea vontade.

Dana entendia a gravidade do que acontecia, porém não queria ficar confinada. E já cedia demais. Na tentativa de adulá-lo, começou a traçar desenhos nos pelos do peito de Ethan pelo vão da camisa entreaberta.

– Eu poderia ir na segunda-feira e Joly me vigiaria como sempre fez. Tipo um teste. Se algo der errado eu prometo ficar em casa.

– Não tente me persuadir – alertou-a seriamente ao segurar os dedos aliciadores. – Em meu mundo não existem testes e erros podem ser fatais.

– Entendo seu medo, mas...

– Não há *mas*, Danielle – Ethan a cortou incisivo. – Apenas fique. Será por poucos dias.

– Está bem! – anuiu. – É que não gosto de me sentir presa.

– Será por poucos dias – ele repetiu e esboçou um sorriso. – Obrigado por entender futura senhora McCain.

Foi golpe baixo! Ela sabia

– Senhora McCain... – Dana repetiu, saboreando o nome. – Gosto do som!

– E eu do que ele representa – Ethan salientou e lhe segurou o rosto. – Essa noite as coisas fugiram ao meu controle e acabou que nem a deixei jantar direito. É melhor que termine sua refeição para que possamos voltar ao nosso quarto.

– Estou agitada demais para comer alguma coisa – disse, movendo-se sobre o colo de Ethan para ficarem frente a frente. Ele ainda a encarava intensamente, sua testa estava vincada. – Poderíamos subir agora, se meu noivo não se importar?

– Sim, seu noivo se importa! Mas hoje ele já a contrariou demais para agora fazê-la comer contra a vontade.

Ao se calar Ethan levantou de súbito, levando Danielle em seus braços ao seguir para a escada.

– Ethan. Tenho que retirar as coisas da mesa... – ela tentou protestar.

– Amanhã pela manhã Carmem fará isso – Ethan retrucou. – Deixe-me colocar você na cama e embalá-la até que durma. Os mimos valem a partir de agora.

Era o mínimo que poderia fazer por Danielle, pensou, quando a limitava.

Capítulo Dez

“Dana”, alguém a chamou. Era Melissa. Usava seu sutiã, mas o que realmente chamou sua atenção foi o pescoço dilacerado. A colega estendeu a mão em sua direção. “Diga para ele. Diga que posso ser você.”

Assustada, ela correu. Parou ao trombar com Jeff, também mortalmente ferido. “Eu não deveria tocar você”. Ao estender os braços ela viu que estavam sem as mãos e novamente correu.

“Você me matou”, Billy surgiu diante dela. Seu pescoço estava tão ferido quanto o de Melissa e ele a encarava com acusação. “Você me matou”, repetiu.

“Não”, gritou, mas não emitiu qualquer som. Quis fugir, e não conseguiu. Estava cercada; cada um deles a acusá-la ou a pedir que intercedesse por eles junto a alguém, mas ela não sabia quem.

“Você sabe”, disseram. “Você sabe.”

“Acorde”, disse Melissa com voz masculina, segurando-a.

– Não! – gritou assustada e lutou.

– Acorde Danielle! – a voz imperiosa a despertou. Sorvendo o ar com dificuldade, Dana focou a visão, desnorteada. Aquele não era seu quarto. Estava sentada na cama, suada, tremia. Ao sentir mãos frias em seus braços se debateu por puro reflexo.

– Não... Por favor, me larga!

– Pare Danielle!

Somente então Dana reconheceu a voz e imediatamente parou de lutar.

– Shhh... Já passou. – Ethan a puxou para um abraço. – Estou com você.

– Ethan... – ela gemeu agoniada, situando-se, abraçando-o com força, chorando baixinho.

– Eles estavam mortos. Todos mortos! E tinha tanto sangue!

– Acalme-se, meu amor. Foi só um sonho ruim – acalentou-a, enquanto acariciava seus cabelos.

– Não, Ethan!... Eu vi... Estão todos mortos! E eu acho que sei quem os matou... – terminou de dizer num fio de voz. Ela realmente sabia e se estivesse certa aquele detalhe ligaria alguns pontos.

- Quem está morto Danielle?
- Todos eles... E a culpa é minha.
- Você está desconexa. Pare de chorar e tente me contar seu pesadelo, sempre ajuda.

Antes de atendê-lo, Dana pensou nas possibilidades de estar errada, mas não conseguia pensar por si só. Era nova no mundo de Ethan e sua certeza ainda parecia insólita. Para que tudo fizesse sentido, precisava de uma resposta.

- Quais as chances de Paul ser um vampiro?

Ethan não teve tempo de se irritar ao ouvir o nome. A súbita questão de Danielle calou fundo em seu ser, pois poderia ser a resposta para algumas questões que remoeram sua mente durante a noite. Mas não queria assustá-la mais.

- Por que pergunta?
- É que... das três pessoas que estavam mortas no meu sonho, duas o aborreceu com certeza. A outra, bem... talvez tenha feito o mesmo. E uma está mesmo morta. De verdade.
- Quem são essas pessoas?

Dana respirou fundo. Como não deveria haver segredos entre eles, ela secou o rosto e sentou. Cruzou as pernas em borboleta para ficar diante dele. Ethan imediatamente a imitou e esperou.

- Promete que não vai se chatear com o que eu contar? - ela quis se certificar.
- Prometo ouvir sem interrompê-la, depois saberemos se vou me chatear ou não - Ethan disse sério antes de cruzar os braços.

Certo! Não era bem o que ela esperava ouvir, mas... Depois de ajeitar uma mecha de seu cabelo atrás da orelha - Dana nem quis imaginar como estariam desgrehados -, respirou fundo e contou como soube da primeira traição de Paul ao chantagear Billy para que a despedisse do *Daily News*.

Dana esperou que Ethan fizesse algum comentário, mas como prometido ele nada falou. Apenas o travar de maxilar denunciou sua emoção. Após um pigarro, ela entrou na parte delicada, contando como se enfureceu e foi até o apartamento do ex. Novamente fez uma pausa, receosa, porém Ethan ainda se manteve quieto, somente encarando-a intensamente.

Desconcertada, Dana contou como encontrou o ex e logo em seguida descobriu a nova traição: ele e Melissa mantinham um caso. Contou do desentendimento entre os três, a forma como Paul tratou sua amante antes que esta os deixasse definitivamente. Logo depois Melissa foi encontrada morta e Billy estava desaparecido, assim como Jeff, que a beijou a força.

- Lamento que tenha descoberto essas coisas - Ethan disse sincero.

Não poderia dizer nada mais, pois ele, a sua maneira, também manipulou o destino de Danielle. Ao que parecia o rábula sabia se valer do mesmo expediente. A diferença entre os dois era que jamais a trairia.

– Eu não – Dana assegurou. – O que importa é saber se tem como ele ser um vampiro e se está relacionado à morte de Melissa e aos desaparecimentos de Billy e Jeff. Eu acho que é possível! Quando Melissa me contou há quanto tempo eles estavam juntos Paul pirou. Eu não percebi na hora porque estava cega de raiva, mas agora... Ethan, ele rosnou! Como você faz às vezes. Humanos não rosnam, não é mesmo? Não como você.

– Acalme-se. – Ethan segurou as mãos que ela agitava, aflita. – Ainda não sei se tudo isso é prova de que Paul tenha sido transformado. Você estava abalada pela descoberta, talvez tenha imaginado o tal rosnado.

– Abalada?! – Dana libertou as mãos e cerrou seus punhos. – Eu queria era ser capaz de arrancar os olhos dele por ter me feito perder o emprego e por depois ainda ter a cara de pau de me consolar. Se eu tivesse força suficiente teria quebrado sua outra mão e... – De repente outro detalhe lhe veio à mente. – A mão!

– Que mão Danielle? A que eu quebrei? Seja clara.

– Quando estava no apartamento dele – Dana esclareceu –, ele não se mexeu. O tempo todo ficou parado, com a mão para trás. Foi isso!... Era para que não visse que ele estava recuperado em tão pouco tempo.

Com aquele detalhe Ethan passou a considerar a possibilidade. Alguém que o odiasse – e o conhecesse bem – poderia ver em Paul um poderoso aliado. Se agora o rábula fosse mesmo um imortal, poderia ter batido contra o carro de Jeff e, para não se revelar ainda, esperado até que pudesse matá-lo.

– Tudo bem! – disse roucamente. – Respondendo sua pergunta inicial, não seria difícil alguém transformar seu ex.

A confirmação em sua própria voz e o terror que cruzou os olhos âmbar de Danielle o incitou a conferir a dedução pessoalmente. Não conseguia simplesmente imaginar o rábula como imortal; não tão perto. Não na sua cidade. Não apaixonado por Danielle. Antes que percebesse Ethan já estava de pé.

– Aonde vai? – Dana perguntou aturdida, seguindo-o com o olhar enquanto ele seguia para o guarda-roupa.

– Vou ao apartamento de seu ex – disse já a vestir uma calça *jeans*.

– Não Ethan! – Dana o seguiu alarmada. Encontrou-o completamente vestido. – Espere por Thomas e Joly. Ou ao menos espere que amanheça.

– Não aguentaria esperar – retrucou ao passar por ela.

– Pode ser perigoso. Por favor, fique! – pediu, segurando-o.

– Não posso – disse gentilmente, intensamente. – Eu o odeio, Danielle! Odeio pelo simples fato de saber que ele a teve antes de mim. Se eu não tivesse prometido a Joly que o deixaria vivo, Paul seria passado desde a noite que os vi na casa noturna... Acredite, há muito tempo que não existe espaço suficiente para nós dois nessa cidade.

– O que aconteceu antes não importa. Estou aqui agora. Por favor, Ethan... Não quero que se machuque, fique.

– Perdoe-me, mas não posso atendê-la. E não vou me machucar, afinal sou mais velho e mais forte do que ele – Ethan a beijou levemente. – Volto logo, não se preocupe... Não saia em hipótese alguma dessa casa, nem para ir até a casa de Carmem. E não deixe ninguém entrar, mesmo se for alguém que você conheça.

Antes que Dana pudesse implorar para que ele ficasse, Ethan se foi, deixando-a sozinha e trêmula bem no meio do quarto. De repente o cômodo pareceu grande demais, frio e vazio. Foi impossível não lembrar as cenas da luta entre Ethan e Samantha. A vampira o atacou com uma ferocidade brutal. Mesmo sendo mulher ela o feriu gravemente, então... Qual a violência numa luta entre dois homens?... Diante da visão, Dana arfou.

Sorvendo o ar aos bocados, Dana se arrastou de volta à cama e se lançou num ciclo desconexo de orações, pedindo que Ethan voltasse em segurança – caso seres amaldiçoados tivessem direito à proteção divina.

– Por favor, apenas traga Ethan de volta! – pediu em voz alta.

∞

Ethan entendia a preocupação de Danielle, mas não tinha como atendê-la. Ao sair da casa sentia-se ainda mais decidido. Não usou sua moto, afinal o rábula morava perto, a poucas quadras. Contava apenas em encontrá-lo em seu apartamento. A idéia era confirmar a novidade e convidá-lo para um enfrentamento em lugar afastado. Matá-lo não seria fácil, mas não era impossível.

Àquela hora da madrugada as ruas do bairro estavam praticamente vazias. Evidente que a chuva fina, assim como os homicídios recentes ajudava a manter aquela parte da cidade que nunca dorme cautelosamente recolhida. Tanto melhor para Ethan que poderia correr sem reservas.

Agora estava livre para se ocupar de seus inimigos. Que estavam cada vez mais perto. Somente alguém muito próximo poderia reconhecer o potencial de transformar Paul. Se fosse verdade, seus inimigos indicaram que estavam dispostos a tudo. Ele também estava e, assim que pudesse, eliminaria aquele trunfo.

Ansiando por esse momento, Ethan chegou ao prédio de seu desafeto. Entrou pela porta dos fundos e correu escada a cima até o oitavo andar. Infelizmente não poderia entrar então anunciou sua presença:

– Paul. Acho que temos um assunto a resolver.

Silêncio.

– Não quer acabar logo com isso? – insistiu. Novamente não ouviu um único ruído. Considerando que talvez estivessem errados, Danielle e ele, Ethan bufou exasperado e tocou a campainha, assim acordaria um Paul ainda mortal. Nada.

Ethan considerou então que talvez o advogado não estivesse. Mas logo descartou a hipótese. O silêncio absoluto no interior do apartamento poderia ser por não haver alguém ali, ou por ter um vampiro completamente imóvel. Ethan preferia acreditar na segunda alternativa.

A limitação em não poder entrar sem ser convidado chegava a ser exasperante e no momento enfureceu Ethan ao ponto de socar a porta com força desmedida. Não se surpreendeu ao abri-la nem ao sentir os odores do apartamento, mas por ver seu braço avançar além do batente. Estarrecido, Ethan recolheu a mão somente para estendê-la com estudado cuidado até que novamente atravessasse o limiar.

– Mas o quê...? – ele não tinha palavras. Nem tempo a perder com a inacreditável novidade, então testou cruzar o batente inteiramente, agora com a certeza de que entrava em território inimigo.

Ethan não entendia, mas estava no meio da sala do rábula que era, sim, imortal. A essência adocicada e característica, misturada ao odor anterior de Paul, agora era sua marca pessoal, e estava registrada de forma indelével na mente de Ethan.

Calando os rosnados em seu peito, com cautela, Ethan se aventurou pelo apartamento. Agradeceu aos céus por não sentir um único traço do cheiro de Danielle ali. Ao entrar no quarto onde o rábula se atreveu a tocá-la, ele cerrou os punhos e se conteve para não causar estragos tardios. Contra quem deveria usar sua força não estava ali.

Frustrado pela visita de certa forma perdida, Ethan deixou o apartamento. Sentindo-se sufocar saiu em disparada pelo corredor em direção às escadas. Desceu os degraus aos saltos, precisava respirar. Ao ganhar a rua encheu os pulmões com o ar frio e úmido da madrugada. Olhando em volta, se perguntou onde Paul estaria. Não sentir seu cheiro no corredor indicava que estava fora desde muito cedo. Não tinha como saber.

Inquieto em seu âmago. Ethan seguiu rapidamente até o Saint Nicholas Park e correu o máximo que podia entre as árvores na tentativa de extravasar sua fúria. No auge de seu ódio, Ethan estacou diante de uma árvore antiga de caule grosso e sem pensar, gritou a plenos pulmões enquanto a socou até que caísse. Com o estrondo da queda o vampiro voltou a si. Respirando com dificuldade olhou em volta, recriminando-se por seu descontrole. Tudo começava a sair do controle.

Temia que sua condição fosse revelada por seu intruso, no entanto, expunha-se gritando e derrubando árvores centenárias bem no meio de um parque público. Recuperado, Ethan

sentiu a dor em sua mão. Ao analisá-la viu que algumas lascas de madeira estavam incrustadas em sua carne enquanto o sangue corria livre do ferimento exposto.

Praguejando contra si mesmo, Ethan caiu sentado e começou a recolher uma a uma as lascas. Quando se livrou de todas elas, seu ferimento começou a cicatrizar, porém lentamente. Ajudaria se tomasse sangue humano, mas não atacaria ninguém somente por aquilo.

Ao menos socar a árvore valeu para alguma coisa. Estava esvaído das emoções extremas que o inquietavam há dias. Agora, voltaria para casa e ordenaria as idéias. Tinha que manter a calma e se preparar para qualquer coisa, sabendo que agora a disputa por Danielle seria de igual para igual. Sim, não tinha dúvidas de que Paul tentaria recuperá-la.

De volta a casa, encontrou Danielle deitada, abraçada ao seu travesseiro, murmurando palavras ininteligíveis até mesmo para seus ouvidos aguçados. Jamais deixaria que Paul a tomasse dele, determinou.

– Danielle – chamou-a roucamente.

– Ethan! – ela praticamente gritou e tão rápido quanto sua limitada mobilidade permitia, levantou e se atirou ao pescoço do recém-chegado. – Graças a Deus está de volta!

– Eu disse que voltaria. – Ethan a abraçou, aquecendo-se nela, perguntando-se intimamente se Ele se ocuparia de criaturas malditas. Pouco provável.

– Eu tive tanto medo – Dana murmurou junto ao pescoço do vampiro.

– Acalme-se, nada aconteceu.

– Tem certeza? – Ela se afastou para olhá-lo atentamente. – Não está mentindo para mim?

– Não. Eu não o encontrei.

Dana sequer o ouviu, estava mais preocupada em encontrar possíveis ferimentos que o desmentissem. Ethan permaneceu imóvel e finalmente foi capaz de sorrir, divertindo-se com a inspeção minuciosa. A graça se foi quando ela uniu as sobrancelhas ao ver o ferimento em sua mão.

– Se nada aconteceu por que está machucado? – Ato contínuo ergueu a mão dele para olhá-la de perto antes de encará-lo acusadoramente. – Ethan?!

Por sorte o ferimento estava muito melhor, mas a pele ainda estava suja de sangue e apresentando os furos onde as farpas encravaram mais fundo.

– Eu não menti se é o que está pensando – disse quase culpado. – Eu realmente não o encontrei, mas descobri que você estava certa. Paul é um vampiro agora.

– Se não o encontrou por que está ferido?

– Eu precisava extravasar minha raiva, então... soquei uma árvore. – Na hora fez todo sentido. Admitir, no entanto...

– Ethan... A madeira pode fazer isso a você? – indagou preocupada. Ele apenas assentiu. – Eu posso fazer alguma coisa para ajudar? Se você fosse humano eu lavaria esses machucados e passaria um antisséptico, mas... Não sei cuidar de um vampiro.

O comentário era banal, mas o perturbou. Era novo ter alguém disposto a *cuidar dele*. E havia algo que ela poderia fazer, mas não deveria. Ah, a quem queria enganar?

– Sangue humano nos recupera rapidamente.

– Então... – Sem hesitar Dana afastou o cabelo e inclinou o pescoço. – Beba.

Ethan salivou ao correr o olhar ao longo da pele clara. Hipnotizado, correu os dedos pela veia que pulsava frenética, mas não se deteve naquele ponto. Delicadamente escorregou seu carinho ao longo do braço nu, até segurar-lhe a mão e trazê-la para perto de sua boca.

Era imprudente, desnecessário, afinal logo estaria incólume, mas queria aquilo. Talvez desde que ela o provocou. Com os olhos postos em Danielle que mantinha a respiração suspensa, beijou-lhe o pulso e o mordeu. Beberia só um pouco, disse a si ao enrijecer, estimulado pela adoração que via nos olhos dela e seu arfar. Antes que se visse tentado a sugar-lhe o pulso pela terceira vez, Ethan o lambeu e imediatamente atraiu sua noiva para beijá-la com paixão.

O que seria dele se Paul a levasse?

Capítulo Onze

Dana rolava a mão de Ethan na sua, analisando todos os detalhes das veias, da saliência dos ossos ou da perfeição e firmeza da pele, ainda impressionada com a cicatrização milagrosa dos cortes.

- O que houve? – Ethan perguntou também absorto na mão que ela analisava.
- Como se não soubesse... Ainda é a mesma surpresa por ver sua mão recuperada.
- Ah... – Sim, ele sabia!

Estavam deitados no sofá da sala de TV. Já era o final da tarde de um domingo que passou ligeiro. Acordaram por volta do meio-dia, abraçados como dormiram após o *milagre*, sem que tivessem aplacado o evidente desejo que surgiu entre eles. Ethan dispensou a ajuda de Carmem depois que a criada lhes serviu o almoço – ele não a acompanhou por estar indisposto.

Após a refeição e da saída dos criados, Ethan a levou até a garagem onde consertou um defeito em sua moto. Inexistente ao ver de Dana. mas ela não se importou em observá-lo. Uma hora depois de apertos e afrouxamentos de parafusos e explicações sobre a marca e modelo, Ethan a levou para dentro de casa e tocou piano para ela. Sem dúvida um dos melhores momentos do dia.

Ou talvez o melhor fosse estar ali, aninhada nos braços dele, girando-lhe a mão, com eles imersos em seu próprio pensamento, sem prestar a mínima atenção ao que passava no canal de notícias. Dana estava realmente admirada com a recuperação, mas no momento também mirava a pele de alabastro procurando formas de especular sobre a visita feita ao ex. Esperava que ele o fizesse, mas o dia passava e... nada!

- O que foi agora, Danielle? – ele indagou depois que ela liberou um suspiro. – Ainda impressionada?
- Impressionada sempre, mas na verdade... Já que perguntou... – começou com cautela. – Eu gostaria de saber como foi lá... No apartamento dele.

Ethan não respondeu. Dana se moveu para olhá-lo e o descobriu de olhos fechados, carrancudo. Imediatamente soltou-lhe a mão e acariciou o vinco em sua testa.

- Eu já disse – ele falou por fim. – Não o encontrei, nem tenho como saber onde Paul estava. Confirmei que agora ele é como eu pelo cheiro que impregnava o apartamento.
- Não vou negar que preferi assim. Você não sabia se ele estaria sozinho ou não.

– No momento não me importava – Ethan disse sinceramente. – Perdoe-me a sinceridade, mas quero apenas vê-lo morto.

Impossível não estremecer. Mesmo que agora odiasse Paul e ele tivesse se tornado um assassino, Dana não via sua morte com naturalidade.

– Pois saiba que sempre vai importar para mim. O bom de não ter encontrado Paul é que agora teremos tempo até que seus amigos voltem.

– Eu terei tempo, Danielle – ele a corrigiu. – Não tente se envolver nisso.

O pedido soou como advertência. Seria possível que ele não via que ela já estava envolvida?

– Está certo – disse para tranquilizá-lo. – Agora me diga. Tem idéia de quem o transformou?

– Ainda não. – Suas suspeitas recaíam sobre Seager, pois além de ter sido colega de sala do imprestável, fora ele quem o levou até o hospital. Isso sem citar tê-lo livrado de sua indução. Agora, até aquela interferência parecia ter outro significado.

– Divida comigo, Ethan – Dana pediu gentilmente. – Não me envolver não significa que preciso ficar de fora.

– Sei disso! – Ethan sorriu, mas logo voltou à seriedade. – É que a falta de elementos me aborrece.

– Entendo perfeitamente. E, eu estive pensando... Ontem me disse que não confiava em Seager. Ele tinha maior contato com Paul, não?

Daquela vez Ethan se aborreceu em ouvir o nome, mas se calou. O momento pedia foco.

– Sim. Seager o levou até o Belleveu, e segundo Thomas, não demorou no hospital. Agora me lembro que Joly tentou me dizer algo importante sobre o encontro que tiveram, mas eu não tinha cabeça para ouvi-la.

– Não sei o que Joly quis contar, mas talvez eu possa ajudar... Tem alguma idéia do que poderia ter chamado a atenção dela?

– Não saberia dizer – baixando os olhos para ela, completou em tom acusador –, mas você talvez tenha notado algo de diferente... Afinal o conhece bem.

– Ledo engano – Dana retrucou. – Hoje sei que nunca o conheci, mas baseada no que sei, eu estranhei a grosseria. Ele sempre foi comedido e educado comigo.

– Sempre comedido e educado... – Ethan repetiu de mau humor. – Você não está levando em conta o ocorrido na minha sala, não é mesmo? Ele empurrou você.

– A situação foi inusitada... – salientou –, mas não foi o que me chamou a atenção. Ele foi grosseiro comigo e por vezes sarcástico com Joly... E agora que sei sobre sua imortalidade, algumas coisas passaram a fazer sentido. Era como se ele também soubesse.

Impossível continuar deitado. Impaciente, Ethan a fez se sentar como ele.

– O que exatamente ele disse?

– Ele comentou que você me tomou à força e quando discutiu com Joly, perguntou de que século você vinha para colocá-la como dama de companhia, essas coisas.

– Isso é importante e... preocupante – Ethan murmurou a última palavra para si mesmo, porém não baixo o suficiente que impedisse Danielle de ouvir.

– Se ele é um imortal agora, por que acha preocupante?

– Porque – Ethan a encarou – quem o transformou é alguém próximo o bastante para saber sua importância. Mesmo que eu estivesse sido seguido todas as vezes que fui até seu apartamento, a frequência por si só não indica os métodos pouco ortodoxos que usei para conquistá-la. Esse assunto sempre foi restrito a Thomas e Joly.

– Ethan, você não está pensando que...

– Evidente que não! – ele não a deixou concluir. – Confio nos dois.

Ainda mais impaciente Ethan se pôs de pé e começou a andar de um lado ao outro. Houve Samantha, contudo ela sabia de seu amor, não de suas armações ou induções. Somente o conhecimento delas é que justificaria a acusação do rábula. Como disse a Danielle, confiava cegamente no casal, mas...

– Ethan, por favor, pare! Está me deixando nervosa.

– Perdoe-me, mas simplesmente não consigo ficar parado.

Sem nada acrescentar, ele deixou a sala, daquela forma mágica que o fazia desaparecer. Dana se levantou temendo que novamente saísse, agora para ir atrás de Seager. Foi quando ouviu o som de um mergulho. Seu alívio durou somente um segundo ao pensar que Ethan ter se atirado na piscina nada mudaria.

Ele era imprevisível e não adoeceria caso saísse molhado. Caso saltasse o muro somente Deus saberia aonde iria. Novamente aflita, Dana correu. Saiu da casa e seguiu pelos caminhos que Ethan lhe apresentou mais cedo. Dizia a si mesma que era inútil persegui-lo, quando viu sua camiseta largada ao chão.

Com as sobrancelhas unidas se abaixou para pegá-la. Agachada como estava, viu a calça logo à frente e foi também recolhê-la. Antes de se abaixar para pegá-la, viu a última peça tirada por Ethan. Ninguém poderia vê-lo, mesmo assim Dana se perguntou qual a razão de nadar pelado.

Bastou chegar à piscina e vê-lo submerso para se arrepiar com o frio psicológico. Estavam quase no final do outono, logo seria inverno. Há várias noites as temperaturas estavam baixas além da média. A água daquela piscina devia estar a uns 4º, na dedução mais otimista.

Abraçando as roupas dele junto ao próprio corpo, sem desviar o olhar da figura submersa, Dana foi se sentar numa das espreguiçadeiras do deck. Estava úmida, porém ela sequer notou, esquecida de intrusos em sua sacada, desaparecimentos e mortes. Logo Ethan emergiu e passou a nadar de um lado ao outro da grande piscina retangular. As braçadas rápidas e vigorosas eram hipnotizantes, como era a cicatriz. Como era Ethan todo!

A intenção ao nadar era pacificar a mente e o corpo. Este último, porém, não teria paz com Danielle perto, olhando-o com a mesma adoração que ele percebeu enquanto mordida seu pulso. Então, valendo-se do calor que ela lhe provocava, tentou apenas abrandar seus pensamentos e eliminar a centelha de desconfiança quanto à lealdade de Thomas e Joly.

Após alguns minutos – que para Dana pareceram horas –, Ethan parou e veio até a borda, onde cruzou os braços. Ela precisou ordenar a si mesma que respirasse. Nem se lembrou do quanto Ethan estaria frio. Tudo que seu cérebro influenciado registrou foram os músculos flexionados, o peito proeminente e aquele sorriso que deveria ser proibido por lei.

– Nunca vai perder essa mania de ficar encarando, não é mesmo? – perguntou divertido.

Dana piscou algumas vezes despertando do transe. Imediatamente se lembrou do que culminou naquela ida à piscina e agradeceu que as braçadas tivessem melhorado seu humor.

– Se eu o incomodo – ela simulou seriedade –, prometo parar de encará-lo se prometer fazer o mesmo enquanto eu como, senhor McCain.

– E quem disse que eu me incomodo? – O sorriso se tornou malicioso e, sem prévio aviso, Ethan tomou impulso para deixar a piscina muito à vontade apesar de sua nudez.

Dana prendeu a respiração sentindo seu rosto queimar e num ato reflexo desviou o olhar. Quando Ethan parou exatamente ao seu lado, ela os fechou. Porém não antes de ver a parte dele que, mesmo em repouso, tinha o poder de provocar calafrios ao longo de sua coluna.

– Estava sentindo falta dessa covardia – ele comentou, rindo de sua atitude.

– Acredite... – Dana estendeu para ele as roupas que juntou. – É senso de preservação.

Ethan riu ainda mais e pegou suas roupas. Enquanto se vestia lamentou que ela não o olhasse. Queria que Danielle o admirasse, desejasse... Adorasse-o como há um minuto. Se todas as outras mulheres o faziam descaradamente, por que não a sua? Ao pensamento, desejou provocá-la para eliminar o que restasse de pudor.

Brincar com ela, Ethan considerou, não somente ajudaria a manter o clima ameno quando não tinha respostas quanto deixaria Danielle mais à vontade em sua companhia. Com a decisão, ele se aproximou e num gesto infantil levou o cabelo com uma das mãos para molhá-la.

– Ei! – Dana protestou, levantando-se de um salto ao que foi parar perigosamente à borda da piscina. – Essa água está fria sabia?

– Adequada para aplacar seu... senso de preservação. Então, o que me diz?

– Sobre o quê? – Dana riu incrédula. – Está sugerindo que eu nade?

– Talvez fosse interessante vê-la nadar nua.

Dana arregalou os olhos, abriu e fechou a boca sem saber o que dizer. Então, prestando atenção aos olhos verdes viu o óbvio; Ethan estava brincando com ela.

– Pumft! – ela sorriu aliviada. – Quase acreditei em você.

– E quem disse para não acreditar? – Ethan alargou o sorriso ao vê-la encará-lo e olhar a piscina e ele novamente.

– Ethan, não se atreva! – ela ordenou com o dedo em riste, feroz como uma gatinha diante de um leão, ele associou divertido.

De repente seu instinto aflorou. Seria estimulante caçá-la por seu jardim mesmo que somente exigisse alguns beijos como pagamento pela libertação. Com o pensamento Ethan avançou mais um passo, persuasivo.

– Vamos lá... Eu ajudo com as roupas.

– Eu passo essa, obrigada! – Dana se esquivou, porém enroscou-se nas próprias pernas e tombou para a água. Ethan tentou salvá-la, mas o piso úmido do deck não ofereceu apoio aos seus pés. Tudo que conseguiu foi cair abraçado a ela.

O incidente aconteceu tão rápido que Dana somente conseguiu prender a respiração antes de afundar quase que até o fundo da piscina com o peso extra de Ethan. Sem que pudesse evitar, destravou os lábios e sorveu um gole da água clorada e extremamente fria que enregelava sua alma.

Subitamente não mais sentia a água ao seu redor, sim o vento súbito que passou a soprar em sua direção. Ao abrir os olhos descobriu que este era causado pela corrida de Ethan. Em menos de um minuto foi colocada no boxe, sob o jato de água quente. Seu queixo tremia e ela tossiu ao tentar respirar pela boca.

– Perdoe-me, Danielle – Ethan estava visivelmente abalado. Ela nunca tinha visto as íris verdes em sua totalidade. – Eu juro que não era minha intenção deixá-la cair na água.

Dana sabia que não. Queria dizer que estava tudo bem, mas as palavras não saiam. O frio a travava inteira, nem assentir conseguia. Apenas tremia, pois era involuntário. Como se não esperasse resposta, Ethan a despiu sem nenhuma nota de desejo. Ela queria dizer que ele sofria sem razão. Por que ele assumia a culpa quando ela foi desastrada?

Ao ver Danielle trêmula e frágil, os lábios naquela cor estranha, Ethan teve vontade de bater em si mesmo pela brincadeira idiota. Era irresponsável! Não estava cuidando da humana, mas tentando matá-la aos poucos! Para piorar havia as malditas marcas na pele clara deixadas por ele. Mil vezes irresponsável!

– O que mais posso fazer? Devo encher a banheira com água quente?

– C-chega... de... de... á-água... – pediu como pôde. Quando fez menção de sair da pressão do jato, Ethan da segurou no lugar.

– Ainda está tremendo – ele disse com o cenho franzido.

– P-por favor...

Dana realmente não queria mais ficar sob o jato. O frio estava passando e já não tremia tanto assim. Além do mais, a água quente estava incomodando sua pele sensível. Melhor seria agasalhar-se. Logo eles poderiam rir do episódio.

– E-estou bem... S-sério – garantiu e tentou sorrir.

Encarando-a soturnamente, Ethan a atendeu. Desligou o chuveiro, retirou-a do box e passou a secá-la. Dana não ousou protestar. Como esperado logo ela tremia por outra razão e foi impossível conter um gemido.

– O que eu faço com você, Danielle? – Ethan indagou roucamente, ainda mais aborrecido, pois a culpa era exclusivamente sua por deixá-la daquela maneira.

– M-me beije...

– Comporte-se Danielle – pediu duramente. – Se pensa em sexo posso acreditar que está recuperada do banho frio?

Dana suspirou e lhe deu razão. Onde estava com a cabeça afinal?

– Totalmente recuperada, obrigada.

– Não me agradeça. – Ele a enrolou na toalha. – A culpa foi minha em primeiro lugar.

– Foi um acidente – ela retrucou. – Não há culpados.

Ethan não respondeu. Em vez disso, pegou-a no colo e levou até a cama onde a sentou. Imediatamente se agachou à sua frente e tomou um de seus pés para analisá-lo.

– Bateu na borda da piscina?

– Não.

– Tem certeza? – insistiu, ao pegar o outro pé.

– Tenho... – garantiu, tocando-lhe o ombro para que ele a olhasse. – Ethan, não se preocupe... Esqueça o susto e o frio e verá que nada mais grave aconteceu.

– Acha que pode se vestir sozinha? – indagou sem retrucar.

Ao vê-la assentir, Ethan depositou um beijo em seus lábios e seguiu para o banheiro. Esperava que a água quente fizesse por ele o mesmo que a atividade antes de quase matar Danielle. Ela poderia dizer o contrário, mas algo grave havia acontecido; ele descobriu sua inaptidão para lidar com ela. Ainda acreditava que mantê-la humana era a melhor solução, mas começava a ficar claro que não seria tarefa fácil protegê-la. Especialmente dele!

Ao voltar para junto dela não viu Danielle em parte alguma. Não gostou de ver seu quarto vazio. Liberte-a de sua possessão, ordenou-se. Talvez algum dia, respondeu-se, indo escolher roupas secas. Talvez algum dia.

Na cozinha, Dana engoliu o comprimido que pegou em sua bolsa, antes de providenciar algo quente para beber. Estava totalmente recuperada dos tremores reais de frio, mas ainda sentia os calafrios provocados pela lembrança da água gelada. Conhecendo a velocidade com que Ethan se movia, sabia que não permaneceu submersa nem dois segundos. Ethan a salvou, por que ele não reconhecia?

Dana suspirou exasperada por seu vampiro ser tão cabeça dura. Estava recostada ao lado do aparelho de microondas, cismando e esperando que a água da xícara fosse aquecida para que pudesse preparar um pouco de chá, quando ouviu sussurros no jardim. Curiosa, seguiu até a porta e saiu para ver o que se passava. Já era noite e novamente caía uma chuva fina.

– Quem está aí? Carmem?... É você? – Dana abraçou o próprio corpo. Não obteve resposta então deu mais um passo à frente. – Carmem?

Daria outro passo à frente, quando mãos poderosas se fecharam em seus ombros e a puxaram de volta.

– Está maluca?! – Ethan ciciou. – O que pensa que está fazendo aqui fora?

– Ouvi vozes – Dana respondeu num fio de voz, abalada pelo susto.

– Você não pode sair – ele falou pausadamente. – Nem que caísse um meteoro em nosso jardim e o próprio Elvis saísse dele para lhe conceder uma entrevista exclusiva. Entenda isso! Não pode sair dessa casa desacompanhada, especialmente se ouvir vozes.

O gracejo e tom carinhoso não encobriram o comando. Dana sentia a rebelião se formar. Já havia concordado em não ir ao jornal, não havia? Não poder ir ao jardim, com ele estando na casa lhe parecia exagero.

– Não vejo qual o problema em... – Antes que contestasse Ethan a pegou pelo braço e a colocou às suas costas, sem qualquer motivo aparente. Somente instantes depois Dana entendeu.

– Senhor McCain! – Era John acompanhado de uma Carmem de olhos arregalados. – Desculpe se os incomodamos, mas é que Carmem jura que viu algo se movendo aqui fora logo que chegamos. Vim mostrar a ela que não era nada.

– O que você viu Carmem? – Ethan perguntou, sem deixar Dana se mover.

– Não saberia explicar senhor... – ela começou trêmula. – Foi um movimento rápido demais... Nunca acreditei em fantasmas, mas me pareceu um.

– Há quanto tempo foi isso? – ele especulou, alerta.

– Não dê ouvidos à minha esposa, senhor McCain – pediu John, envergonhado. – Já disse que ela está ficando caduca.

– Dispensar saber o juízo que faz de sua esposa. – Foi o comentário seco antes que ele insistisse. – Responda Carmem.

– Foi há pouco mais de meia hora senhor McCain. Ouvi barulhos vindos da piscina logo que chegamos então resolvi olhar... Foi tão rápido. Um vulto. Corri para casa e teria ficado lá, mas John cismou em me trazer aqui para mostrar que não havia nada – ela terminou olhando para o marido, ressentida, provavelmente por sua descrença.

Estava claro. A pobre mulher havia visto ele próprio quando correu com Danielle, esquecido de que os criados poderiam estar de volta. Irresponsável, porém necessário.

– Entendo, mas seu marido tem razão. Você imaginou o que viu. Agora esqueça esse assunto e volte para casa. Como disse ontem, não os quero perambulando pelo quintal.

– Desculpe-nos mais uma vez senhor McCain – o homem pediu subserviente antes de conduzir a esposa de volta a casa, resmungando: – Eu não te falei que não era nada?

Se a reclamação prosseguiu, Dana não saberia dizer, apenas se compadecia pela pobre empregada. Ela própria experimentou aquele temor quando imaginou ter visto um fantasma. Tinha que reconhecer que a culpa era sua daquela vez. Iria se desculpar, porém, antes que o fizesse, Ethan a fez entrar.

– Nunca mais saia dessa maneira – disse ao fechar a porta.

Antes de ser um pedido, novamente era uma ordem que ele nem ao menos tentou florear com tom amável. E lá se foi toda a culpa.

– Saí atrás de você mais cedo e não o ouvi reclamar – ela retrucou.

– Justamente... Foi atrás de mim! Não estava sozinha e eu sabia que não havia perigo, mas agora poderia ser qualquer um. Está chovendo, eu não sentiria o cheiro de outro imortal caso ele resolvesse passear por meu jardim.

Dana tentou replicar, e Ethan não permitiu; incisivo, sem altear a voz.

– Bastaria um segundo, Danielle. Um segundo com um mínimo pedaço seu além do limiar para que a pegassem. Acredite! Você não teria tempo sequer para pensar. Humanos não têm a mínima chance de escapar de predadores como nós.

Ethan estremeceu com suas próprias palavras. Se um imortal estivesse em seu jardim a teria levado sem deixar pistas. Num ato reflexo Ethan a puxou para um abraço. Sabia que talvez fosse excesso de zelo, visto que somente Thomas e Joly sabiam onde estavam, mas não conseguia evitar.

– Você sabe – disse, abraçado a ela. – Perdê-la seria o mesmo que morrer, Danielle.

Diante de tal argumento, Dana não tinha como considerá-lo extremado. Precisava entender de uma vez por todas que não sabia nada sobre os perigos que os cercava. Ela era a presa e se um predador lhe dava dicas de sobrevivência, o sensato era obedecer sem questionar. Porém era complicado ser sensata diante de tantas restrições e a perspectiva de confinamento.

– Me desculpe – murmurou com o rosto afundado em seu peito.

– Apenas faça o que lhe peço e ficaremos bem.

– Está certo, mas... – Dana se desvencilhou para encará-lo. – Como vai ser amanhã, Ethan? Você também não vai ao escritório?

– Tenho que ir. Já fiquei longe por tempo demais.

Nada bom, mas ainda não perderia as esperanças.

– Eu poderia ir junto? – pediu esperançosa. – Posso trabalhar em sua sala.

– Tentador, mas não seria prudente. Você me distrairia. – Ethan disse toda a frase acariciando-lhe o lábio inferior com seu polegar.

Realmente tentador, mas não havia jeito, Danielle precisaria ficar em casa. Seu show tinha que continuar para que enquanto atuasse, pudesse mostrar aos seus inimigos que estava lá, à disposição para que o procurassem e resolvessem de uma vez por todas as pendências, fossem elas quais fossem.

– O dia será longo – Dana lamentou intimista.

– Não pense nisso agora. – Ethan pediu ainda acariciando sua boca, reparando que estava de volta à cor normal. – É desnecessário sofrer fora de hora.

– Não consigo evitar. Entendo que é para nosso bem, mas sinto como se as paredes já se fechassem à minha volta.

E lá estava o tom, a voz embargada que Ethan tanto abominava. Não tinha o que dizer para consolá-la; não poderia fazer nada quanto àquela sensação. Sabia que Danielle não era claustrofóbica, pois jamais a sentiu desconfortável em seu elevador. E de toda forma, entendia sua aflição. Ela estava naquela casa desde sexta-feira.

– Acredite Danielle... Se existisse outra maneira de deixá-la segura eu não hesitaria em usá-la, mas infelizmente tem que ser assim. – De súbito sorriu animador. – E será somente amanhã... No máximo até terça, depois disso iremos para meu apartamento.

– Isso será ótimo!

Não houve entusiasmo nas palavras, uma lágrima rolou por seu rosto. Ethan se sentiu pequeno por não poder animá-la. Então a idéia lhe ocorreu. Analisando todas as possibilidades rapidamente, ele decidiu que para alegrá-la correria algum risco. O tempo estava ruim e, assim como ele não poderia saber onde se encontravam seus inimigos, eles também não poderiam farejá-lo.

– Lembrei-me de um fato importante – comentou antes que seu zelo excessivo o freasse.

– Do quê?

– Você me deve um encontro.

– Como?! – Dana o encarou aturdida.

– Sim, Srta. Hall. Deve-me um encontro. Tínhamos um compromisso marcado para sexta-feira retrasada e você não apareceu.

– Ah...

Quando o brilho de entendimento passou pelos olhos âmbar, novamente marejados, Ethan lutou para não agarrá-la ali, em sua cozinha. Estava claro que a lembrança da separação afetou a ambos. Porém aquele não era o momento. Sem contar que também deveria começar a ser criterioso quanto ao sexo.

– Nunca fui muito bom em levar *bolos* – prosseguiu. – Então exijo que saia comigo essa noite.

– Podemos mesmo sair? – Isso sim seria perfeito, ela pensou.

– Não vou enganá-la – disse sério. – É perigoso, mas acho que podemos arriscar. E então... O que me diz?

– Eu digo que adoraria me redimir pelo bolo, Sr. McCain!

Capítulo Doze

A possibilidade de sair de casa para seu primeiro encontro oficial com Ethan sufocou momentaneamente seu desejo de ir para a redação ou para o escritório com ele. Como ser diferente? Como não se alegrar? E como não surtar ao ver que Joly não tinha trazido nada que pudesse usar numa noite especial?

Não desejava nada requintado, nem tinha nada do gênero, mas não poderia ir a um restaurante usando suas camisetas, blusas de flanela e *jeans* batidos. Agora analisando as roupas com maior atenção, parecia até que Joly sabia de sua possível reclusão. Nada ali servia sequer para ir ao *Today*!

– O que há, Danielle? – Ethan perguntou tranquilo. – É a terceira vez que resmunga.

– Não tenho roupa para sair – disse ainda olhando para os cabides. – Joly não trouxe nada, nadinha.

Ethan sorriu e foi até ela para abraçá-la por trás.

– Ficar bem em qualquer roupa que usar.

– Pumft! Sei... – ela bufou. – Nada de simples para mim, palavras suas... Eu nunca usaria qualquer roupa para um encontro nosso.

– Se ajudar saber, eu não pretendo levá-la a nenhum dos restaurantes onde já possa ter ido. Acho prudente mudar o padrão... Então vou levá-la ao Ernie's... Roupas casuais são completamente adequadas.

– Pois aqui só tem roupa de ficar em casa. – Dana girou para encará-lo acusadoramente. – Por acaso falou para Joly que me manteria aqui?

– Não – Ethan voltou a abraçá-la –, mas minha secretária me conhece como poucos e sabe da necessidade de mantê-la em segurança.

– Pois isso me cheira a complô.

– Então... O que pretende fazer? Não aceito que volte atrás. – Ethan sorria divertido, agradecido por seu acerto. Com seu convite eliminou o clima ruim entre eles, mitigou sua culpa.

– Preciso ir ao meu apartamento – Dana arriscou.

– Não sei, Danielle...

– Seria arriscado demais?

Ethan ponderou por um instante. Danielle estava a 48 horas longe de East Side. Joly também estava fora. Provavelmente o prédio onde moravam havia se tornado um ponto de referência sem valor.

– Sim seria, mas acho que podemos ir.

– Ah!... Obrigada! Obrigada!

Exultante, Dana se atirou ao pescoço de Ethan. Em sua alegria, passou a depositar breves beijos no rosto dele. Era animador e também desconcertante aquele ataque entusiasmado. Contagiado pela alegria quase infantil, o vampiro capturou-lhe os lábios no meio daquele passeio frenético por seu rosto para beijá-la apaixonadamente.

Dana gemeu e imediatamente pulou em seu colo, enlaçando-o com braços e pernas. Como das outras vezes, Ethan a segurou pelas nádegas e aprofundou o beijo. Todo seu corpo se aquecia por ela. Queria poder ser consumido por aquele fogo, mas ainda primaria pelo cuidado. Especialmente ao também desejar mordê-la. Imediatamente interrompeu o beijo e a colocou no chão. Ignorando os olhos em chamas e a respiração arfante.

– Melhor sairmos de uma vez.

Seguiram no carro de Joly. Dana apreciou cada quilometro do percurso, alternando sua atenção entre o caminho e o rosto compenetrado de Ethan. Por conhecer sua apreensão que em momento algum quebrou o silêncio entre eles. Logo chegaram à sua rua. Parecia que séculos haviam se passado desde sua saída.

Como sempre, Ethan foi o primeiro a deixar o carro. Antes de abrir a porta para ela, olhou atentamente para os dois lados, escrutinando a calçada. Depois de ajudá-la a sair, conduziu-a rapidamente até a entrada do prédio e depois, praticamente correu com ela escada a cima, mas não a acompanhou quando Dana entrou no apartamento.

– O que houve? Precisa ser convidado mais uma vez?

– Não. Uma vez já basta. É que preciso dar uma volta.

Ainda era estranho saber que ele se ausentaria para matar, mas aquela era sua realidade. Uma realidade que almejava para si então não tinha como se chocar.

– Certo! Tome o tempo que – pigarreou – for preciso.

– Não vou demorar. – Antes de sair, recomendou: – Já sabe... Nada de sair ou...

– Deixar alguém entrar – Dana terminou por ele. – Não se preocupe.

Ethan assentiu e se foi. Ao fechar a porta Dana olhou em volta. De repente aquele lhe pareceu o apartamento de outra pessoa; de uma Dana que não existia mais. Ainda se sentia estranha bem no meio de sua sala quando algo roçou em suas pernas.

– Black! – Sem demora Dana o pegou no colo e apertou-o num abraço. – Quanta saudade de você meu preguiçoso preferido!

Com o gato junto ao peito ela se sentou no sofá e passou a acariciá-lo, até que ele ronronasse.

– Desculpe sua dona. Prometo que não vou mais deixá-lo tanto tempo sozinho. Depois que eu estiver com Ethan em seu apartamento venho buscá-lo, está bem?

Como resposta teve mais um pouco do ronronar do gato.

– Vou entender isso como sim.

Então, sabendo que não teria tempo para matar as saudades do gato, deixou-o sobre o sofá e foi até a cozinha trocar sua água e completar o pote de ração. Black a seguiu e esperou que ela depositasse suas vasilhas no piso para servir-se. Antes que erguesse o corpo, Dana avistou perto da porta de sua sala, a correspondência que havia pegado na sexta-feira e que passou por baixo da porta sem nem olhar antes de sair à procura de Joly.

Deixou Black comendo e foi pegar os envelopes para conferi-los um a um. Conta de gás, extrato do banco, conta do cartão de crédito e... Um telegrama?! Dana deixou todos os outros envelopes sobre o móvel ao lado da porta – junto a uma Amarílis agora murcha – e foi se sentar. O telegrama era de seu pai. Intrigada, Dana o abriu.

Não poderemos ir NY feriado. Onde está? Preocupado. Telefone.

Como assim não poderiam vir no feriado? Quando Martin disse que “viria no feriado”? Sem entender e não gostando nada do tom preocupado de seu pai, Dana correu para o telefone. Dana esperou impaciente que seu pai ou sua mãe atendesse ao telefone, sentindo-se culpada por não ter se lembrado mais cedo que domingo era o dia oficial de conversar com eles.

– Alô!

– Oi, pai... – de repente Dana sentiu um aperto na garganta; uma saudade estranha.

– *Dana! Tem idéia do quanto estava preocupado com você? Estava quase acionando a polícia de Nova York para procurá-la.*

Dana sorriu sentindo as lágrimas estranhas lhe aflorar aos olhos.

– Não seja exagerado pai. Conversamos semana passada... – Ou ela acreditava que sim. Já não tinha tanta certeza. – Só me atrasei em ligar hoje. Como esta mamãe?

– *Sua mãe está bem aqui ao lado, mandando lembranças. E como assim se atrasou hoje?! Estou ligando praticamente todas as noites desde terça-feira e você nunca está em casa.*

Desde terça-feira?! Seria possível que sua alienação bloqueou até mesmo a audição? Bem provável. Sentindo-se culpada pela preocupação desnecessária que impingiu aos pais e não querendo atualizá-los quanto aos dias negros pelos quais passou, mentiu:

– Deve ter sido algum problema com o telefone, pai. Eu estive aqui o tempo todo. – Isso era verdade.

– *Está bem!* – resmungou Martin. – *Recebeu meu telegrama? Esse foi o único jeito que achei de entrar em contato com você já que não respondia a mais nada.*

– Ontem respondi aos e-mails da mamãe – Dana encolheu os ombros. – E, sim, recebi seu telegrama.

– *Bom! Como avisei, acho que não poderemos ir até aí no feriado, como combinamos.*

– Eh... – ela começou sem jeito. – Me desculpe pai, mas... Quando combinamos isso?

– *Danielle, o que está acontecendo com você?*

Por onde começar? Contando que estava noiva de um vampiro que era perseguido por vampiros rivais e que por causa disso, sua vida corria perigo? Ou dizendo que havia rompido com o namorado que ele conhecia e que agora também era um vampiro?

– Muito trabalho, pai... Minha cabeça anda lotada. Agora, poderia me responder?

– *Combinamos no domingo passado* – ele respondeu parecendo exasperado. – *Percebi que você estava dispersa, mas não imaginei que se esqueceria do que conversamos.*

– Me desculpe. – Parecia que não tinha mais o que dizer. – Agora eu me lembro... Bem, não quero que pense que não sinto saudades nem nada disso, mas é melhor que não venham. Ando ocupada demais com minhas matérias e não poderia dar a vocês a atenção que merecem. Depois combinamos outro encontro, certo?

– *Tudo bem Dana. Como disse, não iremos.*

Dana respirou aliviada, queria os pais bem longe de toda aquela confusão.

– Então estamos combinados – ela exclamou tentando parecer animada. – Depois nos vemos... Eh... Agora preciso desligar, pai. Diga à mamãe que mandei um beijo. Eu amo vocês!

– *Nós também te amamos... E Dana?*

– Sim, pai?

– *Não sei se foi só trabalho ou se está acontecendo alguma coisa que a deixa dispersa, mas fico feliz que tenha passado. É bom senti-la presente.*

Novamente Dana se comoveu. Seu tom animado não convenceu o pai, sempre tão perspicaz. Era uma péssima filha por fazer os pais sofrerem daquela maneira quando nem poderiam ajudá-la.

- Sim, pai. Estou presente e se ajuda saber... Estou imensamente feliz.
- *Ajuda, sim, minha querida. Fique com Deus e tenha uma boa noite!*
- Boa noite, reverendo!

Ao desligar Dana engoliu sua comoção e tratou de se arrumar. Ao abrir o guarda-roupa, sua mente foi novamente tomada por Ethan. Logo ele estaria de volta e ela nem escolhera o que vestir. Depois de descartar várias peças, optou por uma calça preta, uma blusa de renda da mesma cor assim como o *Summer boot* de camurça. Este deixou para calçar por último e correu até o banheiro.

Diante do espelho analisou as marcas deixadas por Ethan: as de sua paixão, não de suas mordidas. Dessas não havia o mínimo traço. Certo, parecia que seus braços estavam cobertos por um tecido em vários tons de lilás e roxo, mas aquela não era hora de ficar inspecionando os registros das pegadas de um vampiro. Se ela queria realmente sair com aquela blusa, tinha que dar um jeito nos hematomas.

Depois de alguns minutos aplicando corretivo e base nas marcas, Dana conseguiu sumir com as mais claras e disfarçar as escuras. As do pescoço ela escondeu com o cabelo que deixou solto após várias escovadas para domar as ondas revoltas. No rosto aplicou o básico: blush, um pouco de sombra e rímel nos olhos e... Hesitou quanto ao batom, pois Ethan sempre o tirava.

Sim! Dana sorriu e coloriu a boca. Agora bastava calçar os boots e o *trent coat* azul que estaria pronta. Saindo apressada para o quarto, tomou um susto ao encontrar Ethan sentado na cama.

- Nossa! – arfou, levando a mão ao coração.
- Perdoe-me, não queria assustá-la. Esqueço-me que preciso anunciar minha presença.
- Até que me acostume, eu agradeceria... – Para Dana, Ethan não parecia culpado por surpreendê-la, muito pelo contrário, mostrava-se satisfeito ao se levantar e ir até ela. Com a aproximação, Dana não soube se seu coração ainda batia pelo susto ou por ele, as duas coisas. Ao parar diante dela, Ethan a analisou atentamente.
- Valeu nos arriscarmos vindo até aqui. Você está ainda mais bonita!
- Obrigada! – Dana sentiu seu rosto corar já antecipando o toque do polegar em seus lábios, contudo, este não veio.
- Podemos ir? – Ethan perguntou ao se afastar.
- Em um minuto. – Sob o olhar atento de Ethan, Dana se calçou depois vestiu seu casaco.
- Agora, sim, estou pronta para nosso encontro.
- Ainda não – ele a corrigiu. – Falta eliminar os excessos.

Antes que Dana pudesse entender, Ethan segurou-lhe a cabeça entre as mãos e lambeu sua boca na vertical, sem pressa.

– Agora sim... – disse roucamente. – Podemos ir para nosso encontro.

Tudo bem! Dana pensou completamente trêmula, quem queria o polegar de Ethan quando poderia ter sua língua fria retirando o batom? Não ela. Controlando seus tremores ela se deixou conduzir até a porta. Black não estava em parte alguma, mas sua dona não se importou. Agora sabia que o gato estava bem e assim que fosse possível viria buscá-lo.

∞

O jantar no Ernie's não foi nada constrangedor, divergindo das refeições feitas na casa de Ethan. No restaurante, ele a deixou saborear sua salada com camarão grelhado sem encará-la de forma constrangedora. Somente lhe tocou o rosto vez ou outra e lhe acariciou a mão livre com o polegar. Ele não comeu, apenas rolou sua comida de um lado ao outro no prato. Dividiu com ela o vinho branco, escolhido a perfeição para ativar seu paladar e deixá-la descontraída.

Por várias vezes Dana se esqueceu do perigo que corriam. Lembrava somente quando o flagrava a escrutinar o espaço ao redor deles, ou ao encará-la seriamente. Nesses momentos ela lhe sorria e puxava um assunto qualquer para distraí-lo. Naquele instante Ethan a olhava profunda e enigmaticamente. Dana já não sabia mais como distraí-lo. Talvez fosse hora de voltarem, contudo estava adorando o passeio.

– Para onde vamos depois que saímos daqui? – Ela tomou um gole de vinho. – Direto para casa?

Nesse momento Ethan franziu o cenho e ergueu a mão em sua direção num pedido mudo para que esperasse. Depois tateou o bolso do blazer até encontrar seu celular.

– Com sua licença – pediu antes de atender. – Boa noite, Thomas.

– *Ethan!* – o amigo parecia preocupado. – *Onde vocês estão? Aconteceu alguma coisa?*

– Acalme-se. Não aconteceu nada. Apenas saímos para jantar.

– *Tem certeza de que é seguro, Ethan?* – Thomas perguntou após um breve silêncio.

– Não, mas resolvi arriscar – disse cobrindo a mão que Danielle pousou sobre a mesa. – Como foi de viagem?

– *Tranquila. Queria ter voltado antes, mas não achamos voo. Ethan se quiser podemos nos encontrar com vocês. Acho que seria mais seguro. Onde estão?*

Ele ponderou sobre o oferecimento sem desviar o olhar de Danielle. Ambos sabiam que era de suma importância se reunir com o casal de amigos, contudo estava claro que não desejavam fazer aquilo naquele exato momento. Quando todos estivessem juntos, voltariam aos problemas e à tensão.

– Agradeço, mas não é necessário. Estamos bem!

– *Se é assim... Até amanhã?*

– Logo cedo irei para o escritório. Temos muito que conversar. – Após as despedidas, sentindo-se mais tranquilo pelos amigos estarem de volta, Ethan guardou o celular e acariciou a mão que segurava. – Perdoe-me.

– Imagine. – Dana lhe sorriu. – Como estão?

– Bem – respondeu vagamente, ainda movendo o polegar pelas costas da mão dela, pensativo. – Queria saber se vamos direto para casa?

– Sim, nós vamos?

– Estava pensando em levá-la a um lugar.

– Hummm... Estender o encontro? – Dana fingiu pensar. – Devo entender que está gostando da companhia?

– Deve entender, anotar e jamais esquecer que amo a companhia.

– Anotado e jamais esquecido – disse envaidecida. – Já que ama sua companhia para onde pretende levá-la?

– Queria levá-la onde nos conhecemos.

– Mas está chovendo! – Dana olhou para além da janela. – E não sei se seria uma boa idéia ir ao Central Parque agora.

– Fico lisonjeado com a lembrança – Ethan acariciou sua mão –, mas não nos conhecemos no parque.

De repente o semblante dela se iluminou.

– Vai me levar à Cielo?

– Se não se importar.

– Eu vou adorar!

– Então está decidido. Assim que terminar seu jantar, iremos.

Diante da idéia de poder dançar com Ethan, todo seu apetite se foi. Dana engoliu apenas mais dois camarões para refrear a ansiedade e tomou o último gole de vinho.

– Terminei... Só preciso ir até o *toalete* e podemos ir.

Ethan deixou que ela se fosse, seguindo-a com o olhar. Danielle não poderia saber, mas estar com ela naquele restaurante despertava suas lembranças mais perturbadoras dos dias em que ainda não estavam juntos. Quando a encontrou em outro restaurante, com

outro par, que, assim como ele, não conseguia tirar as mãos da pele lisa e macia dela. Que agora, também como ele, era um vampiro capaz de fazer qualquer coisa para tomá-la de volta.

Inferno!... Precisava fazer valer o brinde proposto na ocasião e realizar seu desejo mais profundo... Exorcizar o rábula de suas mentes e arrancá-lo de suas vidas, definitivamente. Somente assim teria tranquilidade para desfrutar de sua bela noiva que agora sumia em direção aos banheiros. A imagem também despertou algo em seu íntimo. Um desejo não saciado quando bebeu dela pela primeira vez, e também o temor de que alguém a espreitasse como ele o fez.

Ethan refreou o medo por saber que ali não havia outro imortal. Danielle estaria segura. Era no que tinha que acreditar para não segui-la. Já ansioso pela volta dela, ele chamou o garçom e pediu a conta.

Capítulo Treze

Dana sentia as batidas da música em seu coração. De tão eufórica, desconhecia-se. Era o vinho. E a companhia, decididamente a companhia. Não havia perigo iminente, futuras prisões domiciliares, vampiros bons ou maus... Todo seu pensamento estava ocupado por Ethan. Somente não saía quicando até a pista de dança arrastando seu noivo pela mão por lembrar que ele não era um par comum.

O som alto e repetitivo encobria as batidas do coração humano, contudo o Ethan via o contentamento estampado no rosto de Danielle que, por conseguinte, o contentava. A partir daquela noite a casa noturna seria um local significativo somente para eles dois, sem figuração inoportuna e indigesta.

– Vamos beber alguma coisa? – ele propôs diretamente ao ouvido dela.

Dana assentiu e o seguiu em direção ao bar.

– O que vai ser senhor? – indagou o barman.

– Um Black Label duplo para mim e um Martini com...

– Não – Dana disse ao seu ouvido –, peça o mesmo para mim, mas simples e com gelo.

Perfeito! Depois de fazer o pedido, Ethan a segurou pelo rosto e a beijou mansamente, adorando a iniciativa. As bebidas chegaram e depois de bater levemente seu copo contra o dela como um brinde simbólico, Ethan sorveu um gole de seu uísque, deixando que o ardor conhecido aquecesse sua garganta.

Dana dava goles espaçados e regulares em sua própria bebida e praticamente pulava excitada a cada nova música que iniciava. Como a levou até ali exatamente para esse fim, voltou a dizer ao ouvido:

– Quer dançar?

– Vamos? – Dana perguntou entre animada e receosa, segurando sua mão.

– Não, você vai.

– Sozinha?!

– Dance para mim. – O pedido respondeu à pergunta.

– Foi o que entendi? Eu vou até a pista dançar... Enquanto você fica aqui... Olhando?!

– Exatamente!

Ao confirmar Ethan exibiu um de seus sorrisos estonteantes. Agora nem sentia as próprias pernas. Dançar *com* Ethan era uma coisa, dançar *para* Ethan era outra completamente diferente. Havia um abismo entre perturbador e aniquilador.

– Eu não poderia...

– Pensei que estivesse disposta a se redimir pelo bolo, Srta. Hall.

– Ah... Sei o que está fazendo! Não adianta querer me imitar no assunto da pasta de amendoim. Dançar para você, realmente não me redime.

Evidente que não, até porque ela não tinha que se redimir por deixá-lo. Desejava apenas provocá-la então, ignorando seu discurso Ethan novamente imitou-a:

– A cada segundo que passa me convenço de que é. Caso contrário sequer questionaria. Faça de conta que não estou aqui.

– Como se isso fosse possível! Estou cercada por você, Ethan!

– Então lamento informá-la de que todas as minhas versões estarão de olho em sua *performance*... Agora vá!

Agora vá! Fácil falar, Dana pensou aflita ao terminar sua bebida antes de se arrastar até a pista de dança. Respirando fundo e deixando a música invadir sua mente, ela começou a mover o corpo no ritmo da batida compassada. Sempre gostou de dançar, então não era difícil. O inusitado e excitante da situação era sentir o olhar quase físico de Ethan sobre si.

E lá estava ela! Sua Danielle multicolorida dançava para ele. Ethan notou seu embaraço inicial, porém aos poucos, ela relaxou e agora se movia sensualmente, provocando-o. Ele sorriu satisfeito. Não esteve errado ao fazer o pedido. Começava a conhecê-la. Primeiro vinha o espanto, o rubor. Segundo a argumentação, desnecessária. Terceiro a rendição. Por fim a entrega e realização pessoal por fazer algo que ela igualmente queria.

Preso aos movimentos do corpo desejável, Ethan deixou que ela dançasse duas músicas inteiras antes de decidir que era hora de agir. Danielle não tinha somente sua atenção e entre os dois rapazes que ameaçavam abordá-la, um poderia ser classificado como suicida em potencial. Não os culpava por cobiçá-la, Danielle estava tentadora, mas entendê-los não anulava sua vontade de arrancar-lhes os olhos. Era hora de marcar seu território.

Dana estremeceu e quase perdeu o ritmo ao ver que Ethan se aproximava. Respire, respire, ordenou-se. Mas como obedecer quando as luzes coloridas deixavam Ethan sedutor e sombrio? Assustadoramente desejável? Sem chance! Ela morreria asfixiada ou consumida pelas chamas, o que acontecesse primeiro.

Assim como ela fez com seu *trent coat*, Ethan deixou o blazer no carro, então apenas a camisa de tecido fino cobria os músculos potentes, três dos botões estavam abertos. E como se não bastasse, ele tinha seu olhar fixo e se movia como um felino.

Ao acercar-se dela, antes mesmo de tocá-la, Ethan encarou o rapaz que estava muito perto. Sua expressão falou por si só fazendo o infeliz apenas erguer as mãos e se afastar. Imediatamente Ethan procurou pelo outro rapaz e não o viu. Satisfeito, voltou sua atenção a Danielle.

– Sozinha? – perguntou ao seu ouvido.

– Na verdade, não... – ela segredou. – E devo avisar que meu noivo é ciumento.

– Acho que vou arriscar...

Aproximando-se mais, ainda se movendo, Dana tocou seu peito.

– Se não se importa de perder seu coração, então fique e dance comigo.

– Não posso perder o que não me pertence – retrucou ao puxá-la para mais perto, eliminado a distância dos corpos.

– Ethan... – Dana arfou, esquecida da brincadeira. Ele sorriu e escorregou uma das mãos por sua cintura até as costas, parando a um centímetro de tornar o toque indecente.

– Vi de longe que você era uma bruxa – novamente falou-lhe ao ouvido –, adivinhou meu nome.

Enquanto o calafrio conhecido percorria sua coluna, Dana sorriu e voltou ao mesmo clima.

– Sonhei com você. – Era verdade. – Sei seu nome desde então.

– Então foi providencial que nos encontrássemos, pois eu também sonhei com você – disse ele ao encaixar uma perna entre as dela, sempre a se mover. – Sonhei com sua pele, seu cheiro... Mas não descobri como se chama. A bruxinha tem um nome?

A pergunta foi feita no exato momento em que seus quadris se tocaram. Por estar de salto alto, Dana pôde sentir o início de uma promissora rigidez. O breve contato inflamou-lhe o desejo e embaralhou sua mente.

– Não me lembro... – Poderia ser verdade.

Com os rostos próximos, Ethan juntou as testas e, depois de provocar outro choque *acidental* dos corpos, retrucou:

– Não me lembro não é um bom nome.

Então a afastou e, movendo-se no ritmo da música, fez com que ela girasse e ficasse de costas para ele. Segurando em sua cintura, vez ou outra permitia que seus corpos resvassem e emitia um baixo gemido sempre que seu membro indócil sentia as nádegas dela. Seu bom e velho masoquismo vindo à tona. O cheiro dela começava a enlouquecê-lo, mesmo corrompido pelos outros odores do salão.

Não se esquecia de onde estava, mas não conseguia evitar, escorregando uma das mãos por seu ventre trouxe-a para junto de si e com a outra, Ethan afastou o cabelo de um dos ombros, deixando a nuca exposta. Sempre dançando, beijou-lhe a base do pescoço. Subindo seus beijos, chegou ao seu ouvido onde sussurrou roucamente:

– Vou batizá-la de Danielle McCain.

Dana ofegou. Estava dolorosamente excitada e se obrigava a prestar atenção em suas pernas. Temia cair prostrada, rendida à sedução de Ethan. Na tentativa de se manter lúcida e de pé, ela girou e o abraçou para imitá-lo, segredando em seu ouvido.

– Adorei o nome... Mas para você será somente Danielle.

Ethan não teve tempo de se recuperar das palavras sussurradas, nem do carinho em sua orelha, quando sentiu a boca morna de Danielle beijar a base de seu pescoço e depois morder. Com o gesto sua bruxa lhe roubou o resto de bom senso. Deixando que as sensações corressem por suas veias ele a beijou.

Com certeza proporcionavam um espetáculo, mas Dana não tinha como se importar. Não quando Ethan passou a beijar seu pescoço. Ela sequer teve tempo de estremecer ao carinho, quando sentiu o roçar de dentes em sua pele. Todos seus pelos se eriçaram, sentiu seus mamilos enrijecerem e sua umidade íntima aumentar ao ter seu sangue drenado pelo sugar lento e ritmado. Apenas uma vez, mas aconteceu. Ethan bebeu dela... Na pista!

Naquele momento, Dana se descobriu exibicionista, pois gostou – e muito – daquele ato que se assemelhou a fazer sexo em local proibido. De fato estava à beira de ter um orgasmo. Antes que acontecesse, porém, Ethan a afastou minimamente.

– Você é deliciosa *somente Danielle!*

– E você maluco! – Dana acusou sem nenhuma convicção.

– Por você! – declarou roucamente, e depois de analisar as possibilidades, acrescentou: – Preciso de você Danielle.

– Vamos para casa...

– Preciso agora!

– Agora?! – Dana olhou em volta alarmada, confirmando ser o centro das atenções.

– Sim! Vá para o banheiro feminino – ele instruiu. – Irei em seguida.

Já era uma mulher assumidamente com problemas, sequer questionou. Como poderia se antever o prazer que teria ao ser possuída por Ethan na casa noturna, sem rodeios ou novas preliminares. Respirando fundo, ordenou às próprias pernas que ficassem firmes e acelerou o passo.

Havia três mulheres no banheiro ao entrar. Sem dar atenção a elas, Dana foi até a pia e, também ignorando a variedade de doces, chicletes e perfumes dispostos sobre a mesma, curvou-se para molhar o rosto em chamuscas; logo Ethan entraria.

Dana se secava quando seu olhar foi atraído para uma imagem no espelho. A mulher era linda e perturbadoramente pálida. Nada de ficar paranoica, disse a si mesma. Agora somente ela e aquela mulher estavam no banheiro. Ordenando-se a ficar calma, Dana sustentou o olhar castanho.

– Você demorou, Danielle – queixou-se a mulher.

Um calafrio correu a coluna de Dana quando a voz musical pronunciou seu nome com intimidade.

– O que quer comigo? – perguntou num fio de voz.

– De você eu não queria nada – ela começou ainda a olhando com curiosidade –, mas agora que a vejo de perto... Eu gostaria de entender o que um vampiro como Ethan viu em você.

Paralisada, Dana a viu se aproximar para levar uma mecha de seu cabelo ao nariz.

– Seu cheiro é realmente bom. Ainda mais aquele que exalava quando entrou, depois do show particular lá na pista. Vocês dois são quentes – elogiou com uma piscada, então se afastou para olhá-la inteira. – O corpo é bem-feito, apesar de estar magra. Mas quem pode culpá-la por perder o apetite quando se tem que ficar longe de um homem com aquela pegada, não é mesmo?

Dana tentou ignorar os comentários e raciocinar.

– Foi você que esteve no jornal, não foi?

– Sim, eu estive. Acreditei que Ethan fosse procurá-la, mas isso nunca aconteceu. Somente a francesa ficava perto.

– E o que você quer com ele?

– Meu assunto é com Ethan – retrucou séria. – Você não pode me ajudar, mas... – novamente a imortal a analisou de alto a baixo – estou mesmo curiosa. Você é bonita e apetitosa, mas não está à altura de Ethan. O que há em você que o atrai?

Por um tempo aquela foi a pergunta de um milhão de dólares, Dana pensou. Isso antes de saber que a atração vinha de outras vidas. Evidente que não diria à mulher.

– Atração e amor não se explicam – replicou, aborrecida com o tom depreciativo.

– Acredito que sempre haja uma explicação para tudo. Nesse caso específico eu sei que há algo. Mas agora chega de conversa! Vamos esperar que Ethan venha procurá-la.

Como ele a alertou, sequer teve tempo de almejar correr. Antes que se movesse a mulher a pegou pelo braço e a colocou às suas costas, mantendo-a cativa. Ethan seria atacado; foi tudo que Dana pôde pensar com o coração aflito.

Fora do banheiro, Ethan não pôde se aproximar por haver uma pequena concentração próxima a porta. Foi preciso esperar alguns minutos até que esta dispersasse. Enquanto aguardava, viu duas mulheres saírem do banheiro e se colocarem à porta. Parecia que estavam juntas, mas não conversavam entre si. O comportamento estranho não seria alarmante caso não tivessem barrado a entrada de outra mulher.

Imediatamente Ethan se pôs em alerta, toda sua excitação se esvaiu. Conhecia aquela postura: elas montavam guarda. Ao se aproximar, imediatamente o cheiro de imortal lhe veio ao nariz, mas não o de Paul; o da mulher que esteve em seu escritório.

– Não pode entrar aqui senhor – uma delas tentou barrar sua entrada.

– Saiam da frente! – ele ordenou a ambas, entre dentes, após um baixo rosnado. – E não deixem ninguém passar por essa porta depois de mim.

Ao entrar Ethan estacou. Danielle era refém de uma assombração, vinda de seu passado. Deveria ter associado a ela o cheiro amadeirado que pensou ser de Sabina.

– Finalmente! – ela disse satisfeita. – É um prazer revê-lo, Ethan.

– Perdoe-me por não dizer o mesmo, Raca – retrucou pausadamente, tentando ignorar os sons do coração acelerado de Danielle. – Se desejava ver-me com essa urgência, por que não me procurou? Entendo que queira vingança, mas nem isso justifica dilacerar meus restos e atacar pessoas inocentes ao ponto de quase nos expor.

– Espere – ela pediu. – Não me culpe pelo que está acontecendo aqui.

– Como não culpá-la? Está querendo dizer que não foi você que causou esses ataques?

– Exatamente!

– Porque devo acreditar?

– Porque é verdade... E estou com sua humana para provar o que digo.

– Acho melhor deixá-la fora disso – aconselhou entre dentes, sem conseguir domar os rosnados que se formavam em sua garganta. – Sua pendência é comigo. Deixe-a ir embora.

– Não! – Dana protestou. Evidente que não foi ouvida.

– Nunca foi minha intenção machucá-la – declarou Raca, deixando que sua refém ficasse ao seu lado. Nem mesmo nessa nova posição Ethan a olhou. Seu foco era a imortal.

– Então por que a seguiu até aqui e a mantêm presa? Se não quer machucá-la, solte-a! – Ethan estendeu a mão. – Entregue-a para mim.

– Não tão rápido. Antes preciso ter sua palavra de que não vai me atacar depois que eu a soltar. – Raca percebeu o titubear do vampiro. – Preciso ao menos de um tempo para conversar com você – acrescentou. – Se depois disso ainda não acreditar em mim, veremos como fica. Mas dou a minha palavra. Não estou fazendo essas coisas. Preciso de sua ajuda, Ethan.

– Quer que eu ajude você?! – Ethan riu escarninho.

– Escute... Aqui não é o melhor local para conversarmos. – Às suas palavras ouviram a movimentação do lado de fora. – Quis estar com a humana para mostrar que vim em paz. Sabe que ela poderia estar morta agora e você não teria como me encontrar. Isso prova que digo a verdade! Eu só precisava ter certeza de que me ouviria. Muitos anos se passaram, mas me lembro bem de seus métodos. Se tivesse outra maneira, jamais teria encostado as mãos nela.

Ethan pensou em salientar a existência de telefones, mas achou por bem não desmenti-la em momento tão delicado. E saírem dali se tornava urgente, pois as mulheres deixadas à porta faziam estrondosa algazarra para impedir que entrassem. Logo a segurança seria chamada.

– Está bem! – Ethan anuiu por fim. – Tem minha palavra. Agora me entregue Danielle.

– Vou confiar em você, Ethan.

Ao se calar Raca deixou que sua prisioneira desse um passo a frente, porém antes de soltá-la correu o polegar ao longo de seu pulso. Dana estranhou o toque fortuito e se eriçou em repulsa. Não teve como entender a ação, pois Ethan se aproximou e a capturou para inverter as posições, colocando-se diante dela.

– Ethan você prometeu – a vampira o lembrou, na defensiva, quando ele instintivamente se agachou e rosnou. – Eu entreguei a garota.

– Somente por isso vou manter minha palavra, mas nunca mais se atreva a tocá-la – disse entre dentes.

– Não se preocupe. Preciso apenas que me escute antes que seja tarde para todos nós. Não posso voltar ao seu escritório então, por favor, ligue-me.

Sem deixar de encará-lo ela retirou um cartão de seu decote e o estendeu. Ethan o pegou e o guardou no bolso da camisa, sempre em alerta. Sem mais palavras ela se foi. Imediatamente Ethan se voltou e abraçou Danielle, contudo ela não teve tempo de retribuir o abraço.

– Venha, vamos sair daqui.

Sem esperar por resposta, Ethan segurou sua mão e praticamente a arrastou em direção à porta. Abrindo-a de chofre, imediatamente concentrou toda sua atenção na iluminação da

casa noturna, fazendo-a tremular e apagar. Ao acenderem Ethan já havia tirado Danielle do banheiro, guiando em meio à breve confusão rumo à saída.

Capítulo Quatorze

Ao volante do Austin Martin, Ethan acelerava sem se importar com o trânsito. Não falava e mantinha o olhar em frente. Seria preferível que ele esbravejasse, pois seu silêncio era inquietante. Agora era sua vez de Dana ouvir o cérebro dele trabalhando e tremia só por imaginar o que estaria pensando. Provavelmente tentasse adivinhar as intenções da vampira, como ela fazia. Segundo a imortal não se tratava de vingança, o tempo havia passado. Mas quanto seria tempo demais para eles? Ou pior, para uma mulher vingativa?

Não tinha como saber, somente poderia lamentar que mais uma vez o passado estivesse interferindo em suas vidas. Dana suspirou e olhou para Ethan. Apesar da forma protetora que a abraçou o distanciamento era evidente. Por não ter o que dizer, acariciou-o no rosto quando ele foi obrigado a obedecer à sinalização de um cruzamento movimentado.

Ethan fechou os olhos com força e cobriu a mão que o tocava, mantendo-a no lugar. Precisava se acalmar, mas não conseguia. Estava dividido pela culpa por expô-la ao perigo e pelo arrependimento por não ter eliminado Raca há 178 anos. Quanto não bastou para que ela simplesmente se virasse e arrancasse a cabeça de sua noiva sem que ele pudesse evitar? Diante daquela imagem ele conteve a respiração.

– Ethan, fale comigo – Dana implorou.

Ele não a atendeu, somente retirou sua mão dela de seu rosto. O detalhe positivo foi que não a soltou. Segurou-a junto ao banco mesmo depois de colocar o carro em movimento. Ethan novamente se culpava, ela sabia. Desnecessariamente, pois nenhum dos dois poderia prever que a vampira estivesse na casa noturna.

Subitamente um pensamento cruzou sua mente como um raio. Raca comentou que os observou na pista de dança, confirmou ter ido ao jornal. Ela sempre esteve à espreita! Se a chuva encobria os odores só havia uma forma de a perseguição ter sido possível.

– A culpa é minha! – As palavras saíram antes que ela as filtrasse.

– Pare Danielle! – Ethan pediu enérgico.

– Não, Ethan. A culpa é minha. Ela esteve no jornal, sabia onde eu morava... Com certeza esperou todos os dias em minha porta. Se eu não tivesse pedido para...

– Pare Danielle! – ele alteou a voz. – Acha que não pensei em tudo isso?

Na verdade, era como se ela tivesse lido seu pensamento. Fora irresponsável ao levá-la até o apartamento. Deixou-a vulnerável enquanto caçava. Danielle estaria segura, mas somente em seu interior. Como poderia confiar que ela não saísse atrás de Black, por

exemplo? Sim, foi dela a idéia de ir até East Village, mas *ele* conhecia os riscos, *ele* poderia ter negado. Não discutiria culpas ou responsabilidades com ela.

Dana considerou melhor se calar. Forçá-lo acarretaria numa discussão indesejada. Não poderia acontecer, não depois da noite que tiveram antes que aquela assombração viesse do limbo para atormentá-los. Dana esperava que Ethan não confiasse em Raca. Não pôde deixar de notar que a vampira falava com ela de uma maneira e com Ethan de outra. Hierarquia sexista ou falsidade? Sem contar no toque em seu pulso. Ao recordar a sensação Dana estremeceu.

– Não se preocupe – disse Ethan, apertando-lhe os dedos. – Está segura agora.

– Eu sei disso... Não estou com medo!

– Ter medo é necessário – ele retrucou carrancudo enquanto fazia uma curva fechada para entrar em sua rua.

– Não entendo. Afinal, é para me preocupar ou não?

– Não quero que se preocupe porque está comigo agora, logo estará segura em casa – respondeu, encarando-a seriamente. – Mas quero que sinta medo para que não cometa atos irresponsáveis. Excesso de confiança nos torna cegos ao perigo.

Ele era o exemplo vivo, pensou. Com um bufar exasperado, colocou o carro para dentro e o guiou até a porta principal.

– Espere! – Ethan deixou o carro para ajudá-la a descer e a conduziu até o interior da casa. – Pode subir. Irei logo atrás de você.

Ao deixar o carro na garagem ele cismou com a quietude. Enquanto retornava para a casa, sentiu seus pelos se eriçarem ao passar por determinado trecho do jardim. Em alerta, olhou abruptamente em volta, mas não viu nada nem ninguém. Era realmente frustrante que a chuva encobrisse os odores. Como havia dito a Danielle, se algum imortal resolvesse passear por seu jardim, não saberia.

Ainda em alerta, seguiu seu caminho. Acreditou que Danielle estivesse no quarto, porém a encontrou na sala, ao lado do carrinho de chá que servia como bar, segurando um copo com uma dose de uísque. Tinha o rosto corado, o olhar incerto. Ethan se aproximou sem deixar de encará-la. A cada passo seu o rosto dela se tingia mais e mais de vermelho.

– Achei que gostaria. – Ela estendeu a bebida, e por lembrar as palavras de Carmem, acrescentou: – Se ajudar, pode até quebrar o copo depois.

Ethan nada comentou, apenas retirou o copo das mãos dela e, sem olhá-lo, depositou sobre o carrinho. Ainda a encarando, correu a mão ao longo de seu rosto corado. Depois a escorregou por sua nuca, entranhando os dedos em seu cabelo.

– Sua atenção já ajudou – garantiu, trazendo o rosto dela para perto. – Obrigado!

Então a beijou levemente em agradecimento pela atenção que dispensava a ele. Dana bem que tentou abraçá-lo, mas Ethan foi mais rápido e a pegou no colo.

– Está tarde. Melhor dormirmos.

Não restava nada além de assentir e se deixar ser levada. Ethan não correu, subiu sem pressa até o quarto. Por todo o trajeto Dana lhe analisou o rosto. O vinco em sua testa tinha desaparecido, mas não a enganava. Ethan continuava circunspecto.

– Vou tomar um banho para livrar meu corpo dos odores daquele salão – ele anunciou ao colocá-la de volta ao chão. – Quer ir antes de mim?

– Não. Pode ir primeiro – ela o liberou e ficou a olhá-lo até que estivesse no banheiro.

Diante do guarda-roupa, enquanto separava o que levaria ao banheiro, Dana pensou que não sabia o que esperar depois daquele encontro, contudo tinha uma certeza. Enquanto Ethan não resolvesse a questão com a imortal, ela, Dana, ficaria confinada sem a mínima chance de negociar uma breve ida ao jardim.

– O chuveiro está livre.

A voz de Ethan a despertou, nem notou o tempo passar. Saindo do transe, evitando não reparar em como ele ficava bem com uma toalha em volta à cintura, fez como ele. Banhou-se brevemente somente para retirar o cheiro da casa noturna de seu corpo e cabelo. Já seca e nua diante do espelho, lembrou as palavras de Raca.

“Gostaria de entender o que um vampiro como Ethan viu em você”.

Vampira idiota! Tudo bem que não era uma *supermodel*, mas era bonita. Poderia não ser voluptuosa como a imortal, mas tinha um corpo proporcional. E porque Raca tinha que entender alguma coisa afinal? O que a tornava atraente para Ethan não era da conta de ninguém. Ou ainda, ninguém tinha o direito nem deveria se intrometer na vida deles. Era aquele corpo comum que Ethan desejava e seria ele que Dana usaria para resgatar o noivo de suas cismas aquela noite.

Decidida, depois de espalhar creme em toda sua pele, Dana se vestiu. Escovou os dentes e penteou os cabelos. Somente então seguiu para o quarto. Encontrou Ethan deitado sobre as cobertas. Como sempre vestia somente a calça de seu pijama, azul escuro daquela vez. As mãos apoiadas atrás da cabeça deixavam todo seu peito à mostra.

– Esse pedaço de pano tem um nome? – indagou antes mesmo que ela se aproximasse.

– Bem... Acho que desde antes do seu tempo chamam de camisola.

– Decididamente isso não é uma camisola e, desde antes do meu tempo, se uma mulher fosse vista usando algo tão obsceno com certeza seria levada à inquisição.

Sim, seria levada como a bela bruxa que era, pensou Ethan analisando a tal camisola. Já havia visto algo semelhante em várias outras mulheres, mas sobre o corpo dela a tira de

pano adquiriria um poder bélico. Se havia dúvidas acerca da escolha, estas foram eliminadas quando Danielle chegou aos pés da cama e se ajoelhou sobre o colchão.

Danielle com certeza não sabia o que despertaria nele ao cheirar-lhe os pés e seguir subindo, farejando sua perna, seu quadril, até que beijasse seu umbigo. O estremecimento que correu seu corpo pareceu animá-la, pois subiu seus beijos breves e seu farejar pela trilha de pelos que a levou ao seu peito. Ele fechou os olhos e manteve as mãos atrás da cabeça deixando seu dorso exposto para a exploração. Depois de morder um de seus mamilos mínimos, ela cheirou-lhe o pescoço.

– Me levaria à inquisição? – ela perguntou num murmúrio, soprando em sua pele. E sem aviso o mordeu.

Ethan urrou. Esquecido de sua culpa e da intrusa infernal, derrubou Danielle de costas sobre o colchão e se pôs sobre ela, sentando-se sobre seu quadril para prendê-la pelos pulsos acima da cabeça.

– Seria apropriado para uma bruxa – disse guturalmente –, mas posso ser seu inquisidor e castigá-la por morder um homem depois de se apresentar usando essa renda indecente e cheirá-lo como uma fêmea reconhecendo seu macho.

Ao se calar, segurou-a apenas com uma mão para tocá-la intimamente, sem preâmbulos. Sabia que ela estava excitada e tratou de estimulá-la mais.

– Por favor, Ethan... – Dana sussurrou.

Ethan ignorou seu pedido. O cheiro que desprendia dela provocava o latejar incessante de seu próprio sexo. Precisava estar nela de uma vez por todas. Danielle estava pronta, esperando por ele, que agradecido e orgulhoso a atenderia.

– Você é uma bruxa pervertida, Danielle! Perfeita para alguém como eu – disse roucamente. Livrou-a da calcinha e, depois de libertar seu membro hirto, afundou-se nela.

– Ethan... – Dana choramingou antes de enlacá-lo pela cintura com as pernas.

– Dance para mim agora – ele pediu, movendo-se lentamente.

Depois do pedido Ethan a beijou. Obediente, Dana se moveu sob ele, acompanhando-o. Com um grunhido, ele aprofundou o beijo. Novamente a segurou com as duas mãos, não a prendendo pelos pulsos, mas mantendo os dedos entrelaçados. Dançavam de mãos dadas. E assim, movendo-se lenta, porém profundamente, juntos eles alcançaram a satisfação.

Ethan interrompeu o beijo e travou os lábios, reprimindo o desejo de mordê-la. Mais do tinha feito a debilitaria. Ao controlar sua vontade, deixou-se ficar sobre Danielle, protetora e preguiçosamente.

Dana correu as mãos pelas costas largas até alcançar o cabelo dele e acariciá-lo. Naquele instante ínfimo sentia como se Ethan fosse verdadeiramente só seu. Como se não tivesse de

dividi-lo com os amigos, trabalho, problemas e agora... com Raca! Não era hora, mas novamente a lembrança da vampira a perturbou. Dana queria que existisse outra maneira de seu vampiro esclarecer suas dúvidas sem novos encontros.

– Amo você, Ethan – ela sussurrou. – Se fosse possível, não sairíamos mais daqui.

Ethan praticamente ronronou de satisfação antes de se deitar corretamente e trazê-la para seu peito.

– Amo você, Danielle – declarou seriamente. – Prometa que será minha para sempre.

Então toda leveza se foi. Se Ethan mantivesse a decisão de não transformá-la, ela não tinha como prometer o impossível.

– Ethan, eu...

– Prometa que se manterá viva por muitos anos ainda... Não estou pronto para perdê-la!

– Acha que daqui a alguns anos vai estar? – Dana indagou gentilmente.

Ethan não respondeu, passou a acarinhar seu rosto enquanto olhava para cada detalhe dele. Caso ainda restasse alguma dúvida, aquela noite ele teve sua resposta, jamais estaria pronto. Estava disposto a esperar até que Danielle morresse, quando então a acompanharia. Porém, naqueles minutos em que ela esteve cativa de Raca ele experimentou uma dor tão profunda que, agora, não estava mais tão seguro em sua decisão.

Não! Ele simplesmente não poderia pensar sobre aquilo no momento – não sem rasgar seu pulso e dar de beber a ela. Então, circulando levemente um de seus olhos declamou para distrair-se; para distraí-la:

– “Se eu pudesse descrever a beleza dos teus olhos e enumerar teus atributos em épocas vindouras diriam: o poeta mente! A Terra jamais foi acariciada por tal toque divino”.

Dana suspirou comovida por inspirar citações Shakespearianas e pela possibilidade real contida na frase. O tema estava diretamente ligado ao seu drama pessoal para se calar.

– Podem até dizer que o poeta mente, mas ele tem a chance de descrever o que considera belo em sua musa por várias épocas vindouras, mesmo quando ela deixar de existir.

Ethan franziu o cenho e mais uma vez citou Shakespeare:

– “Duvides que as estrelas sejam fogo, duvides que o sol se mova, duvides que a verdade seja mentira, mas não duvides jamais de que te amo.”

Dana se inquietou. Não poderia desistir, ainda mais quando podia ver a indecisão na intensidade dos olhos verdes. Preparou-se para retrucar, e Ethan não permitiu.

– Dê-me uns dias – pediu.

– Sério?! – Dana exclamou incrédula e se sentou abruptamente. – Vai reconsiderar?

– Vou – ele prometeu num suspiro.

– Ah, Ethan! – ela exultou, atirando-se sobre ele para beijá-lo, repetidas vezes. Estava feliz.

Sim, reconsiderar não era garantia de mudança e talvez Ethan apenas tentasse ganhar tempo, mas a dúvida era nada se comparada à alegria que sentia. Uma promessa era tudo para quem não tinha nada. Logo seu ataque de agradecimento afetou a ambos e Ethan a segurou para beijá-la. Antes que intensificassem o beijo já se tocavam, provocando um no outro a mesma fome que logo seria saciada quando os corpos se unissem. Não livres de seus problemas, mas totalmente esquecidos deles.

Horas depois Ethan ainda estava acordado, tendo Danielle abraçada a ele. Odiava ter que deixá-la, mas a curiosidade o instigava. Lentamente, com todo o cuidado para não despertá-la, ele escorregou para fora da cama. Danielle resmungou algo e se abraçou ao seu travesseiro.

Depois de acariciar e beijar os cabelos castanhos, Ethan foi até seu sobretudo e, ignorando os envelopes que havia trazido do apartamento de Danielle, pegou o celular. Munido também do cartão de Raca, saiu do quarto e seguiu até a sala. Ao recuperar o copo que Danielle lhe ofereceu mais cedo, analisou o cartão com atenção. Era simples, sem nome ou endereço. Apenas um retângulo branco com um número de celular rabiscado à mão.

Melhor ligar de uma vez, pensou olhando para o relógio; 3h42. Cedo demais... Tarde demais... Dependendo do ponto de vista. A seu ver era hora ideal. Depois de beber a dose de uísque e atirar o copo na lareira, discou.

– *Mais cedo do que eu esperava* – Raca comentou a guisa de saudação. – *Bom dia, Ethan!*

– Talvez para você – retrucou secamente. – Vamos esquecer as amabilidades e ir direto ao ponto. O que quer comigo?

– *Já disse. Preciso de sua ajuda.*

– Para quê?

– *Não por telefone... Podemos nos encontrar então conversamos. Que tal agora?*

Imediatamente Ethan olhou para o alto da escada e analisou as possibilidades. Não era seguro que se encontrassem no meio da madrugada. Evidente que sempre poderia ligar para Thomas e pedir que o amigo o cobrisse enquanto Joly fizesse companhia a Danielle, mas...

– Agora é impossível.

– *Entendo...* – ela disse de forma arrastada e sugestiva. – *Pela manhã então. Agora tenho seu número. Assim que escolher um local neutro eu entro em contato.*

- Seja breve. Estou cansado desse seu jogo.
- *Já disse que não sou a culpada.*
- Todos são inocentes até que se prove o contrário, não é mesmo?
- *Você é o criminalista, deve saber* – Raca replicou sem inflexão. – *Assim que encontrar um bom lugar para nosso encontro eu procuro por você.*
- Estarei esperando.
- *E, Ethan...* – ela chamou antes que ele desligasse.
- Fale.
- *Não comente sobre nosso encontro e... tente não pensar em mim.*

Ethan permaneceu a olhar para o aparelho por alguns instantes depois de encerrada a ligação, estupefato. Deveria entender as últimas palavras como pretensão ou conselho? Fosse como fosse, não poderia evitar pensar nela. Como poderia quando suas vidas estavam interligadas?

Cansado, disposto a descansar ao menos nas poucas horas que restavam até que amanhecesse Ethan tentou seguir o conselho e voltou ao quarto. Danielle estava deitada como deixou. Ansioso por estar com ela deitou-se e esperou. Não muito, pois como esperado sua humana tateou o espaço entre eles até encontrá-lo e se aproximou.

Ethan sorriu satisfeito. Era natural, Danielle corria para ele como um rio à procura do mar. Ethan a abraçou e cheirou o alto de sua cabeça. A analogia era válida; sentia como se fosse um mar revolto. Amansado momentaneamente por seu pequeno rio, mas prestes a explodir em tormenta para naufragar todo e qualquer fantasma do passado; desde o remoto ao mais recente.

Capítulo Quinze

Elaborar planos sempre seria fácil, executá-los...

Parado ao lado da cama, com as mãos nos bolsos da calça social, Ethan observava Danielle em seu sono – linda – e não encontrava coragem para acordá-la ou sair sem se despedir. Sabia que uma flor e um bilhete não seriam suficientes; especialmente para ele. Ficar tanto tempo ao lado dela o desestabilizou. E afetou sua boa memória, pois enquanto se vestia, não conseguiu se lembrar de como fora cada manhã antes dela.

Talvez se estivessem em sua cobertura, não sentisse tanto, mas deixá-la ali... Naquela casa? Estava decidido. Não existiria *no máximo até terça*. Seria somente por aquele dia. No mais tardar à noite, ou na manhã seguinte, ele a levaria dali. A decisão facilitou sua partida. Resoluto, Ethan se sentou na beirada do colchão e lhe beijou o rosto demoradamente.

Dana acordou sentindo os lábios de Ethan. Antes mesmo de abrir os olhos, sorriu. Então ergueu a mão e procurou por seu rosto, seus cabelos. Ao sentir os fios úmidos, imediatamente abriu os olhos. O vampiro seminu e eternamente descabelado havia dado lugar ao criminalista. Todo o sono se extinguiu e ela se sentou.

– Bom dia! – ele a cumprimentou, sorrindo.

– Bom dia... – ela respondeu; decididamente aquela era a melhor forma de acordar.

O despertar só não era perfeito por saber que seria deixada; e também por uma leve indisposição. Ignorando a dor de cabeça que prometia se agravar caso não tomasse algo, recriminou-se por dormir direto, perdendo assim a chance de tentar convencê-lo a deixá-la ir ao jornal. Ao que tudo indicava, aquele era o começo de um dia longo, entediante e solitário.

– Que horas são?

– Seis e meia – Ethan respondeu depois de conferir seu relógio de pulso.

Àquela hora ela se levantava para ir à redação, mesmo assim perguntou:

– Não é muito cedo?

– Sim, é cedo. Por isso espero que volte a dormir depois de minha saída.

– Como se isso fosse possível – retrucou desanimada, abraçando seus joelhos.

– Ao menos tente – Ethan pediu, acariciando seu rosto. – Assim o dia passará rápido.

– É... Pode ser... De toda forma preciso telefonar para Cindy.

– Posso fazer isso por você.

– Ah, não! Obrigada, mas eu mesma faço isso. – Tudo que Dana não precisava era que seu noivo, dono da metade do jornal em que trabalhava, ligasse avisando que ela não iria trabalhar em sua segunda semana. – Ainda devo uma explicação a Cindy por ter saído às pressas para procurar por você depois que ela...

– Procurar por mim? – Ethan franziu o cenho. – Depois que ela o quê?

Droga! Dana praguejou em pensamento. Deveria ter mordido a língua.

– Danielle? – Era apenas seu nome, no entanto, carregado de indagações. Antes que respondesse, Ethan elucidou com precisão. – Não precisa me dizer. Ao que parece falar demais não é exclusividade de Joelle.

– Sinceramente não sei por que ela não poderia contar – confirmou ao retrucar.

– Não era para você saber – Ethan retorquiu aborrecido. – Agora vai pensar que eu estava manipulando sua vida.

– E não estava? – Não era uma acusação, somente a verdade. Sem deixar que ele a contradissesse, acrescentou: – Seja como for, eu não me importo. Não pense que fui atrás de você para reclamar ou algo assim. Eu queria apenas agradecer seu gesto. E uma coisa levou a outra e eu encontrei Joly que me trouxe até aqui, então... Deveria agradecê-la, não condená-la. E sendo sincera, duvido que justamente você, fosse acreditar que ela nunca me diria.

Ethan cogitou retrucar, porém se calou. Danielle tinha razão.

– Muito bem – disse por fim. – Não vou condená-la. E não se atreva a me agradecer.

– Posso não dizer, mas me sinto agradecida, é o que basta. – Não queria provocá-lo, mas seu tom autoritário a exasperava, e não deveria perder o foco. – Bem, como eu dizia, ainda devo satisfações. Mandeí um e-mail para tranquilizá-la, mas prefiro falar com ela – Olhando receosa para o rosto carrancudo, arriscou. – Seria melhor se eu fosse pessoalmente.

– Danielle, não comece! – Ethan pediu, irritando-se. Dana ignorou o pedido; era sua última chance.

– Seria rápido.

– Desista. Você já tinha concordado em ficar aqui, por que isso agora?

– Essa ordem é de meu futuro marido ou atual patrão?

– É a recomendação de alguém que conhece muito mais dos perigos que a cercam do que você – Ethan respondeu subitamente gentil.

O novo tom a desconsertou e arrefeceu seu ânimo exaltado. Arrependeu-se por provocá-lo daquela maneira, mas começava a se desesperar.

– Ethan, me desculpe! Nunca mais vou repetir essa bobagem. E saiba que entendo sua preocupação, mas... Por favor, me deixe ir... Posso ficar no jornal somente pela manhã e...

– Não aprendeu nada com o que aconteceu ontem à noite? – Ethan indagou incrédulo, cortando-a.

– Aprendi, mas penso que posso ficar segura estando na redação. Vocês não podem se revelar, então ninguém iria até lá tentar fazer algo contra mim.

Ethan não acreditou no que ouviu. Novamente ficava clara a completa falta de senso de perigo de Danielle.

– Essa sua dedução mostra que não aprendeu nada e que o susto não valeu – retrucou exasperado. Como ela bem salientou era seu patrão, e se insistisse ele não hesitaria em se igualar ao rábula e a dispensaria sem remorso. – Ontem estávamos em uma casa noturna com muito mais humanos a sua volta do que em uma redação e acredito que não preciso lembrá-la do que aconteceu, não é?

– Não, não precisa – Dana murmurou rendida. Ele tinha razão. A vampira idiota esperou pacientemente até que pudesse pegá-la sem que Ethan pudesse impedir. – Me desculpe por te aborrecer com esse assunto. E não se preocupe, não vou sair. Insisti por uma... agonia antecipada por ter que ficar presa e sozinha.

– Não sozinha. Carmem e John estarão aqui. – A rendição dela mitigou sua irritação. Ethan lhe segurou pelo queixo para que ela o olhasse. – Somente não saia, por favor... Isso é importante Danielle, não pode nem ir à casa de Carmem, ao alpendre e muito menos ao jardim.

– Eu sei...

– Se faz tanta questão de falar com Cindy pessoalmente talvez eu possa levá-la à tarde – propôs, compadecido. – Não ofereço de levá-la agora, pois tenho um compromisso.

Era tentadora a idéia de vê-lo mais cedo, mas se não desejava que Ethan telefonasse para Cindy por não querer misturar as relações, imagina se poderia chegar à redação de braços dados com o ele?

– Não se preocupe, falo com ela por telefone. – Dana ergueu a mão e arrumou, desnecessariamente, o nó da gravata dele. – Melhor ir de uma vez... Disse que tem compromisso e não quero atrasá-lo mais do que já fiz.

– Tenho, mas não sei o horário ainda. Raca ficou de avisar quando...

– Como? – ela o interrompeu.

– Que meu compromisso não tem horário estabelecido.

– Isso eu entendi – respondeu voltando ao mau humor. – Quero saber da parte que citou a vampira biscate.

– Vampira o quê? – Ethan perguntou confuso.

– Bis-ca-te – Dana repetiu, enfatizando cada sílaba. – Usávamos essa palavra lá em Albany. É o mesmo que vadia, oferecida, duas caras e sonsa. Tudo em uma única pessoa!

Danielle era realmente inacreditável, Ethan pensou tentando acompanhar as variações de humor enquanto ela enumerava os defeitos da vampira. Seria possível que estive mesmo com ciúmes de alguém que ele odiava mais do que odiou Samantha? Sua noiva não tinha com o que se preocupar nesse sentido.

– E como sabe que Raca vai avisar alguma coisa? – Sem dar chances de respondê-la, acrescentou incrédula. – Já falou com ela?!

A cena era inusitada. Ethan se conteve para não rir ou abraçá-la de pura satisfação. Estava encantado.

– Falou, não foi? – ela prosseguiu antes de deixar a cama para andar de um lado ao outro. – Evidente que falou!... Ligou para ela enquanto eu dormia. Óbvio!

Àquela altura o coração do vampiro estava inundado em contentamento. Sabia que ela sofria, mas não conseguia evitar. O ciúme desmedido de Danielle o envaidecia. E a tornava tão desejável que Ethan achou por bem eliminá-lo antes que não fosse capaz de sair daquele quarto. Em um átimo se colocou diante dela. Sua aproximação inesperada fez Danielle estacar e levar a mão ao coração. O susto durou apenas um segundo. Logo ela tentou afastá-lo, empurrando-o pelo peito.

– Nem vem, Ethan McCain! Não tente me seduzir para mudar de assunto.

Ethan não se moveu um milímetro, ao invés disso, enlaçou-a pela cintura e a trouxe para mais perto.

– Ainda preciso *tentar* seduzir você? – perguntou roucamente.

– Por favor, não desconverse – pediu ao fechar os olhos. – Falou mesmo com ela enquanto eu dormia?

Ethan sorriu. Danielle seria assim tão ingênua ao ponto de acreditar que não olhá-lo mudaria alguma coisa? Desafiado, ele beijou as pálpebras fechadas, uma de cada vez.

– Era preciso – explicou num sussurro rouco. – E você sabia que eu a procuraria, então por que o ciúme?

– Não estou com ciúme, é somente... preocupação!

– Evidente! – Ethan beijou sua bochecha, antes de deslizar os lábios até o pescoço. – Então não tem com o que se preocupar. Ficarei bem!

Quando a beijou naquele ponto Danielle lançou a cabeça para trás, rendida.

– Joly vai com você?... Ou Thomas?... Não o quero sozinho com ela...

– Não pense nisso – pediu cheirando seu queixo. A intenção era distraí-la, mas deveria saber que seria afetado. Igualmente rendido apertou-lhe as nádegas, comprimindo-a contra si.

– E se ela não estiver sozinha? – indagou trêmula. – Pode ser uma armadilha, Ethan... Talvez seja melhor não ir...

Ethan aventou a possibilidade, mas não poderia voltar atrás. Para resolver as questões teria que arriscar.

– No momento, Danielle, eu tenho algo melhor em mente do que meu encontro com a biscate.

O vampiro sabia que ultrapassava todos os limites com a humana, e decidiu que a preservaria... Depois. Também não poderia voltar atrás naquilo que começou entre eles e o que fizessem seria uma boa recordação para acalenta-lo por todo o dia.

∞

Era pouco antes das 8h quando as portas do elevador particular se abriram no andar dos escritórios dando passagem a Ethan. Como previsto o movimento era intenso àquela hora, mas nunca lamentaria seu atraso inesperado. Agora estava pronto. Não inteiro, mas pronto com certeza. Ciente de sua responsabilidade seguiu para a primeira tarefa daquela manhã.

Como no sábado, Ethan recebeu os cumprimentos de alguns funcionários por sua volta aos que ele respondeu educadamente enquanto se dirigia à sala de Seager. Puro reflexo, pois sabia que não o encontraria. Queria apenas encontrar algo que tivesse deixado passar.

Para sua surpresa, contudo, o cheiro de seu misterioso amigo podia ser sentido em todo lugar, até mesmo fora da sala vazia. Seager esteve em seu escritório recentemente. Estranho! Antes de chegar a alguma conclusão, Ethan achou por bem tentar obter informações pelas vias usuais.

– Bom dia, Sr. McCain! – cumprimentou a secretária humana que atendia tanto Andrew quanto Seager, ao se pôr de pé. – Eh... Posso ajudá-lo em alguma coisa?

Ethan não estranhava seu pouco jeito. Caso não fosse pelo encanto natural que lhe despertava, seria pela surpresa de recebê-lo aonde raramente ia.

– Gostaria de saber se Andrew está de volta.

– Ah, não – ela disse voltando a se sentar. – O Sr. Kelly não vem ao escritório desde sexta-feira da semana passada. Viajou a negócios.

– Entendo – disse lhe sorrindo. – E Seager? Saberá me dizer onde ele se encontra?

– Ah... O Sr. Holmes tem um julgamento agora pela manhã na corte municipal. Veio somente pegar alguns papéis e foi se encontrar com seu cliente.

Ethan agradeceu e saiu. Era realmente intrigante que Seager estivesse trabalhando como se nada de anormal tivesse acontecido. E frustrante que suas atitudes suspeitas não fossem também reveladoras. E o que pensar sobre Andrew que há mais de uma semana não dava notícias?

Bem, quanto ao segundo, Ethan nada poderia fazer. Melhor se ocupar com quem estava perto, assim que pudesse seguiria à Center Street. Decidido, foi para sua antessala. Contava em ver Joly, contudo ela não ocupava seu lugar – mas passou por ele –, nem havia clientes a sua espera.

Na sua sala reparou que Joly havia deixado os jornais sobre a mesa, como sempre fazia. E também um bilhete.

Bom dia.

Thomas virá por volta das dez, tinha compromisso inadiável com clientes.

Estou na cobertura supervisionando a entrega dos móveis novos. Louca pelas novidades; suba assim que puder.

Joly

Ignorando os jornais, Ethan seguiu até sua cobertura. A entrega dos móveis já estava sendo feita. Alguns carregadores transitavam pelo *hall* e o elevador de serviço. Joly dava ordens indicando onde cada item deveria ser colocado quando olhou em sua direção. A francesa abriu seu melhor sorriso antes de ir até ele para recebê-lo com um abraço.

– Ah, Ethan, estou tão feliz! – Ao se afastar olhou para algum ponto às costas dele como se tivesse receio que fosse ouvida. Então voltou a encará-lo expectante. – Pensei que fosse trazer Dana com você... – de súbito, sorriu confidente. – Claro que não... Ainda é cedo para deixá-la sair, não é mesmo?

Ethan não acompanhava o raciocínio nem o entusiasmo da amiga.

– Bom dia para você também, Joly! Posso saber o motivo de tanta alegria? E por que seria cedo para Danielle sair?

– Porque seria imprudente sendo ela tão nova, não? – Ela baixou ainda mais o tom. – Como Dana se comportou ontem à noite? Você deixou que ela matasse uma pessoa? Ou você explicou que não precisamos matar?

Ethan deveria ter se preparado para aquilo. Para os amigos que sempre souberam de sua intenção, a mudança de Danielle era certa.

– Responda Ethan! – Joly pediu impaciente. – Como ela se portou durante o *jantar*?

Prevendo a discussão, disse impassível, baixo o suficiente para que somente ela ouvisse:

– Não foi esta espécie de jantar, Joly. Fomos a um restaurante e não a trouxe hoje porque a quero segura, em casa. Eu não a transformei.

– O quê?! – A pergunta soou alta demais. Então, em resposta ao olhar de Ethan, Joly baixou o tom. – Por que não?

– É uma longa história e temos algo mais importante a tratar.

– Mais importante que Dana ser como nós?!

– Sim, existem coisas mais importantes no momento. – A resposta foi para Joly, mas pareceu que disse a si mesmo.

– Pois então diga o que pode ser mais importante que deixar Dana fortalecida – retrucou de mau humor, depois de dar uma olhada furtiva em direção aos carregadores.

– Quero que me diga exatamente o que percebeu de estranho em Paul quando foi ao hospital com Danielle.

Imediatamente o semblante da vampira mudou.

– *Oui!* Isso é importante – anuiu e, pegando-o pelo braço o levou para fora, junto à piscina. – Pode parecer bobagem de minha parte, mas acho que Paul sabe sobre sua imortalidade e sobre as coisas que fez.

– Por que achou isso?

Joly basicamente confirmou as palavras de Danielle, porém, antes que se frustrasse, ela acrescentou que Paul se referiu a ele como bastardo. Poderia ser somente um xingamento, dito no calor da emoção, mas algo dizia a Ethan que não era o caso.

– Tem certeza de que ele usou essa palavra?

Joly assentiu tornando o detalhe preocupante. Ninguém além dele, Thomas ou Joly sabia sobre o desliz de sua mãe. Ethan se inquietou. Confiava nos amigos, não restava dúvida, mas talvez eles não fossem tão discretos quanto acreditou.

– Joly... Por favor, isso é muito importante então preciso que me diga a verdade.

– Sobre o quê?

– Thomas ou você alguma vez comentou com os outros sobre mim ou as coisas que fiz para conquistar Danielle?

– Está maluco, McCain?! – Joly se mostrou ofendida.

– Não, não estou maluco – não se alterou –, mas preciso saber o que está acontecendo.

– Ah! E a primeira opção é desconfiar dos amigos? – A ofensa cedeu lugar à mágoa.

– Nunca seria minha primeira opção – disse categórico –, mas é fato que somente nós sabemos desses detalhes.

– Acha que já não pensei isso?! – ela perguntou exasperada. – As palavras dele ficaram remoendo em minha cabeça todos esses dias. E você nem quis me ouvir quando tentei contar antes que as coisas piorassem...

– Antes que piorassem?! – Impossível não se irritar. – Lembra-se de “quando” tentou contar? Na ocasião não tinha como ser pior. – Impacientando-se ainda mais disse incisivo. – Você queria novidades, *mon chérie*? Pois eu tenho novidades. Paul é um imortal, como nós!

Joly abriu a boca, contudo Ethan não a deixou falar.

– Diante disso, eu preciso saber como ele conhece tanto sobre mim. Saiba que não estou os acusando de nada; quero somente entender... E vocês não precisariam ter contado a alguém, bastaria que comentassem até mesmo entre si para que outro imortal pudesse ouvi-los. Assim como Samantha ouviu uma pequena parte de nossa conversa sobre Danielle.

– Desculpe-me, Ethan – ela pediu sinceramente. – Sei que jamais desconfiaria de nós. E não, não conversamos sobre isso... Pelo menos não quando havia a mais remota possibilidade de sermos ouvidos. Até mesmo Samantha ouviu quase nada, pois percebemos a aproximação dela. Agora, sobre Paul... Você tem certeza? Um imortal?

– Infelizmente é verdade, mas não sei quem o transformou ou quando.

– Bem... – começou Joly pensativa. – Quando o encontramos no Bellevue ele até poderia já ter sido mordido, mas não havia provado sangue imortal.

– Você não farejou nenhum traço de outro vampiro nele?

– Num hospital?! – ela o olhou; incrédula. – O lugar todo cheirava a éter, sangue e doença! Nem mesmo o cheiro de Seager que foi quem o levou estava em suas roupas depois de tanto tempo.

– Sobre o tempo... – Ethan comentou, atentando a um detalhe. – Danielle disse algo sobre não esperar encontrá-lo, que era para já ter sido liberado quando chegaram.

– Analisando dessa forma, fica claro que quem o transformou contou sobre você antes que Paul fosse atendido – disse, seguindo-lhe o raciocínio. – Com certeza esperou que fosse medicado para não levantar suspeitas.

– E o transformou depois – Ethan concluiu. – Talvez na mesma tarde.

– Ethan... – Joly sussurrou preocupada.

– Isso foi na tarde de quinta-feira – ele prosseguiu. – Danielle o encontrou na segunda já como imortal.

– E eu a deixei procurá-lo! – Joly arfou alarmada, então uniu as sobrancelhas em estranheza. – É por isso que não quer transformá-la?

– Evidente que não! – ele negou enraivecido. – E não mude de assunto. Se você estava com ela, por que deixou que subisse?

– Essa era a idéia, não era? – Joly também se alterou. – Estava claro que quando descobrisse a verdade ela tentaria tirar satisfações com ele. E eu não estava com a garota. Apenas a segui como fiz a semana inteira enquanto você esteve longe. Eu não sabia sobre Paul!

Ethan não gostou de ser lembrado de sua ausência, e não retrucou. Com o poderia?

– Está bem! – Ethan se desarmou. – Não deveria ter dito isso.

– O importante agora é sabermos quem fez isso e por quê. – Joly também se acalmou.

– Apenas saber quem, pois o motivo é claro, conseguir um aliado.

– E, Ethan... – novamente havia receio na voz da francesa. – Lamento dizer que Paul afirmou que pegaria Dana de volta.

– Veremos! – Nesse momento seu celular vibrou, distraíndo-o. Sem pedir licença a Joly ele o atendeu. – Diga o lugar.

– *Direto ao ponto* – disse a imortal. – *Gosto disso!*

– Ninguém imaginaria.

– *Há uma cafeteria no Hotel Stanford. Estarei lá em quarenta minutos. Está bom para você?*

– Em quarenta minutos nos veremos.

– *Não preciso pedir que vá sozinho, não é?*

– Espero não ter que pedir o mesmo – foi sua resposta seca antes que desligasse e voltasse o celular ao bolso sob o olhar inquiridor de Joly.

– O que foi isso?!

– Outra novidade, mas não tenho como explicar em detalhes agora. Tudo que posso dizer é que a vampira que a seguiu apareceu. Temos um encontro agora.

– O quê?! E você fala com essa calma?!... Quem é ela?... Como assim, vai se encontrar com ela?... Ethan!

– Calma Joly. Vou explicar com calma quando Thomas estiver conosco.

Joly torcia as mãos nervosamente, mas talvez sabendo que não adiantaria insistir, assentiu. – Ah... Está bem!... Você deve saber o que está fazendo.

– Sim, eu sei. E por falar em Thomas, qual era o compromisso inadiável?

– Ele precisava se encontrar com um de seus clientes. Um dos poucos que restavam, na verdade. Por isso Thomas não quis adiar. Se você tivesse adiantado todas essas novidades ontem à noite, com certeza ele teria dado um jeito de desmarcar.

– Não quis preocupá-los sem necessidade – explicou. Então franziu o cenho e perguntou.
– Um dos poucos que me restaram? Como assim?

Decididamente, agora que estava de volta, entre tantas outras coisas, precisava ficar a par de sua situação no escritório.

– Bem, não preciso lembrar que você sempre foi o mais requisitado pelos cretinos endinheirados dessa cidade.

– Não precisa.

– Pois bem... O caso é que sua impetuosidade no último julgamento não repercutiu muito bem. E o repasse de seus casos pendentes para outros advogados depois que sumiu não deixou os clientes satisfeitos. Thomas e Seager assumiram dois, Andrew não estava então muitos desistiram e foram para o escritório de Harry Turner. Aqui, a escória abastada está disposta a pagar quinhentos e cinquenta dólares hora por Ethan McCain, não por outro.

– Entendo. – Ethan queria que todos fossem ao inferno, mas precisava zelar por sua reputação. Thomas poderia ficar com um de seus clientes, contudo não permitiria que Seager assumisse nenhum de seus casos. Recuperaria seu cliente, venceria e com isso atrairia toda sua clientela. Caso resolvido.

– Sinto muito, Ethan. Sei como isso é importante para você...

– Não sinta. Em poucos dias resolvo essa situação.

– Definitivamente você está de volta, não é mesmo? E mais convencido!

– Não é convencimento quando se cita o óbvio. Não deixei de ser quem sempre fui. Não desaprendi tudo que sei somente porque tive problemas sentimentais. Só preciso colocar as coisas no lugar e...

Ethan se calou ao percebeu certo ar de riso em Joly.

– O que é engraçado? – indagou de cenho franzido. Para sua surpresa, a amiga riu descaradamente, aumentando seu mau humor. – Não estou com tempo, Joelle.

– Ah, me desculpe! – ela pediu tentando se controlar. – Sei que não devia... Tudo foi tão horrível, mas... Por mais que tivesse esperança, pensei que jamais veria o dia em que *Ethan McCain* diria que teve problemas sentimentais. E leve em conta que sou imortal!

Como invariavelmente acontecia, o desejo inicial de Ethan foi chacoalhá-la, mas sendo sincero teria que relevá-la. Ele sempre menosprezou o amor, atribuindo tamanha entrega aos fracos e ali estava, tendo sim, os malditos problemas sentimentais.

– *Carpe diem!* – recomendou sério, porém sem ressentimentos pelo riso frouxo da amiga.
– Aproveite o dia em que finalmente teve a prova de minha rendição.

– Desculpe-me mais uma vez – pediu parcialmente recuperada.

Ethan não retrucou, tinha muito a fazer além de diverti-la. Sabendo que cada minuto contava, retirou alguns envelopes de seu bolso e, depois de instruir Joly sobre o que deveria ser feito, entregou-os. Então também entregou a caixinha preta. Antes de repassá-la os olhos de Joly brilhavam.

– Espero que saiba lidar com isso – disse ainda sério, não admitiria mais risos. – Quero que leve isto ao melhor ourives que encontrar. Quero-o pronto o mais rápido possível.

– É o que eu estou pensando? – ela indagou expectante. Ethan assentiu antes que fosse novamente abraçado. – Ah! Parabéns, McCain!

Ethan se deixou abraçar, porém logo a afastou. Depois de agradecer o cumprimento, despediu-se e saiu. Em sua garagem escolheu o BMW, seu preferido, para seguir ao encontro de seu passado. E que os deuses o defendessem do que viesse!

Capítulo Dezesseis

Como era possível que uma casa tão grande parecesse tão pequena?... Fácil, pensou Dana. Era a presença de Ethan que dava vida a cada cômodo. Sem ele tudo perdia o brilho, tudo ficava menor, sufocante na verdade.

Sentindo a conhecida privação de ar, Dana andava de um lado ao outro de braços cruzados, tamborilando os dedos nervosamente sobre o braço e pedia em silêncio que estivesse errada quanto a uma possível armadilha por parte da vampira. Não suportava a mínima idéia de vê-lo ferido ou morto.

Dana bufou exasperada. Agora entendia a necessidade que Ethan sentia em quebrar as coisas, pois aquela era sua vontade. De preferência quebrar o pescoço da vampira falsa caso fizesse algum mal a ele. Sua inquietação não passou despercebida nem mesmo a Carmem.

– Bom dia, senhorita! – cumprimentou-a assim que entrou na cozinha, pouco mais de uma hora antes.

– Bom dia, Carmem! – disse ao se sentar numa das cadeiras e correr as mãos pelos cabelos.

– Aconteceu alguma coisa?

– Não dormi direito – mentiu. – E estou com um pouco de dor de cabeça... Agradeço se puder me arrumar uma xícara de café.

– Tenho analgésico em minha casa, se desejar posso buscar para você.

– Não é preciso, obrigada! Já tomei dois comprimidos – era verdade. Além da cabeça, seu corpo estava levemente dolorido. Exercício excessivo, talvez. – Preciso somente de café.

– Nada de somente café, querida – retrucou Carmem, carinhosamente, antes de fazer uma de suas costumeiras observações. – Até parece que vocês vivem de vento. Ontem mal tocaram na comida que deixei para o almoço e não comeram nada à noite.

– Fomos a um restaurante – esclareceu, tamborilando os dedos sobre a mesa.

– Ah... Não me admira que esteja com dor de cabeça. Com certeza está mal-alimentada. Não servem comida decente nesses lugares chiques. Apenas sujam o prato de forma bonita e cobram uma fortuna por isso. David nos levou a um lugar desses quando conseguiu seu primeiro emprego. O que ele gastou daria para abastecer meu armário durante um mês.

Dana riu ao comentário exagerado. Sabia que a mulher se referia a um dos dois filhos e gostou de ser tratada de forma maternal. Durante aquela primeira hora depois que se levantou, ela se deixou distrair pela conversa fácil de Carmem. Descobriu onde seus filhos

moravam e trabalhavam. Sua relação com a única nora – já que um dos filhos ainda era solteiro. Viu uma foto do neto de apenas um ano e meio que a empregada sempre trazia ao bolso e só não soube mais porque Carmem se deu conta da hora e disse que precisava ir às compras.

Ao ficar sozinha depois da saída da criada, Dana se obrigou a não pensar em Ethan e Raca, juntos e tentou ser prática. Finalmente o remédio havia feito efeito; sentia-se um pouco quente, mas a dor do corpo e da cabeça havia cedido. E já que estava melhorando e teria que trabalhar em casa era aconselhável começar o quanto antes e manter uma rotina de horários como se estivesse na redação.

Decidida, rumou para o escritório e, sentando-se à mesa de Ethan, ligou o computador antes de pegar o telefone e discar. Depois de dois toques a secretária de Cindy Howden atendeu.

– Bom dia! – Dana disse após ouvir a saudação ensaiada. – Gostaria de falar com a Sra. Howden. Diga que é Dana Hall.

– *Sinto muito, mas a senhora Howden não se encontra.*

– Saberia dizer quando posso encontrá-la?... Eu...

– *Ei... – a moça a interrompeu. – Agora me lembrei de você... É a novata, não é?*

– Acho que essa seja eu – respondeu aborrecida com a interrupção.

– *Ah, isso mesmo... Dana Hall. Não vai vir hoje?*

– Bem, como disse preciso falar com...

– *Ah, pelo jeito não vem – a secretária a interrompeu novamente, impacientando-a. – Mas se quer saber minha opinião, acho que seria melhor se viesse.*

– Posso saber por que diz isso?

– *É que dois homens estiveram aqui a sua procura – ela segredou.*

– Quem esteve atrás de mim?

– *Dois investigadores. Na verdade não vieram “por” você e sim para obter informações sobre o desaparecimento de Jeff Davis. Estiveram aqui logo cedo, conversaram com alguns de nós. Então resolveram esperar por você quando disseram que vocês tinham saído juntos. Como você demorou, pediram seu endereço e foram embora. Você está em casa? Eles já estão aí? É por isso que não vem? Terá que ir com eles?*

– Agradeço sua preocupação, mas meu assunto é somente com Cindy. Mais tarde tento encontrá-la. Tenha um bom dia! – desligou sem esperar por resposta.

Mais aquela, pensou ao recolocar o fone no gancho. Agora seria procurada por causa de Jeff Davis – nunca mais esqueceria. Também foi a última a ver Melissa, tinha certeza.

Descobrir que desejavam interrogá-la trouxe de volta as imagens esquecidas de seu pesadelo. Eram tantos assuntos relacionados que ficava difícil acompanhá-los. Ainda mais com Ethan sempre bem disposto a preocupá-la e distraí-la na mesma proporção. Entretanto, no momento estava sozinha e de volta ao tema inquietante. O que os investigadores pensariam ao não encontrá-la em seu apartamento? Gostaria de poder ajudá-los, mesmo sabendo que para os mortais as mortes e desaparecimentos jamais teriam explicação, por mais que fossem investigadas.

Dana estava tão absorta que teve um sobressalto quando o celular tocou em seu bolso.

– *Dana, onde você está?* – era Cindy, claramente preocupada. – *Soube que me ligou. Entendi em seu e-mail que nos veríamos hoje.*

– Bom dia, Cindy! – De repente Dana não sabia o que dizer. – Bem... Desculpe-me por isso. É que... amanheci indisposta – improvisou. – Parece que é algum tipo de virose. Ethan conseguiu que seu médico viesse aqui logo cedo. Ele prescreveu alguns remédios e recomendou repouso. Então pensei em fazer meu trabalho em casa e enviar para você como antes.

Mentir se tornava cada vez mais fácil, Dana constatou entristecida.

– *Nossa! É algo grave? Quantos dias ele disse que ficaria assim?*

Perguntas como aquelas que a faziam não gostar de mentiras. Uma resposta mentirosa levava a outra e a outra até que crescesse e se tornasse tão grande quanto uma bola de neve que cedo ou tarde bateria contra um argumento sólido, revelando assim a verdade. No seu caso jamais poderia acontecer.

– Em torno de uma semana, mas Ethan acha melhor que eu repouse por mais algum tempo.

– *Entendo... Então é melhor fazer como ele determinou, não é mesmo?*

– Sim – foi tudo que conseguiu dizer, estava mortificada, pois ia contra tudo o que acreditava. Sua garganta começava a ficar obstruída por um bolo compacto.

– *Se está tão indisposta, talvez nem devesse se esforçar diante de um computador. Tire esses dias de folga. Seu emprego estará aqui esperando por você.*

Ao último comentário, a vergonha de Dana atingiu seu auge, no entanto o desconforto cedeu lugar à irritação por si mesma. Sabia não ser de seu feitio se valer de favoritismo, mas simplesmente não tinha escolha então não havia motivo lógico para se envergonhar. E pensando friamente, não poderia se constranger por ser comprometida com um dos sócios do *Today*. Tal fato era irreversível e quanto antes ela e todos os outros se acostumassem, melhor.

– Obrigada – disse calmamente –, sabia que entenderia. Mas acredite, não farei esforço algum... Sei que estou em dívida com você por toda a apatia da semana passada e não vou deixar que uma virose me impeça de fazer exatamente o que faria caso estivesse aí.

– *Tem certeza disso, Dana?*

– Tenho. Por hoje é melhor seguir a recomendação, mas se me passar o que devo fazer, posso começar a trabalhar amanhã mesmo.

– *Então está combinado! Estava mesmo com algo em mente para você.*

– Pode me dizer agora ou passar suas idéias por e-mail se preferir.

– *Vou amadurecê-las e depois envio por e-mail.* – Após uma pausa perguntou, mudando de assunto. – *Já soube que estão investigando o desaparecimento de Davis?*

– Sim, eu soube.

– *Tudo perda de tempo.*

– Por que diz isso? – Dana perguntou cautelosa.

– *Acabo de vir da delegacia onde fui informada que as investigações sobre a morte de meu marido foram encerradas e que o caso será arquivado por falta de indícios e suspeitos. Acha que será diferente com o rapaz?* – seu tom indicava derrota.

Lembrar Charles Howden fez Dana estremecer: ele havia morrido como todos os outros. Porém em meio a um baile, com muitas, muitas pessoas em volta sem que Ethan, Thomas ou Joly evitassem. Quando agiram, Ethan a tirando do meio da confusão e Joly levando-a embora do Plaza sem qualquer explicação, eles a estavam afastando do vampiro intruso.

Talvez nunca soubesse quantas vezes esteve perto do perigo. Diante daquilo não tinha como se ressentir por ser mantida em casa assim como não poderia conter o pesar por aqueles que não tinham a mesma sorte que ela.

– Sinto muito! – Foi tudo que lhe ocorreu dizer.

– *Ah... Esqueça o que eu disse. Não quero aborrecê-la com esse assunto e você precisa descansar. Amanhã ou depois lhe mando um e-mail. Se não nos falarmos mais, tenha um bom feriado!*

– Obrigada!... Para você também, na medida do possível.

– *Não se preocupe, vou estar bem.*

A verdade, ela aceitou depois de desligar o celular e levá-lo ao bolso, era que no mundo de Ethan não cabia rebeldia ou distração. Infelizmente saber não a livrava do sufocamento. E foi por não conseguir respirar que decidiu ouvir-lhe a voz. Sem pensar se o atrapalharia

ou não, sacou o celular, discou seu número – devidamente memorizado – e esperou. Logo ouviu a mensagem informando que o aparelho chamado estava fora de área.

Imediatamente ao desligar, o aparelho apitou, avisando que a bateria estava baixa. Precisava subir até o quarto para ligá-lo ao carregador. Desanimada, Dana seguiu para a porta. Assim que saiu para o corredor seu coração parou por um segundo para então voltar a bater descompassado. Carmem estava de volta e elas quase se chocaram no corredor.

– Carmem! – Dana exclamou. – Você me assustou.

– Perdoe-me – ela disse simplesmente.

– Como foram as compras?

– Bem... Consegui achar tudo que queria. – Carmem lhe sorriu. – Estava pensando se não queria almoçar conosco na minha casa.

Por ela, adoraria a oportunidade de sair, mas sabia a importância de ficar dentro da casa.

–Agradeço, mas prefiro almoçar aqui mesmo.

– Por favor, eu insisto.

– Até que seja hora do almoço eu me decido, está bem? – prometeu para não entristecê-la. – Depois nos falamos... – Sorrindo-lhe, Dana se voltou para subir até o quarto. Foi quando Carmem a segurou pelo pulso. Dana estacou e olhou a mão que a prendia antes de encarar a empregada. – Deseja mais alguma coisa, Carmem?

– Quero que a senhorita venha comigo! – respondeu antes de começar a puxá-la.

– O quê?... Espere! – pediu, resistindo. Alguma coisa estava errada. – Me solta, Carmem!

– Preciso levar você.

– Pare Carmem! – Dana pediu, fazendo uma força tremenda para ficar no lugar.

– Tenho que levá-la, senhorita – repetiu.

A mulher era realmente forte, por mais que Dana se opusesse era puxada com certa facilidade. O que a desesperou, pois ficou claro que Carmem estava induzida.

– Droga, Carmem! Pare!

– Alguém quer ver você.

Dana já não a ouvia, focada em se soltar. Depois de levantar dois de seus dedos e girar o pulso, conseguiu. Porém não se afastou dois passos antes de ser presa, dessa vez foi alçada pela cintura. Dana nunca soube ser tão fraca. Lutava e esperneava – começava a ficar sem ar – contudo Carmem se mantinha inabalável e sempre a segurava de alguma maneira e a levava para mais perto da cozinha.

Antes que entrassem Dana se segurou ao batente com todas as suas forças em um último recurso de resistência. Os nós de seus dedos doíam, mas ela resistia bravamente.

– É inútil lutar, anjo.

Com o susto Dana afrouxou os dedos o que fez com que caísse pesadamente sobre Carmem. Ofegante, logo se pôs de pé e se afastou da empregada que tentava segurá-la pelos calcanhares. Ao relancear o olhar para a porta, viu Paul parado exatamente no centro um passo atrás do limiar, com os braços cruzados, assistindo a cena. Como chegou até ali, era a pergunta milionária da vez.

– É melhor ir embora. Não temos nada a conversar – disse Dana, voltando a olhar para Carmem que já a cercava na tentativa de segurá-la.

– Quem disse que não temos? – Paul perguntou seriamente. – Temos uma infinidade de assuntos a tratar, então venha.

– Não vou a lugar algum com você – garantiu, esquivando-se da empregada e correndo para o lado oposto da mesa, abrindo distância.

Paul bufou e passou as mãos pelos cabelos. Então riu nervosamente.

– Veja a determinação dessa mulher em pegá-la, anjo. Não é realmente incrível o que podemos fazer com a mente humana? – indagou. – Se eu soubesse desde o começo que tinha esse poder, Melissa não teria me delatado a você. Ou até nem tivesse saído do quarto. Você poderia ter sido poupada do constrangimento.

– Não me senti constrangida – assegurou. – E por ter dito a verdade Melissa precisou morrer? – Dana evitava olhá-lo, não poderia desprender os olhos de Carmem.

– Juro que não queria fazer aquilo, anjo – disse docemente – Errei ao emprestar seu cheiro a ela. Você é insubstituível... E estive tão perto quando eu ainda não podia fazer com que ficasse. Para piorar não gostei da forma que ela a tratou, então perdi a cabeça.

– O Paul que eu acreditei conhecer teria se controlado. Tudo bem que na verdade seja machista idiota, mas assassino?! – Dana estava ofegante e dava a volta na mesa para se afastar mais de Carmem.

– Não se devia matar um homem como eu, não é mesmo? Mas foi o que McCain fez ao tirá-la de mim. Apenas reajo ao que me fazem. Em especial quando tem a ver com você. Pare de correr e venha. Vamos sair daqui antes que o bastardo volte, prometo não deixar ele se interpor entre nós novamente.

– Nós?! Há tempos que não existe *nós*, Paul! Entenda isso de uma vez.

– Você é que não entendeu. Não vou a lugar algum sem você.

Dana mal o ouviu; estava focada em Carmem que contornava a mesa decidida e pegá-la. Olhando rapidamente em volta a procura de algo que pudesse usar para se defender,

avistou algumas panelas dispostas sobre o fogão. Sem pestanejar pegou a maior delas e a segurou firmemente pelo cabo.

– Carmem... Eu não quero machucar você, mas juro que faço se me forçar.

– Ah, Dana! Quem você pensa que engana? – Paul riu divertido. – Nunca bateu numa mosca.

Antes que ele se calasse a empregada avançou. Juntando toda sua força, Dana golpeou-a na testa e assistiu Carmem tombar ainda incrédula com sua ação.

– Que maravilha! Gostei de ver, anjo! Mas agora você criou um problema. Era imprescindível que a mulher a trouxesse para fora.

– Por favor, Paul... Preste atenção ao que está fazendo ao que está dizendo... Pare de matar as pessoas e inventar desculpas. Entendo que esteja magoado, mas não precisa ser assim.

– Não simplifique. Mágoa não é nada se comparada ao ódio que sinto. McCain se infiltrou em nossas vidas. Tirou-a de mim... Me ridicularizou. Ele me trata por rábula, como se eu fosse algum despreparado. O cretino é tão baixo e desleal que me induziu para que a mandasse embora deixando o caminho livre para ele. Agora é hora de reverter essa situação.

Ethan fez todas aquelas coisas. Bagunçou a vida cômoda de Paul, tirou-o de uma firma aonde chegaria a sócio, provavelmente antes dos 35 anos. Por puro capricho, pois para tê-la não precisava ter ido tão longe. Agora ficava claro que tinha se tornado objeto de disputa para os dois homens competitivos com sanhas mortais.

Utopia Dana sabia, mas novamente desejou que aquela história pudesse terminar bem para ambos, sem mortes.

– Ethan se valeu das armas que tinha. Agora é como ele, deveria entender.

– Então você sabe tudo que ele fez?! – Paul se admirou. – Evidente que sabe... Está com o filho da puta agora.

Por seu tom, ela teve a confirmação que a esperança era vã. E que era hora de tomar uma posição.

– Sim... Ethan me contou tudo e eu não me importo!

– Ele contou que ordenou que eu me suicidasse? Não se importou com isso também?

Aquilo era novidade para Dana. Agora percebia o quanto estavam fora de controle. Definitivamente, a paz era utopia.

– Dessa parte eu não sabia e sentiria muito se você tivesse morrido. – Antes que a satisfação cedesse lugar à esperança, completou: – Mas isso não muda nada. Estou com Ethan agora. Eu o amo e sempre vou desculpar os excessos que cometer.

Paul cerrou o cenho e avançou em sua direção. Dana recuou um passo, alarmada, mas parou quando o viu estacar como se um vidro bloqueasse sua entrada.

– Você não sabe o que está dizendo! – ele vociferou. – Está enfeitiçada! Essa é a única explicação caso não tenha entendido o que eu disse. O canalha tentou me matar! E a roubou de mim! – gritou as últimas frases.

– Não sou uma coisa para ser roubada – ela retrucou. – Deixe de hipocrisia e reconheça seus próprios erros.

– Eu reconheço, anjo! – ele mudou o tom. – E posso passar a eternidade me redimindo por cada um deles se você quiser. Basta aceitar “meus” excessos. Acredite, eu amo você. E posso fazê-la ser como eu. Apenas esqueça o passado e venha.

– Já disse que não – disse categórica, sequer olhando para a mão estendida.

– Não vou desistir de você. Se eu for embora, saiba que vou voltar, sempre! Sei que ainda gosta de mim. Você só está iludida ou magoada, mas vai passar. Se não derem um fim no bastardo eu mesmo o faço e tudo voltará ao normal.

Era inútil argumentar com ele. Dana se preparava para deixá-lo falando sozinho, quando percebeu que aquela era a chance de descobrir alguma coisa que ajudasse Ethan em toda aquela loucura.

– Não posso impedi-lo de ter esperanças – disse conciliadora. – Faça como quiser, vá, fique... Mas antes, me diga como chegou até aqui. Acho que mereço saber.

– Mesmo que não merecesse, eu teria imenso prazer em contar. Eu segui o bastardo depois que ele foi até meu apartamento. Estou retribuindo a visita. E devo salientar que você é péssima anfitriã. Nem me convidou a entrar...

– Você estava lá?!

– Não exatamente. Eu o vi deixar o edifício. Como o filho da puta não é meu tive de deixá-lo ir. E tem toda essa restrição de não poder chamar a atenção dos humanos... Mas confesso que foi divertido ver o cretino descontar sua frustração na árvore. Adoro, de verdade, essa força que possuímos.

Dizendo a si mesma que Ethan estava longe e seguro, Dana tentou conseguir mais informações.

– A quem Ethan pertence, Paul? Quem transformou você?

– Um amigo, mas acho que esse assunto não lhe interessa – disse sério. – Não até você estar comigo... Ser como eu. Deixar de acreditar que está vivendo um conto de fadas e passar a odiar o McCain tanto quanto nós.

– Esquece! – garantiu. – Não vai acontecer.

– Fala com tanta certeza. O tempo todo defende o indefectível McCain. Diz orgulhosamente que o ama, mas... ele sente o mesmo? Acho que não. Olhe para você e verá o mesmo. Não passa de um brinquedo para o bastardo. Está marcada, pálida e fraca. Não seja ingênua, Dana. Eu soube que o sanguessuga sempre mantém as humanas que aprecia por algum tempo antes de despachá-las. Você é a preferida da vez! Se fosse diferente, se ele a amasse, já teria a transformado como eu pretendo fazer assim que voltar para mim.

Paul não somente tocou em sua ferida como enfiou o dedo cruelmente. Dana sabia não se tratar de falta de amor, mesmo assim doeu ouvir do ex sobre as outras mulheres de Ethan e o fato de não ter sido transformada.

– Na verdade – ele prosseguiu –, agradeço que ele não tenha feito. Esse privilégio será meu. Ontem eu quase a peguei, mas os humanos idiotas me atrapalharam. Só deixei que ele a levasse para dentro e não o matei quando voltaram do passeio por não querer assustá-la, mas agora que conversamos, de hoje não passa... Venha, anjo – Mais uma vez Paul estendeu a mão. – Quero que seja minha para sempre.

Palavras certas vindas da pessoa errada. Se não tivesse certeza absoluta do amor de Ethan, teria se deixado levar, mas...

– Prefiro permanecer doente, fraca e humana – retrucou convicta. – Prefiro morrer lentamente com Ethan tomando meu sangue até a última gota a ser transformada por você.

– Acho que não está em condições de citar suas preferências. Sei que está magoada comigo e iludida por ele, por isso a perdôo. E pela última vez vou pedir que saia. Se não vier por bem, posso obrigá-la a sair.

Dana se alarmou. Paul a induziria era isso. Somente naquele instante percebeu o risco que correu ao ficar ali. Ainda olhava para o vampiro, quando o viu franzir o cenho e respirar fundo. Ela não esperou que pronunciasse nem mesmo a primeira palavra. Tapou os ouvidos e correu para o corredor, saindo das vistas dele.

– Não adianta fugir, Dana! É melhor sair ou serei obrigado a cobrar a dívida da mulher. – Paul gritou. Sem dar-lhe ouvidos, Dana se refugiou na sala de TV. – Se não sair agora vou matar o marido dela Dana.

John! Ao imaginá-lo como Billy, suas pernas falharam e ela caiu sentada no chão. O que faria? Tremendo e respirando com dificuldade, sacou seu celular e ligou para Ethan. Ainda temia um confronto entre eles, mas não via outra forma de resolver aquela situação. Seus dedos não a obedeciam e demorou o dobro do tempo para discar. Quando o aparelho finalmente começou a chamar, Dana sentiu lágrimas de desespero lhe subir aos olhos, porém as refreou. Depois de dois toques ouviu a voz rouca, preocupada.

– Danielle, o que houve?

– Ethan, Paul está... – então a ligação foi encerrada após o último alerta sobre a falta de bateria.

Capítulo Dezesete

Impossível não notar a imortal no Café lotado. Assim como acontecia com ele no caso das mulheres, todos os homens existentes no local estavam virados para ela, mesmo que estivesse sentada em lugar reservado. Não os culpava, Raca era verdadeiramente linda. Mesmo não estando vestida em pedaços sumários de pele de animais era extremamente desejável... Para os outros.

– Está adiantado! – ela o recebeu com um sorriso completo no rosto irretocável.

– Assim como você está – Ethan retrucou ao se sentar. – E já que estamos aqui, vamos direto ao assunto?

– Num instante. Antes quero me desculpar por ontem à noite.

– Pode se desculpar, mas será inútil – disse sinceramente. – Ela não tem ligação alguma com os assuntos que possam existir entre nós. Não havia motivos para fazer o que fez. Como disse antes, se desejava tanto falar comigo era só ter me procurado desde o início.

– Para você se lançar contra mim? E me dar o mesmo fim que deu às minhas irmãs? – ela perguntou sem entonação especial, erguendo uma sobrancelha.

– E é por isso que está aqui? – Ethan ignorou sua pergunta. – Quer vingá-las? Por isso anda me seguindo e me afrontando? Matando inocentes até mesmo em uma festa patrocinada por mim?

– Já disse que não fiz aquilo.

– E eu não acredito. Estar nessa cidade enquanto tudo isso acontece depõem contra você.

– Não venha com esses termos de advogado para cima de mim. Já disse que não fui eu.

– Você tem motivos e está no local dos crimes o que quer que eu pense?

– Quero que acredite em mim! Evidente que não gostei do que fez a elas, mas tenho consciência que as duas procuraram por aquilo. Sabina o transformou contra a sua vontade, Betânia matou seu pai e...

– Betânia – Ethan a interrompeu reflexivo.

– Ah, sim... É verdade. Você nos conheceu pelos nomes carinhosos – ela explicou. – Bete é Betânia e eu, agora que tanto tempo se passou, devo me apresentar corretamente. Sou Raquel e prefiro que me chame assim.

– Muito bem, Raquel, prossiga. Estava dizendo que me desculpa por ter matado alguém que chamava por nomes carinhosos...

– Guarde sua ironia, Ethan. Não o desculpo, apenas não o julgo. Como eu disse, elas procuraram por aquilo. Seria compreensível até mesmo se você se voltasse contra mim, pois o feriu, o marquei. Como poderia desejar vingança quando tudo que fez foi reagir a nós?

Ethan se interessou pela menção à marca, porém antes que pudesse especular uma garçonne se aproximou.

– Pronta para pedir agora? – ela se dirigia a Raquel, indicando que já havia atendido anteriormente.

– Sim – disse a vampira. – Traga-me um expresso. Depois decido se desejo mais alguma coisa.

Depois de anotar ela se voltou para Ethan.

– Nada para mim, obrigado! – quando a moça se foi, Ethan se voltou para Raquel. – Palavras justas e certas, mas ainda não me convencem. Eu sei que vampiros não seguem as regras, não se baseiam na lógica para agir ou têm senso de justiça quando ela não os interessa. Apenas são movidos por suas paixões ou seus rancores. E se as duas eram mesmo suas irmãs, só piora o quadro geral. Você tem todos os motivos para desejar vingá-las.

– Fomos unidas pelo afeto, não pelo sangue. Sempre fomos companheiras, muito mais que irmãs, mas não desejo vingança – ela sustentava-lhe o olhar. – Pode parecer egoísta de minha parte, mas ter me poupado é tudo que me importa. Quero somente seguir com minha vida e em paz na medida do possível. Acredite, o que está acontecendo nessa cidade me desagrada tanto quanto a você.

– Então o que está fazendo aqui? Se não é a culpada e as mortes a desagradam por que simplesmente não vai embora?

– Vou fazê-lo, mas antes preciso lhe dizer umas coisas. Pedi sua ajuda e em troca, até como prova de que pode confiar em mim, vou ajudá-lo também.

– Como? – Ethan perguntou franzindo o cenho. – Como pode me ajudar?

Raquel não respondeu de imediato, furtivamente olhou em volta, então voltou a encará-lo e baixou o tom o bastante para que somente ele a ouvisse.

– Não acho que aqui seja o melhor lugar para conversarmos. Reservei um quarto, o que acha de subirmos para termos mais privacidade? – ao se calar lhe tocou a mão e a acariciou com o polegar, sensualmente.

– Termos mais privacidade seria bom – Ethan disse impassível, mesmo que tivesse se eriçado em repulsa ao toque.

– Então vamos? – Raquel o chamou, satisfeita. – Quando estivermos sozinhos podemos nos entender melhor então verá que confio em você completamente.

– Isso seria realmente bom. Quero que confie em mim, afinal dei minha palavra que a ouviria – Ethan recolheu a mão, pois não suportava mais o contato. – O problema é que *eu* não confio em você e mesmo lisonjeado com o oferecimento devo declinar ao convite. Já basta ter perdido minha vida ao aceitar os prazeres oferecidos por uma víbora como você. Jamais cairia nessa de novo.

– O que está pensando?! – ela também recolheu a mão, fingindo estar ofendida. – Não estava me oferecendo! Só desejava desmanchar o clima tenso entre nós e conversar em local mais reservado.

– E que local mais reservado poderia haver num hotel do que uma cama não é mesmo? Acredite. Estamos bem aqui.

– Está bem! – anuiu, desanuviando a expressão zangada. – Pegou-me nessa... Você se mostrou tão viril e determinado logo nos primeiros minutos de vida... Odiei-o naquele momento, mas aos poucos a raiva cedeu. Por muito tempo ainda senti nas pontas de meus dedos a força de seus músculos tal qual no instante em que espalhei o pó de urucum em sua ferida.

À nova menção de sua marca, Ethan se retesou. Raquel tinha as respostas. O problema era que o tema o abalava sobremaneira e não poderia expor-se ou a Danielle. Precisava esperar pelo melhor momento para abordá-lo sem que denunciasse sua ansiedade.

– Confesso que Sabina me deixou curiosa ao enaltecer seus predicados – prosseguiu. – Nunca entendi essa atração carnal de vampiros por humanos, mas devo confessar que você foi um achado. Reencontrá-lo atizou minha curiosidade. E você não pode culpar uma mulher por querer experimentá-lo. Ainda mais se essa mulher viu uma prévia de sua sedução numa simples pista de dança. Beber dela na frente de todos aqueles humanos foi... Excitante! Realmente uma pena não subirmos... Sua humana tem sorte! Você é fiel e se preocupa verdadeiramente com ela.

– Perdoe-me a grosseria, mas não vim aqui para saber sobre suas curiosidades e muito menos falar sobre a boa estrela de Danielle. Diga o que quer de mim e como pode me ajudar?

– Certo! – Raquel ergueu as mãos. – Esqueça minha proposta intempestiva e vamos ao que nos trouxe aqui.

– Por favor.

– Vou colocá-lo a par de algumas coisas que desconhece. Não tudo. Já vou avisando que falarei somente até onde achar necessário.

– Evidente – Ethan retrucou secamente.

– Como já disse não sou a responsável por tudo que está acontecendo, mas sei quem é.

Ethan respirou fundo, expectante.

– Quem?

– Graco Demini.

– Graco Demini – Ethan repetiu num sussurro intimista, procurando algo que os relacionasse.

– Sim – Raquel confirmou. – Ele se acerca de vampiros como você, os observa por algum tempo, então se aproxima para tomar tudo que conquistaram. É como... um hobby para ele. Graco toma-lhes a carreira, o dinheiro, suas belas mulheres... Você tem todas essas coisas além de ter conseguido prestígio e notoriedade.

Decididamente ele nunca ouvira aquele nome e jamais poderia supor que toda aquela afronta velada se resumisse a uma aproximação para apropriação indevida de sua vida. E como aquele vampiro dos infernos tencionava fazê-lo, pouco importava. Ethan somente conseguia pensar que havia mais um imortal disposto a lhe tomar Danielle. Subitamente teve um mau pressentimento. A sensação foi tão forte que por um breve instante se sentiu sufocar.

Evidente que não deixaria transparecer seu temor e desconforto diante da vampira. Ela poderia revelar o que quisesse, mas nunca confiaria nela. De toda forma, agora ela era um problema menor.

– Então... Esse intruso está fazendo todas essas coisas somente para tomar tudo que é meu?

– Não somente tomar o que é seu. Ele quer seu lugar, apossar-se de sua vida.

– E o que o impede de me confrontar de uma vez por todas? – Algo não encaixava: como sempre. – Por que criar todo esse clima de horror que pode expor a todos nós? Ele é tão insano que até mesmo mulheres descartadas por mim lhe interessam?

Raquel desviou o olhar e tomou um gole de seu café. O movimento não passaria despercebido por Ethan.

– O que há? Responda-me.

A vampira baixou a xícara e, como se escolhesse as palavras, disse:

– É que com você as intenções se tornaram outras.

– Como assim? – Era difícil manter sua aparente calma. Sua vontade era espremer o pescoço de Raquel para que ela falasse toda história sórdida de uma vez.

– Há dois meses ele descobriu que você tirou algo dele.

– O quê?! Como posso ter feito tal coisa se nem ao menos conheço esse vampiro rapace dos infernos?

– Você fez! – Raquel garantiu, encarando-o. – Mas não vou me estender nesse assunto. Acho que já falei demais.

– Não, não falou demais. E não me ajudou em nada saber essas coisas. Onde encontro esse Graco?

– Ele não está na cidade. E é por isso que preciso de sua ajuda.

– Não vou fazer nada nesse sentido se não me disser tudo que sabe.

– Nem mesmo se eu disser que podemos acabar com Paul Collins?

Ethan cerrou os punhos sobre a mesa. Tentando manter o foco, perguntou, contendo-se para não rosnar em público:

– Foi Graco que o transformou, não foi?

Raquel assentiu.

– Ele queria mais um aliado e alguém que passaria a odiá-lo tão logo soubesse das coisas que fez era a escolha perfeita.

– Como esse abutre conhece tanto ao meu respeito? Como ele pode saber os motivos de Paul para me odiar? Onde você se encaixa nessa história?

– Perguntas demais... – ela disse, deixando de rolar a xícara entre os dedos e passando a olhá-lo de forma languida e suplicante. – Não posso contar muitas coisas, por favor, entenda Ethan. Já estou ultrapassando todos os limites ao vir aqui falar com você. Quando ele descobrir vai considerar traição de minha parte, então não agrave minha situação.

Ethan flexionou os dedos e voltou a fechá-los em punho, impaciente. O olhar e o pedido choroso o fizeram se lembrar das palavras: sonsa, duas caras. Todo cuidado com ela era pouco.

– Tudo bem – aquiesceu, decidido a seguir por outra via. – Não vou pressioná-la. Falemos de Paul então, afinal esse é o motivo que a trás aqui, não? Quer que eu a ajude a encontrá-lo? Pode, ao menos, me contar seu envolvimento com ele?

– Eu sei onde encontrá-lo, e não tenho envolvimento algum com ele. Não o suporto. Já disse que por mim nada disso estaria acontecendo. Sou contra a criação de novos imortais. Mas sou a minoria, meu voto não conta.

Minoria. A palavra gritou na cabeça de Ethan. Se o que ela lhe dizia fosse verdade e o tal Graco existisse, ele não estava sozinho com ela nas decisões. Se fosse verdade, o problema era maior do que poderia supor. Inferno!

– Então quer destruí-lo e para isso conta com minha ajuda.

– Exatamente! Estou cansada de todo esse... jogo. Não é função de uma rainha pajear peão. Ainda mais um peão insubordinado que está matando as pessoas que de alguma forma o desagradaram. Se ele continuar com isso logo vai nos expor.

Traída pela vaidade! Se aquele era mesmo o jogo de Graco e ela se atribuía tal importância, Ethan poderia saber que a vampira era amante ou esposa do rei. E no caso de Paul foi como imaginou; o rábula era um “trunfo” nas mãos de seus inimigos. Ou um peão como Raquel colocou. Fosse como fosse, ela nem precisava ter se dado ao trabalho de procurá-lo. A morte de Paul era certa.

– Por que o reles peão precisa da nobre babá? Por que quem o criou não o controla?

Ignorando sua ironia, Raquel respondeu:

– Já disse que Graco não está na cidade. Acha que se estivesse aqui esse idiota estaria fazendo essas coisas? Acha que “eu” estaria aqui com você? Já vai ser bem complicado tentar ganhar tempo até que ele descubra nosso encontro quando voltar... Imagina se me arriscaria se eles estivessem na cidade.

– Eles? – Ethan perguntou despretensiosamente.

– Sim... Saíram da cidade, um depois do outro e me deixaram aqui com esse novo vampiro desobediente. Acredite! Não me agrada ir contra Graco nem ter que pedir isso a você, mas já tentei de tudo. Expliquei que não podemos agir dessa forma... Teria induzido ele a me obedecer, mas, apesar de ser pouco experiente ele é esperto. Foge de minha aproximação e não atende mais meus telefonemas.

Àquelas palavras Ethan sentiu como se levasse um soco no estômago. Finalmente algo que poderia ajudá-lo. Vampiros podiam, sim, induzir uns aos outros. Mais uma vez não deixou transparecer sua surpresa.

– Nada de induções para ele então?

– Não – ela confirmou contrafeita. – Nada.

– Você tocou em um ponto importante e espero que pelo menos isso você me responda sem evasivas... Se Graco me odeia tanto e quer tomar o que possuo, por que simplesmente não usa isso contra mim? Por que não tenta me induzir ou aos meus amigos?

– Não banque o inocente comigo, pois sabemos que você não o é. Sabe muito bem que não é assim que funciona. Agora você é um oponente forte, Ethan. Como ele encara tudo isso como um jogo estava esperando o momento certo, mas já lhe disse que algo mudou. Não saberia dizer o quê, mas o ouvi resmungar que precisava ter cautela.

Há alguns dias algo mudou. A frase ecoou na mente de Ethan. Ele sabia de uma mudança ocorrida em sua vida. Estava mais forte. Mas se era essa a mudança, como seu oponente poderia saber se ele não contou a ninguém? Pense Ethan, pense!

– E quanto aos outros... – Raquel prosseguiu. – Graco é esperto e justamente por isso não se valeria de induções com os vampiros de seu grupo. Ainda mais com os dois mais antigos. Pelo pouco que vi da francesa sei o quanto ela é leal. Se o companheiro dela nutrir o mesmo sentimento fica praticamente inutilizado para esse expediente. Se Graco conseguisse induzi-lo teria que usá-lo em uma ação temerária, pois você reconheceria que seu amigo não estaria em seu estado normal. E ele com certeza, mesmo que obedecesse resistia e tentaria lhe indicar que estava sob alguma influência.

– Então foi como sempre pensei. Não posso me valer desse expediente agora, afinal você também é antiga e leal.

– Por favor, já pedi que guardasse suas observações irônicas. Posso estar aqui lhe dizendo essas coisas, mas sou, sim, leal a Graco. Por mais que o deseje sexualmente, Ethan, e seja relativamente agradável estar em sua companhia, não me sinto totalmente confortável com essa conversa, assim como não fiquei ao procurá-lo em seu escritório ou espreitar a humana. Também já disse que fiz essas coisas porque preciso me livrar de Paul. Ele ficou descontrolado depois que soube que Graco não está na cidade e agora acha que pode agir livremente. O que me importa é conservar nosso segredo.

– Engraçado você se preocupar com isso somente agora – Ethan observou. – Nosso segredo está ameaçado desde que atacaram meus restos no Central Park; desde que estupraram e mataram Laureen e dilaceraram Sarah. Isso sem falar no assassinato de Charles Howden e nas outras mortes. Apenas um corpo produzido por Paul foi achado até agora... Quem ameaça nosso segredo não é ele.

– Correção – ela disse sem se importar com seu comentário. – Na noite de sexta-feira acharam mais dois corpos no bairro de Paul. Não posso afirmar que o policial tenha sido morto por ele, mas o editor eu sei que foi. O reconhecimento do corpo é manchete dos jornais de hoje. Billy Jones era o nome dele. Você não viu?

– Não, não vi... E não desconverse – pediu Ethan, ainda mais impaciente. – Se você diz não ser a responsável, quem se serviu de meus restos? Graco?

– Não tenho que responder a isso! Vai me ajudar ou não?

– Uma vez que é preciso não ser leal para as induções valerem, Graco usou Samantha contra mim? E o que ele fez com Andrew? – Ethan perguntou sem nem ter ouvido a resposta anterior.

– Não sei do que está falando – ela retrucou.

Ethan estava aflito em seu âmago. Começava a ficar cada vez mais claro que Raquel não lhe revelaria nada de verdadeiramente relevante. Algo faltava e tudo estava errado. Precisava saber.

– Seager é leal a quem? Onde ele se encaixa? Não tente negar seu envolvimento, pois sei que vocês estiveram juntos no meu escritório.

– Não tenho problemas em responder isso. Eu o usei para que me ajudasse a encontrar alguma pista de onde você poderia estar já que nunca mais se aproximou da humana. Quando percebi que estava me expondo demais em ficar ali, saí do edifício e passei a monitorá-lo pelo celular. Aquele vampiro é fraco; sem importância. Induzi-lo é relativamente fácil.

Nada, Raquel não lhe diria absolutamente nada que tivesse significativa relevância, então, disposto a encerrar aquele encontro, sem que pudesse se conter Ethan capturou as mãos da vampira e as prendeu sobre a mesa.

– Por que Sabina ordenou que me marcasse? – Raquel tentou puxar a mão, mas Ethan a fechou firmemente na sua. – E por que você a atendeu? O que exatamente quis dizer quando me rogou aquela praga dos infernos?

Ao proferir as palavras Ethan se deu conta que o tema era o mais importante para ele. Sufocou-o, mas agora, não mais. O que foi dito ali, cedo ou tarde ele descobriria, pois o tal Graco viria até ele, contudo, somente ela poderia esclarecer o mistério sobre a marca que se interpunha entre ele e Danielle.

Não a deixaria ir embora antes de saber se existia ou não uma forma de anular o efeito de suas palavras; uma forma de ficar livre do medo. De não permitir que sua noiva envelhecesse e morresse.

– Responda – ordenou entre dentes.

– Ethan, você está fazendo uma cena – ela o alertou, olhando para além dele.

– Faço cena pior se não me responder – garantiu num sibilar.

– Por que isso agora? – Raquel perguntou, avaliando-o, incrédula. – Já se passou tanto tempo. Você se ressentir por causa daquilo?

– Apenas me responda! Como alguém com a marca igual a minha poderia me destruir?

De repente os olhos de Raquel se iluminaram. Ainda sem se importar com seu tom ameaçador ou suas ordens, ela sorriu.

– É isso! – exclamou satisfeita. – Você a encontrou! É por isso que está todo derretido pela humana!

– Responda! – vociferou.

– A *praga* não é minha. Apenas disse o que sempre ouvi de Sabina. Ela acreditava que...

Simultaneamente à resposta da Raquel, seu celular começou a vibrar em seu bolso. Por um segundo ele pensou em ignorá-lo, mas a inquietação persistente por Danielle não

deixou que o fizesse. Sem pedir licença o pegou e conferiu no visor. Imediatamente soube que algo estava errado.

– Danielle, o que houve? – inquiriu preocupado, cortando Raquel.

– Ethan, Paul está... – e então a voz dela se foi dando lugar ao som agourento da linha telefônica.

O tom alarmado não o perturbou tanto quanto a ligação ter sido interrompida ao mencionar o rábula: Paul estava em sua casa! Sem nem ao menos pensar, ele se levantou e seguiu para a porta a passos largos. Na calçada se dirigiu à rua onde havia deixado seu carro. Felizmente não o deixou no estacionamento do hotel de onde, com certeza, seria mais complicado sair com a velocidade necessária.

– Ethan, espere... – ouviu Raquel chamá-lo.

Sabia que estava sendo seguido antes mesmo que ela o chamasse. A cada toque dos saltos dela contra a calçada sua raiva aumentava mais e mais. Era evidente para ele que havia realmente caído em uma armadilha. Ignorando-a, contornou a esquina. Depois de analisar a calçada e ver que os poucos transeuntes estavam distantes, Ethan a esperou.

Bastou que Raquel aparecesse em seu campo de visão para que ele a prendesse pelo pescoço, segurando-a contra a parede.

– Por que a mentira? – vociferou.

– E-Ethan. Não...

– Sorte sua estarmos em local público, em plena luz do dia – disse entre dentes. – Volte para esse Graco que talvez nem exista e diga a sua fantasia que seu plano funcionou por um tempo. Mas torça para ter sido realmente temporário, pois se Paul conseguir encostar as mãos em Danielle eu a caço no inferno, cobra desgraçada.

Ao fazer a ameaça, Ethan a largou e seguiu para seu carro sem olhar para trás.

– Não faço parte de plano algum, Ethan – ela garantiu indo atrás dele. – Diga-me o que está acontecendo.

– Acho que sabe o que está acontecendo – retrucou, desativando o alarme e abrindo a porta de seu BMW. – Mas refresco-lhe a memória senil. Seu protegido está na minha casa, importunando a minha mulher.

– Escute... – ela segurou a porta para que Ethan não a abrisse.

– Arranco-lhe o braço se não tirá-lo daí.

– Acredite em mim... – Raquel pediu. – Não o chamei aqui para distraí-lo se é isso que está pensando.

Sem respondê-la, Ethan a empurrou para longe e entrou. Sequer olhou em sua direção quando saiu em disparada para a maldita casa onde deixou Danielle sozinha. Se algo de ruim acontecesse jamais se perdoaria por não ter visto o óbvio. Era evidente que tudo não passou de um ardil para mantê-lo afastado. Ao pensamento Ethan afundou o pé no acelerador.

Capítulo Dezoito

Frustrada, Dana arremessou seu celular ao outro lado da sala. Perguntava-se como pôde desejar a paz ou que Paul saísse ileso daquela história. Ele não era vítima das circunstâncias como tentou fazer parecer. Quando humano, era calculista. E agora, imortal, havia se tornado perverso e cruel. Como prova ouviu sua voz debochada, vinda da janela onde, por sorte, as cortinas estavam fechadas.

– Ia chamar o namoradinho? Desistiu? Se for esse o caso venha logo, estou perdendo a paciência. Você já deixou que Billy morresse, agora vai condenar outro homem?

– Cale a boca! Cale a boca! Você matou Billy porque é louco, psicopata! – Dana gritou.

– Não, anjo... Eu deixei que você escolhesse. Confesso que foi divertido torturá-lo, mas se você tivesse atendido meus telefonemas ou meu e-mail até sexta-feira eu o teria poupado. Agora não precisa de muito para salvar o marido daquela mulher. Saia de uma vez!

Dana lamentava, mas nada poderia fazer, não sairia. Ou sim, pensou aflita. Paul poderia mandar John vir pegá-la. Ao pensamento ela correu e trancou a porta.

– Toc, toc, toc – Paul bateu na janela, também reproduzindo o som. – Estou esperando. Você vem ou não?

Então algo lhe ocorreu. Por que o vampiro mandou uma mulher quando poderia se valer da força de um homem?

– Você está blefando – ela elucidou. Caindo pesadamente sobre o sofá, abraçou seus joelhos. – John já está morto, se não você já o teria mandado até aqui!

– Me pegou, anjo. Ele não se mostrou tão receptivo quanto sua mulher, então lhe quebrei o pescoço. Assim como fiz com seu coleguinha abusado.

Jeff Davis.

– Onde está ele Paul?

– Longe de você.

Definitivamente estava vivendo no meio de um circo de horror, onde a vida era tirada sem cerimônia e por motivos muitas vezes fúteis. Queria mesmo participar daquilo ativamente?

– Anjo, me perdoe... Vou me comportar... Ainda preciso me alimentar, mas só matarei nesse caso. Prometo! Vamos esquecer tudo isso e voltar ao que éramos antes...

– Por favor... Vá embora – ela pediu em um fio de voz, cansada.

– É sua última chance... Pense bem, Dana. Se não vier, o que acontecer a partir daqui é de sua responsabilidade.

Dana tapou os ouvidos, pois não suportava ouvir-lhe a voz; jamais voltaria para ele. Lentamente foi arriando sobre o sofá até que se deitasse. Ainda tapava os ouvidos mesmo que Paul tivesse se calado. Sua curiosidade lhe dizia para conferir se ele havia ido embora, mas sua prudência não a deixava se mover. Bastaria um mínimo pedaço dela fora do limiar para...

– Danielle?!

– Ethan! – sussurrou incrédula, recuperando suas forças para deixar o sofá. Antes que chegasse a porta esta se abriu a um simples empurrão do vampiro. Ele mal entrou e ela já se atirou ao seu pescoço.

Danielle não poderia saber, mas Ethan precisava daquele contato talvez mais do que ela. A maldita casa nunca pareceu tão longe.

– Shhh... – sussurrou enquanto lhe acariciava os cabelos carinhosamente. – Estou com você agora.

– Ethan, ele nos achou! – disse com a cabeça afundada em seu ombro. – Seguiu você. O viu no parque. Esteve aqui ontem à noite. Matou John... Queria que Carmem me levasse para fora... Carmem!

Dana falava sem pensar, aos tropeços, sentindo calafrios ao se recordar do ocorrido. Queria contar tudo que haviam conversado; contar sobre o perigo que ele correu, mas ao dizer o nome da empregada ela se agitou em seus braços. Porém Ethan não a soltou.

– Ela vai ficar bem – garantiu, levando-a para o sofá.

– Tem certeza? E Paul? Ele esteve perto de você no parque... Poderia ter te atacado!

Depois de sentá-la, Ethan retirou seu paletó e a gravata que o sufocava então se agachou a sua frente para segurar suas mãos.

– Não pense nisso agora. O importante é que ele não conseguiu o que queria. Você ainda está aqui.

– Eu não iria – assegurou, começando a se acalmar enquanto se perdia nos olhos verdes.
– Nem se ele ateasse fogo na casa.

Ethan estremeceu. Algo lhe dizia que o rábula era capaz de se valer de tal artifício. Era preciso redobrar a atenção sobre Danielle, e sobre novas armadilhas. Nada de tréguas, nem mesmo para obter informações. Sentando-se ao lado dela, ele a envolveu com um dos braços e com a mão livre sacou o celular. Quando iluminou o visor viu uma chamada perdida.

– Já tinha me ligado mais cedo? – indagou. Ela assentiu e o abraçou mais forte. Ethan franziu o cenho. Àquele horário já estava em seu encontro com Raquel. – O rábula estava aqui desde dessa hora?

– Não. Liguei porque estava com saudade. Mas ele chegou logo depois.

O que chamou a atenção de Ethan foi que, mais ou menos logo após a chamada perdida, começou a se sentir inquieto. A aflição dela foi a sua aflição, constatou.

– Ethan, você está me esmagando – Dana protestou.

– Perdoe-me. – Imediatamente ele afrouxou o abraço.

Com o cenho franzido, ordenou-se a fazer o que tinha de ser feito e a deixar assuntos sobre sensibilidade para outra hora. Decidido discou o número de Joly. Não queria preocupá-la, mas foi obrigado a contar sobre a armadilha de Raquel para que o rábula fosse raptar Danielle, antes de pedir que ela localizasse Thomas e juntos fossem até a casa.

Desligaram sem despedidas. Depois de voltar o aparelho ao bolso, Ethan beijou os cabelos de sua noiva, aproveitando para cheirá-los.

– Preciso ver a Carmem, Ethan – ela pediu, tentando sair do abraço de ferro e ignorando os tremores que se instalaram em seu corpo ao ouvir o que ele disse ao celular. Estava certa quanto a Raquel.

– Em um minuto. Preciso senti-la. – Suas palavras não continham nenhuma conotação sexual. Se a aflição dela o afligiu, agora desejava que sua aparente calma apaziguasse seu espírito combativo.

Dana deixou-se abraçar, mas não por muito tempo. Paul havia criado um problema para Ethan ao deixar um corpo em sua casa. Diante daquilo não poderia ficar quieta.

– Ethan, o que vamos fazer com John? E Carmem?... Por favor, vamos ao menos tirá-la do chão.

Ethan suspirou profundamente, então deixou que ela se afastasse.

– Vou cuidar para que nunca mais aconteça – avisou. Não estava preocupado com a criada. – Mas quero que me prometa que, se um dia estiver em perigo de morte, não vai tomar nenhuma atitude suicida. Promete.

– Ethan, eu...

– Prometa Danielle! Não quero que ninguém a leve, mas para tanto não deve se deixar matar. Se o cretino tivesse posto fogo na casa eu preferiria que você saísse. Odeio dizer isso, mas ele a ama e não lhe faria mal, então eu teria uma chance de encontrá-la, mas se morresse...

– Está bem! Está bem! Eu já entendi. E prometo – ela anuiu por fim.

– Obrigado! Agora vamos ver como está Carmem.

– Vamos – disse se pondo de pé somente para cair sentada depois de uma vertigem.

– O que houve?

– Nada... – tranquilizou-o. – Só me levantei rápido demais. E acho que talvez esteja gripada. Estou me sentindo fraca... Carmem conseguiu me arrastar como se eu nem pesasse. Por isso tive de bater nela. Podemos ir agora?

Sem esperar resposta Dana levantou, devagar. Ethan a imitou, analisando-a. A palidez que notou não se devia somente ao susto. Ele a debilitava. Estava claro que a tal fraqueza era por sua culpa. Não poderia mais ultrapassar nenhum limite com ela. Decidido, assumiu a dianteira para chegar até Carmem antes dela. Quando Danielle o alcançou, ele já erguia a empregada. Fora o grande hematoma em sua testa e a pele gelada por estar tanto tempo no piso frio, ela estava bem.

– Dana, por favor, ache uma faca. Grande de preferência e venha comigo. – Ethan pediu ao seguir para o corredor.

– Para quê?

– Apenas faça – ele disse e sem esperar por ela seguiu até a sala de TV. Depositava Carmem sobre o sofá quando Danielle entrou. Assim que pegou a faca pedida, ele levou à testa da mulher desmaiada. – O frio é vasoconstritor. A lâmina vai evitar que o hematoma cresça.

Pareceu que Dana voltou a respirar depois da explicação. Se o momento não fosse tenso teria rido de sua expressão.

– Ethan... – ela chamou em um sussurro. – E quanto ao John?

Ainda era surreal imaginar que havia realmente um corpo na casa ao lado. Se o jardineiro fosse sozinho, talvez Ethan não tivesse problemas em se livrar dele, contudo havia Carmem. Por um momento insano acreditou que ele fosse dar o mesmo fim à empregada.

Agradecia por estar errada, mas se inquietava ao constatar que entenderia se ele o fizesse. Dana se desconhecia. Sempre acreditou ser imparcial, no entanto, condenava Paul por se livrar das pessoas sem o mínimo de remorso, mas seria condescendente com Ethan que há muito mais tempo agia da mesma maneira.

Que tipo de vampira seria se ainda humana parecia estar se tornando tão fria?

– Você está bem? – Ethan perguntou preocupado.

– Estou... Só desliguei. Perguntou alguma coisa?

– Pedi que segurasse a faca contra a testa dela enquanto vou buscar um cobertor para aquecê-la.

– Ah, sim!

Ethan não demorou a voltar e nem a envolver a mulher com o cobertor. Depois de tomar a faca da mão de Danielle e colocá-la na estante mais próxima, encarou-a. Sua vontade era questioná-la sobre o que realmente aconteceu para que estivesse estranha, porém ouvir um som distinto e distante chamou sua atenção.

– Ethan você acha que...

– Shhh... – ele se aproximou rapidamente e colocou o dedo indicador nos lábios dela, apurando os ouvidos. Logo o som que chamou sua atenção se tornou distinto. – Inapto desgraçado! – vociferou.

– O que está acontecendo, Ethan? – Dana sussurrou incerta; não ouvia nada.

– O idiota chamou a polícia.

– Talvez esteja indo para outro lugar. Não sabe se...

– Eu sei – ele garantiu.

– Ethan a polícia não pode entrar aqui. Não podem ver John... Eles...

– Acalme-se. Eles não são problema. Não saia daqui até que eu volte.

No que Paul estaria pensando afinal? Ethan pensou ao parar ao lado de seu carro, estacionado diante dos portões, quem o visse pensaria que chegou naquele instante. Como de costume, dois homens deixaram a viatura e foram até ele.

– Bom dia, senhor...

– McCain. Bom dia!

– Senhor McCain, me chamo George Scott e esse é Mark Davidson. O senhor mora nessa casa?

– Provisoriamente, sim.

– Está chegando agora? – Davidson indagou, olhando seu BMW com curiosidade.

– Estou. Por que pergunta?

– Recebemos uma denúncia anônima. Parece que seus vizinhos ouviram disparos há alguns minutos, pedidos de socorro. O senhor se importaria se déssemos uma olhada?

– Acredito que não tenha sido daqui, mas não me importo. Vamos?

Empenhado em ajudar, Ethan os convidou a entrar pelo portão de pedestres.

– Eu o conheço – Scott comentou quando já estavam no caminho rumo a casa. – O senhor é aquele advogado que promove o baile anual de Halloween, não?

– Ele mesmo – Davidson respondeu por Ethan. – E no baile desse ano um homem foi morto, não é mesmo?

– Infelizmente um de meus convidados foi morto – Ethan confirmou. Agora era analisado com indisfarçada atenção.

– Interessante – disse pensativo, seguindo Ethan pelo jardim. – Agora recebemos essa denúncia. Aparentemente crimes o cercam senhor McCain. Deveria ficar preocupado.

– O que me preocupa é a ambiguidade de seu comentário – retrucou seriamente, quase ofendido. – Especialmente quando os deixo entrar em minha casa de bom grado, sem nem exigir a apresentação de um mandado.

– Opa! – disse o investigador com as mãos erguidas. – Não quero aborrec...

Mark se calou ao ser empurrado para longe, juntamente com seu amigo, por um ato reflexo de Ethan. Quase tarde demais ele soube que seriam atacados. Os dois caíram sobre o chão de pedra e aturdidos olharam em sua direção em tempo de vê-lo se voltar e se preparar para o ataque súbito de um rábula enfurecido.

Ao que tudo indicava Paul não era tão inapto quanto Ethan acreditou; o novo vampiro se valeu do vento contrário para se aproximar sem ser percebido. Foi traído pelos rugidos de seu peito. Liberando sua raiva, completamente eriçado, Ethan se voltou em tempo de pegar o vampiro no ar antes que o atingisse e o jogou para longe.

– Minha nossa! – exclamou Mark.

– Mas que diabo está...?

– Não se movam! – ditou a ordem já correndo até eles, pois Paul avançava para atacá-los.

A intenção de Paul era confusa. Ethan não sabia se ele queria apenas distraí-lo, tornando-o um alvo fácil enquanto protegesse os humanos ou se realmente desejava encrencá-lo. Fosse como fosse, não poderia permitir que mais mortes ocorressem em sua casa.

Novamente Ethan se pôs entre Paul e os homens e o pegou ainda no ar. Conseguiu somente repeli-lo. Sua vontade era arrancar-lhe a cabeça, mas não deve a chance de segurá-lo.

– Acha mesmo que pode contra mim? – Paul perguntou entre dentes. – Acabo com eles e depois com você!

– O rábula é pretensioso! – Ethan debochou enfurecido. – Um arremedo de gente somente poderia gerar um arremedo de vampiro. Acaso Graco não lhe explicou que não podemos nos expor?

Por um instante a confusão ficou estampada no rosto de Paul, porém logo ele assumiu a fúria inicial.

– Graco?!... Não conheço nenhum Graco. E pouco me interessa suas regras. Tão poderosos e tão covardes. Como podem temer simples mortais? Não sou eu o arremedo aqui. Não vou viver eternamente a sombra como vocês.

– Você não vai viver e ponto – Ethan o corrigiu. – E nós dois sabemos bem quem é o covarde. Por que não veio me enfrentar sem trazer distração?

– Aprendi com você que se luta com o que tem... Caso não consiga acabar com você, acabo ao menos com sua fama de bom moço seu bastardo aliciador.

Sentindo sua força fluir por suas veias, Ethan se agachou e riu escarnecedor.

– Esse sou eu e devo dizer que foi um prazer “aliciar” sua deliciosa namorada.

O rosto de Paul se tornou uma máscara transfigurada. A liberar um urro enfurecido, lançou-se contra Ethan que por muito pouco não atingiu com seu punho cerrado.

Ethan tentou segurar-lhe os braços na tentativa de também prender-lhe o pescoço, mas o jovem vampiro era ágil e se livrou com facilidade. Após empurrar Ethan para longe, Paul avançou mais uma vez na direção dos dois homens que, horrorizados, paralisados, assistiam a luta de movimentos rápidos, incríveis de sons guturais.

Sem sair do lugar, Ethan se valeu de sua força para lançar o atacante para longe dos policiais apenas com um movimento de seus braços. O rival caiu há uns dez metros, próximo ao portão e se voltou para encará-lo, incrédulo, aturdido.

Porém, nem bem se levantou, lançou-se em nova investida, rosnando a plenos pulmões. Ethan se colocou entre ele e os homens caídos e esperou. Após receber o impacto do corpo forte o vampiro tentou jogar seu agressor para o lado, porém este lhe segurou os braços, derrubando-o com ele, há poucos metros dos policiais.

Atingiram o chão de mau jeito favorecendo Paul que imediatamente prendeu Ethan sob seu corpo. O novo vampiro valeu-se de dois socos, na tentativa de atordoar o mais velho, sem sucesso.

– Seager me avisou que você era forte, cheio de truques, mas eu sou mais forte do que você. Dane-se que ele o quer!... Dane-se a ordem para não tocá-lo... Estou farto de tudo isso!... Na falta dele você é meu McCain! “Eu” vou cuidar para que nunca mais se meta com mulheres alheias.

Ato contínuo, Paul tentou desferir mais um soco. Dessa vez, porém, Ethan estava recuperado da queda então lhe segurou o punho antes que o atingisse. O Paul era realmente mais forte, mas ele ainda tinha sua força extra que o equiparava, num enfrentamento corpo a corpo.

Valendo-se dela, Ethan revidou um soco no queixo do oponente e torceu-lhe o punho para forçar uma inversão de posições. Ao cair de costas, Paul escapou. Ethan tentou puxá-lo de volta por um dos calcanhares, contudo, com o pé livre, o novo vampiro chutou a mão que o prendia.

Após a investida violenta, Ethan não conseguiu segurá-lo. Imediatamente se colocou de pé e se preparou para continuar com a luta. Agora, precisaria prendê-lo para que lhe contasse detalhes daquela aliança com Seager antes de matá-lo. Para sua surpresa, inesperadamente, sem sequer olhar em volta, seu rival correu na direção oposta.

– Eu o pego! – Ethan ouviu a voz atrás de si, então, Thomas passou ao seu lado para seguir o vampiro em fuga.

– Não! Ele é meu! – Ethan ciciou e o acompanhou na corrida até os limites de seu jardim. Paul era rápido; mal viram quando ele saltou sobre o muro, mas Ethan não estava disposto a deixá-lo escapar.

– Não, Ethan! – Thomas tentou impedi-lo.

Sem se importar se seria visto ou não, Ethan pulou para a casa vizinha. Correu seguindo o rastro do rábula, enfurecido. Não podia deixá-lo ir, simplesmente não podia. Não quando o teve em suas mãos. Não sem saber mais sobre Seager. Não quando queria Danielle e disposto a revelar o segredo de todos. Contudo, foi exatamente o que aconteceu.

Ao chegar ao portão de ferro, nem precisou saltar para saber que não poderia seguir seu rival. A rua não estava necessariamente movimentada. Se fosse rápido talvez pudesse pular o muro sem ser visto, mas a quantidade de transeuntes era suficiente para que qualquer perseguição se tornasse impossível. Mesmo que continuasse a seguir o rastro de Paul, não teriam um lugar onde pudessem se enfrentar sem chamar a atenção.

Contrariado, Ethan urrou. E ainda tinha dois problemas para se livrar, talvez ainda caídos no caminho que levava a sua casa. Tentando acalmar a fúria a frustração, Ethan fez o caminho de volta. O cheiro do rábula afrontava seu olfato. Se não fosse pela necessidade de manter sua casa limpa teria lutado com todas as suas forças.

Aproximou-se dos investigadores no momento exato em que Thomas confundia-lhes a memória, mandando-os esquecer o que haviam visto.

– Espere um pouco – disse Ethan colocando a mão em seu ombro.

Thomas afastou-se para que Ethan falasse com os eles.

– Vocês revistaram toda a casa, sempre acompanhados por mim. Eu lhes dei total acesso a todas as áreas e cômodos e chegaram à conclusão de que a denúncia foi um trote de péssimo gosto. – antes de despertar-lhes disse para Thomas. – É melhor você entrar agora, não quero que o vejam.

Ethan esperou que ele se afastasse então voltou sua atenção aos policiais e concluiu.

– Ignorem minhas roupas. Agora vou acompanhá-los até á saída. Vamos? – chamou-os em direção à saída. Os homens piscaram, olharam-se entre si e então para Ethan que assumiu um olhar contrito. – Lamento que ainda existam pessoas desocupadas.

– Também lamentamos senhor McCain! – disse o investigador Scott. – E pedimos perdão pelo incômodo, mas precisávamos averiguar.

– Absolutamente! – exclamou Ethan chegando ao portão. – Vocês estão fazendo seu trabalho e é meu dever ajudar no que for preciso.

– Obrigado por compreender e pela ajuda. – Scott lhe estendeu a mão. Ethan a apertou firmemente e fez o mesmo com o outro policial.

– Passar bem! – disse, colocando as mãos nos bolsos. Esperou que fossem embora antes de retornar a casa.

Maldito rábula! O cretino era temerário e realmente forte. Teria que tomar o máximo de cuidado da próxima vez que se enfrentassem. E o que pensar de Seager? Agora, mais do que nunca, tinha que encontrá-lo, nem que o procurasse no tribunal. Mas antes, tinha que tirar Danielle daquela casa conspurcada. Não precisavam de má sorte.

Capítulo Dezenove

Carmem resmungou algo ininteligível quando Dana circulava pelo cômodo atenta aos sons. Péssima hora para recobrar a consciência. Tudo acontecia tão rápido que se sentia presa a uma montanha russa. Agora, enquanto via a empregada se sentar, aturdida, Dana prendia a respiração, esperando pela nova queda. Esta não tardou a vir e o efeito foi imediato.

Carmem se sentou muito rígida, maximizando os olhos, também atenta aos sons vindos do jardim. De um salto ela se levantou. Cambaleou, mas logo se recuperou, mirando a porta. Dana entendeu a intenção e correu para barrar a passagem. Infelizmente não tinha como trancá-la uma vez que Ethan danificou a fechadura ao entrar.

– Você não pode sair. Deve estar tonta. Por que não se senta?

– Preciso sair daqui! Saia da frente!

– Não podemos. Confie em mim!

– Você não entende! – disse, aumentando a voz, seus olhos agora estavam vidrados. – Ele vai nos achar aqui! Ele mordeu John! Mordeu!

– Calma Carmem... – Dana pediu, mantendo o foco na situação. – Nada aconteceu com John... Ele esteve aqui enquanto você estava desacordada.

– Mentira! Eu sei o que aconteceu! – Então, como se visse Dana pela primeira vez se afastou, medindo-a dos pés a cabeça. – Eu sei o que são... Você e todos eles!... Por isso não comem... Todos vocês são monstros!

– Não, Carmem... Acalme-se... Você está imaginando coisas.

– Como é possível que coisas como vocês existam? Filhos do demônio convivendo entre criaturas de Deus. – Então ela deu mais um passo atrás. – Meu Deus! Eu gostava de você. Como pôde me enganar? Como permitiu que ele matasse meu marido?

Naquele momento Dana entendeu a importância de uma indução. Gostaria de apagar as lembranças que Paul impôs à mulher. Mas não podia influenciá-la, não era uma vampira. Ou...

– Sim, as histórias são verdadeiras – disparou seriamente. – Eu ainda gosto de você, então não me obrigue a te machucar, Carmem. Faça o que eu mandar e ficará bem!

– Senhorita... – Carmem sussurrou, recostando-se à estante.

– Assim é melhor. Fique quieta que nada acontecerá a você. Eu prometo!

Os rugidos haviam cessado sem que soubesse exatamente quando. E o silêncio deixava tudo pior, reduzindo a preocupação com Carmem à quase nada.

– Não saia daí – ordenou ainda muito séria.

Para sua consternação, ao abrir uma fresta na cortina, nada havia em seu campo de visão. Dana voltava a fechar as cortinas quando sentiu a movimentação às suas costas. Ela se voltou quando já era tarde. Carmem a atacou com a faca esquecida. Cortou-lhe a palma da mão que ergueu reflexivamente. Sem ter tempo a perder com o susto ou a dor, Dana lhe segurou o pulso antes que tentasse atingi-la novamente.

Considerou surpreendente que tivesse forças para contê-la, quando se sentia tão fraca. Talvez fosse a adrenalina. De toda forma, não duraria e Carmem estava fora de controle para que tentasse argumentar. Dana começava a perder a firmeza da mão que prendia o pulso da empregada, quando viu a porta abrir e a mulher ser afastada.

Ao piscar viu que Thomas mantinha Carmem cativa e entendeu toda a ação.

– Por favor, não a machuque – pediu. – Ela só está assustada.

– Mas esta mulher estava tentando matá-la! – Thomas a olhava, preocupado. – Se eu não tivesse corrido quando as ouvi, ela teria conseguido!

– Sei disso. Mas é verdade. Ela só estava se defendendo de mim.

– Tem certeza? – ele perguntou, agora segurando os dois braços da empregada que tentava se soltar, gemendo, apavorada.

– Tenho! Você poderia, por favor, usar um daqueles poderes de vampiro para que ela durma ou fique quieta... Qualquer coisa!

Thomas assentiu. Agora curiosa quanto àquele poder, Dana prestou atenção enquanto o vampiro fazia a empregada encará-lo e ordenasse que se aquietasse. Antes mesmo que Carmem o obedecesse, Thomas já estava ao lado de Dana, segurando-lhe o pulso da mão ferida.

– Deixe-me ver esse corte.

– Vamos esperar por Ethan – pediu. Estava agradecida, mas receosa que outro vampiro sentisse o cheiro de seu sangue. – Onde ele está?

– Não acho que seja prudente esperá-lo. É melhor cuidarmos disso agora – Thomas comentou sem desviar a atenção de sua mão. – Com licença.

Ele pediu autorização, mas Dana não poderia imaginar que seria carregada até a cozinha. A corrida foi breve, como tantas vezes aconteceu com Ethan, mas dessa vez ela se manteve rígida, foi estranho. Agradeceu intimamente quando foi posta no chão.

– Agora vamos ver isso. – Thomas foi extremamente gentil ao segurar-lhe a mão para colocá-la sob a torneira aberta.

Dana se retesou ao contato da água fria em sua palma ferida.

– Sorte sua que a mulher estivesse nervosa. O ataque não foi preciso. O corte não é tão profundo, mas você está perdendo sangue. O que fez para ela?

– Fiz Carmem acreditar que eu era uma vampira – contou desconcertada pela idéia estúpida, ainda incomodada com a proximidade.

Thomas a encarou por alguns segundos antes de rir. Dana o vira sorrir, porém aquela era a primeira vez que ouvia o som divertido sair de seus lábios. Ela havia esquecido como o sócio de seu noivo era bonito e agradável.

– Queria que ela me obedecesse – disse a guisa de desculpas, encolhendo os ombros. Agora, sem se importar com os dedos que ainda avaliavam seu corte, voltou a perguntar: – Onde está Ethan? Por que não veio com você?

– Está vindo, não se preocupe. Paul fugiu quando cheguei. Tenho certeza de que depois Ethan nos explicará o que aconteceu. O sangue não está estancando – comentou preocupado. E novamente fez algo inesperado.

Sem pedir permissão, Thomas abriu mais a palma ferida e a lambeu lentamente, porém decidido, limpando o sangue. De alguma forma Dana sabia que ele estava ajudando, mas estacou e se enregelou da cabeça aos pés.

– O que pensa que está fazendo?!

Como se fosse possível Dana enregelou mais ao ouvir a voz de Ethan. Apreensiva ela o encarou. Pela postura rígida pôde confirmar que ele estava inteiro, e furioso. Dando graças aos céus, Dana tentou recolher a mão, porém Thomas a segurou.

– Venha ver você mesmo – chamou impassível.

Ethan praticamente se materializou ao lado de Thomas. Este indicou a mão dela, sem soltá-la. E indiferente a expressão beligerante do amigo, correu o indicador da mão livre na palma agora intacta.

– Está vendo isso aqui?

A força que Ethan fazia para se conter era visível, ainda assim tomou a mão de Dana com gentileza e a analisou.

– Como foi isso, Danielle? – inquiriu roucamente, encarando-a.

Como Ethan via alguma coisa na pele incólume seria a pergunta correta. Queria responder, mas o olhar soturno a travava.

– Sua empregada a golpeou com uma faca. – Thomas esclareceu em seu lugar. – Se atacasse novamente e eu não tivesse chegado a tempo, ela estaria morta. Felizmente foi somente esse corte. Como perdia sangue achei melhor fechá-lo de uma vez. Respondi sua pergunta?

A explicação eliminou por completo seu ciúme infundado. Thomas não tinha como saber, mas seu pronto atendimento livrou sua noiva de maiores complicações.

– Não era essa a intenção dela, Ethan – Dana finalmente encontrou sua voz. – Carmem estava assustada. Ela ouviu a briga. Felizmente nada de mais grave aconteceu.

Ethan a encarou por alguns segundos.

– Tudo bem! – aquiesceu depois se voltou para Thomas. – Obrigada por socorrê-la e... Desculpe-me por...

– Ser você? – Thomas o cortou, estoico.

– Isso!

Dana assistia ao pedido de desculpas, incrédula. Ethan estava realmente desconsertado diante de Thomas? Sim, estava. Ela não teve irmãos, mas reconheceu o sentimento fraterno que unia os dois. Aquela era uma situação única. A nova postura entre eles lhes conferia certa humanidade.

– Bom – ela quebrou o silêncio constrangedor –, obrigada por ajudar com a Carmem, Thomas. – Então se voltou para Ethan, analisando-o. Queria tocá-lo, mas se conteve. – Você está bem mesmo? Thomas disse que... Ele fugiu.

– Sim – disse contrariado. – Não tive como segui-lo.

– Joly me contou as novidades – Thomas comentou, olhando de um ao outro. – Paul e Raquel, hein?... Estão juntos?

– Estão – Ethan confirmou duramente. – E armaram para que eu não interferisse quando ele viesse... pegar Danielle.

Se não tivesse golpeado Carmem, o ex teria conseguido exatamente aquilo, pegá-la. Sem desviar os olhos de seu rosto, Ethan prosseguiu como se conversasse diretamente com ela.

– Ele vai tentar novamente. Precisamos tirá-la daqui. Essa casa nunca foi segura.

Agora via que deveria tê-la mantido perto como ela tanto pediu. Gostaria de abraçá-la e também se desculpar, mas se calou, sentindo o olhar de Thomas sobre eles dois. Ethan soube do que se tratava a inspeção antes mesmo que o amigo perguntasse seriamente:

– Sim, é necessário tirá-la daqui, mas por que não a transforma para que fique segura?

– Não é hora – Ethan se empertigou.

– Na verdade, já passou da hora. – Thomas retrucou. – Pensei que já tivesse feito isso. Não ia transformá-la assim que as coisas se resolvessem? Por acaso ela se recusou?

A última pergunta foi feita com os olhos postos em Dana que automaticamente moveu a cabeça em negativa. Diria que era justamente o contrário.

– Por que não a transformei não vem ao caso – Ethan se adiantou. – E como disse, agora não seria hora. Temos coisas mais urgentes a resolver. O cretino maculou minha casa, deixou um corpo na edícula; temos Carmem na sala ao lado...

– E todas essas coisas urgentes seriam mais fáceis de resolver se não fosse preciso se preocupar com a segurança de Danielle – Thomas replicou, cortando-o.

Ethan respirou fundo. Realmente não queria se desentender com Thomas, ainda mais depois da semana em que o deixou sozinho, mas faria se o forçasse.

– Não espero que se preocupe mais com ela do que eu me preocupo com Joly – disse sério. – Você sabe que mesmo sendo transformada ela ainda correria perigo, assim como todos nós. Ser vampiro não é garantia de nada. Você mesmo salientou que somos duráveis, não indestrutíveis.

– Não precisa lembrar o que sei de cor – Thomas retorquiu, cruzando os braços. – E também não tente me enrolar com palavras... Danielle seria forte o suficiente e isso por si só já bastaria. Sem contar que ela própria teria facilmente resolvido o problema com a humana.

Dana olhava de um ao outro. Eles falavam dela como se nem estivesse ali, encarando-se com altivez, cada um defendendo seu ponto de vista. Thomas tinha a expressão carregada e Ethan, pelo pouco que ela conhecia, estava à beira de um ataque de fúria.

– Droga, Thomas! – Ethan finalmente explodiu. – Acha que eu não sei que...

– Parem os dois! – ela ordenou, surpreendendo-se com a firmeza em sua voz. Sabia ser insignificante entre dois titãs, mas simplesmente não queria que brigassem. Para sua surpresa Ethan se calou imediatamente e a encarou, assim como Thomas.

– Parem de falar sobre mim como se eu não estivesse aqui – pediu. – Thomas, eu agradeço a preocupação, mas deve entender os motivos de Ethan. Eu sou marcada e como ninguém aqui sabe o que isso significa, ele tem o direito de ter receio. Quanto a você – ela encarou o noivo. – Sabe muito bem o que penso. Então também tente entender seu amigo já que nossos pensamentos são iguais. O melhor que têm a fazer é pararem de uma vez com essa conversa que não os levará a lugar nenhum. Ou o que é pior, que os faça brigar quando devem ficar unidos.

– Ah... Está explicado! – Ouviram a voz feminina vinda da porta. – Ethan não a mudou porque não quer perder o posto de mandão. Muito bem, Dana! Agora faça com que os meninos apertem as mãos!

– Joly – Dana murmurou aliviada. A amiga entrou e depois de abraçá-la se colocou ao lado do companheiro.

– Ouvi o final da conversa e concordo. Agora é hora de união.

– Está certo! Está certo! – Thomas anuiu. – E não é da minha conta.

– Obrigado! Joly, você e Thomas poderiam levar Danielle para meu apartamento? Preciso cuidar de algumas coisas e seria melhor que ela não estivesse por perto.

– Por que não? – Dana se alarmou. Não importava o que pensou antes, não queria que ele fizesse nada contra a empregada. – O que vai fazer?

– Preciso limpar a bagunça.

– Devemos levá-la agora? – Joly perguntou, pegando-a pelo braço.

– Espere – ela pediu, livrando o braço da mão da amiga. – O que vai fazer com a Carmem?

– Não sei – Ethan respondeu evasivo. Livrar-se de dois corpos seria preferível a inventar histórias. Precisava de alimento e talvez a mulher preferisse se juntar ao marido.

– Deixe a Carmem ir comigo – Dana pediu. – Ela está controlada agora.

– Melhor, não.

– Ela tem filhos, Ethan... Uma vida.

– Danielle tem razão – Thomas interveio. – Chega de mortes desnecessárias. Se ela tem filhos vamos apagar-lhe a memória e mandá-la para junto deles.

– Está bem – Ethan aquiesceu.

Dana assentiu agradecida e o abraçou pela cintura. Esperou demais por aquele contato. Para sua consternação, descobriu que a camisa, além de suja, estava úmida, rasgada nas costas. Paul conseguiu derrubá-lo!

Ela estava ao ponto de surtar, mas como todos pareciam práticos e frios, determinou que não fosse ela quem primeiro sucumbiria àquela crise. Faria melhor se também fosse objetiva, então sugeriu que arrumassem a mala de Carmem para que a levasse com ela.

– Concordei em deixá-la viva, mas ela fica – Ethan determinou, afastando-a, antes de se dirigir a Joly, pedindo que recolhesse suas coisas, sem nada esquecer. A vampira assentiu e desapareceu pela porta do corredor. Com sua saída Thomas questionou o amigo sobre o que faria. – Já disse. Apenas arrumar a bagunça – respondeu, voltando a abraçar sua noiva.

– E depois, Ethan? – Thomas insistiu. – O que faremos?

– Ainda não sei. – Depois de cheirar os cabelos da humana, o vampiro resmungou exasperado: – Eu devia ter acabado com Paul. Isso já seria de grande ajuda.

– Pelo que vi, ele estava dando trabalho.

Ainda abraçada a Ethan, Dana estremeceu.

– Podemos conversar sobre isso depois? – Ethan pediu. Não queria que Danielle se alarmasse mais. – Eu me distraí com sua chegada. A culpa foi minha por não manter o foco.

– Entendo – Thomas olhou de um ao outro. – Enquanto espero Joly, poderia me dizer ao menos se conseguiu descobrir algo em seu encontro com Raquel?

– Raquel me disse muitas coisas... Pouco conclusivas ainda que coerentes, mas agora acredito que a maior parte seja mentira. Ela apenas queria se certificar que eu estaria longe daqui.

– Tem certeza? Uma imortal tão antiga quanto ela, com as pendências que vocês têm, se exporia por tão pouco?

Ethan imediatamente o fuzilou com o olhar. O que ele considerava pouco?

– Entenda que não estou me referindo a Danielle – Thomas emendou rapidamente –, apenas disse que, para uma criatura experiente, seria muito empenho mantê-lo longe para que um novato resolvesse problemas pessoais. Ainda que Raquel fosse tão primária, ela saberia que você poderia ser avisado de alguma forma e ela não teria como segurá-lo.

Como de fato aconteceu, Ethan pensou, aquietando seu gênio ruim.

– Você pode ter razão – disse –, mas a verdade é que Danielle poderia nunca ter entrado em contato comigo. A primeira vez que ela me ligou eu já estava no Stanford e simplesmente não recebi sua chamada.

Espere um pouco, Dana pensou. Eles estavam no Stanford? No Hotel Stanford?! Evidente que confiava em Ethan, mas nada no mundo a faria acreditar na vampira. Dana se afastou ainda mais interessada na conversa, porém Joly a encerrou.

– Pronto! Já juntei todas as coisas de Dana e... Alguém pode me dizer o que aconteceu aqui? – perguntou ao estender a faca usada por Carmem.

Ethan eriçou-se ao pegá-la e jogá-la na pia.

– Leve-a daqui de uma vez – pediu antes que Dana pudesse responder. – As chaves de seu carro estão no porta-luvas.

– Então vamos – disse Thomas, pronto para partir.

– Esperem – Dana pediu.

– Não há o que esperar, Danielle.

– Eu as seguirei com meu carro – anunciou Thomas.

Depois de assentir, Ethan conduziu todos até a garagem. Antes que Danielle entrasse no carro, ele a beijou levemente e pediu a Joly:

– Por favor, não a perca.

– Pode confiar. Nunca vou perdê-la – ela disse, comprometida antes de manobrar e seguir rumo à saída.

Quando o carro de saiu de seu campo de visão, Ethan conferiu as horas; 11h48. Tinha tempo. Enquanto conversavam sua vontade de ir para a Center Street ganhou força, sufocando a necessidade de limpar a bagunça que Paul deixou em sua casa. Ao pensamento seguiu até a edícula para ver a dimensão do ataque.

Encontrou o corpo à porta da casa. Alguns pacotes de compras estavam caídos ao lado do homem. Por sua posição, poucos passos o livrariam da morte violenta. John estava de costas; não fosse pela poça de sangue acumulada sob seu pescoço enegrecido e em grande parte oculto pela gola de sua camisa, pareceria que dormia.

Movido pela curiosidade mórbida, Ethan se abaixou e o virou. Somente o corpo acompanhou o movimento. A cena invocou outra perda em sua lembrança. Nem mesmo em seu ataque contra Betânia havia feito tal estrago. Diante daquilo não restavam dúvidas de que Paul havia se tornado um vampiro frio e sádico. E estava descontrolado!

Capítulo Vinte

Era estranho, Dana pensou, olhando para a rua pela janela do carro. Desejou tanto sair da casa, passou toda a manhã sufocada por suas paredes, no entanto, agora sentia falta da proteção que a construção antiga proporcionava.

– Agora está tudo bem, Dana! – tranquilizou-a Joly ao ouvi-la suspirar.

– Está mesmo? – perguntou descrente, ainda olhando pela janela.

– Certo! Não está tudo bem, mas estamos bem e acredite... Isso é o que interessa.

– Mas até quando? Tudo isso é uma loucura!... Até mesmo Paul é um vampiro agora.

– O que é realmente um problema – a vampira concordou, olhando em frente. – Quem o transformou sabia direitinho o quanto o seu ex-namorado afetaria Ethan. Tenho medo que ele não consiga manter o foco quando for preciso.

– Nunca imaginei que um dia dissesse isso, mas teria sido melhor se Ethan tivesse...

– Não precisa dizer – Joly a interrompeu. – Sei que não é de sua natureza desejar que as pessoas morram.

Joly estava enganada, e Dana não a corrigiu. Seus pais ficariam horrorizados se soubessem de seus últimos pensamentos nada cristãos.

– Obrigada – agradeceu pelo cuidado desnecessário. – Ainda assim teria sido melhor que Ethan tivesse resolvido sua questão com ele. Agora Paul está solto e Ethan sozinho.

– Acredite, Ethan está bem assim – Joly a olhou de soslaio. – Acho que ele está melhor agora que a tirou da casa. É uma preocupação a menos, entende?

– Entendo.

Evidente que entendia; ela o distraía. Ethan não poderia fazer duas coisas ao mesmo tempo. Se ao menos pudesse ajudá-lo. Olhando Joly de esguelha, Dana perguntou antes mesmo que a idéia amadurecesse.

– Se for preciso você pode lutar, não pode?... Com outro vampiro... Homem?

– O que está querendo, Dana?

Dana encarou a amiga sem nada dizer. Queria fazer o pedido que a livraria de ser um estorvo caso fosse atendida. Ethan não teria como reverter. Ele esbravejaria, bufaria e sopraria, mas a casa continuaria de pé. A certeza trouxe a coragem.

– Joly... Você se importaria de me transformar?

– Eu sabia!

– Eu deixaria de ocupar vocês... Poderia ajudar!

– Fazendo o quê? – inquiriu, olhando em sua direção. – Segurando Ethan para que não me matasse?

– Sabe que ele não faria nada com você.

– O que seria ainda pior – Joly disse tristemente. – Prezo muito a amizade dele para trair sua confiança dessa maneira. Tenho certeza de que o golpe seria tão forte, que ele me desprezaria pelo resto de meus dias e isso seria pior que a morte.

Ethan estava certo em afirmar que a amiga era louca, insubordinada, porém jamais suicida.

– Desculpe minha idéia absurda.

– Não é absurdo querer ajudar no momento em que mais precisamos – a amiga disse apaziguadora –, mas essa é uma decisão que tem que partir dele.

– Bom... – Dana suspirou. – Ele prometeu pensar... Quem sabe?

– É... Quem sabe? – Joly fez coro enquanto contornava a esquina do edifício de Ethan. – E respondendo a sua pergunta... Nunca precisei brigar com vampiro algum, pois nunca passamos por nada parecido antes.

– Está me dizendo que nenhum de vocês tem experiência nesse tipo de luta?!

– Foi o que eu acabei de dizer... – disse Joly agora manobrando o carro na garagem de Ethan. – Nunca fomos atacados.

– Então como Ethan pode saber quem é mais forte?

– Ah, essa é fácil! – Depois de desligar o motor, ela se voltou para Dana. – Todos os vampiros novos são mais fortes por um tempo.

Dana sufocou. Imediatamente seu estômago protestou diante das sensações inquietantes que se apossavam dela. A lembrança dos rosnados durante a luta fizeram sua cabeça latejar ainda mais. Ethan poderia ter sido morto!

– Dana, você está bem?

Ela ouviu a voz distante, então tudo escureceu. Quando voltou a si, estava deitada numa cama, com Joly arqueada sobre ela, olhando-a com expressão preocupada enquanto tentava reanimá-la.

– Dana! – exclamou aliviada. – Ainda vai conseguir o impossível e me matar de susto.

– O que houve? – perguntou olhando em volta, aturdida.

Logo reconheceu o lugar. Inquieta ela se sentou, ignorando a dor insistente, porém leve em sua cabeça e em seu corpo. Joly a analisava com atenção. Thomas estava com elas, mas se mantinha afastado. Com um suspiro, Dana olhou mais uma vez em volta.

Quanto tempo havia se passado desde a última vez que esteve naquele quarto? Uma vida inteira. Uma que agora vivia intensamente. Mas até quando? Perguntou-se ao lembrar o que fazia ali na companhia de Thomas e Joly, não na de Ethan.

– Não vá desmaiar de novo – Joly pediu quase imperativa, segurando-a quando oscilou.

– Vou pegar um copo com água – anunciou Thomas, solícito. Então ele não estava mais no quarto e Joly a fazia se deitar, analisando-a.

– Você está pálida. Toda marcada – disse correndo seus olhos descaradamente por seu pescoço antes de prosseguir como que para si mesma. – Ele fez de novo. Irresponsável!

Thomas entrou com a água, impedindo Dana de argumentar que a culpa não era de Ethan. Sim, ele havia bebido dela, mas se estava doente era pela péssima semana que teve ou por ter caído na água gelada. Queria explicar, mas Thomas a fez beber toda a água. Entregava-lhe o copo, quando o celular de Joly tocou. Tão logo atendeu Dana a ouviu dizer, olhando seriamente em sua direção com as sobrancelhas unidas:

– Sim. O trânsito estava tranquilo. Estamos aqui há alguns minutos.

Dana nunca teve dúvidas de que seria Ethan. Estava prestes a pedir que Joly a deixasse falar com seu noivo, quando a amiga, sem mais palavras lhe estendeu o aparelho.

– Ethan...

– *Perdoe-me não poder estar aí com você* – disse roucamente.

Depois de dispensa-lhe o pedido de desculpas, Dana perguntou por Carmem.

– *Está bem* – Ethan garantiu. – *Não se preocupe... Com nada.*

– Impossível – Dana assegurou com o coração oprimido. Contudo se lembrou que não poderia distraí-lo, então acrescentou: – Mas vou tentar... Vai demorar?

– *Sinceramente não saberia dizer. Tenho algumas coisas a resolver, não sei quanto tempo isso me tomará.*

Dana segurou o aparelho de Joly com força. Sua vontade era implorar que voltasse naquele exato momento. Dizer que sabia do perigo que correria, mas não poderia fazê-lo. Se todos se mantinham calmos, não seria ela que faria o contrário.

– Venha assim que puder... – pediu apenas.

– *Essa sempre foi minha intenção* – garantiu carinhosamente.

Saber que ele sentia sua falta aqueceu seu coração e Dana se permitiu sorrir. Ainda se deleitava com a sensação, totalmente esquecida de sua pequena plateia, quando ele acrescentou como que para confirmar seu pensamento:

– *Sou praticamente nada sem você, Danielle!*

– Ethan... – ela arfou. Queria lhe dizer tantas coisas, mas as palavras lhe faltavam. De toda forma não teve a chance, pois ele avisou apressadamente:

– *Preciso desligar agora...* – antes, porém, acrescentou. – *Eu te amo!*

– Eu também... – foi tudo que pôde responder antes de ouvir o som frio e intermitente da linha telefônica.

Dana tremia ao entregar o celular para Joly. Antes que as duas trocassem qualquer palavra viram Thomas sacar seu próprio aparelho. Ela queria ouvi-lo, mas ele falava baixo demais, era como se nem emitisse qualquer som, mas ela sabia que sim e que a amiga podia entendê-lo. Teve certeza não por flagrar qualquer expressão de alarme, mas justamente pelo contrário. Joly permanecia séria demais, sustentando o olhar do marido enquanto ele mexia os lábios junto ao aparelho.

Após alguns instantes Thomas foi traído por seu olhar preocupado. O brilho furtivo não passou despercebido por Dana, deixando-a ainda mais apreensiva depois da despedida apressada de Ethan. Ela se perguntava o quanto poderia descobrir se perguntasse diretamente ao vampiro, quando ele desligou e anunciou para Joly:

– Preciso sair agora. Ficará bem se deixá-la sozinha com Danielle?

– Evidente que sim – ela disse indo até ele. – Já estou acostumada, sabe disso.

– Sim, eu sei – Thomas confirmou de forma carinhosa e como se estivessem sós, ele a pegou pela cintura e a beijou.

Dana se enterneceu e, na mesma proporção, invejou o casal. Levemente envergonhada pelo sentimento ambíguo e por presenciar o afeto explícito, ela desviou os olhos. Se eles trocaram alguma palavra, ela não saberia dizer. Soube que Thomas havia partido quando Joly voltou a se sentar ao seu lado.

– O que está acontecendo agora, Joly?

– Nada que deva saber ou se preocupar a respeito – foi sua resposta evasiva.

– Sinceramente eu não entendo todos vocês – retrucou. – Como não vou me preocupar quando sei tudo que está acontecendo? Eu estou aqui, consegue me ver? – sinalizou na própria direção. – Pode até ser surpresa para criaturas superdotadas, mas os de minha espécie, mesmo sendo fracos e limitados, escutam e veem. Sei que Thomas saiu por causa de Ethan... E você ajudaria muito se me poupasse de ficar ainda mais preocupada.

Joly ergueu uma sobrancelha em sua direção. Após alguns segundos retrucou seriamente:

– Estou vendo que ficar tanto tempo na companhia de Ethan só fez piorá-la. Odeio sempre estar certa!

– Joly – ela começou, mas a amiga a cortou.

– Está bem... Mas não vou poder ajudá-la em muita coisa, pois não sei os detalhes. Thomas não explicou nada antes de sair. Disse apenas que Ethan está no tribunal. Ao que parece foi procurar por Seager – ao terminar a explicação, acrescentou: – A criatura superdotada aqui, ainda não sabe ler mentes.

Com um suspiro, Dana voltou a se deitar e fechou os olhos. Saber de nada adiantou. Talvez devesse se ocupar em ser agradecida e gentil com quem estava perto e cuidava dela. A única amiga que tinha e que nunca lhe faltou mesmo quando acreditou estar sozinha.

– Não se ofendeu com o que disse, não é mesmo?

– Como posso me ofender se você está certa? Sabe demais, não tem como escondermos nada de você... E se formos pensar friamente, não é funcional deixarmos você no escuro, como disse.

– Obrigada – Dana murmurou ainda de olhos fechados, massageando as têmporas.

– Você está doente, não é mesmo? – Ao ouvir as palavras de Joly, sentiu os dedos frios tocarem sua testa e a ouviu murmurar como às vezes fazia; para ela mesma. – Como ele pôde fazer isso de novo? Pensei que o primeiro susto tinha servido para alguma coisa.

– Ethan não fez nada! – Dana defendeu, intrometendo-se na conversa íntima. – Eu caí na piscina ontem à tarde e mesmo tendo tomado remédio, acabei bebendo vinho e uísque com gelo quando saímos. “Eu” devia tomar mais cuidado comigo mesma... A irresponsabilidade foi minha se agora não me sinto bem.

– Nem quero saber o que estavam fazendo na piscina nesse tempo horrível, desisti de entender vocês dois. Mas não adianta falar de responsabilidades comigo. Se Ethan não a debilitasse não estaria assim agora.

– Se tivesse me transformado também não – Dana replicou sem pensar, finalmente encarando Joly.

– Não, não estaria, mas ele não fez!

Dana sentiu a acusação no tom da amiga. Voltando a fechar os olhos explicou mesmo sem ter sido questionada.

–Ethan tem medo de mim.

– Como?!

Dana explicou não se tratar de medo literalmente dela, mas do que poderia fazer por carregar a marca e pediu que a amiga não o julgasse.

– Lamento – Joly retrucou –, mas não há como. Você ter ido ao encontro dele, sabendo o que poderia acontecer foi sua maior prova. Como Ethan pode pensar que um dia você se voltaria contra ele?

– Nunca faria – Dana garantiu.

– Somente alguém cego como Ethan para não ver – ela prosseguiu intimista. – A não ser que ele...

– A não ser que ele o que, Joly? – Dana indagou curiosa.

– Nada. Bobagem minha... Como eu disse quando nos conhecemos, falo demais às vezes.

– Pois agora está falando de menos – ela retrucou secamente.

A vampira não respondeu e encerrou a conversa, se pondo de pé.

– Vou tentar providenciar tudo que precisa para se recuperar dessa temporada com um vampiro apaixonado... Poderia, por favor, não sair daqui?

– Aonde vai? – Dana se sentou.

– Comprar algumas coisas que a representante da espécie fraca e limitada precisa.

– Acha mesmo ser seguro sair, Joly?

– Sinceramente não acho mais nada, Dana, mas “sei” que você não pode ficar assim. Além do mais, esse apartamento não está preparado para recebê-la. Não sabemos quando Ethan ou Thomas voltarão e você precisa se alimentar... Acreditei que viria morar aqui como imortal então não providenciei nada que humanos precisam para viver. Não se preocupe, serei breve.

– Mas...

– Sem, mas... Não vamos ser pessimistas – pediu ao sair.

Joly estava certa, Dana pensou enquanto olhava ao redor. E lá estava ela, de volta onde seu namoro já inacreditável com Ethan McCain se tornou em algo extraordinariamente insólito. Se as palavras de Thomas fossem certas, talvez fosse imortal agora, pois Ethan a transformaria assim que o aceitasse. Se continuasse com a mesma sorte, ele somente veria sua marca quando fosse tarde demais.

Se... Se... Dana pensou exasperada. Ninguém vivia de conjecturas. O que era para ter sido não foi e ponto. Agora ela teria que criar novas oportunidades e confiar que Ethan não estivesse somente ganhando tempo ao prometer reconsiderar.

Decidida, porém impaciente por novamente estar sozinha, Dana saiu do quarto. Ganhou o pequeno corredor e seguiu para a escada. Ao chegar à sala mais uma vez se lembrou da noite fatídica em que fugiu de seu *assassino*. Ethan havia quebrado várias coisas da cobertura. Ela não viu o estrago, mas pelos sons que recordava podia imaginar a cena de guerra.

Agora, todos os vidros estavam intactos, alguns móveis no lugar. Não fosse por outros ainda em fase de montagem, poderia dizer que nada tivesse acontecido. Depois de se sentar no novo sofá – branco como o anterior – Dana abraçou as próprias pernas e esperou, tentando não pensar no que Ethan estaria fazendo.

Estava na mesma posição, quando ouviu a chave girar na fechadura. Expectante, Dana esperou, tendo um inquietante *déjà vu* ao ver Joly entrar com as compras e se aproximar.

– O que há, Dana? – Joly perguntou, unindo as sobrancelhas. – Aconteceu alguma coisa?... Algum deles ligou aqui?

– Não – ela começou. – E com você... Está tudo bem? Conseguiu comprar o que queria?

– Consegui – Joly respondeu, indicando as sacolas, ainda a encarando de forma inquiridora. – Mas tenho certeza de que não era isso que queria saber... O que aconteceu?

– Nada... – disse Dana, desarmando-se, então resolveu explicar quando viu Joly erguer uma sobrancelha. – É que aconteceu assim essa manhã. Carmem saiu para as compras e quando voltou, veio induzida e com ordens de me levar até Paul.

– Até onde eu sei vampiros não podem ser induzidos, mas agora a entendo. – Colocando as sacolas ao lado de Dana perguntou, tocando sua testa. – Como se sente?

– Meu corpo ainda está dolorido, mas estou bem.

– Comprei antitérmico e analgésico para dores musculares. Vou arrumar essas coisas na cozinha e já trago para você.

Dana lhe agradeceu e se ofereceu para acompanhá-la até a cozinha. Ao entrar ela teve a sensação de estar num cenário de revista. Aquela parte da cobertura fora projetada para ser prática e funcional e provavelmente fosse a primeira que seria usada. Precisando de ação, Dana se prontificou a ajudar com as compras.

– Beba isso e depois vá sentar – disse Joly, entregando a ela um copo com água de coco e dois comprimidos. – E nem adianta fazer essa cara. Enquanto eu estiver aqui, vai comer o que eu mandar e beber o que eu colocar em seu copo. Você precisa de líquidos para se recuperar de todo o sangue que perdeu.

Inútil resistir, então Dana a atendeu. Em parte, pois não deixou a cozinha. Quando foi se sentar, Joly não opôs, passando imediatamente a se mover de lá para cá, preparando algo para que a amiga comesse.

– Como sabe cozinhar? – Dana perguntou sem nem pensar. Quando Joly a encarou e ergueu a sobrancelha como se fosse óbvio, ela refez a pergunta: – Você já foi como eu, mas... Como não esqueceu?

– Não tem como esquecer. Não posso fazer muito, é verdade, mas faço o que posso. Por exemplo, o café que sirvo aos clientes de Ethan é feito por mim. As copeiras até estão acostumadas comigo. E por eles, faço pelo prazer de me ocupar com coisas que me façam sentir que sou normal na medida do possível e não uma simples criatura, como você disse.

– Me desculpe por aquilo – Dana pediu mordendo o lábio inferior.

– Tudo bem... É complicado definir o que somos. Não estamos mortos ou vivos. Não somos humanos nem tampouco animais. Então, como não tenho muitas referências do que sou me prendo às características do que fui.

Sorrindo-lhe francamente, prosseguiu.

– Devo lhe confessar que no começo, antes de conhecer você, não gostei do pedido de Ethan para protegê-la, mas quando a conheci, descobri que você vinha de encontro ao que sempre procurei. Sua humanidade me fez aproximar-me da minha. Gosto dessas pequenas oportunidades de cozinhar, cuidar... Ser amiga entende?

– Evidente que sim... Também gosto de tudo que faz por mim. Mesmo que pareça mal-agradecida às vezes. – Então perguntou interessada. – Então foi sua a idéia de morar ao meu lado?

– Foi, sim. – Rindo abertamente, acrescentou: – Você não sabe, mas Ethan ficou louco. Aquele mesmo dia de minha mudança, depois que você foi embora para seu apartamento ele foi até o meu bufando.

Dana se permitiu sorrir. Relembrando aquele sábado, ela associou a sensação de observação enquanto caminhava até a lavanderia a Ethan. Também lembrou as palavras de Joly durante a primeira noite que conversaram, sobre se sentir observada. A amiga tentou, sim, prepará-la, ela foi quem jamais atentou aos sinais. Para não se culpar, nem voltar às conjecturas, incentivou a amiga a contar mais e a ouviu com atenção. Interrompeu-a somente quando ela chegou à parte de sua separação.

– Você é realmente forte – elogiou-a. – Não sei se conseguiria me afastar de Ethan.

– Não me afastei de verdade. Thomas esteve comigo todo o tempo. Ele é a minha vida. Somente o deixaria em caso de necessidade mortal ou para defendê-lo. No mais, não viveria sem ele.

– Vocês estão juntos há muito tempo?

– Mais de 120 anos. Não me lembro mais de como eu era antes dele.

Sem que pudesse evitar, Dana se comoveu. Queria ter a chance de viver uma história de amor igual. Novamente, sem pensar, perguntou:

– Como é ser imortal para você? Digo... Alguma vez se arrependeu?

– Nunca! Se fosse preciso passaria por tudo novamente.

– Por tudo? – Dana não entendeu. – Pelo o que você teve se passar?

– A dor da morte – disse pouco conclusiva, enquanto escorria o macarrão, sem nada mais dizer.

Dana esperou por mais, e nada teve. Joly simplesmente se calou e se ocupou em preparar o molho que acompanharia a massa.

– Que dor da morte? – indagou ansiosa. – Seja clara.

A francesa continuou a preparar o molho sem se voltar ou falar qualquer outra coisa. Dana começava a se impacientar, quando a amiga veio em sua direção com o prato pronto e fumegante.

– Coma antes que esfrie, *chérie* – disse sentando-se à sua frente. – Quero ver o fundo do prato.

– Obrigada – Dana disse ao pegar o talher estendido em sua direção. – Prometo comer tudo sem reclamar se me falar mais a respeito dessa dor da morte.

– Não estou aberta à negociações – Joly retrucou, retirando o excesso de molho de um canto do prato com o dedo indicador e o levando aos lábios. – Mas vou responder já que mais uma vez não fiquei de boca fechada.

– Tem algum problema eu saber?

– Na verdade, acredito que não.

– Certo! Eu como, você fala – anuiu, antes de enrolar a massa no garfo e levá-la à boca.

– Na maioria das vezes, os filmes ou livros mostram uma transformação quase tranquila. O vampiro bebe o sangue de sua escolhida e a deixa *infectada*, então lhe dá o sangue dele e a mutação ocorre. Na verdade, não é bem assim... Ethan mordeu-a várias vezes e nem por isso você ficou sedenta por sangue, mas é meio caminho andado. Bastaria que você provasse o sangue dele uma vez para que a mudança acontecesse.

Dana sequer notou que não comia, enquanto uma idéia insana tomava forma.

– Mesmo parecendo fácil – Joly prosseguiu –, a mudança não é tranquila nem tão rápida. Lembro-me que depois de provar o sangue de Thomas, comecei a arder em febre e tive apenas alguns minutos antes que a dor começasse.

Dana era apenas humana e, como todos, ela não gostava de sentir qualquer forma ou intensidade de dor, mas por Ethan passaria até pela pior delas.

– Acho que poderia suportar a dor – comentou levando outro bocado à boca; não queria que Joly também interrompesse a narrativa.

– Evidente que suportaria. Eu suportei, estou aqui... Mas não estamos falando de uma enxaqueca ou dor de dente; nada que você esteja acostumada... Essa não se resolve ficando no escuro ou tomando algum remédio. Na maior parte do tempo eu quis morrer e odiei Thomas por me fazer passar por aquilo.

Dana sentiu um calafrio correr por sua coluna. Então, depois de ponderar, disse incrédula:

– Não pode ser tudo isso...

– É – Joly foi categórica – e já disse que não é rápido. Thomas me disse que praguejei contra ele durante doze horas. Como ele nunca havia transformado ninguém antes de mim não tínhamos exemplos para compararmos, somente o nosso. Ele padeceu por dez horas.

Dana quase engasgou. – Sem intervalos?

– Sem intervalos – Joly confirmou, encarando-a.

Não estava com fome antes; o macarrão saboroso apenas lhe animou a comer, mas diante daquilo, Dana perdeu o apetite de vez.

– Eu não devia ter contado – Joly se recriminou ao perceber sua reação. – Quando Ethan souber vai realmente ficar furioso comigo.

– Mas eu tinha que saber... – Dana disse depois de tomar fôlego. – Ethan não seria capaz de me submeter a isso sem me preparar.

– E você recuaria quando soubesse? Desistiu agora que sabe?

– Não diria desistir, mas... Com certeza é o caso de se pensar.

– Então acho que me enganei. – Joly se recostou no espaldar da cadeira. – Se Ethan está realmente decidido a mantê-la humana, vai é me agradecer se a tiver feito desistir.

Não era como se tivesse desistido. Apenas pensava no assunto tendo mais detalhes. E agradecia a Joly pela explicação, mesmo que agora a considerasse inútil. Por um tempo, durante a narrativa cogitou conseguir um pouco do sangue de seu noivo para provocar a própria mutação, mas logo lembrou todas as vezes que o mordeu sem que seus dentes nem afundasse na pele do vampiro, causando nada além de cócegas.

De toda forma a idéia era tão estúpida quanto à de se passar por imortal para controlar uma mulher nervosa. E havia a bendita dor. Amava Ethan com todas as suas forças, mas

não poderia negar que começava a se acovardar diante do quadro exposto. Isso era absolutamente normal, não era? O receio não significava que tivesse desistido, significava?

Capítulo Vinte e Um

Enquanto esperava o término do julgamento, um pouco afastado da porta fechada, Ethan podia ouvir a voz de Seager ao defender a causa. Durante a espera, ligou para Joly para se certificar de que todos chegaram ao destino sem sobressaltos.

Falava com Danielle, quando ouviu os muitos protestos seguidos das repetidas marteladas. Ao que tudo indicava o juiz determinou recesso da sessão o que causou o tumulto, e indicou que Seager logo sairia. Ainda que lamentasse, Ethan encerrou a ligação sem hesitar e chamou por Thomas.

Como esperado, Seager logo deixou a sala. Imediatamente Ethan deu um passo à frente para que fosse visto muito atento à reação do vampiro. Como na tarde do sábado, Seager sorriu antes de acenar-lhe ao que ele retribuiu sem sair do lugar, sem entender a saudação amigável.

Passados alguns minutos de conversação com seus acompanhantes – ao perceber que Ethan estava ali por ele – Seager sinalizou para que esperasse um pouco mais. O vampiro mais velho apenas assentiu. Em instantes Seager o indicou aos dois homens com quem conversava e todos seguiram até ele.

– Senhores, este é Ethan McCain – Seager o apresentou. – Senhor, estes são Guido e Carlo Campana, filhos de meu cliente.

Ethan não ouviu os nomes, apenas respondeu mecanicamente enquanto analisava a expressão do vampiro.

– Agradeço a apresentação, mas ela é desnecessária – disse um dos homens com leve sotaque. – Quem não conhece o Sr. McCain? Sem ofensas Sr. Holmes, mas ele era a primeira opção de meu pai. Infelizmente sua secretária nos informou que ele estava com a agenda lotada. Ao que parece é um homem muito ocupado, senhor...

– Exato – Ethan o cortou. – E sem tempo a perder, então Seager, quando estiver livre, quero falar com você.

– Creio que possa ser agora mesmo. Tenho compromisso com meu cliente somente à tarde. – Para os homens ao seu lado, disse: – Se nos derem licença...

– Pois não – responderam em uníssono, deixando-os.

– Alguma coisa errada, senhor? – Seager se mostrou prestativo; como sempre.

– Tudo está errado, mas você vai me ajudar a consertar.

– Como?! – Ele se mostrou confuso para logo erguer as sobrancelhas, surpreso. – Ah... O senhor descobriu alguma pista sobre aquele intruso? Seria isso?

– Aqui no corredor não é o lugar. – Ethan cerrou os punhos ante a encenação. – Siga-me.

Enquanto seguia em frente sem saber ao certo para onde o levaria, Ethan considerou que aquele seria um bom momento para seu colega perceber que alguma coisa estava errada e, talvez, tentar fugir. Porém, para aumentar suas cismas, o vampiro o acompanhou até que descobrissem uma sala vazia e entrassem sem que fossem notados.

Ethan esperou que Seager deixasse sua pasta sobre uma cadeira antes de se voltar e o prender pelo pescoço, empurrando-o de encontro à parede.

– Agora, nós dois! – anunciou. – Estamos sós aqui então pode encerrar a farsa.

– Qual... farsa? – Seager mirava-o apavorado enquanto tentava retirar a mão de seu pescoço.

– Esta onde interpreta o vampiro bonzinho, servil, mas que age pelas minhas costas, matando quem esteve relacionado a mim, dilacerando meus restos... E o que considero pior! – salientou soturno. – Criando novos vampiros, como Paul, somente para me afrontar.

– Não sei do que está falando... Não vejo Paul desde que o levei ao hospital há pouco mais de dez dias. Como o teria transformado?

– Já chega Seager! Paul foi transformado naquele mesmo dia, não depois.

– Sinceramente não sei do que está falando, senhor.

– Não sabe? – Ethan o soltou e recuou um passo. – Então talvez devamos encerrar a conversa sem sentido e finalmente aproveitarmos que estamos sozinhos em local neutro. Eu não posso atacá-lo, então diga de uma vez o que quer de mim! Ou melhor, o que tem contra mim?

– Ainda não entendo senhor.

Ethan bufou exasperado e voltou a prendê-lo, agora pela gola do paletó.

– Afinal não é o rei? Haja como tal! Reconheça que a farsa acabou e fale tudo de uma vez. Vai negar também que conhece Raquel?

– Perdoe-me, senhor, mas realmente não entendo. Quem é Raquel?

À beira do descontrole, Ethan o socou para irritá-lo. No entanto, Seager somente o olhou apreensivo, um tanto ressentido. Até mesmo os humanos reagem a socos e empurrões. Seager parecia ser um *nada*.

A constatação alarmou o líder. Se Seager não fosse o mentor da trama, voltaria ao zero. Não! Seager tinha de reagir. Tinha de ser seu rival.

- Defenda-se! – ordenou ao novamente socá-lo.
- Não quero brigar com o senhor – Seager declarou sentido, tocando o próprio rosto.

Ethan o soltou e passou a andar de um lado ao outro, bufando exasperado. Foi quando lembrou a conversa com Raquel. Ao novamente prender o vampiro, não o agrediu, somente fez com que o encarasse para ditar:

- Quero que me diga o que esteve fazendo em meu escritório na tarde de sábado.
- Estava procurando pistas para descobrir onde você estava.

Raquel não mentiu quanto a vampiros induzirem uns aos outros. A descoberta era interessante, equiparava-se à novidade que foi entrar no apartamento de Paul sem ser convidado, porém, o que chamou a atenção de Ethan foi o tratamento íntimo. Sim, a mudança era digna de nota, contudo não pôde especular, pois o vampiro prosseguiu:

– Ela pediu que eu a ajudasse. Disse que era importante, mas logo foi embora. Ela havia alertado que você não poderia ver-me vasculhando as suas coisas, então quando percebi a aproximação de seu elevador voltei para minha sala. Gostei de vê-lo de volta, pois teria algo a dizer para ela.

- E você não sabe o nome dela?
- Não, Ethan... Só que é uma das vampiras dele... A mais bonita! Eu a conhecia somente de vista, pois nunca tive permissão de falar com ela.
- Dele quem? – inquiriu Ethan, mesmo já sabendo a resposta. – Onde você a viu?
- Graco Demini, Ethan... E eu a conheço da casa dele. Na...

De súbito a porta foi aberta e fechada praticamente num único movimento e antes que Ethan reagisse, Raquel se colocou entre eles, livrando Seager de suas mãos. Ele tentou segurá-la, mas a vampira saiu de seu alcance levando Seager para longe.

- O que é isso? – Ethan vociferou. – Está me seguindo?
- Dessa vez nossos caminhos se cruzaram ao acaso – disse sem deixar de olhá-lo, enquanto aplicava uma chave de pescoço em Seager e lhe torcia um dos braços às costas. – Como não consegui sua ajuda, vim me valer deste aqui.

Para surpresa de Ethan, Raquel dominava o vampiro sem muito esforço enquanto este lutava por liberdade.

- Senhor McCain... Socorro! – implorou Seager, tentando segurar os cabelos de sua captora, com a mão livre.

– Cale a boca e fique quieto infeliz! – Raquel ordenou seriamente sem olhar em seus olhos. Imediatamente o vampiro se aquietou e foi liberto. Ethan assistiu a cena, incrédulo. A vampira nem ao menos o encarou, apenas deu a ordem e foi atendida.

– Como fez isso?!

– Se não sabe não serei eu a lhe dizer. Confiei uma vez e você se voltou contra mim.

– Apenas não aceitei que continuasse a me distrair. Como faz agora...

Aborrecido pela intromissão e vendo a possibilidade de ter respostas, Ethan tentou atingi-la de onde estava usando seu poder. Novamente foi surpreendido. A vampira apenas moveu os braços num movimento circular diante do corpo. E nada aconteceu.

– Agradeceria se parasse de me atacar – ela disse impassível. – Não estava tentando distraí-lo nem antes muito menos agora. Se Paul encontrou sua humana não foi por meu intermédio ou com minha ajuda.

Ethan passou as mãos pelos cabelos, confuso. Descobrir que Raquel era imune a sua força provou que ela não queria enfrentamentos, mas ainda não confiava nela.

– Agora entendo o que mudou para que Graco recuasse. – Raquel o media com atenção. – Você despertou sua força. Nas primeiras vezes que o vi você se comportava como um dos ordinários. Lindo é verdade, bem-sucedido no mundo humano, mas medíocre para nossos padrões. Espantei-me com a coincidência em encontrá-lo e me admirei que alguém que carregava a marca de um dragão se equiparasse aos vampiros sem estirpe.

– Por que não fala de forma que eu entenda? – vociferou.

– Por que quanto mais você souber, mais terei problemas com meu senhor. Até que eu finalmente possa ir embora dessa cidade, preciso manter as coisas como estão. Quero que minha insubordinação se resuma a eliminar Paul e não por também confraternizar com o inimigo.

– Não é um pouco tarde para isso? – escarneceu trêmulo por domar sua força.

– Talvez – ela deu de ombros –, mas eu ainda posso contornar e...

A porta foi aberta e fechada mais uma vez, interrompendo Raquel, que imediatamente se pôs na defensiva, encarando o recém-chegado.

– Ethan?! – Thomas se posicionou ao seu lado, sem desviar a atenção do casal de vampiros. – O que está acontecendo aqui?

– Gostaria de saber como explicar, Thomas! – Ethan respondeu sempre atento a todos os movimentos. – E me deixe apresentá-lo à Raquel.

– Estão realmente juntos – Thomas comentou. – E Seager? O que há com ele?

– Está induzido – Ethan explicou simplesmente.

– Como disse?! – Em seu espanto Thomas olhou brevemente para Ethan, mas logo encarou o casal à sua frente. – Isso não é possível!

– Não, não é. Mas não se preocupe – pediu, encarando Raquel. – Há restrições.

– Há, sim... – Raquel confirmou, sustentando-lhe o olhar. – Assim como existem várias outras coisas que desconhecem, posso notar. Por isso que, apesar de toda força e lealdade, estão despreparados. E eu me pergunto o que vocês fizeram todos esses anos que não tiveram tempo para descobrir sua capacidade.

– E do que somos capazes?

– Nossa trégua terminou, Ethan. – Raquel não responderia.

– Façamos outra – Ethan sugeriu. – Dou-lhe minha palavra que nada farei contra você.

– Já lhe disse que não vou compactuar com o inimigo mais do que já fiz. Serei perdoada quando ele souber que nos encontramos, mas se encerrarmos essa conversa agora.

– Por que não acredito nesse seu receio?

– Porque não confia em mim – respondeu indiferente. – Ou porque não seja receio. Estou acostumada a lidar com Graco em todas as suas fases e sei que ficaremos bem! Na verdade, quem deveria temê-lo são vocês, pois não estão preparados para lidar com ele.

– Pelo o que me disse há pouco – Ethan retrucou –, Graco recuou ao saber de minha força então não creio ser tão despreparado. Eu seria páreo para ele.

Raquel riu brevemente, tão condescendente que Ethan considerou ofensivo.

– Ninguém é páreo para Graco Demini! – afirmou categoricamente. – Sim, você é forte Ethan McCain. Arrisco-me a dizer que muito mais forte do que ele, mas se partissem para um combate aberto, a luta duraria por dias. Da forma que são obstinados, acredito que não se deixariam vencer nem mesmo pelo cansaço. A sede provavelmente os fizesse recuar, mas sendo os cavaleiros que são se dariam uma trégua antes de começarem tudo de novo.

– Mas ainda assim alguém venceria – ele retorquiu aborrecido.

– Evidente que sim... Graco venceria você!

– Onde está a lógica em ser vencido por um ser declaradamente mais fraco? – Ethan se exaltou. – Seu senhor que agora enaltece não passa de um ladrão da vida alheia, covarde ao ponto de agir pelas minhas costas.

– Ethan – Thomas o chamou. – Não me agrada atacar mulheres e aqui não é o lugar, mas podemos acabar logo com isso.

Agora Ethan sabia que atacá-la não seria inteligente. Raquel tinha as repostas e não as conseguiria pela força. Ideal seria se a trouxesse para o seu lado.

– Faço um trato com você, Ethan. – Raquel se adiantou, impedindo que Ethan respondesse a Thomas. – Vocês nos deixam sair daqui, Seager e eu. Em troca você saberá como Graco conhece tanto ao seu respeito. Entenderá porque, mesmo mais fraco, ele o derrotaria.

– Por que quer levar Seager? Ele tem alguma importância, além de ser usado por você?

– Para mim, importância alguma – Raquel assegurou. – Vou usá-lo, sim, para tentar colocar um freio em Paul, mas não é por isso que quero tirá-lo daqui. No momento, quero apenas evitar que você o machuque ou o faça falar demais antes da hora. Lembra-se dos peões?

Ethan assentiu.

– Pois bem... Seager é um deles. Graco o usa há anos e se alguma coisa lhe acontecer, ele saberá que algo mudou. Descobrirá mais rápido que agora você sabe sobre ele e isso não deve acontecer, ainda. E então? Aceita os termos?

Ethan ponderou por um minuto. Realmente não sabia o que pensar, mas estava claro que Seager era um problema menor. Tê-lo por perto poderia não ser bom, mas também não era de todo ruim. Poderia poupá-lo e quem sabe, futuramente, interrogá-lo sem interferências.

O problema daquele acordo proposto era o outro material de troca. Ethan estava dividido entre o desejo de saber os segredos de Graco tanto quanto saber sobre a sua marca.

– Façamos o seguinte – tentou uma contraproposta. – Eu não farei nada contra Seager, nem vou importuná-lo. Ele pode retomar suas atividades agora mesmo se assim você desejar. – Nesse ponto Thomas o olhou alarmado, Ethan não se importou. – E em troca, você me responde duas coisas.

– Não importuná-lo favorece a você, não a mim – Raquel o lembrou. – Mantenho minha proposta. É pegar ou largar.

– Lembra-se da última pergunta que lhe fiz hoje pela manhã? – perguntou decidido.

– Evidente que me lembro. E não tenho nada a dizer quanto àquilo. Descubra sozinho o significado das marcas idênticas ou viva eternamente na ignorância. Minha proposta é única e imutável.

Ethan sentiu a raiva crescendo em seu peito, contudo a controlou. Se ele era peça de um jogo, deveria saber como se mover no tabuleiro antes de pegar a rainha.

– Está bem – anuiu. – Diga-me como Graco sabe tanto.

– Nunca disse que contaria agora.

– Raquel, eu realmente não estou com paciência – Ethan ciciou, cerrando os punhos.

– E eu, de fato, não disse que contaria. Falei que você saberia, sem citar quando. É diferente. Vou sair, levando Seager, e vocês não vão nos seguir. Depois entro em contato com você.

– Esse não me parece um bom acordo. Apenas você leva vantagem.

– Diz isso porque sempre é ofuscado por sua impulsividade. Se visse as coisas pela ótica da razão, perceberia que é quem mais tem vantagens nesse acordo.

Ethan não teve como retrucar. Suas palavras foram caladas pela chegada de quatro homens. Todos estacaram ao vê-los, mas logo os olhares foram atraídos para Raquel; linda no vestido vermelho que usava sob um casaco da mesma cor. Ignorando-os, um tanto enfada, ela prosseguiu:

– Como prova de minha confiança vou deixar Seager com você. Cumpra a sua parte no acordo que eu cumpro a minha.

– Quando? – Não havia mais o que perguntar.

– Em breve. – Então Raquel se foi, sendo seguida até a porta pelos homens encantados, mas não antes de tocar furtivamente o rosto de Thomas e lhe piscar. Imediatamente o vampiro se eriçou e se pôs diante de Ethan com seus olhos castanhos maximizados.

– Quem é Graco? E como pôde deixá-la sair assim?

– Não tinha como detê-la. Não aqui – ele indicou seu entorno. – Melhor sairmos. Lá fora eu explico quem é Graco Demini.

Thomas assentiu e indicou Seager.

– O que faremos com ele?

– Vou cumprir com o combinado. – Com a decisão foi até o vampiro e o despertou. – Seager. Saia agora. Vá cuidar de seus afazeres e não se recorde do que se passou aqui.

Sem nada dizer o vampiro se foi, sem tomar conhecimento da presença de Thomas.

– Inacreditável! – este se admirou.

– Realmente incrível – Ethan concordou, indicando a saída. – Vamos antes que voltem.

Deixaram a sala e então o edifício. Na calçada, Ethan indicou a praça em frente. Seria bom para seu corpo ainda trêmulo que se mantivesse a andar enquanto conversassem. Thomas o acompanhou em silêncio até que atravessassem a rua.

– Sobre qual força se referia enquanto conversava com Raquel? – perguntou.

– Nossa! – Ethan não calou sua admiração quanto ao comentário que faria. – Sua pergunta me mostra o quanto estou em débito com você e Joly. Tanta coisa tem acontecido sem que eu divida com vocês...

Aquele era o momento de se desculpar, contudo Ethan não o fez. Em vez disso, respirou profundamente e então contou como descobriu a “sua força”, controlando-se para não ser abalado por ela à simples menção de como a despertou. O amigo parecia entender como as palavras o afetavam. Ouviu em silêncio, fazendo poucas interrupções durante sua narrativa.

– Tem outra novidade – acrescentou. – Quando fui até o apartamento de Paul para investigar se havia mesmo sido transformado, eu consegui entrar sem ser convidado.

– O quê?! – Thomas o deteve, segurando-o pelo braço. – Como?!

– Não sei dizer. Simplesmente... aconteceu. Mas hoje tivemos a prova de que ainda há a restrição, caso contrário Paul teria entrado na minha casa e...

– Não pense nisso! – Thomas o aconselhou. – O importante é que ele não conseguiu o que queria. E agora, depois do que me disse e tudo o que ouvi de Raquel, chego à conclusão de que realmente não sabemos nada sobre nós mesmo. Sobre nossa espécie, digo.

– Eu nunca imaginei que tivesse algo a se saber – salientou Ethan, aborrecido. – Como poderia supor?

– Agora sabemos que há mais. Basta descobrirmos onde conseguir informações.

– Você está certo! – concordou, um tanto intimista. Então finalmente se desculpou: – Lamento ter deixado vocês sozinhos. Eu...

– Não se desculpe! – Thomas o cortou. – O que vale é que está de volta.

Ethan assentiu. Agradeceu intimamente por ter sido liberado, então explicou que em seu período de *luto* aprendeu como utilizar o novo poder, revelando que havia se valido dele para impedir que o amigo ou Joly pudessem entrar na casa nos seus dias mais sombrios.

– Então... Baseando-nos no que disse Raquel, podemos saber que você sempre teve essa força, somente não sabia como liberá-la. – Ethan assentiu, encarando o amigo que indagou: – Acredita que todos sejam como você? Seria possível que eu também tivesse essa força?

– Sinceramente eu não saberia dizer. Raquel, por exemplo, pôde neutralizar meu ataque antes de você chegar. Se brigássemos e eu não conseguisse segurá-la, nada poderia contra ela – ele disse contrafeito, passando as mãos pelos cabelos. – De toda forma, se for preciso que sinto algo tão forte para despertar seu poder, como ocorreu comigo, acredito que você nunca descobrirá do que é capaz. É sempre tão centrado. Sempre foi assim em todo o tempo em que estamos juntos, até mesmo quando mortal. Raríssimas vezes eu o vi perder a linha.

– É verdade. Desculpe-me a sinceridade, mas não acredito que esbravejar ou se descontrolar leve alguém à parte alguma. No seu caso ajudou na descoberta, mas fora isso, nunca conseguiu nada sendo intempestivo.

– Sei disso, mas essa é minha natureza. Não sei ser diferente – Ethan retrucou.

– Não se aborreça com minhas palavras. Sabe que o admiro. Não o considero meu líder à toa. Sua determinação e força sempre nos guiaram pelo melhor caminho. E confio que agora não será diferente. Mesmo com todas essas novidades, acredito que você não vá deixar que nada nos destrua ou separe.

A declaração do amigo o desconcertou. Sem saber o que dizer ou fazer, afirmou apenas:

– Não deixaremos! Sempre estivemos juntos e agora não seria diferente.

Thomas assentiu, colocando as mãos nos bolsos, aparentemente tão desconsertado quanto o próprio Ethan.

– E me desculpe pelo o que disse em sua casa. Acredite, não é incômodo cuidar de Danielle, somente gostaria de entender porque voltou atrás.

– Você sabe – Ethan se armou intimamente; não queria voltar àquele assunto. Para sua surpresa, Thomas falou apenas:

– Sim, eu sei. Não entendo, mas vou respeitar. Você deve saber o que está fazendo.

– Obrigado!

– Bem... E quanto a esse Graco? Quem é ele?

– Outro mistério, pois não o conheço.

Ethan reproduziu as palavras que Raquel usou para contar o que o intruso desconhecido desejava ao afrontá-lo. Contou sobre o hábito de assumir o lugar de outro imortal e que ele era o alvo da vez, mas que algo que fizera no passado, tinha mudado seus planos. O que mudou, não saberia dizer, visto que nunca cruzou o caminho daquele larapio dos infernos.

– Não tem idéia mesmo do que possa ter feito? – Thomas perguntou, encarando-o.

– Se nem ao menos o conheço como posso ter lhe tirado alguma coisa?

– Pode ter sido alguém – Thomas sugeriu. – Não me admiraria nada se alguma mulher estivesse envolvida nesse assunto.

– Acha isso? – sussurrou. Com as palavras de Thomas vieram outras ditas pelo rábula poucas horas antes:

“Vou cuidar para que nunca mais se meta com mulheres alheias”.

No calor da luta Ethan não deu a devida importância ao plural. Agora ficava claro que Paul não se referia apenas a Danielle assim como fazia incidir uma nova luz em meio àquele breu que a falta de informações lhes deixava. Ele próprio jamais mediria esforços caso alguém se colocasse entre ele e sua noiva.

Por outro lado, havia a demora pelo confronto. Ethan nunca conseguiria esperar para destruir quem conseguisse roubar Danielle. Também havia o fato de que esse rapace já se encontrava ao seu redor, aproximando-se para roubar sua vida. Somente há dois meses havia descoberto que ele – Ethan – lhe tirou alguém. As perguntas eram: como um vampiro esteve perto sem que ele soubesse de sua presença? Por que este não o reconheceu antes? Por que apenas há dois meses?

– Ethan? – Thomas o chamou. – O que há?... Lembrou de alguma coisa?

– Não... Apenas tentava entender o que vem acontecendo. Talvez você tenha razão. Mesmo que eu não me lembre de ter tirado mulher alguma de outro vampiro, essa seria uma boa explicação.

– Que só saberemos quando esse Graco Demini resolver aparecer.

– Até lá precisamos cuidar de Paul. E não somente porque se aproximou de Danielle, mas por estar disposto a nos expor. Sinceramente espero que ele não demore a agir.

Estaria preparado, Ethan pensou. Mas no momento não poderia se ocupar dele e, sim, de limpar a bagunça que deixou em sua casa. Foi o que disse a Thomas.

– Quanto a isso tenho uma idéia – disse seu amigo. – Antes de executá-la preciso apenas saber o quanto gosta daquela casa.

– Detesto-a desde que ficou pronta, sabe disso. – Fácil a resposta. Nem mesmo os momentos com Danielle ajudaram a mudar seu sentimento.

– Perfeito! – Após sorrir, Thomas passou a explicar seu plano. Era temerário, mas teria tudo sob controle, assegurou. Ethan se agradou da idéia. Se o amigo conseguisse agir com a precisão desejada, tudo se resolveria a contento. Livrar-se-ia do corpo, Carmem receberia o seguro do marido e Ethan se livraria da casa odiosa.

– Tome cuidado apenas com os quadros de meus pais – recomendou.

– Considere feito.

Capítulo Vinte e Dois

A falta de Ethan era o problema, fato. Até mesmo a cobertura, com todas aquelas paredes de vidro, parecia sufocante. Dana não conseguia relaxar como Joly sugeriu. Andava de um lado ao outro pela sala, por entre os móveis ainda em fase de montagem, sempre seguida pelo olhar especulativo da vampira. Se fosse atendida pediria à amiga que a levasse em seu apartamento para pegar algumas coisas. E o mais importante: Black.

Agora que estava finalmente no apartamento de Ethan, poderia levar o animal de estimação, contudo nem se daria ao trabalho de pedir, pois já havia recebido uma recusa a um pedido semelhante.

– Espere – Joly respondeu ao sugerir que chamassem os investigadores responsáveis pelo caso de Jeff para que eles tomassem seu depoimento no NY Offices. – Ethan resolverá isso para você. Sabe que não pode ficar perambulando por aí.

– Claro que sei – lhe dissera –, mas também sei que Paul não é onipresente... Não pode estar em vários lugares ao mesmo tempo. E sinceramente acho que Ethan já tem problemas demais. Não queria que a polícia comesse a correr atrás de mim.

– Fala como se fosse uma foragida. Se as investigações começaram nesse final de semana ainda temos tempo. E você não está fugindo nem nada. Está em repouso, como disse a sua editora. Então, deixe de inventar histórias que a colocam em perigo e relaxe.

Fácil falar! Liberando um suspiro profundo, Dana abraçou o próprio corpo e saiu para o pequeno jardim, próximo à piscina.

– Pare de bufar e suspirar Dana – Joly pediu de onde estava. – Está me deixando nervosa.

Dana reprimiu um impulso de dizer à amiga que não prestasse atenção nela, contudo, não poderia ser malcriada. Não novamente.

– Me desculpe, Joly. É que essa espera está...

– Chegaram! – Joly a interrompeu, pondo-se de pé. Dana nada ouviu, mas confiava na boa audição da amiga. Ansiosa, com o coração aos saltos, foi até ela e esperou.

Não se passaram três minutos até que a porta fosse aberta por Ethan. A francesa, num movimento rápido, foi-se atirar ao pescoço do marido que entrou em seguida. Dana por sua vez, não conseguiu sequer sair do lugar. Parecia que horas se passaram desde que esteve com Ethan pela última vez.

De toda forma não tardou para que ele estivesse diante dela, correndo os dedos frios em sua bochecha e pescoço para levá-la de encontro ao próprio corpo, segurando-a

possessivamente pela nuca. Dana se permitiu respirar, aliviada. Ethan estava de volta são e salvo.

– Você demorou – sussurrou, afundando a cabeça em seu peito, sentindo-lhe as batidas erráticas do coração enquanto o enlaçava pela cintura.

– Estou aqui agora. – Ele cheirou o alto de sua cabeça. – E por enquanto não vou à parte alguma.

– Pretende sair essa noite?

– Não sei a hora, mas será preciso.

– Ethan, não...

– Ethan – a voz de Thomas se sobrepôs à dela –, Joly e eu precisamos sair. Tem certeza de que ficará bem?

Dana reparou a troca de olhares significativos. Estava claro que fariam algo importante. Antes que especulasse o que exatamente, Ethan os dispensou.

– Amanhã recomeçamos tudo normalmente? – Joly perguntou em tom estranho.

– Normalmente – Ethan confirmou, sem se importar com a expressão carregada da amiga –, mas antes, nós três nos reuniremos aqui, em meu gabinete.

O casal assentiu e se foi. Quando a porta foi fechada, Dana tentou se afastar. Queria saber para onde iriam, e Ethan não lhe deu chance. Ao contato das bocas, o questionamento se foi. Naquele instante soube o quanto desejou aquele beijo, aquele abraço possessivo que ameaçava parti-la ao meio.

Enquanto tinha sua língua provada de forma quase indecente, Dana teve a confirmação de que passaria pelo que fosse preciso caso Ethan decidisse voltar atrás e transformá-la. Ter a oportunidade de viver aquelas sensações eternamente valeria cada espasmo de dor.

Com o corpo desperto, ela se comprimiu contra Ethan indicando o quanto o queria. Ele gemeu ao contato, ainda assim desfez o beijo, deixando claro que não aplacaria o desejo que ambos sentiam. Logo Ethan depositava vários beijos em sua boca como sempre fazia antes de se afastar. Dessa vez, porém a manteve presa no abraço e pousou sua cabeça contra o peito.

– Senti sua falta – declarou roucamente.

– Também senti a sua – ela assegurou. – Tem certeza de que está bem?

– Sim, estou... Não se preocupe com isso.

Ethan pedia o impossível, Dana pensou e tentou se afastar para olhá-lo. Após uma breve resistência, ele a libertou.

- O que Thomas e Joly foram fazer?
- Sente-se melhor? – Pareceu que Ethan não a ouviu.
- Sim, obrigada!... Agora pode me responder o que eles vão fazer?
- Limpar minha casa.
- É por isso que vai sair novamente? – Dana estremeceu em expectativa.

Ethan assentiu enquanto retirava o sobretudo. Certo, ainda estava levemente afetada pela presença dele, mas as evasivas a irritava. Não queria ser excluída.

- Será complicado, não é? – tentou uma nova abordagem. – Carmem e John ainda estão lá?

- Estão.
- Por favor, Ethan me diz o que vão fazer, por que o mistério?
- Não há mistério, somente não é algo com que deva se preocupar – minimizou. – Depois que tudo for resolvido Carmem poderá viver com um dos filhos se assim desejar.
- Ou poderia vir trabalhar aqui – Dana sugeriu. – Gosto dela.
- Ela feriu você – Ethan comentou, franzindo o cenho.
- Ela apenas se defendia de mim. E nem vai se lembrar, não é mesmo?
- Não se lembrará de nada – ele assegurou ainda sério. – Não entendi direito o que aconteceu. Por que Carmem a atacou?

Dana baixou os olhos. Já havia sido constrangedor admitir seu engodo para Thomas. Repetir a façanha para Ethan a faria se sentir ridícula.

- Carmem estava apavorada – editou, dando de ombros –, e tentou me acertar para escapar da sala.

Ela ter sido ferida jamais poderia ser banalizado. Ainda mais quando não era ele a socorrê-la. Desculpou-se, seu ciúme arrefeceu, mas seu peito ainda protestava à visão de Thomas a lamber-lhe a palma da mão, confirmando assim o que sempre soube; seria capaz de matá-lo caso se insinuasse para Danielle como ele mesmo fez duas vezes a Joly.

Na verdade, todos os acontecimentos daquele dia ainda o afetavam, então, agora que estava com Danielle, não desejava ser sabatinado sobre Raquel, Carmem, John nem todo o resto. Era ele quem queria respostas.

- Se é o que diz – retrucou ainda mais sério, controlando-se até que pudesse tocar no assunto. – Mas prefiro que ela vá para junto dos filhos. Já tenho Martha que cuida de tudo

por aqui... Ela a servirá da mesma maneira. Se não gostar dela, pode contratar outra. Por tempo integral, caso prefira. Você decide já que é a nova dona deste apartamento.

Não ajudava em nada Ethan lembrá-la da responsabilidade que lhe incumbia ao dividir com ela o que possuía.

– Se acha melhor assim, está bom para mim também! – desconcertada, acrescentou: – Obrigada por poupar Carmem.

– Não me agradeça por isso.

E lá estava a conhecida tensão pairando sobre eles. Escrutinando o rosto soturno, Dana podia ver a intensidade com que era encarada. O verde avassalador roubava toda sua coragem de perguntar sobre o encontro com Raquel, sobre a luta com Paul. O súbito silêncio se tornava palpável quando, de repente, sem saber por que, Dana acreditou que seria induzida.

– Quer me dizer alguma coisa, Ethan?

Sim, ele queria. Queria saber o que aconteceu durante os 25 minutos entre a ligação perdida e o pedido de socorro, porém, ante a iminência de especular, percebeu que não suportaria ouvir o que quer que fosse. Fazê-la contar somente a faria pensar no ex-namorado e jamais faria isso; não com ela lúcida. Por um instante infinito em que a encarou, considerou se seria traição voltar sua palavra atrás e induzi-la.

E por outro instante ainda mais inquietante, Danielle sustentou seu olhar com as sobrancelhas unidas como se soubesse de sua intenção. A interrogação no olhar âmbar teve o poder – inédito – de embaracá-lo. Com a pergunta, o vampiro piscou e passou as mãos pelos cabelos antes de dar-lhe as costas dizendo a primeira coisa que lhe veio à cabeça.

– É tarde! Deve estar faminta. Acho melhor providenciar comida.

Ethan a confundiu. Tanta intensidade por estar preocupado com sua alimentação? Nunca saberia.

– Não se preocupe com isso – tranquilizou-o. – Joly preparou meu almoço e...

– Joly fez o quê? – Ethan se voltou para encará-la. – Alimentou-a com o quê?

– Ela comprou algumas coisas – explicou. – Providenciou comida, remédios e produtos de higiene pessoal.

– Deixou-a sozinha! – Ethan rosnou.

– Somente por alguns minutos, mas ela foi perto.

– Perto? – Ethan repetiu, afastando-se para andar de um lado ao outro. – Ela não tinha permissão!

Dana entendia a preocupação, por isso lutou para que seu mau gênio não viesse somar ao dele, mas não iria assistir quieta à explosão. Não se ele fosse ser injusto com sua amiga.

– Não ouve o absurdo que diz? Joly não tem obrigação de ser minha babá. Ela faz até demais.

– Danielle...

– Me perdoe Ethan, mas Joly tem uma vida, marido. Não pode ficar o tempo todo cuidando de mim. Coisa que faz muito bem por sinal! Então não venha criticá-la ou brigar com ela por ter saído. Afinal estou segura aqui, não estou? Ou será como em sua casa? Se não há lugar bom o suficiente para mim é melhor que eu vá para meu próprio apartamento.

As palavras o atingiram no estômago. Contendo a respiração para se recuperar do baque, Ethan perguntou:

– Não deseja ficar?

Não seria novidade, afinal ela ainda era a mesma e até pouco tempo atrás não queria comprometimento. Esse seria um reflexo de seu encontro matinal? Sentindo seu temor se transformar em fúria, Ethan considerou que, mesmo que tivesse uma grande diferença em ficar por vontade própria ou por obrigação, ela não iria a lugar algum.

Antes que lhe disse exatamente isso, ela se agitou, erguendo as mãos.

– Ah... Não foi isso o que eu disse! Evidente que quero ficar aqui, só não... Só não... Não quero que mobilize Joly ou Thomas por minha causa.

– Não os mobilizo, eles apenas me ajudam.

– Não parece ajuda quando você diz que Joly não tinha permissão para fazer essa ou aquela coisa. E... – decidida de que aquela era a hora, o encarou. – Eu também poderia ajudar, Ethan... Deixar de ser uma preocupação e ser forte...

– Como? – Ethan sustentou seu olhar com o cenho franzido.

– Sabe como... Se me transformasse eu...

– De novo não, Danielle! – sibilou.

– Eu seria forte, não é? Muito forte, na verdade.

Dana se arrependeu de não ter se calado antes mesmo de terminar de proferir as palavras. O olhar – verde e inquiridor – se tornou negro, anunciando a tempestade.

– Como soube disso? Foi durante o tempo em que estive com o rábula?

– Não! – ela garantiu sem entender como Paul entrou na conversa. – Joly comentou a respeito enquanto me trazia para cá.

– Joly fala demais!

– Você é quem fala de menos – retrucou, lutando para não se acovardar diante da notória fúria de Ethan. – Por que mentiu para mim?

– Não era para você saber dessas coisas.

– Ah, claro! De que adiantaria me poupar da verdade se fosse morto no minuto seguinte? Droga Ethan, Paul o seguiu!... O que aconteceu com aquele papo de não me poupar de nada já que eu estou disposta a ficar com você?

– Não fale o maldito nome. – O pedido saiu em meio a um rosnado. – Não hoje!

– Posso não dizer hoje, não dizer nunca, mas ele não vai sumir somente porque não quer que eu diga o nome. Ele está por aí e é mais forte que você então me deixe ajudar.

– Transformando você? – Ethan alteou a voz, o que sentia não era bom.

– Eu seria forte como ele e...

– Está louca! – bradou e nesse instante Dana poderia jurar que os vidros vibraram. – Acredita, verdadeiramente, que eu a deixaria chegar perto mesmo que fosse uma de nós?

– Não poderia me impedir.

Ethan estreitou os olhos em finas fendas, e, sim, os vidros de alguma forma vibravam. Dana soube que extrapolou todos os limites aceitáveis ao notar o olhar enfurecido em meio ao silêncio sepulcral que os cercou. Deveria ter se calado um segundo antes, mas simplesmente não conseguiu, mesmo que sua atitude temerária não ajudasse numa causa que já começou perdida. Quando o vampiro falou, soou baixo e pausado, mais letal do que se estivesse aos gritos:

– Sempre voluntariosa, não é? E ainda devo confiar! O que faria caso fosse forte o suficiente?... Ter a intenção não basta, Danielle. Está preparada para se tornar uma assassina?

Assassina? Não, não havia pensado nisso. Diante de seu silêncio ele prosseguiu, aproximando-se até parar diante dela:

– Desconsidere por um minuto o fato de que ainda seria uma luta entre criaturas de gêneros diferentes, com todas as discrepâncias existentes entre si, e que eu não suportaria saber que o tocou nem mesmo para matá-lo... O que faria então? A nova vampira, muito forte, mas ainda assim não mais forte do que Paul, enfiaria sua delicada mão na caixa torácica de alguém com quem se relacionou por certo tempo e lhe arrancaria o coração?

Dana não pôde conter um tremor diante da cena proposta e se enregelou por Ethan reproduzir os gestos, usando-a como exemplo. Depois de exercer pressão em seu peito, segurou-lhe a cabeça entre as mãos e prosseguiu, sempre a encarando, inquiridor.

– Ou seguraria as laterais do rosto odioso e, enquanto olhasse em seus olhos, torceria o pescoço para lhe arrancar a cabeça?... Seria isso que faria com alguém que até pouco tempo atrás acreditava gostar tanto que desejava fervorosamente permanecer amiga?

Dana encolheu os ombros diante da nova imagem. Ethan não poderia ter sido mais didático. Quando propôs ajuda não lhe ocorreu matar Paul. Realmente talvez nunca tivesse coragem de fazer tais coisas, mas precisava acreditar que sim.

– Se fosse preciso – murmurou sem convicção. – Para defender você, Ethan.

– Não preciso de sua defesa – garantiu ao se afastar bruscamente, tão rápido que Dana quase caiu. – Ajudará mais se esquecer esse assunto. Já disse que vou rever minha decisão então não a quero falando em transformações; ainda mais para algo tão absurdo quanto se lançar contra aquele cão dos infernos.

Dana sentia as pernas fraquejarem, mas se manteve firme. Não poderia se render sempre. Era sobre a segurança deles dois que estavam falando.

– Certo! Entendi que não posso contra ele e acredite, não era essa minha intenção. Pedi para que me deixasse ser como você somente para ajudá-lo. Para poder me defender e a você, mesmo que não queira minha ajuda. Mas Thomas tem razão. Seria muito melhor para todos se eu fosse como vocês. Precisa dele e de Joly ao seu lado, não cuidando de mim.

– Acredite Danielle, preciso apenas que encerre esse assunto. E pouco me importa a opinião de Thomas. Eu sei o que é melhor.

– E aparentemente tudo se resume a você, não é mesmo? – Dana estava cansada de tamanha obstinação. Magoada, na verdade.

– Acho que não entendi.

– Eu explico – disse empertigada. – É sempre o que *você* quer... O que *você* determina... Sem nunca levar em conta a vontade alheia. Como eu disse, Joly e Thomas têm uma vida... Eu tenho uma vida e acho que deveria ter o direito de decidir o que desejo para ela.

– Pois muito bem! Diga ao egoísta o que deseja – pediu, indicando a si mesmo.

– Não quero envelhecer, Ethan... Não quero viver com medo de colocar meu rosto na janela nem pular quando alguém abrir a porta por medo de ser arrastada para fora. Quero ter garantido meu direito de ir e vir... Quero poder trabalhar na redação como todos os outros, não ficar em casa me valendo da posição de namorada do patrão.

Ethan permaneceu em silêncio. Depois de passar as mãos pelos cabelos, cansada, Dana concluiu:

– Não quero morrer, Ethan... Nem agora pelas mãos de algum inimigo seu ou doente sobre uma cama. E o mais importante de tudo... Não quero, nunca, nunca me separar de você.

Após alguns instantes, quando Dana acreditava que Ethan sequer se daria ao trabalho de comentar seu desabafo, ele murmurou rouco, gutural:

– Perdoe-me não poder atendê-la. – Poderia acrescentar que *não ainda*, mas preferiu se calar.

– Extraordinário seria se pudesse – Dana retrucou com toda dignidade que conseguiu juntar, odiando-se pelo bolo que lhe subia à garganta. – Se me der licença, gostaria de subir. Estou com dor de cabeça.

– Tem toda.

Ethan refreou o desejo de segurá-la quando ela passou ao seu lado. Também não olhou para ela enquanto se afastava. Se o fizesse com certeza a seguiria e não se achava em condições de continuar com a discussão. Discussão essa que nem deveria ter acontecido em primeiro lugar. Ao que parecia a má sorte atraída pelo morto em sua casa os seguiu até ali.

Esteve praticamente todo o tempo desejando estar com Danielle para agora desperdiçá-lo em temas complexos. Ela conhecia suas razões e sabia que nada tinha mudado então qual a razão em insistir? Se ao menos Raquel tivesse indicado haver qualquer forma de resolver aquele impasse. Contudo a *rainha preta* preferiu o silêncio rancoroso próprio aos rejeitados.

Ao ouvir o mover da porta no andar superior, Ethan saiu da inércia e foi se servir de uísque. As palavras de Danielle tinham o poder de parti-lo ao meio, contudo, enquanto ainda corresse o risco de ser destruído não poderia atendê-la. E ouvi-la falar sobre as maravilhas de ser uma vampira forte e autossuficiente não ajudava em nada no quadro geral. Maldita Joly e sua boca grande, pensou sorvendo o conteúdo do copo num único gole.

Depois de se servir com mais bebida, foi se sentar no novo sofá branco. Queria ordenar os pensamentos, mas não teve sucesso. Em sua mente somente vinham frases desconexas e desencontradas, todas embaçadas pelo choro de Danielle.

Que chorasse! Pensou enraivecido. Não seria vencido por lágrimas. Contudo, acreditar estar certo não bastava para não ser afetado. Sem pensar, Ethan bebeu todo o conteúdo de seu copo e, depois de depositá-lo no chão, seguiu escada acima. Parou a porta da suíte, e não entrou. Não tinha nada a dizer que a alegrasse. E definitivamente não queria brigar, então, tudo o que fez foi ficar parado, com a testa contra a porta, até que o choro cessasse.

Fizera tudo errado, Dana reconheceu, incapaz de conter o choro. Não queria envelhecer e morrer, mas ao insistir somente magoaria e seria magoada na mesma medida. E como tudo relacionado a Ethan era elevado à décima potência, as consequências poderiam ser desastrosas.

Capítulo Vinte e Três

Ethan girou a maçaneta com cautela quinze minutos após Danielle silenciar. Encontrou-a adormecida em sua cama e no segundo seguinte já se agachava ao lado para escrutinar-lhe o rosto. Como esperado estava marcado e ainda molhado pelas lágrimas recentes. Com cuidado, Ethan retirou uma mecha que lhe caia sobre a bochecha corada para que pudesse vê-la melhor.

Daquela vez, não houve nada excitante na discussão. Antes disso, a argumentação foi aflitiva. Danielle não errou ao acusá-lo, tudo se resumia a ele. Queria sabê-la sempre satisfeita para que ele pudesse se sentir em paz. Queria acordá-la beijando seu rosto para secar os resquícios das lágrimas. Reafirmar que independente de qualquer diferença que existisse entre eles a amava e ouvi-la dizer o mesmo, contudo não o fez. Contentou-se em acariciar os cabelos castanhos, enquanto Danielle dormia.

– Por favor, me deixe em paz... – ela murmurou. Ethan saboreou o gosto amargo da rejeição, mas não se afastou. Ao mover os dedos sobre o cabelo macio, ela novamente resmungou: – Não vou com você... Não insista.

Imediatamente às suas palavras, Ethan entendeu que ela falava em seu sono. Mas saber não eliminou o incômodo. Ela sonhava com Paul. Se havia algo bom, era poder conseguir respostas, sem induzi-la.

– Ir para onde, Danielle? – testou.

– Não sei... aonde Paul quiser me levar... mas eu não vou.

– Paul queria que o acompanhasse, não é mesmo?

– Queria... Disse que... me usa... como fez com todas as outras...

O conhecimento demonstrado pelo rábula não mais o admirava.

– Disse que Ethan me deixa doente... – ela prosseguiu.

Ele deixava. Maldito rábula dos infernos! Não precisava que ninguém, muito menos ele apontasse seus defeitos. Ainda mais para Danielle.

– Não acreditou nele, não é?

– Eu... Eu não me importo... – ela disse segura. Ethan teria sorrido, mas seu contentamento durou até a nova declaração. – Mas Paul se importa... Disse que não vai me usar... Vai me mudar... Paul deseja ficar comigo... para sempre.

Imediatamente Ethan travou o maxilar, estremecido pela fúria. O pulha! Como o rábula se atrevia a oferecer o que ele negava? Incapaz de ficar parado, ele se pôs de pé e passou a rodar pelo quarto como um animal enjaulado. Para seu desespero havia mais.

– Queria ser como Paul... Eu poderia ficar com ele para sempre...

Ethan cerrou os punhos e deu um passo atrás para então deixar o quarto. Sabia – tinha de acreditar – que em sua última frase Danielle se referia a ele. E agora, mais do que nunca, tinha que encontrar seu rival e dar-lhe o devido fim. Danielle se mostrou forte durante aquela primeira aproximação, mas talvez não na próxima. Ela havia deixado claro sua vontade em ser como eles e se vislumbresse a chance de conseguir por outro meio...

– Não! – Ethan rosnou alto agora que estava trancado em seu gabinete. – Ela não teria coragem!

Tem certeza? Sua própria soou em sua mente. Quantas vezes ela o enfrentou, demonstrando sua inconformidade? Várias, respondeu-se ao se colocar à janela. Danielle demonstrava respeito, por algumas vezes até mesmo medo, mas isso nunca a impediu de ir contra ele quando achou necessário.

– Danielle não teria coragem! – repetiu em voz alta na tentativa de se convencer.

Ethan achou prudente se manter distante, então, mesmo depois de controlar o iminente ataque de fúria, permaneceu em seu gabinete. Depois de acomodado em sua cadeira, tentou bloquear as imagens inquietantes que insistiam em passear por sua mente imaginativa.

Deveria basear-se no que tinha de concreto que era o amor de Danielle por ele. E sua noiva havia dito claramente:

“Não quero nunca, nunca me separar de você”. Essas eram as palavras que sempre contariam.

Embalando-se em todas as declarações que havia ouvido de sua humana, Ethan assistiu a noite cair sobre a cidade. Havia se acalmado o suficiente quando finalmente seu interfone tocou. Ao atendê-lo logo ouviu a voz profissional do porteiro noturno.

– Senhor McCain, desculpe-me incomodá-lo, mas têm dois policiais aqui que desejam vê-lo. É algo referente a uma casa de sua propriedade. Devo deixá-los subir?

– Não será necessário, já estava de saída. Peça somente que me esperem... Logo estarei no saguão. Obrigado!

Antes que desligasse ouviu o movimento em sua porta. Em menos de um segundo Joly e Thomas estavam diante de sua mesa.

– Vim para acompanhá-lo. – esclareceu Thomas.

– E eu achei que seria melhor ficar aqui com Danielle enquanto vai resolver o estrago que fizemos em sua casa – acrescentou Joly.

Diante da atitude da amiga, Ethan levou em consideração tudo que Danielle lhe disse. Não poderia nunca recriminá-la por nada.

– É melhor... Obrigado! – imediatamente se pôs de pé. – É hora do show!

Desde que ele se juntou aos policiais no saguão, tudo pareceu se arrastar em câmera lenta. Foi informado que sua preciosa casa situada em Hamilton Heights, 145 Street próximo à Riverside Drive, havia sido destruída em boa parte por um incêndio que ao que tudo indicava, se propagou após uma pequena explosão causada por escapamento de gás.

Ethan soube que o caseiro foi encontrado mutilado e carbonizado, vítima da referida explosão. A esposa tivera melhor sorte. Com exceção a algumas partes chamuscadas em suas mãos e um hematoma na testa, nada mais grave lhe aconteceu.

Consternado por ter perdido um patrimônio familiar e preocupado com o destino de seus funcionários, Ethan os seguiu até o local do incêndio; sempre acompanhado de Thomas. Assegurou-se que sua empregada havia recebido um pronto atendimento, responsabilizando-se por qualquer despesa gerada por ela até que fosse liberada e pudesse ficar com os filhos.

Em todo o tempo, enquanto vagava pelo cenário de guerra, a mente do vampiro se aventurava até seu quarto onde a humana dormia. Talvez por sua ansiedade em voltar para junto dela, o tempo tenha se arrastado. A parte tensa da noite ficou por conta de um dos policiais que comentou sobre uma denúncia anônima recebida naquele mesmo dia para aquele endereço. O que foi prontamente apostado como uma infeliz coincidência, por outro policial. Passado esse momento inquietante, tudo transcorreu conforme o esperado.

Eram mais de 3h30 quando Ethan finalmente foi liberado pelos policiais e pelos bombeiros após ser informado – extra oficialmente, pois o rescaldo sequer havia sido iniciado – que no laudo constaria incêndio accidental.

– Infelizmente acidentes acontecessem – Ethan comentou antes de sair do que restou da casa odiosa. Depois daria outra maior e melhor para Danielle.

Na calçada, Ethan pediu a Thomas que fosse para seu apartamento se juntar a Joly. Ele iria caçar. Em sua pressa se serviu do sangue do primeiro inocente que cruzou seu caminho. Para o bem do infeliz, Ethan não o matou e – outro fato inédito naquela noite – desejou que fosse encontrado e socorrido.

De volta à cobertura, encontrou o casal já de partida. Não pediria que ficassem. Antes que saíssem, Ethan foi informado por Joly que Danielle levantou por volta das 23h, comeu e voltou a dormir. Sem perguntar por ele, a francesa fez questão de frisar.

Depois de agradecer – quando a vontade era retrucar –, Ethan esperou que se fossem e correu escada acima. Evitou olhar na direção da cama e seguiu diretamente para o banheiro para se livrar dos odores do incêndio. Depois de seco e vestido apenas com a calça de seu pijama, seguiu descalço até os pés da cama onde Danielle dormia tranquilamente. Intimamente praguejou contra Joly por salientar o desinteresse dela ao despertar.

Sem suportar a distância, Ethan se abaixou e cheirou os pés, mesmo que ocultos pela coberta. Farejou ao longo das pernas sem tocá-la, até chegar ao quadril. Depois de beijá-la delicadamente naquele ponto, continuou seu percurso pelas costas femininas até chegar a um dos ombros, este sim, desnudo. Enquanto também o beijava, sentindo o calor da sua boca, Ethan se deitou às costas dela. Evidente que tal inspeção olfativa o excitou, mas se conteve.

Queria senti-la. Jamais negaria que a amava tanto quanto sempre a desejaria, então, ainda que reprimisse um eminente enrijecimento, deixou que as sensações despertadas pelas nádegas cheias percorressem seu corpo até sentir-se ligado a ela. Sempre com o nariz afundado nos cabelos macios, valeu-se de seu vício para acalmar-se.

Acomodava-se melhor junto a ela, quando Danielle resmungou e se mexeu. Imediatamente Ethan paralisou, odiando o súbito temor de ser expulso de sua cama. Sentimento nada condizente com a criatura que era, mas não pôde evitar. Com a respiração suspensa, viu Danielle se voltar para ele e pousar a cabeça em seu peito.

– Você demorou... – ela murmurou.

Ao sentir o hálito quente e úmido em sua pele, Ethan expirou lentamente. Não sabia se conversava com o subconsciente ou com ela lúcida, ainda assim respondeu:

– Somente o tempo necessário.

– Mesmo assim, demorou – ela resmungou brandamente. – Senti sua falta.

Nesse ponto Ethan desejou que ela estivesse acordada, mesmo sabendo que uma declaração vinda de seu subconsciente seria a mais sincera.

– Também senti a sua.

– Correu tudo bem?... Com Carmem e... com o que eles foram fazer em sua casa?

Aquela era sua resposta, Danielle estava acordada. E deixava claro que não havia procurado informações, pois sabia onde ele se encontrava. Aliviado, permitiu-se abraçá-la.

– Tudo saiu como Thomas planejou. Pela manhã saberá o que aconteceu. – Depois de cheirar seus cabelos mais uma vez, concluiu: – Não quero falar sobre isso agora.

– Está bem – ela anuiu. – Por que não se cobriu?

– Não queria perturbá-la – mentiu e se afastou somente o tempo suficiente para entrar sob a coberta. Não esperaria novo chamado. Decididamente se tornava patético, domesticado. Talvez nem mesmo Black ansiasse tanto a atenção de sua dona quanto ele, pensou abraçado a ela. Mas naquele caso, que se danasse! Há muito tempo sabia que era uma criatura rendida.

– Eu não devia ter gritado com você – disse a guisa de desculpas.

– Eu não devia ter provocado. Nem ter te chamado de egoísta.

– Nada além da verdade – reconheceu Ethan. – Sou egoísta, Danielle. Principalmente nos assuntos referentes a você. Sou assim!... Não vou nem quero mudar. Acho válida a sua preocupação com Thomas e Joly, mas asseguro-lhe de que eles ajudam de bom grado. Principalmente por saberem que se fosse o contrário, eu faria o mesmo por qualquer um deles.

– Sei disso. – Dana o tocou no peito e passou a desenhar círculos aleatórios entre os pelos. – Eu estava nervosa. Preocupada com você e acabei embaralhando tudo o que eu queria dizer.

– Não tinha com o que se preocupar – ele retrucou tentando bloquear as sensações que a mão dela lhe despertava, sem sucesso.

– Como, não? Você mentiu para mim, Ethan. Disse que era mais forte do que ele.

– Não menti – assegurou rouco. – Nossa força se equipara. Hoje nós brigamos de igual para igual.

– Mesmo assim... Joly disse que nenhum de vocês tem experiência nesse tipo de luta.

– Todas as brigas são iguais. Posso nunca ter enfrentado um imortal, mas acredite... Também nunca fui um pacifista, nem em meu tempo como mortal. Se ainda duvidar, pergunte ao Thomas. Ele é muito mais bem informado quanto a isso do que Joly.

– Acredito em você – ela interrompeu os carinhos em seu peito –, mas não me peça para ficar tranquila. Odiei todos aqueles rosnados. Não imagina como foi difícil ficar naquela casa, sabendo que não podia fazer nada. Nem sei o que aconteceria caso você...

– Shhh... – Ethan a estreitou em seus braços ao ouvir a voz embargada. – Sei como ficou aflita, Danielle. Não conseguiria explicar, mas sinto quando está agitada. Foi assim durante o tempo em que estive com Raquel. Não percebi o que era, achei que fosse saudade. Somente quando me ligou que vi o óbvio. Nem precisei ouvir toda a frase para saber que ele estava em nossa casa.

– Hummm... Já que a citou, como foi esse encontro com... Raquel?

– Proveitoso – disse sem hesitar, munindo-se de cautela após a mudança de assunto.

– Em qual sentido? – Dana espalmou a mão contra o peito dele para se afastar. – O que ela queria com você?... Num hotel?

– No Café do hotel – corrigiu. – Era um lugar público como qualquer outro.

Ethan tentou aproximá-la, mas Dana imprimiu certa resistência e respondeu com um desconfiado “sei” que indicou ser sensato contar – parcialmente – o que havia conversado com Raquel.

– Muito estranho – ela retrucou ainda mantendo distância. – Se ela está com esse Graco Demini por que contou essas coisas sobre ele?

– Apenas conheço as mulheres, Danielle, nunca as entendi. Jamais saberia responder.

– Não preciso ser lembrada de seu vasto conhecimento – disse contrafeita. – E voltando a Raquel... Você pode não entender as mulheres, mas eu, sim. E digo com certeza... Das duas uma. Ou ela está indo contra esse Graco para chamar a atenção, talvez por ciúmes. Ou tem algum interesse em você.

Seria tão simples? Era verdade que Raquel se ofereceu a ele, contudo deveria valer a primeira opção. Caso ela estivesse interessada *nele*, a vampira não se recusaria a revelar tudo o que sabia antes de lhe pedir asilo. Não necessariamente nessa ordem.

– Acho que você tem razão, mas somente ela poderia nos dizer com clareza.

– Pois para mim ela não precisa dizer nada. Quanto mais longe ficar, melhor! Acho que esse encontro de vocês foi o bastante.

– Na verdade... Foram duas vezes. Ela apareceu no tribunal enquanto eu estava com Seager. Prometo contar tudo que quiser saber pela manhã. Agora, venha cá... Já permiti que ficasse longe por tempo demais.

– Não desconverse Ethan McCain! – pediu ela, sem resistir ao abraço.

– Não é o que estou fazendo... – Ethan lhe cheirou o rosto. – Só estou agendando para depois.

Os lábios dela estavam trêmulos, talvez pela contrariedade, porém logo se renderam aos dele. Ethan a beijou mansamente a princípio. Sem que pudesse resistir, aprofundou o contato. Contudo, como naquela mesma tarde, deixou que o beijo perdesse a intensidade quando sentiu as batidas descompassadas do coração humano, o odor de cio que o inebriava. Danielle precisava de repouso, não que a debilitasse mais.

– Tenho uma agenda especial inteirinha para você – gracejou ao abraçá-la –, não temos pressa. Durma bem, meu amor!

Capítulo Vinte e Quatro

– Ouviu o que eu disse, McCain? – a voz impaciente de Joly chegou aos seus ouvidos.

Thomas e sua companheira estavam à sua espera quando chegou ao gabinete. Agora conversavam a portas fechadas, em tom baixo. Com ambos cientes dos últimos acontecimentos, tentavam estabelecer uma ligação lógica entre todas as revelações, ainda que desencontradas. Ao que parecia, o assunto não conseguia prender sua atenção mais do que Danielle adormecida em sua cama.

Piscando algumas vezes, Ethan respondeu por puro reflexo:

– Sinto muito, Joly... Divaguei por alguns instantes.

– Entende que precisamos ficar atentos, não é Ethan? – Thomas indagou.

– Talvez eu saiba disso mais do que os dois, juntos, mas toda essa situação é nova para mim... Ainda não consigo isolar as prioridades.

– Pois tente – aconselhou Joly. – Ou sua prioridade será aniquilada por todo resto.

Não tinha argumentos para refutar o comentário ácido.

– Pode repetir o que disse, por favor? – Ethan ignorou também o tom.

– Dizia que talvez não seja prudente, mas que devemos acreditar nas palavras de Raquel. Concordo com o que Danielle lhe disse. Ela deseja chamar a atenção de Demini sobre si.

– As peças começam a se encaixar, mas ainda faltam várias para completarmos esse quebra-cabeça – disse contrafeito. – Ou pelo menos uma peça chave.

– E se induzisse Seager? Com certeza ele tem as respostas – sugeriu Thomas.

– Sim, ele tem – concordou Ethan, recostando-se em sua cadeira –, mas você ouviu o que ficou acertado. Vou arriscar esperar. Talvez o que Raquel tenha a revelar seja a peça que falta para vislumbrarmos todo o cenário.

– Lembro-me perfeitamente, mas não me agrada confiar na boa vontade dela – o amigo insistiu. – Seager está em seu escritório.

– Justamente por isso acho melhor deixarmos ele em paz, por enquanto. – Então uma idéia lhe ocorreu. – Pelo menos, aparentemente.

– Ethan, em que está pensando?

– Que talvez um de nós devesse segui-lo.

– Posso fazer isso – Thomas se prontificou. – Tenho um compromisso para esta tarde, mas posso desmarcá-lo sem problemas. A semana está relativamente calma por causa do feriado.

– Concordo. Era no que estava pensando. Mas seja discreto. E tenha em mente que talvez seja trabalho perdido. Ainda custo a crer que Raquel teria liberado o peão se ele soubesse algo de valor.

– Pode ser... Porém, quem sabe assim, possamos descobrir onde Graco e Raquel vivem?

– É o que espero, e se descobrir algo não faça nada sem antes falar comigo – pediu seriamente.

– Não se preocupe. O máximo que pode acontecer é ficarmos na mesma.

– Se for o caso ou ficar claro que Raquel não tenciona cumprir com sua parte... Eu arranco de Seager, seja lá o que ele tiver para contar.

– Esse é outro detalhe que me intriga – começou Joly, chamando a atenção sobre si. – Nunca poderia imaginar que vampiros pudessem influenciar uns aos outros.

– Quanto a isso estamos seguros. Segundo Raquel, é preciso que o vampiro seja fraco ou que não seja leal a quem fosse lançado contra.

– Assim espero – disse intimista. – Também me preocupa esse sumiço de Andrew. Ele nunca ficou fora tanto tempo. Mas estive pensando... E se ele saiu à procura da esposa?

Por seu comentário e pela tranquilidade de Thomas, Ethan soube que o amigo sabia de sua ação, com isso apenas respondeu:

– Não temos como nos ocupar de Andrew agora, pois somente especularíamos sobre suposições. Preocupa-me mais imaginar se Andrew esteja preso ou morto.

– Então vamos voltar às nossas atividades e quando Seager sair, eu o sigo – Thomas se pôs de pé. – Vou descer e cancelar o encontro com meus clientes. Ou ainda precisa que eu fique aqui?

– Não... Acho que já dissemos tudo. No mais, eu consigo dar conta de cuidar de Danielle, obrigado!

– E não se esqueça de mim – disse Joly. – Vou cuidar de Dana também.

– Não hoje – Ethan a dispensou do cargo. – Tenho alguns serviços que quero que faça por mim.

– Que serviços? – Joly perguntou após a saída do marido.

Sem respondê-la ainda, Ethan retirou de uma gaveta os envelopes que trouxe do apartamento de Danielle na noite de domingo e os entregou a ela, somente então a instruiu

para que pagasse as faturas e também que providenciasse uma nova conta e cartão bancário com valores quase semelhantes ao dele.

– Apenas isso? – ela perguntou assumindo um tom profissional. Ethan reparou o brilho fortuito que cruzou o olhar negro, porém Joly nada acrescentou.

– Por ora.

Sem mais palavras ela deixou seu gabinete, contudo Ethan não se enganava. Desde a tarde anterior a francesa tinha algo a dizer e ele sabia, antecipadamente, que não gostaria de ouvir. Com um suspiro resignado a seguiu, resistindo ao impulso de ir até sua suíte olhar Danielle em seu sono antes de sair.

Em seu escritório, na McCain & Associated, bastou assumir seu lugar à mesa para que Thomas entrasse.

– Vim entregar-lhe isso – anunciou, depositando algumas pastas sobre a mesa. – Sei que Joly já lhe colocou a par de sua situação aqui... Como também sei o quanto aprecia o que faz achei que gostaria de ter seus casos de volta. Na verdade, só sobraram esses dois, mas acho que eles podem ajudar a distraí-lo enquanto não sabemos exatamente o que fazer.

– Obrigado! – resmungou sem entusiasmo, mas agradecido pela atenção.

– Para hoje não há nada marcado, mas amanhã pela manhã, às onze horas, o senhor Carlsson virá ao escritório.

– Tudo bem – disse sem mexer nas pastas. – E Seager?

– Ainda está na sala dele. Eu já estou livre caso ele resolva sair. Por enquanto age normalmente, como sempre o fez. Nem ao menos reclamou quando peguei seu caso de volta.

– Sempre subserviente, então?

– Sempre – Thomas respondeu com pesar antes de despedir-se e sair.

Ethan entendia seu tom. Provavelmente o amigo sentisse o mesmo que ele próprio. Nunca gostou da postura de Seager, pois não condizia com criaturas como eles. Talvez nem mesmo com os sem estirpe, como citou Raquel. Fosse lá o que isso significasse!

∞

Dana já tinha lido seus e-mails, as principais notícias que perdera do dia anterior e daquele. Já sabia que o corpo de Billy tinha sido encontrado no parque próximo a casa de Ethan. E para agravar os acontecimentos estranhos, um tablóide sensacionalista trazia como destaque o atendimento inusitado a um homem encontrado na Leroy Street ainda com vida, mas exangue, fomentando ainda mais o medo da população.

Sim, a situação era crítica, as notícias inquietantes, porém não eram as responsáveis por suas cismas. Estas se davam por ter sido deixada de fora da reunião que se deu naquele gabinete logo cedo. Evidente que pediu para participar, porém Ethan a beijou com ternura e sussurrou em seu ouvido:

“Não se preocupe Danielle, volte a dormir”.

E ela dormiu! Tão profundamente que acordou às 10h30h. Quatro horas além do usual! Queria crer que fora vencida por um resquício de fraqueza ou cansaço mental, não por Ethan ter faltado com a palavra, induzindo-a.

Nunca saberia. E provavelmente por pensar nele que tivesse digitado a letra E inúmeras vezes na página do Word onde deveria escrever uma matéria. Ainda pensava em induções e reuniões que a excluía, quando seu celular – sobrevivente ao arremesso – tocou.

– Bom dia, Cindy! – cumprimentou ao ouvir a saudação da editora. – Estava esperando que me mandasse um e-mail com sua idéia. Ainda não a amadureceu?

– *Me desculpe... É que essa manhã as coisas por aqui estiveram uma loucura. Só tive tempo de parar agora.*

Dana reprimiu um gemido. Esperou tanto para participar daquela agitação e agora, por causa de uma disputa entre criaturas míticas era obrigada a ficar por fora de tudo.

– Posso saber o porquê da loucura? – Precisava se inteirar.

– *Ah... Acredito que você já deva ter lido nos jornais de hoje sobre o homem atacado por um vampiro na Rua Leroy.*

– Não – corrigiu reflexiva e leal. – Li sobre um homem encontrado exangue. Vampiros não existem!

– *Quem sabe? Mas enfim... Hoje cedo o vigia de um dos prédios dessa rua nos telefonou para falar sobre a gravação de uma câmera de segurança que flagrou o que aconteceu na madrugada passada. Pode imaginar como ficamos em polvoroso.*

– Faço uma idéia – sussurrou. – E, é verdade? Foram atrás dessas imagens?

– *Enviei um dos rapazes até o edifício e ele conseguiu uma cópia da fita, mas o cara só queria chamar a atenção. Não dá para ver nada.*

– Tem certeza?

– *Infelizmente, sim. Tudo que podemos ver é o homem passando por um trecho escuro da calçada sem nunca sair dele.*

– Entendo... – Dana soltou a respiração. O segredo de Ethan ainda estava a salvo. Até quando?

– Mas... – Cindy prosseguiu animada, deixando Dana novamente em alerta. – *Mesmo que a fita não tenha cenas concretas, alimenta o imaginário. Não vemos o que aconteceu, mas está claro que aconteceu alguma coisa anormal. O Sr. Mickeli entrou no trecho escuro e simplesmente não surgiu do outro lado. Então foi encontrado como bem sabemos.*

– Exagero de quem o socorreu... Têm ocorrido mortes estranhas nos últimos dias. Isso mexe com a cabeça de qualquer um propenso a acreditar em histórias mal-assombradas.

– *E é justamente com isso que estou contando. Eu estava na dúvida, mas agora tenho certeza. Quero que você escreva uma série de matérias sobre vampiros.*

– Como?! – Dana engasgou.

– *Isso mesmo que você ouviu. Uma série sobre vampiros. Sem aquela visão humanitária que sugere de serem seres incompreendidos. Eu quero o lado negro. Como aqueles que nos são apresentados em filmes de terror.*

– Não sei se é uma boa idéia Cindy. Pelo menos não nesse momento. Acho que todos já estão assustados demais. Não devemos alimentar a histeria coletiva.

– *Muito pelo contrário. O jornalismo também se baseia na lei da oferta e procura. As pessoas estão com medo, mas é o que querem ler. É nosso dever suprir essa necessidade.*

– Ah, claro! E logo todos estarão paranoicos, adornados por réstias de alho. Não seria um desserviço?

– *Não. E estou surpresa com sua resistência, afinal a matéria que escreveu para o Daily News foi uma das suas melhores. E tenho certeza de que o que impulsionou a venda foi justamente aquele ataque estranho no Central Park. Por que mudou de idéia?*

– Não mudei. Só não vejo a necessidade de alarmar mais a população explorando as piores características dos vampiros.

– *Devo entender que não quer a pauta?... Se não quiser eu passo para outro. Nada me fará desistir esse filão.*

Com a última afirmação, Dana sorriu.

– Absolutamente. Não vejo a necessidade de explorar o medo coletivo, mas a série é minha. Para quando quer a primeira matéria?

– *Para essa sexta-feira, depois do feriado. Acho que três dias serão suficientes. Comece com o básico. A origem, as lendas... Depois vá evoluindo, até mostrá-los como criaturas violentas que devem ser.*

– Está certo. Vou começar a trabalhar agora mesmo, assim que tiver algo eu envio para você.

Ao desligar Dana estava tranquila. Não poderia fazer a editora mudar de idéia, mas era bem relacionada com alguém que podia, pensou divertida. Sentindo-se poderosa e ciente de que não escreveria uma linha sequer sobre vampiros sanguinários, resolveu sair à caça da sala de TV. Se havia uma na casa infernal, sem dúvida encontraria uma ali também.

Bingo. Estava logo ao lado do gabinete. Nela Dana se deparou com uma LCD tão grande e fina que mais parecia um quadro negro preso a uma estrutura de madeira fixada à parede. Havia um sofá branco – como o da sala – e um grande tapete felpudo cobria o chão. O rack abaixo da TV acomodava um aparelho de som, pequeno e sofisticado, assim como o Blue-ray e algumas das parafernalias do *home theater*.

Apesar de linda, estava claro que aquela sala não era usada com frequência. Até aquele dia, pensou se convencendo que logo estaria totalmente mal-acostumada a todo aquele conforto. Sim, estaria! Reiterou ao se acomodar sobre o tapete, munida do controle remoto. Sabia bem o que queria então bastou ligar a TV para parar no canal de notícias.

Não demorou até o tema corrente fosse citado e um gráfico fosse exibido, indicando o aumento dos desaparecimentos em relação aos ocorridos em agosto e setembro daquele mesmo ano.

Dana esperou que o apresentador fizesse alusão a vampiros. Felizmente, ele não o fez. Seu suspiro de alívio se perdeu num sobressalto ante a súbita materialização de Ethan. Sentado ao seu lado, descalço, sem paletó e gravata, ele a encarava como se estivesse ali desde sempre. Precisava se acostumar àquelas aparições, ela pensou.

– Oi – ele cumprimentou, olhando-a com um misto de seriedade e divertimento.

– Oi... – imitou-o, hesitante. – Pensei que Joly viesse para...

Ethan a calou com um beijo voraz. Dana o correspondeu de imediato, mas obrigou seu corpo viciado a não se empolgar, pois vinha reparando que Ethan não avançava além do beijo desde a manhã anterior. Bem... Tentou, mas falhou ao ser deitada sobre o tapete e ter Ethan estendido sobre ela, encaixado no vão de suas pernas. A esperança nasceu e cresceu à medida que sentia uma promissora rigidez.

Testando até onde poderia ir, Dana correu as mãos pelas costas largas até enroscar os dedos nos cabelos de Ethan, para incentivá-lo. O toque delicado pareceu surtir efeito, pois enquanto o acariciava naquele ponto, sentiu a mão masculina se insinuar pela barra de sua blusa até se fechar sobre um seio.

– Ethan – ela soprou, mas o nome se perdeu entre o beijo intenso que recebia.

Era evidente que ela não era a única viciada ali e uma vez que, ao que tudo indicava Ethan não a afastaria, Dana se deixou levar. Decidida, tratou de abrir a camisa dele. Imediatamente Ethan se sentou sobre seu quadril, não para pará-la, sim, retirar a peça pela cabeça, sem deixar de encará-la.

Ofegante, Dana o recebeu de volta para mais um beijo invasivo. Agora com total acesso às costas largas, de músculos potentes. Logo sentiu a trama da cicatriz no ombro esquerdo. Ao acariciá-la, Ethan apertou sua rigidez contra ela e liberou um gemido em sua boca.

– Senti sua falta, Danielle... – Ethan declarou num murmúrio depois de separar as bocas e beijar a base de seu pescoço.

– Isso explicaria muita coisa – ela gracejou num gemido ao sentir a boca escorregar até um dos seios expostos. – Também senti a sua...

Ethan experimentava o bico intumescido com volúpia enquanto a tocava intimamente sobre a calça.

– O cheiro que exala é tão bom, Danielle! – ele exclamou ainda acariciando-a no mesmo ponto. – Eu devia deixá-la descansar, mas não consigo... Perdoe-me por isso.

– Sinta-se perdoado – sussurrou.

Sem mais preâmbulos, Ethan a despiu e antes que ela acompanhasse toda ação, ele estava nela. O tapete felpudo era uma carícia a mais, tornando o lento movimento de ir e vir em algo novo, poderoso, afluente. Dana moveu o quadril para instigá-lo, contudo Ethan a segurou gentilmente e manteve o ritmo.

– Deixe-me amá-la assim... – ele soprou em sua boca. – Preciso ter certeza de que não vou machucá-la... Estou ultrapassando seus limites.

E então a beijou, movendo a língua na sua da mesma forma provocativa e lenta de suas arremetidas. Certo, ele não a machucaria. Simplesmente a mataria de um enfarte fulminante com toda aquela lentidão. Bastou um pouco mais daquele roçar torturante para que sucumbissem e, de fato, ultrapassassem um limite.

Ethan não se recriminava por burlar sua decisão. Ao menos merecia o mérito por tentar. Ficou em seu escritório durante toda a manhã, prestou assistência a todos os advogados que aproveitaram seu inédito interesse em visitar as salas, ocasião na qual não dirigiu um único pensamento a Danielle. No entanto, bastou entrar em seu apartamento impregnado com o odor agradável dela para desejá-la. E ali estava! Largado sobre ela, momentaneamente satisfeito.

– Você é tão quente! – murmurou ainda com a cabeça mergulhada em seu pescoço.

– Eu amo você, Ethan!... Promete que nunca vai se esquecer disso.

Por algum motivo desconhecido, o pedido não o agradou.

– Não preciso prometer – disse seriamente. – Conto com que me lembre sempre.

– Posso me esquecer de dizer um dia.

– Impossível! – retrucou, sem entender o que ela procurava com aquela conversa.

– Existem coisas que acontecem alheias a nossa vontade.

– Não entendi! – Ele rolou para o lado e trouxe para um abraço. – Explique o que quer dizer.

– Bem... – Dana escolheu as palavras. – Não quero gerar uma nova briga então, por favor, apenas me ouça.

Ethan inspirou e expirou lentamente.

– Está bem – anuiu – Fale!

– Nós dois sabemos que você só quis ganhar tempo quando prometeu reconsiderar.

– Danielle, por favor. De novo, não...

– Você concordou em ouvir – ela o lembrou. – Já disse que não quero brigar, só preciso explicar meu pedido. Eu o amo tanto Ethan que, quando não estamos juntos, muitas vezes chega a doer. Assim como doeu ter brigado com você então, aceito sua decisão. Se para você, o certo é me deixar como estou, que assim seja!

A rendição inesperada o desnorteou. Ethan sentiu um calafrio agourento e o eriçar dos pelos de sua nuca. Subitamente não tinha palavras então apenas permaneceu em silêncio.

– Isso nos leva ao inevitável – ela prosseguiu. – Os anos passarão para mim, por isso pedi que promettesse não esquecer que o amo. Sabe como uma mente idosa fica falha depois de algum tempo.

– Por que isso agora? – Ethan demonstrou sua irritação. – Acaso é alguma nova tática para me fazer mudar de idéia?

– Não! – Dana lhe tocou o rosto para que ele a olhasse. – Eu desisti, de verdade. Não terá graça se você não quiser, nem o mesmo significado se fizer contra sua vontade.

Para sua consternação, pôde ver nos olhos âmbares que ela estava sendo sincera.

– Danielle, eu... – Ethan se interrompeu. O que diria?

– Tudo bem, Ethan!... Sem dramas. Todo esse papo sobre senilidade é apenas porque me dei conta de que não será sempre assim entre nós. Você falou em limites... Ainda sou nova, mas daqui a alguns anos estarei debilitada, velha, flácida. Mesmo que alegue não se importar, *eu* não estarei em condições de fazer o que acabamos de fazer agora. Por isso quero que me prometa que, quando esse tempo chegar, vai se lembrar que eu o amo.

Não deveria se deixar levar pelos olhos brilhantes dela, muito menos por sentimentalismo. Sem conseguir encobrir seu crescente mau humor, respondeu roucamente:

– Pois não vou prometer porcaria nenhuma! A senhorita que trate de cuidar de sua saúde mental que do resto cuido eu.

– Sabe que não é assim que as coisas funcionam – ela tentou argumentar, sem sucesso.

– *Sempre* vai me desejar Danielle! – prosseguiu sem ouvi-la. A voz modificada pela gravidade da rouquidão. – Jamais admitirei que me rejeite por se considerar velha.

– Ethan...

Ele não a ouviu. Estava preso em uma rede de irritação e mau presságio crescente.

– Não serei o único que se rende, Danielle! – ciciou. – Você também se renderá a mim!

Sentindo urgência em se livrar do estranho pressentimento, Ethan não deixou que ela formulasse nenhuma resposta ainda mais malcriada que as suas, beijando-a de forma invasiva. Danielle tentou empurrá-lo, mas a tentativa era inútil e somente serviu para provocá-lo. Não brincou, ela se entregaria a ele, mesmo que estivesse debilitada, velha e flácida.

Com a mão pousada sobre peito largo, sentindo as batidas erráticas, a irritação de Dana se esvaiu. Deveria ter previsto que suas palavras desencadeariam aquela reação. Ethan não tinha parâmetros e somente lhe daria razão quando fosse tarde, Dana aceitou antes de parar de lutar. Com um gemido o enlaçou pelo pescoço e enroscou suas pernas as dele, indicando com uma leve pressão que o queria sob ela.

Imediatamente Ethan se deitou de costas, trazendo-a para seu peito sem nunca quebrar o beijo. Acima dele como queria, Dana moveu o quadril até fundi-los completamente. Em troca ganhou um rosnado baixo e um massagear mais intenso em sua língua. Aquela teia de tensão constante associada à excitação sempre teria o poder de arrastá-los rumo ao desejo abrasador.

Dana tinha certeza de que a urgência demonstrada pelo beijo invasivo era baseada na necessidade masculina de confirmar as últimas declarações. Teve sua confirmação quando Ethan novamente tentou rolar os corpos, com certeza na tentativa de ensinar-lhe que não deveria cogitar tais possibilidades. Não agora! Ela pensou, movendo-se com maior vigor.

– Danielle...

Ela aproveitou que sua boca estava liberta e se sentou, acomodando-o melhor enquanto se movia.

– É isso que terei que fazer quando tiver setenta anos?

– E oitenta... – ele respondeu com um gemido, erguendo as mãos para acariciar-lhe os seios que se moviam livres. – Você sempre será perfeita Danielle!...

– Se uma senhora sufocante... presa a um balão de ar... for sua definição de perfeição... então... eu serei...

Definitivamente Danielle sempre o surpreenderia ou o levaria da irritação ao deleite, do céu ao inferno e vice versa, sempre que fosse possível como a boa bruxa que era. Mas não se deixaria iludir, nem mesmo afetado por aquele cavalgar torturante.

– Cuide de sua cabeça – repetiu, mirando o corpo que serpenteava sobre ele – que do resto cuido eu... Agora... Apenas termine o que começou.

Segurando-a pelo quadril, ajudou-a a atendê-lo com a delicadeza que sua excitação permitia. Ainda se lembrava que não poderia debilitá-la. Não fosse por isso seria perfeito fazê-la deitar sobre ele para que seu canino esbarrasse *acidentalmente* na veia pulsante.

Gemendo em agonia pela sede não saciada, o vampiro ignorou o ardor em sua garganta e, vagando entre a razão e a perdição, moveu-a sobre seu corpo até que juntos explodissem em êxtase. Era daquela forma que sempre seria mesmo que nunca tivesse coragem de transformá-la.

Mesmo que Danielle chegasse aos cem anos atada a um maldito balão de ar!

Capítulo Vinte e Cinco

A entrega tensa milagrosamente dissipou a tensão. Eles estavam tão conectados e leves que, sem ser preciso pedir, Danielle retirou o pedido da promessa absurda. De tão raro o momento de descontração era saboreado por Ethan que, completamente à vontade, vestido na boxer, assistia sua noiva preparar um sanduiche enquanto o colocava a par dos últimos acontecimentos.

Nem mesmo saber dos investigadores que a procuravam, ou a idéia esdrúxula de Cindy Howden foi capaz de mudar seu humor.

– Asseguro-lhe que a farei mudar de idéia – ele a encarava intensamente –, mas... Seja sincera. Se não soubesse sobre mim você teria adorado escrever as matérias, não teria?

– Evidente! Mas manteria o foco na criatura incompreendida.

– Considera-me incompreendido?

– Sabe que é complicado acompanhá-lo – disse após um instante de silêncio –, talvez por isso você seja o mais incompreendido de todos.

– Não posso argumentar contra isso – Ethan respondeu vagamente, preocupando-se apenas em reparar como ela ficava linda com o longo cabelo em desalinho, usando em sua camisa preta somente.

– Por que a pergunta? Por acaso estaria disposto a conceder uma entrevista e expor sua versão dos fatos?

Ethan mediu-a de alto a baixo, antes de provocá-la:

– Hummm... Seria interessante!... Sem contar que poderíamos reinventar a obra já existente e você teria uma verdadeira entrevista com o vampiro... Evidente que eu seria bem mais sortudo do que a criatura fictícia por ter você anotando tudo o que relato. Faz idéia do que poderíamos fazer entre uma revelação e outra?

– Por favor – ela pediu num sussurro. – Já está bem complicado manter a coordenação com você me olhando, não precisa piorar minha situação dizendo essas coisas. Se eu cortar um dedo a culpa é sua.

Ela somente retribuía a brincadeira, mas ele não gostou do que ouviu.

– Tem certeza de que não quer pedir comida de verdade em algum restaurante. Há vários aqui perto.

– Tenho – assegurou, sem parar o que fazia. – Confesso que estou começando a ficar mal-acostumada, mas ainda consigo me virar bem na cozinha. Poderia fazer comida de verdade se assim desejasse... Ou se você não estivesse olhando.

– E não seria melhor que o fizesse em vez de comer bobagens? – insistiu. – Prometo não olhar.

– Obrigada, mas não!... Estou melhor, acredite. Ontem Joly me entupiu de remédios, me afogou em água de coco e me obrigou a comer comida suficiente para uma semana.

Danielle exagerava e Ethan teria rido se não notasse a súbita mudança em seu semblante.

– Danielle, o que há?

Ela parou o preparo do sanduiche e veio até ele para encará-lo.

– Estamos aqui brincando, mas não paro de pensar no que vi no noticiário sobre os desaparecimentos terem praticamente dobrado nos últimos dias.

Aquela era a notícia recorrente, mas sempre seria bom saber algo novo. Estendendo suas mãos para segurar as dela, perguntou:

– O que disseram dessa vez?

– Não muito. Pelo menos não repetiram o que alguns jornais sugerem sempre que encontram algum corpo, mas fiquei preocupada... Eu não sei como as coisas funcionam no seu mundo. É normal tantos vampiros habitarem de uma só vez o mesmo local?

– Não. Nosso arranjo só funcionou até agora porque o único que tira vidas sou eu. – Vê-la estremecer e ouvir o acelerar do coração o preocupou. – Isso a incomoda?

– Não. Entendo sua forma de pensar, mas me preocupa que agora tenha tantos vampiros espalhados pela cidade.

– Esse é um fato que inspira atenção. Sempre que escolhemos uma cidade levamos em conta seu tamanho e a densidade demográfica para que não chamássemos a atenção, como está acontecendo agora. Evidente que toda essa especulação não me preocupa ao ponto de acreditar que possamos ser realmente descobertos, mas seria bom se pudesse dar um fim ao falatório o quanto antes.

– Pois eu acho que você deveria se preocupar. Seja lá quem for entre todos esses vampiros novos, algum não tem compromisso com o segredo de vocês. Cindy teve a idéia brilhante depois de ver um vídeo de uma câmera de segurança da Rua Leroy.

– O que tinha no tal vídeo? – Ethan se empertigou. Não lhe ocorreu que pudessem filmá-lo. Aquela era a prova de que hábitos não deveriam ser mudados.

– Cindy disse que não tinha nada revelador. Mas ela se decidiu por publicar a série, não é mesmo?

– Então esqueça! Se não há nada no vídeo, estamos seguros. Com Cindy eu me entendo depois. – Para tirá-la da consternação, gracejou, apertando-lhe os dedos sugestivamente enquanto. – Reparou que está me entrevistando?

– Comporte-se Sr. McCain! – ela pediu, livrando suas mãos do aperto para voltar até a pia. – Não pretende deixar a entrevistadora com fome, não é mesmo?

Não, ele não pretendia. E infelizmente não poderia lhe fazer companhia por mais tempo. Partiu-lhe o coração se despedir, mas o fez, deixando-a para que comesse em paz. Depois de devidamente arrumado, Ethan voltou ao escritório e lá permaneceu até que fosse hora de subir novamente.

Thomas não teve nada novo a relatar, mas se comprometeu a continuar com a vigília. Joly fez companhia a Danielle durante a tarde, deixando-a somente quando ele retornou. A despedida entre eles foi estranha, confirmando a Ethan que a francesa tinha algo a lhe dizer. Sinceramente agradecia que ela ainda não se animasse a fazê-lo, pois apreciava aquela calma, mesmo sabendo ser passageira.

Para Ethan interessava ser recepcionado pelo sorriso de Danielle, ali, em sua cobertura, onde sempre a quis. Linda, tendo o céu noturno e a cidade iluminada às suas costas.

– O que foi? – ela indagou, unindo as sobrancelhas ao vê-lo sorrir, sem nada dizer.

– Nada – Ethan respondeu evasivo antes que fosse beijá-la. Um beijo terno, de boa-noite. Que ele interrompeu assim que ela ameaçou abraçá-lo.

– Aconteceu alguma coisa? – Dana desconfiou do afastamento. Joly igualmente lhe pareceu estranha durante a tarde.

– Infelizmente nada novo aconteceu – disse sincero, retirando seu paletó. – Só acho bom pararmos enquanto ainda podemos.

Ela não contestaria. Evidente que nunca iria querer parar, mas seu corpo realmente precisava de algum descanso. Não estava habituada a tanta... atividade.

Com o entendimento Dana foi se juntar a Ethan no sofá e se deixou ser abraçada, aconchegando-se ao corpo forte. Ela não saberia dizer por quanto tempo ficaram assim, juntos, unidos por um silêncio ineditamente tranquilo, até que perguntasse:

– Você vai sair de novo, não é? Para... se alimentar? – Entendia, mas era esquisito.

– Não hoje. – Ele não seria capaz de sair quando ficar ali estava tão bom, pensou, acariciando-lhe os cabelos, sentindo-lhe o cheiro, o calor.

– Mas isso não vai enfraquecer você?

– Na verdade, não – assegurou e, ao escolher as palavras, explicou: – Estou mais acostumado a essas saídas diárias do que qualquer outra coisa. Não é prudente ficar mais de dois dias sem *alimento*, no mais, não corro risco nem sou perigoso aos humanos à minha volta.

Acariciando o rosto delicado acrescentou mentalmente que o sangue dela sempre lhe seria atrativo, mesmo que estivesse saciado. Depois de alguns minutos, sem que ela nada comentasse, Ethan perguntou:

– O que a preocupa? Não acredita em mim? Não estou inventando isso somente para tranquilizá-la. É assim mesmo que as coisas funcionam para nós.

– Não é isso. É que... Eu queria pedir uma coisa.

– Não é outra promessa maluca, é? – Ethan sequer abriu os olhos, e rogou que realmente não fosse, pois apreciava aquele novo momento de paz.

– Chega de promessas... É que eu realmente preciso ir ao meu apartamento. – Ethan resmungou e se moveu para encará-la, porém Dana tratou de explicar antes que ele se opusesse. – Não quero ir sozinha ou com Joly. Quero que você me leve. Preciso de mais roupas, também preciso pegar algumas contas... Posso pagá-las pela internet, então isso não seria problema. E o mais importante... Eu queria pegar Black e trazê-lo para cá. Ele está sozinho há cinco dias. Nunca o deixei por tanto tempo.

O último comentário foi feito num murmúrio, como se ela temesse uma possível negativa. Ethan não tinha problemas com o felino. Não mais. E precisava alegrá-la antes de avisá-la sobre suas contas.

– Iremos amanhã à noite, está bem? – Danielle anuiu e lhe sorriu agradecida ao que ele concluiu. – Se Black não estiver lá, podemos esperar até que apareça. Isso sempre acontece quando ele sente que está por perto, não é?

– É sim – ela confirmou com os olhos úmidos, atirando-se em seu colo para abraçá-lo. – Ah! Obrigada! Você verá que mesmo antipático Black é um amor.

– Certo – disse afetado pelo hálito quente em sua nuca –, espero que ele seja um gato esperto e não queira disputar comigo o seu lado na cama.

– Pumft, machos!... Sempre brigando por território – ela provocou antes de beijar-lhe o rosto.

– Por falar em território... – Ethan começou, segurando-a para não provocá-lo mais. – Receio ter invadido o seu.

– Como assim?

– Eu tomei a liberdade de pegar suas contas no domingo à noite. Acredito que Joly já deve tê-las quitado.

E então ele esperou pela tempestade, que não veio. Danielle apenas permaneceu encarando-o. Incrédula a princípio, até que o olhar se tornasse inquiridor e então voltar ao normal mesmo que ela ainda mantivesse as sobrancelhas unidas.

- Mexeu na minha correspondência... Sabe que não devia, não é mesmo?
- Acho que já está claro meu problema com limites – comentou como se explicasse tudo.
- E não se esqueça que quero mimar você...
- Está bem... Vou colocar isso na lista de coisas que são novas para você, mas... Por favor, da próxima vez, ofereça a ajuda e veja no que dá está bem?

Ethan aquiesceu, solene, e moveu o dedo em cruz sobre o peito selando a promessa. Danielle sorriu. Talvez diante de sua expressão ou pelo inusitado de ver um vampiro se valer de tal símbolo cristão. E pareceu tão adorável que Ethan simplesmente a ergueu nos braços e a levou para cima.

Não, não fez com ela o que gostaria, mas nada o impediu de *brincar*. Foi satisfatório, mas em meio a uma provocação e outra, Ethan por vezes se deparou com a marca dela, o que teve o poder de abalar a recém-adquirida tranquilidade por despertar uma idéia súbita que se tornou recorrente.

E agora, com ela adormecida abraçada a ele, emprestando seu calor, Ethan ainda não conseguia conciliar o sono. Enquanto roçava o nariz no cabelo de sua humana, ele confirmava o pensamento chocante que o inquietou. Danielle o subjugou mesmo sendo humana! Como se não bastasse orbitar em seu entorno, ser inconsequente e disperso, agora não conseguia se afastar. Nem mesmo para se alimentar!

Correndo a mão até a curva do quadril feminino coberto pela grossa colcha, Ethan o acariciou. Não podia ver a marca, mas ela estava ali, idêntica a sua, atraindo-o como um ímã. Seria aquilo? Seria possível que a praga de Raquel já tivesse se concretizado?

Inquieto, Ethan rolou sua noiva para o lado e, depois de acender uma das luzes, descobriu-a. Com muito cuidado, pois não queria acordá-la. Então ergueu a barra da camisola até que pudesse ver o desenho. Prendendo a respiração, ele escorregou pela cama até ficar com o rosto a centímetros da marca que lhe assombrava... E excitava na mesma medida.

Sim, excitava, pois ela era linda mesmo que seu significado fosse aterrador. Em sua primeira inspeção detalhada, deixou de considerá-la uma afronta. Agora, não a considerava uma mácula na pele pálida. O contorno do dragão ficava perfeito exatamente onde estava. Ao lado daquela parte de Danielle que sempre roubaria seu juízo.

Planando o dedo sobre o desenho, sem nunca tocá-lo, o vampiro se perguntou pela segunda vez se seria aquilo. Se o desejo insano e o amor desmedido – que o tornavam inútil muitas vezes – confirmavam as palavras ditas anos atrás. E então, por uma associação de idéias, outra hipótese lhe ocorreu, perturbando-o ainda mais. Se a marca tivesse uma

interpretação tão simplória, ela poderia somente ser uma forma de se reconhecerem já que comprovadamente eles sempre pertenceram um ao outro. Talvez a marca fosse um sinal!

Sim, as novas idéias eram improváveis, mas – como muitas coisas que vinham acontecendo em sua vida – não impossíveis. Se estivesse certo não teria motivos para temê-la. Se ao menos pudesse ter a confirmação daquele *insight*, poderia voltar sua palavra atrás. Evidente que Danielle sempre seria perfeita, mas... se ele pudesse mantê-la exatamente como estava, no auge de seus 25 anos... Quão esplendoroso poderia ser?

Capítulo Vinte e Seis

Após os últimos acontecimentos do final de semana e da segunda feira-feira agitada, chegar àquelas últimas horas da manhã de quarta-feira pareceu levar uma eternidade maior que a sua própria, mesmo que o dia anterior tenha sido um dos mais prazerosos depois do tempo que estava com Danielle, em sua maior parte.

Recostado em sua cadeira, na McCain & Associated, Ethan atirou os relatórios que analisava sobre a mesa, cismando em como faria para confirmar sua impressão. Tinha de ter um meio para que pudesse não mais temer a bendita marca que agora agia poderosamente sobre ele. Não foi sábio lambê-la como da primeira vez, nem provar o sabor da intimidade de Danielle na sequência até que ela acordasse e gritasse seu nome. Somente depois daquele ato não programado foi que finalmente conseguiu se livrar das admoestações particulares e dormir.

Novamente acomodando-se em sua cadeira, dessa vez na tentativa de acalmar o corpo excitado, Ethan também se lembrou que acordou naquela manhã com a mão de Danielle sobre seu peito e a voz incerta em seu ouvido.

– Ethan... Acorde! Acho que tem alguém aqui!

O susto que ela lhe causou fez com que abrisse os olhos sem cuidado, então os fechou rapidamente, tentando reprimir uma careta de dor. Pela primeira vez em anos perdeu o horário e seu quarto estava mais claro do que seus olhos suportariam ao primeiro contato com a luz.

– O que foi? – ela perguntou preocupada, sentando-se ao seu lado.

– Nada de mais. Apenas algo que deve saber sobre vampiros reais – disse didático. – A luz do sol não nos reduz a cinzas, mas tem suas desvantagens. A claridade súbita fere nossos olhos e seus raios são ardidos em nossa pele. Com o tempo nos acostumamos ao ardor, mas a dor dos olhos permanece e eu abri os meus rápido demais. Você disse que tem alguém aqui?

– Sim... Ouvi passos no lá em baixo.

Ele despertou por completo e, simulando uma expressão preocupada a estreitou em seu peito. Ineditamente sentia-se em paz naquela manhã, então brincou sem deixar que o real significado de suas palavras o afetasse.

– Seria alguém para buscá-la?

– Isso não tem graça, Ethan! – ela resmungou ao se libertar. – Você sabe quem está aí, não?... É Joly?

– Não – ele respondeu acariciando seu rosto. – É Martha.

– Ah... Então vou conhecê-la.

Minutos depois, ao descerem, encontraram a empregada lustrando os móveis da sala de estar. Depois das devidas apresentações onde a mulher se mostrou descaradamente surpresa por saber que a partir daquele dia Danielle seria a responsável pela cobertura, seguiram até a cozinha.

Permaneceram em silêncio enquanto ela preparava o café da manhã, ignorando bravamente sua presença. Somente quando Danielle se sentou à sua frente com um copo de suco de laranja e um prato com algumas panquecas fumegantes cobertas com manteiga, comentou para provocá-la: era inevitável.

– Então não a perturbo mais... Por isso conseguiu fazer comida de verdade?

– Oh! – ela fingiu surpresa. – Esteve aí o tempo todo?... Nem percebi.

– Claro... Um homem irresistível, do meu tamanho, é realmente muito difícil de notar.

– Acho que foi o véu do convencimento que encobriu alguém tão grande – ela retrucou com voz trêmula.

– Convencimento? Devo comprovar se estou certo ou não?

– Parado aí Ethan McCain! – ela ordenou, apontando-lhe o garfo antes mesmo que ele se movesse, com o rosto corado. – Temos companhia, esqueceu?... E eu estou com fome.

– Certo... Posso provar minha tese mais tarde. Por ora, bom apetite!

– Obrigada... – ela disse partindo um naco de panqueca. – Não precisa descer?

– Depois que Martha for embora – explicou e pôde ver o brilho de entendimento correr os olhos dela.

– Obrigada.

Após um breve instante onde cada um ficou imerso em seus pensamentos, Ethan perguntou:

– E então?... Acha que vai gostar de Martha?... Como disse pode escolher a que você quiser menos Carmem. Prefiro não vê-la mais.

– Ah, gostei – Danielle assegurou em tom arrastado antes de tomar um gole de suco. Voltando ao clima provocador que ele mesmo estabeleceu: – Martha será uma fonte confiável onde vou conseguir detalhes interessantes sobre sua vida pregressa.

– Ou pode perguntar para mim.

– Da forma que ela me olhou, como se fosse uma alienígena, quando você anunciou que eu seria a responsável pelo apartamento ficou claro que viu um movimento feminino acima do aceitável nessa cobertura, então eu prefiro saber por ela, obrigada.

Apesar do tom jocoso, Ethan sabia que o comentário lhe causava ciúmes, e não a provocaria naquele sentido; não naquela manhã.

– Engana-se. O espanto se deu justamente pelo contrário. Martha nunca viu uma mulher em minha companhia. Mas já que você está curiosa, eu lhe respondo. Aqui estiveram menos mulheres do que imagina e agora sei que mais do que eu deveria ter trazido. Não recordo dos rostos, nunca me lembrava dos nomes na manhã seguinte. Então não pense nisso, Danielle. Pense apenas que você é a única que ficou e tomou posse.

Sim, Danielle tomou posse, Ethan pensou ao se levantar e ir até suas bebidas. Enquanto bebia diante da janela, ordenou-se a calar suas lembranças. Tinha compromissos naquela quarta-feira para se perder em pensamentos. Thomas estava na própria sala, esperando pela saída de Seager, Joly na antessala, estranhamente quieta.

Não podia ver sua secretária, mas sentia dali seu mau humor. Sabia que era uma questão de tempo para que ela viesse atormentá-lo. Era admirável que ainda não o tivesse feito.

Sabia que não duraria então Ethan não se surpreendeu quando ela entrou sem bater e parou decidida diante de sua mesa.

– Seager acabou de sair – anunciou. Não era preciso dizer que Thomas saiu em seguida, nem Ethan retrucou, pois sabia que a informação foi o pretexto para expor o que a envenenava. E não errou. – Agora nós dois McCain, e nem pense em me mandar embora.

– O que quer? – perguntou, voltando a assumir seu lugar.

– Quero saber por que não vai transformar Dana.

– Acredito que você tenha mais o que fazer, não?

– Já providenciei tudo que me pediu. Deve ter visto o envelope com as contas quitadas e os cartões assim que chegou, não? – Não esperou que ele confirmasse. – Só saio daqui depois que me der um bom motivo. E, por favor, não diga que é por causa desse bendito dragão.

– Está vendo, não temos o que conversar se você já tem a resposta. Agora se não tem mais o que fazer antes que o Sr. Carlsson chegue, vá espanar o pó de sua mesa.

– Não acredito! – ela exclamou revirando os olhos, ignorando-o.

– Pouco me importa no que acredita, agora vá de uma vez e...

– Não! – ela o interrompeu firmemente. – Você não me entendeu... Eu realmente não acredito nessa sua desculpa. Não mudar Dana nada tem a ver com a marca.

– Acho que eu não entendi.

– Entendeu muito bem! Você não está com medo de profecia nenhuma, pelo menos, não mais. Já está mais do que claro que a garota é inofensiva. Pode ser cabeçudo, mas não é cego.

Sim, ele sabia. E agora havia aquele novo pensamento; talvez a profecia já tivesse se cumprido, ainda assim não tinha certeza e não estava preparado para arriscar.

– Poderia não ser intencional – retrucou. – Não temos como saber.

– E desde quando se é preciso ter garantias para fazermos o certo?

– E quem sabe o que é certo? – ciciou. – Você?

– Se soubesse eu abriria sua cabeça e colocaria bem lá no fundo. Talvez assim você deixasse de ser tão egoísta e mimado. Se não pretende transformá-la o que fará depois que ela morrer? Vai esperar que reencarne novamente? É isso?

– Não fale bobagens. Amo *essa* Danielle.

– Então o que vai fazer? Pretende se matar como o bom Romeu que acredita ser? É esse seu belo plano? Ela não tem direito de decidir? E quando a Thomas?... E quanto a mim?

Ethan sabia ser tudo aquilo do que era acusado. Justamente por isso não se deixaria aborrecer pelas palavras dela. Ainda mais que também não queria agravar sua mágoa dizendo que em momento algum pensou no casal.

– Não tem porque se preocupar com isso agora. Além do mais, posso mudar de idéia.

– Eu o conheço, Ethan McCain! Acho que nunca quis transformar Dana. Desde o começo só pensou em si mesmo e agora ela é vítima de seu machismo e possessão.

– Como disse? – sibilou.

– Sei que ouviu bem, mas repito com prazer. Você nunca quis fazer dela uma de nós porque a quer exatamente como é: quente, frágil e dependente. Com seu sangue apetitoso e disponível para satisfazer seus fetiches em retiradas esporádicas, quando bem quiser.

– Está maluca?! – Ethan se levantou. Joly prosseguiu sem se importar com sua expressão enraivecida:

– Perdoe-me a comparação, mas tirando o teor mítico de seu relacionamento com Dana, todo o resto não é nada original. Acho que esse sempre foi o desejo de Paul quando ainda era namorado dela ao atrapalhar sua carreira. A diferença é que você tem mais chances de conseguir mantê-la sob seu julgo apaixonado.

– Saia daqui! – Ethan bradou. – Saia antes que eu arranque sua cabeça!

Sem se intimidar Joly ergueu o queixo e caminhou até a porta, mas não saiu de imediato.

– Seu plano é falho, McCain. Dana sempre foi independente. Pode aceitar ficar trancafiada agora, mas quando tudo isso terminar... *Se* ainda estivermos aqui, ela vai querer a vida dela de volta. Então, não terá cartão com limites impressionantes, joias ou carro luxuoso que a fará ficar em casa ou feliz. Ela não será inteira. E o que fará com uma mulher pela metade? Ah, me desculpe!... Não terá problemas desde que a metade boa o divirta na cama e lhe forneça sangue quentinho.

Ethan verdadeiramente acreditou que poderia matá-la caso ela não tivesse saído. Seu corpo tremia violentamente, e temia causar algum estrago accidental em sua sala. Quando conseguiu se mover, ainda com o peito a rugir, ele foi se servir de uísque. Precisava de algo ardente em sua garganta. Ultimamente andava engolindo coisas demais!

De volta à sua cadeira, passou as mãos pelos cabelos sem desviar seu olhar da porta.

Enganou-se com Joly, ela *era* suicida! Sua vontade era fazê-la engolir cada palavra. Ele nunca poderia ser igualado ao ex-namorado infernal. E de onde ela tirou que preferia Danielle humana?

Ainda enraivecido, Ethan virou o conteúdo do copo e o sorveu a um só gole. Antes de depositar o copo sobre a mesa o telefone tocou.

– Seus clientes acabaram de chegar – disse a suicida.

– Mande-os entrar – ciciou. – E saia de onde eu posso alcançá-la.

Joly não lhe respondeu, logo abriu a porta para dar passagem aos dois homens elegantemente vestidos. Fechou-a sem olhar em sua direção. Devidamente controlado, Ethan ergueu-se e apertou as mãos estendidas; era preciso esquecer-se das palavras de Joly e entrar na personagem.

– Por favor, sentem-se – disse indicando as cadeiras.

– Fiquei imensamente satisfeito que tenha reassumido meu caso, Sr. McCain.

– Eu também – mentiu secamente. – Tive alguns problemas de ordem pessoal, mas já os resolvi.

– Espero que sim... – o homem lhe sorriu com cumplicidade. – Entendo os arroubos da juventude, mas não quero ser deixado diante do juiz sem um defensor ou ser exposto nos jornais como aconteceu com Mazzili.

Ethan lhe acompanhou o sorriso, sem achar graça alguma. Em poucas palavras explicou que seu caso era insignificante se comparado ao caso Mazzili, logo não teria qualquer repercussão na mídia. Satisfeito ao ver a vermelhidão no rosto de seu cliente, Ethan iniciou sua sabatina acerca dos fatos que o levaram a assassinar o sócio.

Quando deu por si, mesmo que ainda estivesse consternado com as palavras de Joly, Ethan descobriu que apreciava ter um caso para advogar. Assim que se despediu de seu cliente e de seu secretário, juntou suas anotações. Iria levá-las para a cobertura. Poderia continuar a analisá-las em seu gabinete quando voltasse de sua visita à Cindy Howden.

Terminava de colocar as folhas organizadas em uma pasta quando ouviu duas batidas discretas em sua porta. Ethan sabia se tratar de um humano. Um de seus advogados, talvez.

– Entre, a porta está aberta – liberou.

Logo o desconhecido entrou, seguro. Vinha sozinho e o cheiro que impregnava suas roupas chegou ao vampiro nitidamente. Sem dúvida, era um poderoso cartão de apresentação.

– Você é Ethan McCain?

– Sim... O próprio.

– Tenho um recado para o senhor.

Ethan cruzou os braços e esperou. Quando as palavras foram ditas, soaram como se viessem da própria Raquel.

– Sobre sua humana, vou dizer apenas que é poderosa. Contra ela o vampiro não tem salvação, melhor deixá-la como está. Diga ao seu amigo que ele herdou seu poder, mas duvido que o desperte, pois é pacato em sua essência. Quanto a você, saiba usar sua força para reverter certas situações. Deixe de ser impulsivo e aprenda a bloquear sua mente, caso contrário, será derrotado mesmo sendo muito forte. Não tem como vencer quem antecipa seus movimentos. É o que Graco faz. É como sabe tanto sobre você. Ele ouve pensamentos.

Antes que Ethan dissesse qualquer palavra, o homem se foi. Ainda cogitou chamá-lo, mas seria inútil. O mensageiro estava induzido e nada mais tinha a dizer. Restou a Ethan levar as mãos aos bolsos enquanto as recomendações corriam por sua mente e mesmo que a revelação sobre Demini fosse impressionante, Ethan estava verdadeiramente abalado por saber que não havia erro, não poderia burlar o poder de Danielle. O recado foi claro:

“Pense em assuntos importantes e Graco descobrirá. Transforme Danielle e morrerá.”

– Inferno! – exclamou exasperado.

Era imperativo pensar em outra coisa, qualquer coisa, Ethan determinou, pois agora que sua esperança foi eliminada, nada mais lhe restava. Depois de sacar seu celular, chamou por Thomas.

– Onde vocês estão? – perguntou ao ouvir a saudação.

– Seager está num almoço com clientes. Não fez nada anormal nem esteve em lugar suspeito, mas acredito que devo prosseguir.

– Por favor, faça isso – disse Ethan verdadeiramente agradecido. – Mas eu o chamei por outro motivo. Raquel cumpriu sua parte no trato.

– Ela esteve aí?

– Não, mandou um mensageiro. Um humano induzido repassou o recado. – Ethan reproduziu em cada palavra para então concluir seriamente. – É isso! Demini ouve nosso pensamento e Danielle pode mesmo acabar comigo. A única coisa boa nisso tudo é saber que você pode fazer o mesmo que eu, meu amigo.

– Acredita mesmo nisso? – Thomas pareceu incrédulo.

– Sim, acredito, mas sou obrigado a concordar com Raquel. Você é pacato em sua essência, um diplomata. Observa mais do que fala e quando o faz não desperdiça palavras, sempre primando pela paz.

– Se pensarmos assim... Esse realmente sou eu.

– Só espero que tenha alguma outra forma de fazer essa força fluir em você sem ser pela raiva excessiva. Imagine esse poder em uma luta? Juntos, seríamos imbatíveis.

– Vou trabalhar nisso – ele prometeu. – Obrigado por me avisar... Vou desligar agora. Seager está deixando o restaurante.

Depois da despedida apressada, Ethan levou o celular ao bolso, agradecido por aquele detalhe bom em toda situação. E também se sentiu livre para agir. Se o cerco de Thomas não trouxesse novidades, as conseguiria diretamente de Seager.

Decidido quanto a como agir, conferiu as horas em seu relógio de pulso. Os minutos correram sem que notasse. Apesar de Thomas se referir ao almoço, já passava das 2h30. Era hora de procurar sua sócia. Antes de sair, porém, precisava se despedir de Danielle. Certificar-se que Joly lhe fazia companhia.

Encontrou as duas distraídas, disputando uma partida de xadrez. Ignorando a francesa, dirigiu-se à noiva:

– Vou ao jornal agora.

– Tudo bem... – anuiu, indo até ele. – Vai demorar?

– Não há motivo. – Ethan tocou o rosto amado com delicadeza, ainda bloqueando as palavras de Raquel. – Farei o que tenho a fazer e volto para ficar com você.

– Leve o tempo que for preciso – disse Joly de onde estava. – Danielle está segura em sua gaiola de cristal.

– Joly, não... – Dana pediu num sussurro, olhando para a amiga.

– Deixe-a! – Ethan a interrompeu, fazendo-a olhar para ele. De súbito sentiu uma dor leve e estranha no peito. Nomeou-a de saudade antecipada.

– Ethan, o que foi?

– Nada – assegurou, puxando-a para um abraço. – Bobagens de um vampiro velho e altamente dependente de uma humana.

– Não pareceu ser só isso. Você me olhou de um jeito esquisito.

– Já disse que foi bobagem. Um pressentimento infundado.

– Nenhum pressentimento é infundado – disse Joly analisando o rei preto.

Deixando passar o comentário, despediu-se de Danielle e saiu, ignorando o enregelar de seu coração. Em seu carro, rumo ao *Today*, instintivamente Ethan tocou a própria boca. Talvez fossem as palavras de Joly que fizessem sentir como se seus lábios queimassem com a quentura de Danielle.

Certo, apreciava aquela característica dela, especialmente em seu recanto mais íntimo, mas isso não significava nada. Também não via problemas em querer mimá-la, dar-lhe proteção... Isso não era adulação, possessão. Não caracterizava que a queria dependente dele, humana. Maldita Joly!

Subitamente sufocado, ao parar num semáforo, Ethan baixou os vidros. Aguardava que o sinal abrisse tão disperso por suas cismas que o cheiro do animal o atingiu tarde demais. Quando viu o policial montado através do retrovisor direito, nada mais poderia fazer. O cavalo também igualmente sentiu seu cheiro. Imediatamente ouviu o relincho, viu-o resfolegar e empinar nervosamente.

Instinto era instinto e todo animal sempre o seguiria. O policial tentou controlá-lo, sem sucesso. Depois de erguer perigosamente as patas dianteiras, o cavalo disparou. Em sua fuga desesperada, esbarrou acidentalmente em uma senhora que, assustada não lhe deu passagem como os demais. Ethan ainda via o cavalo correr rua abaixo, quando ligou o pisca-alerta e deixou o BMW, sem se importar com as buzinas que recebia por atravancar o trânsito.

– Deem espaço – ordenou para os que se aproximaram antes dele, ao se aproximar da mulher caída. Aliviado, viu que a senhora estava consciente e não apresentava machucados graves. Todo o cheiro de sangue que sentia vinha das mãos arranhadas. Amparando-a por um dos braços e pelas costas, Ethan a ergueu gentilmente.

– Acha que pode ficar de pé? Quer que a leve ao hospital?

Segurando sua mão livre que estava estendida, ela disse com um sorriso incerto, o velho coração humano aos saltos pelo susto.

– Não se preocupe. Acho que estou bem, obrigada!

Quando Ethan deixou de sustentá-la, todos se afastaram ainda mais. E ao perceberem que não tinha nada a ser visto, dispersaram. A senhora terminou de arrumar o casaco e estendeu a mão trêmula pegar a bolsa que Ethan segurava.

– Obrigada mais uma vez, meu jovem! – disse ela, acomodando a bolsa na curva do braço. – Não queria preocupar ninguém... Sei que devia ter saído da frente, mas minhas pernas não me obedecem mais – explicou pesarosa.

– Sei disso – Ethan respondeu pensativo, analisando-a.

– Acredite querido... A velhice é um fardo! – Ela sorriu como que para abrandar a declaração. – Mas não se preocupe com isso ainda, apenas aproveite sua juventude, pois o tempo passa para todos... Agora me deixe ir, já o ocupei demais e logo é capaz de ganhar uma multa por causa dessa velha aqui... Faço votos para que continue sendo sempre prestativo. Tenha um bom dia!

– Tem certeza de que está bem? – Ethan se desconhecía, por que lhe importava?

– Estou! – afirmou tomando a liberdade de erguer ao máximo o braço curvo e tocar-lhe o rosto. – Você é um bom rapaz... Existem poucos hoje em dia. Espero que tenha uma vida feliz, apesar desse olhar triste. Adeus querido!

Ethan a observou se afastar em seu passo lento. Realmente ela jamais conseguiria se esquivar de qualquer acidente. Suas pernas encarquilhadas, assim como seus braços, não tinham mais nenhum traço do viço ou força da juventude. Era deprimente! Passando as mãos pelos cabelos, Ethan se obrigou a desviar o olhar da decrépita figura e finalmente voltou ao seu carro.

Realmente desconhecía-se. Em outra ocasião, teria deixado que os de sua espécie a socorresse. Ainda cismado com sua atitude inédita, saiu fazendo os pneus traseiros cantarem. Ele não se sentia bem. Estava estranho por ter tocado a mulher. Por mais que segurasse firmemente o volante ainda sentia em sua palma a textura da pele flácida e da carne magra, movediça. Era fato, ficou impressionado!

Não conheceu seus avós e seu pai morreu ainda jovem. Nunca manteve contato direto com o corpo de alguém tão velho. A velhice ganhou um novo sentido para ele. Agora sabia o que Danielle tanto temia. Os anos agiriam sobre ela ao passo que ele continuaria forte e viril. Não admirava que um dia ela não se deixasse tocar. Ele por certo nunca se incomodaria, mas até quando *ela* resistiria?

Na verdade, já reconhecía sua fragilidade. Não foi assim com o mergulho em sua piscina ou com o ataque de Carmem? Isso sem levar em conta a constante fraqueza por suas retiradas constantes de sangue quase todas feitas na situação que Joly o acusou. Danielle não resistiria!

– Pare imediatamente de pensar sobre isso! – ordenou a si mesmo.

Sentindo uma raiva desconhecida e visceral, seguiu em alta velocidade até o edifício o *Today*. Em menos de vinte minutos entrava na redação. O som incessante de digitação, telefones e vozes o irritaram ainda mais. Particularmente não entendia como Danielle podia gostar daquele caos.

Aborrecido, sem se importar com os olhares femininos que acompanhavam sua passagem, caminhou até a sala da editora-chefe.

– Preciso de um minuto com Cindy – disse à secretária que não se moveu ou piscou. Definitivamente não estava com paciência para aquilo. – Agora! – ciciou.

– Vou anunciá-lo senhor. – Ela finalmente se pôs de pé, deixando a revista que lia “em horário de trabalho”, aberta sobre a mesa. Foi inevitável ler o enunciado da matéria, mesmo estando de ponta cabeça.

Comentários e citações famosas

Junto com a apresentação, a visão de Ethan abrangeu toda a folha, permitindo que ele visse que esta estava coberta de quadrados dispostos aleatoriamente. Em cada um deles havia um comentário diferente. Após vários anos de leitura, Ethan se orgulhava da rapidez com que lia, mas naquele instante, maldisse a destreza, pois três trechos se instalaram em sua mente e pareciam piscar como irritantes luzes de neon.

“Você pode não ser o primeiro homem dela, o último homem dela ou o único homem dela. Ela amou antes, pode ser que ela ame de novo. Mas se ela te ama agora, o que mais importa? Ela não é perfeita - você também não é, e vocês dois podem nunca ser perfeitos juntos, mas se ela te faz rir, te faz pensar duas vezes, e admite ser humana e cometer erros, segure-se a ela e dê a ela o máximo que você puder.” – **Bob Marley**

“Se emprego tantas horas para me convencer de que tenho razão, não será que exista alguma razão para ter medo de que eu esteja equivocada?” – **Jane Austen**

“Nunca penso no futuro; ele já chegará.” – **Albert Einstein**

– Inferno! – Ethan exclamou aborrecido, fechando a revista violentamente. Agora até mesmo defuntos famosos vinham opinar em sua vida!

Quando ergueu os olhos viu que a secretária voltava, mas não lhe deu oportunidade de dizer qualquer coisa. Passou por ela e foi até Cindy. Em menos de um minuto sua função ali estava cumprida. Nada de série vampiresca!

Ethan deixou a sala sem olhar para trás. Não se despediu nem mesmo da secretária que o seguia com o olhar enlevado. Não a enxergava. Não via nada além da senhora indefesa caída ao chão ou atravessando a rua em passos lentos. Tudo que ouvia eram as malditas frases que ganharam voz em sua mente e faziam coro com as palavras de Joly.

Inferno! Inferno! Inferno! Ethan apertou o volante, sem sair do lugar. Por que não ensurdecia ou cegava àquele ataque conjunto que o atormentava?

– A resposta é simples seu estúpido! – disse a si mesmo. – Não vai ensurdecer ou cegar simplesmente porque acordou agora!

Colocando seu carro em movimento, Ethan entrou no trânsito já intenso da tarde novaiorquina. Finalmente entendia o motivo de sua raiva recorrente; a verdade sempre incomodaria. Evidente que temia o que viesse, mas Joly tinha razão. Seu medo era menor se comparado ao seu vício. Gostava de Danielle exatamente como era: fragilizada, deliciosamente quente com seu sangue apetitoso e doce. Bastava atentar como sempre – possessiva e orgulhosamente – a intitulava de *sua humana*.

Sim, era autoritário, mimado e extremamente egoísta, não tirano. Não condenaria Danielle à velhice ou a morte. Que se danasse a maldição de Raquel! Ethan sentiu um baque violento em seu corpo ao tomar a decisão tardia. Que porcaria esteve fazendo todo aquele tempo? Esteve afogando-a, debilitando-a, expondo-a ao perigo...

– Esteve sendo um idiota! – exclamou, manobrando para entrar na Gold Street.

Ao ver o trânsito parado e os carros que o fechavam atrás, Ethan praguejou ainda mais, mesmo sabendo que merecia aquilo. De onde estava não tinha como ver o que acontecia. A indicação que tinha para confirmar que estava preso num engarrafamento eram as pessoas inconformadas fora de seus carros. Que ótimo!

Bem... Poderia esperar alguns minutos para fazer o certo. Quando chegasse a cobertura expulsaria Joly sem maiores explicações e transformaria Danielle. Respirando profundamente, Ethan recostou-se melhor em seu assento e ligou o rádio, procurando distração. Talvez influenciado pela preferência de Danielle, escolheu uma estação de músicas antigas. As baladas cumpriram seu papel, até que Elvis Costello viesse irritá-lo com seus repetitivos “She”.

– Sim, ela é meu paraíso e meu inferno!... Não precisa me lembrar o quanto...

Ethan interrompeu sua discussão com cantor ausente ao sentir o eriçar de seus pelos, completamente alerta. Não era nada que visse ou farejasse, era pior. Ele sentia! De tão violenta a aflição lhe roubou o ar. Quando o nome saiu de sua boca não passou de um sussurro:

– Danielle!... Por favor, de novo não! – pediu desesperadamente, sacando o celular.

Capítulo Vinte e Sete

– Pelo visto vocês não são rápidos sempre – Dana provocou a francesa. – Precisa demorar tanto para mover esse cavalo? Nós duas sabemos que é sua única opção.

Joly apenas sorriu e deu de ombros, indicando que não se importava em demorar. Dana sorriu e voltou sua atenção ao jogo. Tarefa que começava a ser difícil, pois Joly além da demora, por vezes bufava e resmungava.

– Sério! O que você tem Joly? – Dana perguntou após outro resmungo da amiga.

– Não é nada – disse, analisando o tabuleiro.

Dana a olhou atentamente, então novamente para o tabuleiro antes de comentar:

– Ethan também estava estranho... Por acaso vocês brigaram?

– Você ainda quer ser como nós?

Dana a encarou sem entender a associação.

– Vocês brigaram por causa disso?

– Sim – admitiu. – Eu disse algumas coisas nesse sentido, mas... Acho que me excedi.

– Pouco provável – Dana a tranquilizou. – Você tem o dom de acertar o que diz e Ethan já deve saber disso. E respondendo, sim, eu ainda quero. Mesmo que tenha que passar por tudo aquilo que descreveu. Só não vou mais forçar a barra e agradecer se fizesse o mesmo. Acho que quanto mais falarmos, pior será.

– Penso o mesmo agora. Por isso acho que passei dos limites. Ethan é teimoso demais e eu deveria ter ficado calada.

– Quer me dizer o que aconteceu?

– Na verdade, não... Acho melhor esquecer para não correr o risco de provocá-lo novamente e acabar piorando as coisas.

Apesar da curiosidade, Dana assentiu. Talvez fosse mesmo melhor não saber. Conheciasse e se pensasse igual, poderia se valer de seu discurso em algum momento mais inflamado.

– Se é assim, não pense mais nisso e vamos ao jogo – sugeriu, sorrindo para a amiga. – Acho que estou prestes a ganhar de você, *chérie*.

– Não duvido. Para alguém que deu xeque-mate em Ethan McCain... Tudo é possível.

O rei que derrubou a rainha, mas Dana não a corrigiu. Elas ainda riam do gracejo quando o celular de Joly tocou. Imediatamente Dana se pôs em alerta, receosa que algo tivesse acontecido. Contudo logo respirou aliviada ao perceber que a ligação nada tinha a ver com Ethan. Quando Joly depositou o aparelho sobre a mesinha, disse o que Dana já sabia.

- Seu anel de noivado ficou pronto.
- Eu ouvi – Dana disse, alimentando uma idéia. – Vai buscá-lo?
- Assim que Ethan ou Thomas chegar, sim.
- Por que não agora?
- Porque devo esperar.

Dana não desistiria; já haviam deixado de fazer o que era considerado certo, inúmeras vezes.

- Por favor, Joly! Poderia ir buscá-lo agora assim faríamos uma surpresa para Ethan.

A idéia não lhe parecia absurda. Joly já havia saído e voltado sem problemas. E gostaria mesmo de fazer uma surpresa ao noivo. Ainda mais naquele dia em que estavam em seu melhor clima, longe da constante tensão.

– Por favor... Sabe que estou segura aqui, ninguém pode subir e se Paul se atrever a tanto, não poderá entrar.

Joly a encarou por um minuto, provavelmente pesando os prós e os contras. Quando ensaiou um sorriso cúmplice, Dana soube que teria seu pedido atendido.

– Está bem! Sei o quanto Ethan quis que você tivesse as jóias que foram da mãe dele. No dia do baile estava todo feliz em vê-la com os brincos e as presilhas.

– Obrigada, Joly! – agradeceu tentando bloquear as imagens do baile antes que seu corpo começasse a reclamar por certo Erik.

- Não preciso lembrá-la que não deve abrir a porta para ninguém, não é mesmo?

– Não precisa me lembrar de nada – retrucou, revirando os olhos. – Já conheço todas as recomendações de cor.

Joly apenas sorriu e saiu. Satisfeita, Dana cruzou as pernas sobre o sofá e analisou o dedo anelar. Logo o imaginou adornado pelo anel de diamante e sorriu enlevada. Conheciasse, com certeza ainda teria medo de andar por aí com o anel, mas o faria. Por Ethan faria qualquer coisa. Até mesmo deixaria de ser tão independente e se deixaria mimar como ele tanto desejava. Sim, pois deveria se habituar a agradar seu marido.

– Marido... – Dana saboreou a palavra, estremecendo com seu significado, com a expectativa dos dias e noites que ficariam juntos. Noites nas quais adoraria ser acordada

como na madrugada passada, pensou com o rosto em chamas. Imediatamente seu corpo reagiu à lembrança do *beijo* íntimo e imoral que Ethan lhe dera. Ainda sentia a parte beneficiada latejar desejando nova atenção, quando a campainha rompeu o silêncio.

Imediatamente o desejo se foi e todos os seus pelos se eriçaram. Com o coração aos saltos, Dana se pôs de pé sem saber o que fazer. Ordenava-se a ligar para Joly, quando ouviu a voz masculina e desconhecida.

– Encomenda para Senhorita Hall.

– Encomenda?!... – Dana sussurrou para si mesma. Ainda com o coração aos saltos, foi até a porta. Prendendo a respiração, olhou pelo olho-mágico. Viu somente um dos seguranças que ficavam no saguão. Intrigada perguntou: – Quem é o remetente?

– Perdoe-me, mas aqui não diz. Não há nem o número de uma caixa-postal. Não vai abrir para recebê-la? Eu só a trouxe porque disseram que era urgente.

Certo, não abriria a porta para alguém com o dobro do peso de Carmem, sem restrições para entrar sem ser convidado, mas a verdade era que estava curiosa. Sabia se tratar de alguma gracinha de Paul, então deveria ser importante. Já havia rejeitado sinais vitais antes e não poderia cometer os mesmos erros. Começando por não se expor.

– Entendo, mas não tenho a chave. Se não se importar, deixe aí mesmo. Quando Ethan chegar ele me entrega.

– Sem problemas, senhorita!

Ele não insistir demonstrou não estar induzido, caso contrário seria obstinado como a empregada e simplesmente arrombaria a porta. Ainda olhando pelo olho-mágico, Dana o viu se abaixar para deixar a caixa e então seguir até o elevador de serviço.

Tentando acalmar o coração, Dana se afastou, imaginando o que faria. O novo receio era se deveria abrir a porta para pegar a encomenda ou não. Poderia esperar por Joly. Poderia, mas sabia que não faria.

Impaciente, Dana tamborilou os dedos nos braços nervosamente andando de um lado ao outro antes de agir. Decidida, abriu a porta e depois de se abaixar, puxou a caixa para dentro em um movimento rápido. Imediatamente algo rolou no interior do pacote que pouco pesava.

Mais curiosa, ainda trêmula, seguiu para o centro da sala confirmando que algo estava solto dentro do pacote pouca coisa menor do que uma caixa de sapatos. Conforme caminhava, o objeto rolava de um lado ao outro. Intrigada, retirou um pequeno envelope que vinha preso a tampa. Sempre esteve certa, pensou ao reconhecer a letra do ex-namorado.

Uma pedra a menos em nosso caminho.

A mensagem a intrigou mais. Deixando o bilhete sobre o sofá, Dana se sentou para desembulhar a caixa. Ao finalmente levantar a tampa, o ar lhe faltou. Sua primeira reação foi atirá-la longe, mas seu senso de proprietária não permitiu. Nem ao menos gritou. Passado o susto inicial, mas ainda em choque, permaneceu a olhar para seu gato.

Não ele na verdade, apenas a cabeça. Nem se importou ou se enojou com o cheiro estranho e a abertura grotesca onde antes era seu pescoço. Tudo que conseguiu sentir foi uma tristeza profunda misturada à culpa por ter deixado seu bichinho sozinho a mercê de um louco. Sem pensar, levou dois dedos até o alto da cabeça dura e fria e a tocou naquele ponto.

– Black, me perdoe... – Acariciava o pelo ainda brilhoso quando seu celular tocou. Somente quando o atendeu percebeu que chorava.

– *Acredito que já tenha recebido meu presente.*

– Seu desgraçado... – gritou, sentindo o estômago revoltado. – Eu te odeio Paul, te odeio!

– *Não odeia, então sem dramas, anjo. Temos algo mais importante a conversar e...*

Dana desligou o celular, incapaz de ouvi-lo. Em segundos o aparelho tocou. Quis atirá-lo para que quebrasse daquela vez. Em vez disso, atendeu.

– *Devo alertá-la que não é prudente me irritar mais, anjo.*

– Diga de uma vez o que você quer e me deixe em paz – murmurou.

– *Ah... Está perto o dia de termos paz. Basta saber se está disposta a colaborar. Você está disposta a colaborar?*

– Não estou disposta a nada com você Paul! Você está fora de si. Por que matar meu gato?

– *Eu precisava ter sua atenção e agora tenho. Bem, assim espero se não serei obrigado a me valer de encomendas maiores. Sabe que para mim não é difícil conseguir mais cabeças. Em seu prédio há um número considerável delas. Temos o adorável Jack...*

Dana arfou ao ver a imagem do menino citado e inconscientemente apertou o celular junto ao ouvido.

– *Temos a mamãe de Jack – ele prosseguiu –, o papai do Jack. Mas talvez você se importasse mais com sua mamãe ou seu papai.*

– Você não se atreveria – ela se ouviu ciciar.

– *Acho que não terei problemas em tocar num reverendo, mas talvez eu devesse me concentrar em quem está perto... Talvez você estivesse interessada na cabeça de seu novo namorado... Ou talvez numa cabeça francesa...*

Joly! Dana se pôs de pé sem nem notar. Sua aflição atingiu níveis insustentáveis à menção de Ethan, mas à de sua amiga simplesmente a massacrou. Ethan assegurou que seria forte para conter Paul, mas deixou claro que uma vampira nada poderia contra o rival.

– Não ouse tocar em Joly! – se ouviu gritar.

– *Só depende de você, anjo... Sua dama de companhia está bem onde eu posso pegá-la. Sozinha, distraída... Está muito bonita com aquele vestido azul* – salientou, provavelmente para provar que dizia a verdade. – *A francesinha nem saberá o que a atingiu e os humanos que estão com ela terão um belo show se não se decidir agora. Acho que a cabeça dela caberia numa caixa de chapéu. O que você acha, anjo? Será que agora tenho sua atenção?*

– Sim – disse secamente. – Tem toda minha atenção.

– *Achei que teria. Primeiro você tem que sair daí imediatamente sem questionamentos e tomar um táxi antes que o bastardo volte.*

Dana não sentia suas extremidades. Sua mente se agitava com tantas recomendações. Dentre todas as de Ethan se destacavam. Ele disse para que não tomasse decisões suicidas e ela resolveu estender o cuidado à Joly. Disse também que Paul a amava e que não lhe faria mal. E a mais de todas as palavras ditas. Ethan disse que se mantivesse viva, pois ele a encontraria.

– Para onde devo ir?

– *Hummm... Isso não é bom! Você não está prestando atenção anjo... Mas vou abrir uma exceção afinal acaba de perder seu animal de estimação. Como disse, “tem que sair daí imediatamente”. Tome um táxi e ligue para o número que está no seu celular. Enquanto isso eu fico de olho na francesinha.*

Paul desligou sem prévio aviso. Dana fitou o assento antes ocupado por Joly por alguns instantes, sentindo-se extremamente culpada. Não queria estar com Paul, mas não via como viver se a amiga morresse por sua causa. E Ethan a encontraria, ele disse.

Respirando fundo, Dana se pôs de pé e sem olhar em volta para não fraquejar, calçou seus tênis e se dirigiu ao gabinete. Depois marchou rumo à porta e ao elevador. Enquanto descia, se sentou no piso e abraçou as próprias pernas, rogando que Ethan não tivesse dado ordens para que a proibissem de sair.

Quando as portas se abriram já se encontrava de pé. Ainda sem olhar em volta, Dana seguiu até a porta principal. Seu temor se mostrou infundado, pois ninguém a deteve. Na rua, tremia violentamente mesmo sem perceber o vento frio daquele final de novembro. Abraçada ao próprio corpo, seguiu até a esquina e esperou por um táxi. Não tardou a entrar no carro amarelo e pedir num sussurro rouco:

– Apenas saia daqui, por favor. Logo te digo para onde deve me levar.

O chofer assentiu e voltou ao trânsito. Apesar dos tremores, Dana se sentia anestesiada, nem ao menos sentia vontade de chorar ao usar o celular. Tão rápido quanto podia, procurou pelo número gravado. Assim que o encontrou, apertou a tecla de discagem e esperou. Ficou claro que Paul queria acabar com sua sanidade, pois atendeu após o quinto toque.

– Você demorou – reclamou –, mas sei que fez como pedi. Agora passe o celular para o motorista.

– Senhor... Ele quer falar o endereço – disse, estendendo o celular à frente.

O homem a olhou rapidamente por cima do ombro e, talvez acostumado com toda sorte de esquisitices, tomou o aparelho e ouviu as instruções. Depois de despedir-se educadamente devolveu o aparelho a ela. Reprimindo o desejo de ligar para Ethan, Dana o desligou para não ser obrigada a ouvir a voz do ex tão cedo e o guardou.

E seu noivo também poderia ligar, chamando-a de volta, e ela não o atenderia, pois sabia o quanto a amiga lhe era cara. Não viveriam em paz com o peso da morte de Joly sobre eles. Ou ela com a morte de uma criança. Jack era só uma criança, pelo amor de Deus! Mas ela sabia que não teria o menor escrúpulo em fazer exatamente o que disse que faria.

– Está tudo bem senhorita? – perguntou o motorista. – Aquele senhor com quem eu falei é mesmo seu namorado? Achei toda essa história de surpresa romântica muito esquisita.

Dana percebeu que ele a observava pelo retrovisor.

– Está tudo bem! Só estou um pouco nervosa... Há dias que não o vejo e não gosto de todo esse mistério. – Então arriscou. – Poderia me dizer para onde deve me levar?

– Desculpe-me, senhorita... – Agora ele lhe sorria. – Se ele é mesmo seu namorado e isso é mesmo um sequestro amoroso, não vou estragar a surpresa.

Claro! Seria muito fácil para ela mandar um recado para Ethan com o endereço. De repente Dana se lembrou do que disse. Paul não era onipresente. Não poderia recebê-la onde quer que fosse e ainda vigiar Joly. Por um segundo animador ela cogitou escapar, porém, mais uma vez ouviu a voz de Ethan a dizer que Paul e Raquel agiam juntos.

Talvez quem a recepcionasse fosse a vampira, não ele. A armadilha daquela vez foi perfeita! Ao pensamento Dana estremeceu e temeu. Paul não lhe faria mal, já Raquel...

Ainda afundava-se no assento, tomada por um medo sufocante, quando o carro foi estacionado. Ela conhecia aquele lugar. Upper East Side, um dos bairros nobres de Manhattan. Ela estava em frente a um edifício luxuoso. O que Paul estaria fazendo ali? Perguntava-se qual seria o próximo passo, ou para onde deveria seguir, quando o viu sair do prédio e se aproximar com um sorriso vitorioso.

Dana nunca acreditou que chegaria o dia em que sentiria náuseas ao vê-lo, contudo era exatamente o que acontecia. Seu estômago dava voltas inteiras de puro asco e revolta. Ao parar ao lado do carro, ele abriu a porta e estendeu a mão para ajudá-la a sair.

Ignorando seu gesto, Dana deixou o táxi e se pôs ao seu lado sentindo todos os pelos de seu corpo se eriçar. Seu primeiro instinto foi correr para longe, mas não poderia fazê-lo então assistiu resignada enquanto ele pagava a corrida e agradecia ao chofer por levá-la em segurança. Cretino!

– Não falei que por bem ou por mal você viria até mim?

Ao se calar se aproximou e a abraçou pelos ombros. Dana se encolheu no ápice de sua repulsa, porém logo foi afastada, não solta.

– Argh! – Paul exclamou enojado. – Você está fedendo ao bastardo!

– Sinto muito – disse sem sentir coisa alguma. Se o cheiro de Ethan tinha o poder de afastá-lo, não desejaria perdê-lo nunca.

– Não sinta – ele disse rispidamente. – Não é nada que um bom banho não resolva. Agora venha!

Após a violência das palavras, Dana pensou que fosse ser arrastada. Em vez disso, Paul a pegou pela mão – como se formassem mesmo um casal – e a guiou até o saguão do edifício. No elevador apertou o botão do 17º andar. Muito longe, Dana pensou, retesando-se ao sentir o toque dos dedos frios em seu rosto. Infelizmente o cheiro de Ethan não mantinha Paul longe o bastante.

– Senti tanto sua falta, anjo! Por que demorou?

Saber que Paul estava realmente insano impediu que respondesse como ele merecia e optasse pelo silêncio.

– Mas agora não importa – ele disse. – Você está aqui agora.

– E já que estou aqui – falou por fim, para garantir que sua entrega não foi vã – vou confiar que vai deixar em paz as pessoas importantes para mim.

– Se elas nos deixarem em paz, eu não vejo razão para importuná-las – comentou sério demais. – Mas devo dizer que não gosto de sua preocupação. Depois de tanto tempo separados é isso o que tem a me dizer?

Dana respirou fundo, ainda dizendo a si mesma que seria sábio não irritá-lo. E uma vez que estava louco... Ela mentiria.

– Me desculpe. Também senti sua falta.

– Ah... – Paul sorriu em deleite. Dana soube que ele realmente estava louco por acreditar em suas palavras inexpressivas. – Eu sabia anjo. Eu sabia! E, sim... Pode acreditar. Se não nos aborrecerem, eu os deixarei em paz.

– Eu também sabia! – Dana esboçou um sorriso. – Sempre confiei em você, Paul!

O novo vampiro sorriu ainda mais. Ali, olhando-o de perto, Dana via que ele estava diferente, mas sem ter mudado na verdade. Era estranho explicar, mas Paul era o mesmo, mas estava ainda mais bonito. No entanto apenas isso. Não exercia sobre ela o menor encanto. Ao contrário, somente lhe despertava a repulsa.

Paul não retrucou. Somente permaneceu a acariciar-lhe o rosto. Logo o elevador perdeu velocidade até parar completamente e abrir suas portas para um corredor largo e tão luxuoso quanto todo o edifício. Imediatamente a atenção de Dana se voltou para seu entorno. Perguntava-se o que seu ex fazia ali. Sim, ele teria dinheiro para viver na área nobre, mas algo lhe dizia não ser o caso. Ao ser posta para dentro do apartamento 705, Dana decidiu descobrir.

Ainda analisava a ampla sala quando sentiu a mão de Paul no bolso traseiro de seu *jeans*. Sem que pudesse evitar, ele confiscou seu celular.

– Eu fico com isso – anunciou. – E agora acho melhor você tomar um banho para se livrar desse fedor.

Seria inútil e nada sábio protestar.

– Onde fica o banheiro?

Sorrindo satisfeito, Paul a conduziu por um corredor comprido. Dana contou cinco portas ao longo dele até chegar ao seu destino. Uma suíte no final do corredor. Enregelada, ela inspecionou o cômodo, evitando olhar para a grande cama. Tocando em suas costas, Paul a empurrou até o banheiro.

– Aqui está! Espero que goste, pois esse será o quarto que ocuparemos até que possamos ir para meu apartamento.

– E de quem é esse apartamento Paul? – Aquela era sua chance.

– De um amigo que está fora da cidade. Como não sei quando ele pretende voltar acredito que seja preciso arrumar outro lugar o quanto antes. Ele não sabe que estou aqui, mas foi somente no que pensei já que o bastardo saberia onde nos encontrar.

– Entendo... – Ainda nada relevante. Precisava de mais, tentar mais. – Se esse seu amigo não sabe, não seria o caso de irmos para um hotel...

Paul ergueu o canto da boca em um sorriso irônico.

– Eu fiz o dever de casa, anjo! Posso não aceitar as regras que a imortalidade me impõe, mas sei o que devo ou não fazer. Mesmo que não levássemos em conta que seria muito mais

fácil para o bastardo nos achar num hotel, eu ainda estaria em território aberto. Sabe muito bem que ficaríamos desprotegidos em qualquer um dos quartos, pois todos eles são áreas livres para imortais.

– Eu tinha esquecido – novamente mentiu.

– Esses lapsos são normais em pessoas em situação de estresse extremo, mas agora está segura, anjo. E eu não farei nada que nos coloque em perigo. – Como ela nada disse, ele pediu: – Agora quero que tire essa roupa e passe-a para mim. Vou jogá-la no lixo.

Instintivamente Dana se pôs em alerta. Não iria se despir na frente dele. Mesmo que levasse em conta que já havia feito isso um milhão de vezes, não queria correr o risco de deixá-lo excitado. A possibilidade lhe revirou o estômago.

– Não pode jogar fora minhas roupas. Não tenho o que vestir...

– Até parece que não me conhece, anjo. Eu sabia que viria... Comprei algumas roupas para você. Estão na primeira gaveta da cômoda. Escolhi as que você mais gosta, confortáveis e simples. Quero que se sinta à vontade. Depois de transformada você revê seu guarda roupa, está bem assim?

– Será perfeito – ela respondeu, ligando o automático.

– Agora tire a roupa.

– Paul, eu...

– Agora, Dana! – Paul ordenou, medindo-a. – Sabe que eu posso obrigá-la?

Não! Pensou alarmada. Não poderia se deixar induzir. Com o coração aos saltos, Dana começou a abrir a blusa, dizendo a si mesma que, caso Paul tentasse algo lutaria contra ele e o provocaria até que ele a matasse. E que Ethan a perdoasse.

– Desgraçado! – ouviu-o vociferar e estremeceu. Parecia que tinha lido seu pensamento, mas não. Paul a analisava com ar sombrio ao prosseguir. – Veja como o bastardo a machucou!

Longe de se sentir tranquila, Dana desabotoou a calça *jeans* com os dedos trêmulos. E Paul prosseguiu mergulhado em seus delírios.

– Está mais do que evidente que o crápula a forçava a ficar com ele. Aposto o que quiser que ele a obrigou a me dizer todas aquelas coisas.

Sem responder, Dana prendeu a respiração. Uma vez livre da calça viria o pior.

– Prometo que vou tratá-la diferente, anjo. Nunca vou induzi-la ou forçá-la a fazer o que não queira. Não vou deixá-la marcada. Mesmo que não estivesse em débito com você Dana, não agiria como um animal.

Dana travou a boca para não lembrá-lo de que ele se portava pior do que um animal e que ela estava ali contra a vontade. Ao olhá-lo, notou nos olhos escuros que ele acreditava no que dizia e talvez estivesse ali a chance de escapar futuramente.

– Obrigada, Paul! – ela disse o mais sinceramente possível. – Não esperava menos de você. Afinal, sempre cuidou de mim.

– E de agora em diante vou cuidar ainda mais, meu amor. Não vou deixar que a tirem de mim. Ninguém vai machucá-la.

Ao prometer ele a tocou no rosto. Dana lutou para não se encolher ao toque. Temendo que ele voltasse a palavras atrás, lembrou-o:

– Preciso me livrar do cheiro.

– Ah, sim... – Então deu um passo atrás para observá-la enquanto tirasse as últimas peças.

Ainda com as mãos trêmulas, Dana levava os dedos às suas costas para desabotoar o sutiã, quando seu celular tocou no bolso de Paul. Nem havia notado que ele o ligou. Expectante, parou o movimento. Com o cenho franzido, Paul conferiu o visor. Ao vê-lo contorcer os lábios num sorriso sardônico, soube de quem se tratava.

Instintivamente ela cruzou os braços sobre os seios e deu um passo atrás. Ethan não poderia vê-la, mas se sentia flagrada em pleno adultério por estar seminua diante de Paul. Mortificada, viu-o se afastar.

– Pode tomar seu banho em paz, anjo – disse. – Deixe as roupas onde estão que depois eu venho recolhê-las... Agora preciso atender essa ligação. Será divertido.

Quando ele se foi, Dana fechou a porta do banheiro e caiu sentada sobre o vaso sanitário, curvada sobre seu estômago. Agora era certo que Ethan enlouqueceria. Queria seguir Paul para saber exatamente o que ele diria, mas achou por bem tomar logo o maldito banho antes que ele voltasse.

Capítulo Vinte e Oito

Enquanto seguia a pé, livre do paletó e da gravata, ora correndo sem se importar com a atenção que chamava sobre si, ora caminhando na velocidade irritante dos mortais, Ethan tentava a todo instante se convencer que nada havia acontecido. Que não conseguir contato com Danielle ou Joly nada significava. Que a aflição que sentia provinha dele mesmo, por ansiedade. Tinha de ser!

Quando chegou ao edifício, entrou por sua garagem e correu escada acima. No *hall*, seus pelos se eriçaram. O cheiro de Danielle estava nele, renovado, misturando-se ao de Thomas e Joly e outro desconhecido. Ainda primaria pela calma, se não tivesse visto painel ao lado do elevador que este estava no térreo. Com o peito a rugir, num átimo entrou no apartamento. Encontrou Thomas, estrategicamente posicionado diante da companheira.

– Mantenha distância, Ethan. – Thomas pediu rouco. – E acalme-se.

– Por que eu tenho que me acalmar? – perguntou a ele antes de olhar a vampira que se mantinha afastada com o rosto contrito. – Joly? Onde está Danielle?

– Sinto muito, Ethan... – Foi tudo o que ela disse.

E como se todos os fatores naquela cena perturbadora não fossem suficientes, ele viu a francesa desviar o olhar e verter duas lágrimas. A profunda tristeza o enfureceu de tal maneira que urrou. Num movimento rápido avançou, porém antes que chegasse até eles, sentiu o baque em seu peito que o empurrou de volta à porta.

Aturdido, Ethan notou que Thomas o olhava alarmado, ainda com as mãos erguidas. O que parecia impossível aconteceu antes do que pudesse prever. A força que o repeliu não era tão forte, mas foi suficiente para mantê-lo longe. Sabia que se liberasse a sua própria força, poderia chegar até Joly, mas não era sua intenção lutar com Thomas, tinha algo maior a resolver e precisava de respostas.

– Enlouqueceu? – bradou. – O que achou que eu fosse fazer? Atacá-la?

– Ethan, eu... – O peito de Thomas estava agitado, ele se mantinha defensivo, contudo mirava o amigo com um misto de culpa e assombro. – Eu não sei como... Eu, simplesmente...

– Simplesmente não deixaria que ferissem sua mulher – Ethan completou ainda raivoso. Estava admirado, mas a novidade era menor naquele instante. – Acontece que eu seria incapaz, mesmo que me sinta muito tentado às vezes... De Joelle só quero saber o que aconteceu. Quem esteve aqui e onde, com todos os demônios, está Danielle!

– Eu não sei como aconteceu – ela disse num fio de voz –, mas quando cheguei...

– Deixou-a sozinha?!

– O anel de noivado ficou pronto e ela me pediu que fosse buscá-lo. Não havia risco, então eu fui... Nunca imaginei que viessem aqui para entregar qualquer coisa.

– O que foi entregue? – Ethan estava em seu limite. Queria ir até ela para chacoalhá-la, mas não podia. Não sem machucar seu amigo. – Fale de uma vez!

– A cabeça de Black – ela disse simplesmente.

– A cabeça de... – ele não pôde acreditar. – Ela saiu para ir até o apartamento dela?

A pergunta foi feita enquanto Ethan se preparava para sair, porém Joly o deteve.

– Não, Ethan! Acho que deve ler isso...

Ethan se deteve ao ver a folha que ela lhe estendia. Com três passadas foi até ela e agradeceu intimamente por Thomas não intervir daquela vez. Tomou o papel com brusquidão e leu o recado de imediato:

“Ele pôs fogo na casa. Ameaçou Joly e outras pessoas que amo. Não suportaria a culpa se deixasse acontecer o pior. Te amo. Me perdoe. E se me perdoar, me encontre.” Sua D.

– Encontrei no seu gabinete – Joly explicou quando Ethan amassou o recado. – Não sei por que ela acha que corri perigo, nem em qual casa ele pôs fogo, então...

– Eu, sim – Ethan ciciou. – Você estava fora. Paul devia estar seguindo você e a ameaçou. Mandar a cabeça do gato foi fator determinante para ter a atenção dela, mas... Como Danielle pôde acreditar?! Poderia ser qualquer um!

– Acho que alguém que ama seu bicho de estimação não levaria isso em conta – disse Joly, receosa. – Dana realmente não tinha como ter certeza, mas, eu sim. A cabeça era do Black. E não saberia dizer se Paul esteve perto. Não senti seu cheiro.

– Ele é esperto! Não o senti em meu jardim. Soube que seria atacado porque o ouvi. – Ethan reconheceu, mas não aceitava aquela situação. – Seja como for, ele não a usaria se você não tivesse saído.

– Ethan, é melhor se acalmar.

Thomas não precisava ter alertado. Por mais que seu lado primitivo necessitasse socar, esfolar e decepar, Ethan jamais machucaria Joly. E começava a sufocar. Onde estaria Danielle? O que quis dizer com *“se me perdoar?”*

– Pare Thomas – pediu Joly, indo até ele para acalmá-lo. Para Ethan, falou: – Perdoe-me. Não quis desobedecê-lo. Apenas atendi a um pedido de Dana. Ela queria lhe fazer uma surpresa e esperá-lo com o anel. Sinceramente não vi problema, pois já a deixei aqui e nada aconteceu.

– Até agora... – Ethan murmurou, sentia-se vazio. – E agora, Joly? O que posso fazer?

– Infelizmente, eu não sei...

– Onde está o anel? – perguntou sem pensar.

Joly indicou a mesinha oposta ao lado do sofá. Ethan pegou a caixinha e, depois de olhá-la por alguns instantes, fechou a mão em punho, reduzindo a madeira delicada e velha a pequeníssimas lascas. Sua intenção era comprimir ainda mais a palma, até inutilizar o anel, mas no último segundo se conteve. Então abriu a mão, e mirou o símbolo de seu noivado.

– Vamos achá-la, Ethan – garantiu Joly.

O tom animador destoava da realidade. Thomas se mantinha em silêncio, pacificado como se não tivesse descoberto sua própria força. Subitamente Ethan não suportava vê-los. Sem despedidas, guardou o anel no bolso da calça e saiu. Desceu até o saguão na tentativa inútil de encontrar o cheiro de Danielle. O odor ainda estava lá, mas se diluía aos outros e se perdia completamente ao chegar à rua.

Parado em frente ao seu edifício, Ethan olhou em todas as direções, perdido. Respirando profundamente se pôs a andar a passos largos e quadras depois, correu. Precisava de movimento. Minutos depois entrava na rua de Danielle e quando deu por si – ainda sem se importar – estava parado diante da porta envidraçada da sacada. Queria voltar no tempo para fazer tudo diferente. Agora era tarde!

Ou talvez não, pensou ao pegar o celular, sentindo nascer uma ponta de esperança. Expectante, Ethan ouviu os toques. Após seis deles, ouviu a voz que fez seu sangue ferver.

– O que quer com minha mulher?

– Não a conheço – Ethan retrucou roucamente, relutando em não partir o aparelho. – Agora me diga o que fez com Danielle.

– Não lhe devo satisfações do que faço ou deixo de fazer com ela, mas nesse momento me sinto tão... satisfeito, que vou abrir a exceção. Dana está no banho. Não vai ser indiscreto e querer saber o motivo, não é?

Ethan respirou fundo, controlando-se. Confiava em Danielle, pois ela não se renderia assim, tão fácil. Até mesmo o tempo indicava que a insinuação era falsa; nada havia acontecido. E se acontecesse – seu peito rugia só em pensar – jamais poderia considerar como traição, pois não seria um ato consensual. Ao pensamento aconselhou entre dentes:

– Acho melhor você devolvê-la por bem. – Não que deixasse de matá-lo, pensou.

– E eu acho que já desperdicei meu tempo com você. Atendi para avisar que deve manter distância. Dana voltou para mim. Reconheça que perdeu. Boa noite, McCain!

– Covarde! – Ethan ciciou.

– Espere um pouco – Paul cedeu à provocação. – Há um engano aqui. O covarde não sou eu, sim, você que agiu pelas minhas costas, usando seus truques para confundi-la.

– Admito, fui desleal. Não lutei de igual para igual pelo amor dela, mas nunca fui um covarde. Em momento algum precisei ferir ou ameaçar quem ela ama. No entanto, você... – interrompeu-se, deixando a conclusão no ar.

– Bastardo dos infernos! – Paul vociferou. – Você não é melhor do que eu!

– Não posso mudar o fato! – retrucou com arrogância e foi além. – Se não lutei com igualdade foi porque não éramos iguais. Você não teria chances contra mim. Mas agora que somos... Quem *é* e *continua* sendo o covarde? Quem usa gente inocente? E matar o gato?!... Por favor!... Típico de alguém que foge com o rabo entre as pernas como o bom cão medroso que é?... Não, espere!... Isso seria uma ofensa aos cães. Retiro até mesmo o que disse em minha casa. Você nem é um arremedo de vampiro... Há ratos no esgoto que são melhores do que...

– Pois eu lhe mostro quem é o rato, McCain!

– É só dizer hora e local. Estou livre desde agora.

– Pois aproveite sua última noite com vida e forniche em algum banheiro de boate.

Ethan se alarmou. Não podia deixar que Danielle ficasse com ele nem mais um minuto. Precisava fazê-lo sair imediatamente. Então uma idéia lhe ocorreu; concentrando-se ditou a ordem:

– Quero que liberte Danielle, imediatamente! – Se Raquel conseguia induzir mesmo ao telefone, ele também o faria.

– Pouco me importa o que você quer. Agora, eu dou as cartas, McCain!

Deveria ter imaginado que Raquel mentia. Tentando controlar sua raiva e frustração, tentou uma vez mais:

– Isso não é um jogo, Paul. E Danielle não é um troféu, então vamos terminar logo com isso.

– Aí é que se engana – Paul o corrigiu seriamente. – Dana sempre foi meu troféu, meu ideal de esposa perfeita. Bonita, culta e agradável. E quando eu estava prestes a conseguir o que queria você a roubou, manchou com suas mãos imundas e apodreceu com seu fedor. Mas agora que ela está livre de sua influência voltará a ser a minha Dana e brilhará na minha cama, aonde vou fodê-la todas as noites para comemorar minha vitória.

Ante a grosseria, o desafio máximo foi lançado. Alertá-lo para não a tocasse naquele sentido seria inútil, então apenas sibilou entre dentes:

– Diga onde e quando.

– Agora que ela está de volta e vou transformá-la, não me interessa chamar a atenção sobre nossa condição. É melhor manter o segredo, então seria oportuno marcarmos para amanhã... À noite a cidade estará relativamente tranquila por ser feriado.

Apenas uma noite! Ethan pensou, respirando profundamente, sobreviveriam a uma noite. Incapaz de dizer qualquer palavra, esperou que Paul concluísse:

– Teremos privacidade no Central Parque. Espero você a meia-noite, próximo ao Peregrino. – Então observou acidamente. – E veja que interessante. Tudo terminará exatamente onde começou.

Bastou encerrar a ligação para que Ethan arremessar seu celular na cama de Danielle para não destruí-lo. Ao entrar, passou direto pelo quarto e se sentou na poltrona usual. Logo afundou o rosto entre as mãos. Saber que Danielle ficaria uma noite inteira com o rábula, à mercê de sua loucura e paixão, o massacrava.

De súbito, riu exasperado com sua ingênua credulidade. Acreditou *mesmo* que seria capaz de sobreviver àquilo?

Com o coração trespassado por lanças afiadas, Ethan recostou-se contra o espaldar da poltrona e fixou o olhar na cama onde esteve por preciosas noites com Danielle e reconheceu sua culpa. Lançou-se contra Joly, odiava Paul por levá-la, mas ele era o único culpado. Se não estivesse centrado em seu umbigo, ela seria forte ao menos para se defender.

No fim, valeu o que pensou antes... Ninguém a defendeu dele!

Ainda respirando profundamente, Ethan bloqueou a autocrítica tardia, fixou seu olhar à cama e deixou que o odor de Danielle entrasse por suas narinas dilatadas. Tentou ainda imaginar que ela dormia tranquilamente sob suas cobertas e que ele estava apenas esperando o momento certo para lhe fazer companhia. Apenas esperando... Apenas esperando...

Capítulo Vinte e Nove

O banho foi rápido e tenso. De volta ao quarto, Dana correu até a cômoda e pegou as primeiras peças de roupa que encontrou no local indicado e as vestiu apressadamente. Escovava o cabelo, quando Paul entrou e se prostrou às suas costas.

– É bom poder me ver nesse reflexo – disse ele, mirando-a fixamente através do espelho –, assim como poder sair durante o dia. Os raios de sol realmente incomodam, mas o preço é ínfimo se comparado ao poder que ganhei. – Enquanto divagava, pegou uma mecha úmida do cabelo dela e levou ao nariz. Logo a repeliu, torcendo o rosto em desgosto. – Ainda fede!

– Mas eu lavei com xampu – justificou como se fosse importante.

– Sei disso, mas o cheiro *dele* ainda está aí. Acho que com mais duas ou três lavagens ele desaparece. Posso esperar!

Dana queria que esperasse, e o cheiro de Ethan nunca se fosse. Também queria desesperadamente saber o que os dois vampiros conversaram. Evidente que não perguntaria.

– Você parece agitada. – Paul ainda a encarava pelo espelho.

– É que não estou me sentindo muito bem... Sabe como ele me deixou fraca.

– Sei. – Paul afastou o cabelo dela, deixando exposta a lateral do pescoço para correr dois dedos pela veia pulsante. – E nesse sentido eu o entendo perfeitamente.

Dana se arrepiou quando Paul estalou a língua nos dentes. Sabia que seus batimentos acelerados instigavam-no. Naquele instante percebeu que corria um perigo tão perturbador quanto ser levada para a cama. Paul poderia beber dela.

– Paul... – chamou-o. Ele não respondeu. Apenas baixou a cabeça na direção de seu pescoço para cheirá-lo. E se afastou, com a mesma expressão enojada.

– Definitivamente isso vai ter que esperar – resmungou, seguindo para a porta. – Termine de se arrumar e venha jantar. Preciso cuidar de você... E vamos torcendo para que esse cheiro horroroso suma de vez.

Ao sair Paul fechou a porta com estrondo. Somente então Dana se permitiu respirar. O cheiro de Ethan tinha de ficar! Respirando profundamente, fez uma prece para que seu noivo tivesse entendido sua decisão. Precisava disso para ser encontrada. Até lá, tinha que se manter viva.

Decidida, tentando pensar que Paul era apenas Paul, deixou o quarto e seguiu até a sala. Não o viu em parte alguma, não sabia o que fazer, então, por ter encontrado a TV ligada, acomodou-se no vasto sofá de couro preto e abraçou os joelhos.

Vozes vinham do aparelho, mas era como se o silêncio a envolvesse. O ar estagnou e logo Dana se sentiu observada. Não precisou vê-lo para saber que Paul estava ali, com os olhos postos nela. Acomodando-se melhor sobre o sofá, simulou prestar atenção ao filme, parecer relaxada.

– Você sentiu mesmo minha falta? – Paul finalmente revelou sua presença. Estava recostado à parede no início do corredor, encarando-a intensamente.

– Senti. – Dana não hesitou, baseando-se no outro Paul, no companheiro; aquele que não mais existia.

Satisfeito, ele sorriu e veio sentar ao lado dela, sem nunca deixar de encará-la.

– Eu não menti, anjo! Quero que fique comigo para sempre. Depois que a transformar daremos o fora daqui. Todos eles que se matem!

Todos eles, quem? Era a pergunta. Era hora perfeita para especular, contudo a mente de Dana se fixou numa idéia insana. Temerária no tocante ao amor de Ethan, uma vez que talvez ele nunca a perdoasse. Mas também, talvez, aquela fosse a oportunidade perfeita.

Se Paul a transformasse, lidaria com ele. E não ia se intimidar por ser mulher. O ódio que sentia por aquele Paul lhe daria coragem e força. Surpreenderia Ethan, pois seria capaz de arrancar o coração de alguém tão cruel. Por Black e por todos os inocentes que ele ameaçava. Pelo próprio Ethan!

– Se é como diz, acho que você poderia fazer isso agora mesmo – sugeriu, aproximando-se. – Por que esperar?

– Acredite anjo... – Ele lhe acariciou o pescoço. – Isso é tudo que mais quero, mas aqui não é o lugar. Não sei se sabe, mas a mutação é lenta e dolorosa. Quando transformá-la, quero que esteja confortável. Nem mesmo estamos seguros.

Dana se desesperou. Esteve tão aflita e agora imbuída em ser transformada que esqueceu Raquel, Seager... Todos eles!

– Como assim, não é seguro?

– Não se preocupe, não deixarei que nada te aconteça. Assim que pudermos vamos para outro lugar. Quero sair antes que meu amigo volte.

– Quem é o dono desse apartamento, Paul? De quem o transformou? – Como ele somente a avaliasse, ela sorriu e acrescentou: – Acho que pode confiar em mim. Estou aqui, não estou? Estou livre da influência dele e... No momento o odeio. É por causa dele que nós estamos nessa situação.

– Pensa assim? – Paul era imagem da desconfiança.

– Penso. – Muito segura Dana lhe segurou as mãos. – E quero que confie em mim.

Paul olhou para as mãos sobrepostas, então a encarou por um tempo que pareceu infinito até que finalmente sorrisse confidente.

– Esse apartamento é de Seager. Você o conhece. Foi ele quem me levou ao hospital naquela manhã em que eu os flagrei...

– Por favor... – ela começou realmente preocupada. – Me perdoe por aquilo. Eu estava fora de mim... Jamais trairia você, sabe disso!

Decididamente Dana se sentia o próprio Pedro ao renegar seu amor tantas vezes, e seria também Judas ao se deixar ser transformada, mas não via outra saída. Era para o bem de todos, para o bem de Ethan!

– Agora sei disso, anjo. Eu confio em você.

– Então me conte.

– Seager me levou ao hospital aquele dia. Primeiro ele me deixou lá, mas depois voltou e me levou para um lugar reservado. Foi quando contou o que eu precisava saber. Evidente que não acreditei, imagine... Vampiros!... Então ele me mostrou. Mordeu a própria mão e depois me mordeu sem que eu pudesse me defender. Depois me obrigou a ver o ferimento se fechar em instantes. Diante daquilo eu não poderia mais contestar.

Enquanto o ouvia contar em detalhes tudo o que Seager revelou, Dana tentava domar as batidas de seu coração. A cada nova ofensa dirigida a Ethan, ela travava sua boca para não retrucá-lo. Talvez acreditando que suas reações faciais fossem em solidariedade à sua causa, Paul prosseguia, inflamado. Ficou claro que conhecia a vida de Ethan em detalhes, inclusive a traição de Justine, os ardis para roubá-la dele até que chegasse a parte relevante.

– Seager me transformou para que eu o ajudasse. Parece que mesmo sendo poderoso e antigo não tem força suficiente para acabar com o bastardo. E eu, por ser novo, seria mais forte. Em troca ele me prometeu você, mas eu teria que esperar até que nós dois tivéssemos nossa vingança. – Ele a olhava duramente. – O bastardo é reincidente. Também roubou a mulher de Seager. Bem, ele não conseguiu a dele de volta, mas eu consegui você. Só que com isso eu acho que arranjei um problema, afinal devo obediência a quem me transformou.

Era horrível saber que ela não foi a primeira a ser roubada, mas seu ressentimento se tornou algo menor ante ao óbvio.

– Espere! Então esse apartamento é de Seager? – Dana indagou, expectante. Paul assentiu. – E ele está fora da cidade agora?

– Por que me faz repetir o que já sabe? – Paul se mostrou impaciente.

Porque, Dana pensou, até onde sabia Seager estava na cidade. Ethan se encontrou com ele há dois dias e Joly contou durante a partida de xadrez que Thomas o seguia para descobrir algo novo. Não foi Seager quem o transformou e, fosse quem fosse, o estava enganando. Bem, não seria ela a alertá-lo.

– É que são tantas novidades! – Deu de ombros, então, para adulá-lo, acrescentou: – Entendo sua vontade de vingança, mas estou preocupada com Seager. Ele pode voltar de repente e me descobrir aqui... Acho que você está nos colocando em perigo, sem necessidade.

Paul ponderou sempre a encarando, agora sendo ele a lhe prender as mãos.

– Acho que você está certa, anjo... Eu não deveria ter trazido você para cá. Mas não pense nisso agora. Amanhã pela manhã eu procuro outro lugar para nós.

– Por que não agora? – insistiu. – E se Seager simplesmente aparecer. Acho que não deveríamos pecar por excesso de confiança... meu amor.

Paul sorveu o ar pela boca e seus olhos brilharam significativamente. Dana temeu ter ido longe demais. A tensão pôde ser sentida no ar e ela se enregelou ao ter seus dedos apertados de forma sugestiva. Então, para seu alívio, Paul relaxou e sorriu.

– Acho pouco provável, anjo – tranquilizou-a com sua voz muito rouca. – Da última vez que mantive contato com a vampira, ela deixou escapar que Seager foi atrás da outra, ou algo do tipo... Enquanto não a encontrar não vai voltar.

Tanta informação que Dana não conseguia assimilar. Paul citou duas vampiras. Raquel e quem mais? E havia dois Seagers: o real e o impostor. Definitivamente Ethan tinha muito mais problemas do que poderia supor. Se ao menos tivesse como alertá-lo desde já.

– Olhe para você! – Paul a despertou do transe. Ao encará-lo, descobriu o olhar enlevado. – Está mesmo preocupada comigo!

Dana somente assentiu e sorriu. E novamente a tensão os envolveu. Talvez animado por ter a cumplicidade dela, Paul se aproximou. Foi com o coração aos saltos que ela o viu mirar sua boca e umedecer os próprios lábios. Quando ele se inclinou em sua direção, Dana enrijeceu e esperou, porém Paul torceu o nariz e levantou abruptamente, rosnando baixo.

– Definitivamente temos que arranjar um jeito de livrar você desse fedor!

∞

Quando despertou, o sol já ia alto. Dana piscou algumas vezes sem reconhecer o quarto. Então, de repente, as lembranças do dia anterior a atingiram como um raio.

– Ethan... – murmurou, sentando-se abruptamente.

Ao fazê-lo, a coberta escorregou por seu dorso, diretamente sobre sua pele. Em choque Dana se descobriu seminua, vestia somente uma calcinha preta comprada por Paul.

Imediatamente ela puxou as cobertas até o queixo e olhou em volta sentindo o coração aos saltos. Nem mesmo perceber que estava realmente sozinha a tranquilizou.

Somente por imaginar que Paul a despiu enquanto dormia revirava seu estômago. Agora também se lembrava que ele a encontrou insone ao voltar de sua caçada e ordenou que dormisse. E então a despiu! Que grande filho da...

– Argh! – Dana se deitou e tentou não se desesperar. Paul não suportaria fazer mais do que aquilo, disse a si mesma, prestando atenção ao seu corpo. Não se sentia usada, nem estava úmida como invariavelmente estava ao acordar dos sonhos com Ethan. Mas... Era fato que Paul a tocou.

– Argh! Nojento! – Sem nem retirar a calcinha foi direto para o chuveiro. – Nojento asqueroso dos infernos!

Sentindo-se imunda, esfregou-se fortemente com o sabonete perfumado como se em partes distintas de seu corpo carregasse alguma nódoa. Somente quando estava prestes a esfregar também o cabelo se lembrou que não poderia correr o risco de perder o cheiro de Ethan e parou. Ao pensar em seu vampiro estremeceu. Depois daquela noite, provavelmente também cheirava ao imundo que Ethan tanto odiava. Inferno!

Se fosse rejeitada teria que entendê-lo, afinal assumira o risco ao deixar sua proteção. E o que seria pior... Ethan poderia entender sua ação como uma troca e estar naquele instante providenciando uma caixa para seu coração.

De toda forma, aquela não era hora para pensar na volta, nem temer ser morta por seu noivo. Estava no território do inimigo, fosse ele quem fosse. O falso Seager poderia voltar a qualquer instante e só Deus saberia dizer o que faria ao saber que foi desobedecido.

Sentindo-se enregelar, Dana saiu do chuveiro e se secou rapidamente. Ao deixar o quarto já estranhava não ter sido procurada por Paul. Na verdade, tinha certeza de que estava sozinha, pois não o sentia perto. Ao pensamento, no corredor, a curiosidade acerca do luxuoso apartamento aflorou.

Decidida, testou a maçaneta mais próxima. A porta estava destrancada, então entrou. As janelas estavam fechadas. Dana acendeu a luz, pois seria melhor deixar tudo como estava. O quarto era espaçoso, decorado com bom gosto e claramente com toques femininos. Ao abrir o vasto guarda-roupa confirmou suas suspeitas. E se admirou com o gosto refinado e caro da mulher em questão. Notou também que havia poucas peças, como se ela estivesse de passagem.

O quarto seguinte também estava com as janelas fechadas. Depois de acender as luzes, Dana começou sua inspeção. Esta foi breve, pois não havia nada de diferente do outro e também pertencia a uma mulher, com o gosto para moda tão apurado e refinado quanto o da outra.

No terceiro quarto novamente encontrou roupas de mulher. Três mulheres! Dana divagou ao lembrar os tantos vampiros dos filmes que sempre apareciam com três esposas, três noivas... Seria possível que o falso Seager imitasse a trigamia do ser literário?

O último quarto no qual entrou tinha a decoração sóbria e sofisticada, nada feminina, como o quarto que Paul a instalou. Porém, aquele era maior, com TV fixada à parede e um *closet* onde ela encontrou ternos, muitos deles, e camisas, gravatas. Aquele espaço poderia pertencer a Ethan, por exemplo. Ou mesmo a Seager... Dana já não sabia de mais nada.

Sua única e súbita certeza era a de que não queria mais ficar ali onde Paul a deixou. Sozinha! Nem queria imaginar o que o dono do apartamento, ou uma das três vampiras, ou todas elas chegassem e a encontrasse. Joly agora estaria em segurança e ela poderia pedir para que Thomas vigiasse o prédio onde morou, qualquer coisa para que não fosse preciso correr o risco de um dia Paul a levar para a cama, nem ser usada como isca para atrair Ethan.

Decidida a tentar escapar, Dana deu meia volta. Foi quando avistou, num canto do armário, junto à porta do *closet*, algo destoante. Um vestido azul curtíssimo. Algo no tom do cetim lhe despertou o conhecimento, mas Dana não quis elucidar por quê. Já havia perdido tempo demais!

Na sala, ela andou diante da porta principal sem saber como faria para sair. Pedir socorro não era opção. Mas, pensou, havia alguém que talvez a tirasse daquela situação. Valendo-se do interfone, esperou que atendessem na portaria.

– Oi... – Respondeu ao cumprimento solícito. – Eh... Eu precisava de um favor. Meu amigo saiu e por engano me deixou trancada, poderia subir aqui e abrir a porta?

– Você está no apartamento 705. – Não foi uma pergunta. – Não há engano senhorita. Não posso ajudá-la, me desculpe. Feliz Dia de Ação de Graças!

Foi inevitável não se frustrar mesmo que fosse um fraco palpite. Afinal, se Paul não tivesse induzido o porteiro, nem estariam ali. Droga!

Deixando que sua frustração ganhasse força, voltou até a porta da sala. Se precisasse entrar, poderia chutar a fechadura até que ela cedesse, mas estando dentro...

– Isso! – exultou ao olhar o canto direito da porta.

Dana correu de volta à cozinha. Precisava de algo forte e pontudo. Após uma rápida inspeção – e encontrar o que antes foi seu celular – constatou que aquele apartamento pertencia a vampiros que não se preocupavam com aparências. Não havia nada útil aos mortais. Tudo o que encontrou foi o garfo e a faca que usou na noite anterior. Teriam de servir, ela pensou ao voltar até a porta para colocar a idéia em prática.

Para sua surpresa, o mais trabalhoso foi conseguir mover o pino e erguê-lo com a ponta da faca até que pudesse encaixar o cabo do garfo. Tentando controlar a ansiedade e o riso

de alegria pela ínfima vitória, Dana tratou de exercer pressão para que o pino saísse completamente da dobradiça.

Estava prestes a conseguir, quando ouviu o chacoalhar de chaves do lado de fora. Calando um palavrão, ela correu até o sofá e praticamente se jogou sobre o encosto. Depois de esconder os talheres sob as almofadas soltas, se sentou, rogando para que Paul não tivesse ouvido que tentava fugir.

A porta foi aberta enquanto Dana tentava acalmar o coração, mas não foi seu captor quem entrou, sim, uma desconhecida. Como ela temia!

A recém-chegada possuía uma beleza estonteante, o cabelo escuro, longo e lustroso, contrastava com a pele pálida e caía graciosamente pelos ombros e costas. Dana tinha certeza de que nunca a viu, mas pôde notar nos olhos azuis, assustadoramente frios, todo o ódio que dirigia a ela. Foi inevitável engolir em seco quando a imortal entrou e fechou a porta atrás de si, sem trancá-la.

Sustentando-lhe o olhar a mulher se aproximou, deixou o casaco, uma mala pequena e uma bolsa sobre o sofá. Durante toda ação Dana não ousou se mexer.

– Ora, ora se não é o petisco preferido de Ethan McCain! – debochou.

Eriçada, ainda completamente paralisada, Dana a viu se aproximar lentamente, medindo-a de alto a baixo. Sem cerimônias, passeou ao redor de seu corpo, farejando. Ao parar à sua frente deu um passo atrás teatralmente para abrir distância.

– Acaso eu errei o feriado? – indagou, simulando confusão. Respondeu-se com um sorriso sardônico nos lábios vermelhos. – Sim, pois hoje é Natal! E como fui uma boa menina Papai Noel me trouxe a porcelana mais cara daquele vampiro metido a valente. Ou estou enganada? O que aconteceu, meu bem?... Ethan a chutou como as outras, não foi?

Como Dana sequer se movia, ela prosseguiu:

– Evidente que cedo ou tarde ele faria isso. Nunca, nenhuma, será boa o bastante para o indefectível Ethan McCain. – O desprezo na voz da imortal era evidente. – E é claro que o novato apaixonado foi correndo recolher o que restou da ex-namoradinha seduzida. Mas quem pode culpá-lo? O amor nos faz tolerantes. Só não sei o que você faz *aqui*. Ela não deveria deixar que Paul a trouxesse...

A vampira falava num sussurro intimista, ponderando, então deu de ombros e seus olhos voltaram a brilhar na direção de Dana.

– Seja como for, não fique triste com o que aconteceu, meu bem... Afinal, das outras que tive o prazer de conhecer, você foi a que mais durou. A última, Laureen, ele manteve por pouquíssimos dias antes de descartá-la, completamente inútil.

Dana queria tapar os ouvidos para não ouvir a voz enganosamente doce e cúmplice. E principalmente para não saber das mulheres descartadas por Ethan. Mas não conseguia se

mover. E se enregelou quando a vampira estendeu a mão e pegou uma mecha de seu cabelo somente para arrumá-la na frente de seu corpo, sempre em gestos teatrais.

Após ajeitá-la com exagerado cuidado sobre o ombro, ela avaliou seu trabalho e então correu as costas dos dedos ao longo do pescoço, descendo-os lentamente em direção ao colo. Quando estavam inconvenientemente próximos ao seio, Dana reagiu e bateu na mão para afastá-la. A vampira a olhou com surpresa antes de abrir um sorriso debochado.

– Hummm... E a porcelana não gosta de ser tocada!

– Não – Dana confirmou ao achar sua voz – E agradeceria se não repetisse.

– Entenda... Dana, não é mesmo? – Ao vê-la assentir, prosseguiu: – Então... Dana. Infelizmente não posso atendê-la, mas vou explicar por quê. Sente-se!

Não existia possibilidades físicas de um coração humano acelerar mais, no entanto foi o que aconteceu à declaração. Nem mesmo Raquel lhe despertou tal pavor.

– Eu disse... sente-se!

Dana obedeceu. Ou melhor, caiu sentada na beirada do sofá agradecendo aos céus pela ordem, afinal não acreditava que suas pernas trêmulas fossem sustentá-la por mais tempo. Sem conseguir desviar sua atenção, Dana esperou que a vampira falasse.

– Vou contar uma historinha que talvez a interesse. Veja bem, Dana... Há 178 anos eu desejo encontrar Ethan. Ethan! – repetiu com escárnio. – Por culpa nossa eu nem ao menos sabia o nome. Sempre fomos tão afoitas que nunca nos preocupávamos com os detalhes. Algo tão insignificante que atrapalhou toda a minha procura. Com o passar dos anos eu perdi minha esperança, mas então... Quando resolvemos vir aqui para conhecer a futura aquisição de nosso senhor, quem eu encontro?

– Ethan.

– Bonita e inteligente! – ela elogiou. – Totalmente diferente da outra... Laureen não soube me responder, acredita?

Na verdade, Dana não respondeu coisa alguma. O nome escapou num chamamento reflexivo, mas ao que parecia, nem Paul a salvaria. De toda forma ela era inteligente. Sabia que aquela era mais uma das vampiras que estiveram com Ethan durante sua transformação. O problema era que não deveria haver outra, visto que somente Raquel escapou com vida.

Quem seria aquela afinal? Importava descobrir quando também sabia que a imortal estava prestes a descontar nela o ódio secular que nutria por Ethan?

– Pois então, meu bem... – ela prosseguiu. – Após anos e anos, quando eu menos esperava, encontro com Ethan bem aqui... E veja que coincidência curiosa. Ele era o escolhido!

– Era? – A curiosidade de Dana se sobrepôs ao temor.

– Sim, pois eu não perdoarei meu senhor se ele insistir em tomar o lugar daquele que matou Sabina. Sempre desculpamos suas loucuras, sempre voltamos mesmo depois de anos de afastamento, mas dessa vez eu não o perdôo. Já faço muito em aturar suas superstições. Irrita-me ver alguém tão poderoso se prender a simbolismos e maldições sem fundamentos. Nesse ponto ele e Sabina sempre foram iguais – salientou com certo desprezo. – Estou cansada de tudo isso! Se ele não tivesse proibido eu já teria matado Ethan. *Você* já estaria morta!

– Por quê? – Dana perguntou num sussurro.

– Porque Sabina morreu por ele! A romântica idiota se apaixonou! Dá para acreditar que alguém se apaixone assim? – ela estalou os dedos. – Pois é... A tonta se apaixonou e quis conservá-lo. E o ingrato retribuiu com a morte. Se minha irmã não servia, nenhuma outra servirá. Não deixarei que coloque nenhuma no lugar de Sabina até o dia de acabar com ele!

– Mas eu não tomei o lugar dela... Ele me descartou, não tenho mais serventia.

– Aí que você se engana, meu bem... Qualquer descarte é sempre bem-vindo. Mesmo rejeitadas vocês conservam o cheiro dele. E você o carrega mais que as outras. Infelizmente Ethan matou a loira, mas ainda pude destroçá-la como fiz com o cara do parque... E com Laureen... Ah, foi perfeito! Era como se eu tivesse Ethan em minhas mãos. Laureen foi fácil de pegar, mas você... Sempre havia alguém por perto. O que não acontece agora, não é mesmo?

Dana se empertigou ao vê-la se agachar à sua frente. Sua coluna era atacada por sucessivos calafrios.

– Não precisa ficar com medo, meu bem... Agora entende porque não posso atendê-la? Vou tocá-la... Mas não sou irracional. Entendo que a culpa por Ethan ter se voltado contra nós não é sua, então serei gentil. Sempre as mato com amor. E o que faço depois já não importa.

– Fique longe de mim... – Dana quis ser incisiva, mas sua voz não passou de um sopro indeciso. Demonstrando não se importar com sua resistência, a vampira riu abertamente e se pôs de pé, afastando-se sem deixar de olhá-la.

– Não é opcional querida, mas posso facilitar para você. Basta ver em mim quem mais deseja.

E o impossível aconteceu. Bem diante dos olhos incrédulos de Dana, a vampira mudou completamente de aparência, ficando a cópia fiel de seu ex.

– Paul?!

– Paul? – A vampira repetiu no mesmo timbre masculino antes de escarnecer: – Então a preciosa porcelana ainda deseja o namoradinho sem graça? Quem poderia imaginar?

Não o desejava! Apenas pensava nele, pois era o único que poderia livrá-la daquela situação. Sempre amaria e desejaria Ethan!

E novamente aconteceu. A vampira se mostrou como seu noivo. Naquele instante Dana entendeu que estava sendo sugestionada. Não era real, tinha plena consciência, ainda assim foi impossível controlar o tremor por estar diante *dele*.

– Ethan!

– Ah, sim! – A voz idêntica à dele agravou os tremores de Dana. – *Eu* posso ser um desgraçado, um assassino filho de uma puta, mas sem dúvida sou muito mais interessante.

Aquele Ethan se agachou diante dela e sorriu. Nesse instante todo o temor se foi e Dana lhe sorriu de volta. Estava encantada, saudosa. Sem que pudesse evitar, tocou o cabelo macio e contornou a curva de seu queixo marcado.

– Isso, meu bem... – ele sorriu mais. – Não precisa ter medo de mim, Dana.

E o encanto se quebrou. Para Ethan ela sempre seria *Danielle*. De súbito a projeção se desfez e Dana viu a vampira odiosa. Num ato reflexo, empurrou-a e correu.

Divertindo-se com a inútil tentativa de fuga, a vampira gargalhou. Contudo logo voltou a seriedade e se endireitou para segui-la. Estava a um passo de alcançá-la, quando a porta principal se abriu com estrondo.

Dana sequer pensou, somente correu e se deixou abraçar por Paul que a recebeu de braços abertos. Imediatamente o ouviu rosnar para a vampira.

– Largue-a seu idiota! – ela ordenou entre dentes. – Não se meta em meus assuntos!

– Você não tem assuntos com ela. – Paul colocou Dana às suas costas. – Mas pode tentar pegá-la, Betânia.

Tremendo violentamente, Dana viu a vampira se desarmar e recuar um passo.

– Sabe que não podemos brigar aqui – ela disse. – Se não fosse por isso eu o ensinaria a não interferir no desejo de alguém mais velho. E já lhe adianto que ele saberá de tudo o que você está fazendo.

– Estou pouco me lixando para suas proibições – Paul retrucou. – Você sabe que não pode comigo. E depois desta noite, quando eu acabar com o bastado não terei que ver nenhum de vocês novamente.

O alívio se transformou em desespero. Paul poderia salvá-la e defendê-la mil vezes, mas ainda era o inimigo e agora dizia que acabaria com Ethan aquela noite?

– Disse que vai se livrar do McCain, hoje? – Dana ouviu a vampira reproduzir sua pergunta, com evidente interesse.

– Vou e nem tente me impedir. – Paul confirmou.

– Quem quer impedi-lo não está aqui. Eu estava pensando justamente o contrário. Gostaria de ajudá-lo. Se me permitisse...

Dana arfou. Para aumentar sua agonia, ouviu-o dizer:

– Toda ajuda é bem-vinda desde que não me tire o prazer de matá-lo.

– Certo! Certo! Apenas me diga como pretende fazer isso.

– Marquei com o cretino no Central Park, à meia-noite.

– Perfeito! – Betânia exultou. – Acho que devo lhe dar os parabéns!

– Não por isso! E quanto a Dana...

– Não se preocupe – assegurou. – Agora seu anjo não me interessa mais. Quero apenas a cabeça de Ethan. Se você a conseguir, nem me importo em não ser eu a tirá-la.

– Melhor assim. Mas não precisamos conversar sobre isso. Não com Dana aqui.

– Por favor, não me mande sair – Dana pediu. Não suportaria ficar confinada num dos quartos sem saber o que acontecia na sala.

– Sim, deixe que ela fique – Betânia fez coro ao se atirar displicentemente no sofá. Sorrindo com malícia acariciou o espaço ao lado. – Venha se sentar aqui, meu bem.

– Pare de provocá-la – Paul ordenou aborrecido. – De toda forma não vamos ficar. Vim somente buscá-la. Consegui outro lugar para ficarmos, pois não quero cruzar com Seager.

– Deixe de bobagem! Já que está aqui, fique. Será somente à noite, não? E pelos meus cálculos Seager vai estar de volta no sábado.

– Certo, ele pode não chegar, mas tem a outra... Esqueci como se chama...

– Raquel. – O nome simplesmente escapou pelos lábios de Dana. Imediatamente dois pares de olhos estavam cravados nela.

– De onde a conhece? – Betânia se pôs de pé abruptamente.

– Sim, anjo, como sabe o nome? – Paul insistiu.

Dana olhou de uma ao outro, tentando ganhar tempo. Não simpatizava com Raquel, mas não queria se envolver em assuntos que desconhecia os detalhes.

– Bem – disse. – Eu não a conheço. Apenas lembrei o nome porque Ethan contou como foi sua transformação.

– Ethan contou nosso segredo a você?! – a vampira a analisava com renovado interesse, e antes que Dana pensasse em responder, ela uniu as sobrancelhas e ciciou: – Na verdade,

agora não faz diferença. O importante é descobrir por que você está mentindo. Ethan não teria como saber o nome dela. Quando ele nos viu nós a chamávamos de Raca.

Alarmada, Dana tentou outra mentira.

– Tudo bem... Ela procurou por Ethan no domingo à noite. Tentou atacá-lo, e...

– Mentira! – gritou Betânia, avançando um passo. Imediatamente Paul estendeu a mão, rosnando em alerta, mas a imortal sequer o olhava. – Raquel jamais o atacaria. Por ela, já teríamos ido embora dessa cidade, deixando todos vocês para trás com suas vidinhas medíocres. O que parece certo é que ela tenha se bandeado para o lado inimigo uma vez que a vontade dela não conta. Eu devia ter previsto. Uma vez traidora sempre traidora!

– Isso é verdade? – Paul se voltou para encará-la. – Ela está com o cretino agora?

– Isso! – Betânia o incitou. – Faça alguma coisa! Obrigue-a falar!

– Cale a boca, Betânia! – Paul ordenou sem desprender os olhos de Dana. Em tom baixo, conciliador, pediu: – Conte a verdade, anjo. Está conosco agora, não está?

Ela assentiu.

– Então diga. O que Raquel queria com o bastardo?

Não se tratava de defender Raquel, Dana apenas sabia que não deveria entregar uma fonte. Especialmente se essa fonte fosse contra toda aquela loucura.

– Eu não tinha como saber de tudo. – Dana optou por uma meia verdade. – Nunca participei de uma conversa entre os dois. E quando Ethan o fazia com os outros, conversavam a portas fechadas ou fora da casa onde ele me mantinha presa. Só sei que ela o procurou, mas...

Betânia bufou exasperada antes de explodir, cortando-a:

– Essa é boa! Quer dizer que era mantida em cativeiro? E Ethan revelou nosso segredo a uma prisioneira? Então devo entender que desenvolveu alguma espécie de síndrome de Estocolmo? Era por isso que tentava fugir quando cheguei aqui?

Ao se calar Betânia recuperou os talheres que Dana escondeu sob as almofadas e apontou para o pino erguido ainda na dobradiça. Paul acompanhou os gestos amplos da vampira então encarou Dana. Tendo o rosto transfigurado, pegou-a pelo braço e a levou para o quarto. Arrastou-a sem cuidado e ao entrar, empurrou-a sobre a cama e fechou a porta com violência. Seus olhos negros queimavam como duas bolas de fogo.

– Todo o tempo você mentiu para mim! – esbravejou.

– Não, Paul. Eu...

– Cale a boca! Não quero ouvir a sua voz Danielle Hall. Eu a recebi de volta, perdoei sua traição e você continuou a me enganar? Se não fosse por Betânia, quando eu chegasse aqui você já teria ido embora! Teria corrido para o bastardo! Cobra!

De súbito, boa parte dos temores de Dana se esvaiu.

– Sim, eu teria ido embora e com sorte já estaria com Ethan – retrucou. – Com *Ethan* ouviu bem? Ele tem nome! O único bastardo odioso filho de uma puta metida que conheço é você!

Nunca fora afeita a palavras chulas, mas se era para morrer, que fosse rápido e indolor. Após sua explosão, viu o rosto de Paul se tornar uma máscara dura de ódio extremo. Nem ao menos teve tempo de se encolher quando ele avançou, pegou-a pelos ombros e a ergueu até que ficassem cara a cara.

– Retire o que disse! – vociferou entre dentes.

– Certo... Sua mãe não é metida.

Paul rosnou para ela. Não naquele timbre bom e excitante que Ethan reproduzia às vezes, mas daquele jeito que enregelava a alma sempre que as feras estavam prestes a atacar.

Capítulo Trinta

– Inferno! – Ethan se levantou, aborrecido. Abriu a porta de chofre, deixando evidente todo seu azedume. – O que quer? – perguntou a Joly, voltando a sentar na poltrona para fitar a cama.

– Como o que quero? – Ela foi se sentar no sofá. – Quero saber como você está? Sabemos que não saiu para se alimentar. Isso não está certo, Ethan!

– E você sabe dizer o que é certo? – ciciou.

– Não vim brigar com você, nem quero aborrecê-lo, mas como poderá ajudar Dana se estiver fraco?

– Danielle não precisa de minha ajuda. Apenas que eu a encontre e a pegue de volta.

Joly olhou para a cama que Ethan mirava fixamente e então novamente o encarou, preocupada.

– Tem idéia de como vamos fazer isso? Eles não estão no apartamento de Paul, eu verifiquei. Você também foi lá?

– Não perderia meu tempo!

Não quando sabia ser inútil e recuperar Danielle fosse uma questão de tempo. O maldito tempo que contou os minutos até que completassem horas. Quatorze horas sentindo a aflição de Danielle e tentando não se desesperar quando não a sentia. O maldito tempo que parecia se arrastar agora que tinha alguém tagarelando em seu ouvido.

– Você está certo – Joly falou ao seu lado –, mas eu precisava tentar. Bem... Sabe que Thomas está aqui ao lado. Ele achou melhor que eu viesse sozinha. Mesmo entendendo o que você está passando ainda está chateado pela forma que nos tratou. Ou como ele o tratou...

– E Thomas tem toda razão... Em ambos os casos. – Ao se calar, Ethan olhou-a pela primeira vez desde que entrou. – Mas você sabe que não vou me desculpar por aquilo, não é? Também não espero que ele se desculpe. Eu faria o mesmo.

– Apenas eu devo pedir desculpas. Eu a perdi.

– Sim, você perdeu – repetiu sem inflexão, voltando a olhar a cama.

Novamente tentou se perder em suas lembranças de Danielle ou em seus sentimentos para não sucumbir a sua falta. Nem percebeu que a amiga novamente acompanhou seu olhar com as sobrancelhas unidas antes de voltar a encará-lo.

– Certo. Mas essa foi minha única falha ao contrário de você que...

– Agora quer discutir nossas falhas?

Joly se manteve em silêncio até que suspirasse.

– Ah... Me desculpe! Realmente não é hora de trocar acusações. E, bem... Thomas tem novidades – contou receosa. – Ontem, quando o chamei para que estivesse comigo quando você voltasse. Ele... – Joly se interrompeu para em seguida pedir: – Converse comigo. Vai ajudar a passar o tempo.

– Nada ajuda.

– Certo!... Mas acho que você deve saber o que Thomas descobriu.

– Diga de uma vez.

– Bem... Depois que Seager deixou o restaurante, Thomas viu Raquel abordá-lo.

Ethan finalmente prestou atenção.

– O que mais?

– Thomas não tem certeza, mas disse que os considerou muito próximos.

– Próximos? – Ethan franziu o cenho.

– Sim. Como um casal que tenta ser discreto.

Raquel e Seager juntos? Pouco provável. Ethan ainda lembrava o desprezo com o qual ela se referiu ao vampiro sem estirpe, um peão, fraco.

– Thomas pode ter se enganado.

– Talvez – Joly deu de ombros. – Não a conheço, não posso opinar. Depois eles foram para o apartamento de Seager. Thomas esperou por uma hora, mas como não desceram e ele não conseguiu falar com você, achou melhor voltar ao escritório para lhe contar o quanto antes... O resto você já sabe.

– Sim, eu sei – ruminou, antes de subitamente voltar ao silêncio, sentindo a nova opressão em seu coração, a opressão de Danielle. Algo deveria estar acontecendo!

– Ethan? – Joly chamou. – Você ouviu o que eu perguntei?

Desviando os olhos da cama ele se obrigou a encará-la, mas não respondeu.

– Eu perguntei por que não tira os olhos da cama?... É assustadora a forma com que fixa o olhar... Parece que está vendo alguma coisa ou alguém.

– É complicado explicar... De toda forma daqui a pouco vou sair. Tenho que me alimentar, como salientou. Depois vou buscá-la.

– Vai buscá-la?! Onde?! – Ethan não respondeu, levando-a a explodir: – Droga! Divida comigo... Acha que também não estou sofrendo? Como sabe onde ela está? Por que ainda não foi? Diga de uma vez e iremos todos.

– Vocês ficam de fora. O rábula é meu!

– Até parece! – Joly se levantou. – Não sei o que vai fazer, mas ir sozinho é suicídio. Paul com certeza terá companhia. E o pior, vai levar Dana só para distraí-lo. Isso é bem a cara dele! E ele levará a melhor, porque você só terá olhos para ela. Vai...

Ethan deixou de ouvir o discurso exasperado. Alarmado se pôs de pé, assustando Joly. Ele simplesmente não sentia a aflição de sua noiva. Absolutamente nada! Sem pensar, foi até a porta. Algo naquele novo silêncio o compelia a sair, a agir.

Joly tentou impedi-lo, e Ethan a tirou do caminho. Não foi violento, somente a afastou e saiu. No corredor se deparou com Thomas. Seus olhares se cruzaram por um breve instante no qual Ethan o cumprimentou silenciosamente com um aceno de cabeça antes de correr escada abaixo, não se importando em ser rápido demais.

Queria ir para o Central Park, esperar pelo confronto, contudo não se afastou três quadras antes de parar. Àquela hora o parque estaria mergulhado no caos por conta dos desfiles do Dia de Ação de Graças. E claro, ele estava fazendo tudo errado!

Com um esgar aborrecido, deu meia volta. Não demorou quase nada em sua breve saída, ainda assim Ethan agradeceu por encontrar o carro de Joly diante do velho prédio de Danielle.

Encontrou o apartamento da amiga de porta aberta. Ao parar no limiar, tendo as mãos nos bolsos da calça, ouviu Joly dizer sem arrogância:

– Eu sabia que voltaria.

Ethan ergueu uma sobrancelha, inquiridor.

– Certo! Eu não sabia, mas esperava que voltasse – ela corrigiu. – E você voltou!

Assentindo, Ethan entrou e imediatamente pousou o olhar em Thomas. Agora, lúcido, não se orgulhava por ter rosnado ou avançado contra o amigo. Saboreava apenas certa satisfação por tê-lo ajudado a descobrir sua força.

– Nós nos excedemos. – Thomas parecia ver em sua cabeça – Sabemos que lamentamos então não vamos nos prender a desculpas, está bem?

Ethan novamente assentiu.

– Só quero que saiba que eu nunca a machucaria. – Foi tudo que disse naquele sentido e Thomas igualmente assentiu. – Sobre a força... – instruiu, movendo as mãos, sem jeito. – Se você... se concentrar pode dominá-la... Foi assim comigo. Já lhe disse que pude manter a porta fechada... Posso apagar e acender luzes... Deve ter mais, mas... Enfim...

– Eu vou trabalhar nisso – Thomas prometeu.

– Fico feliz que tenham se entendido – Joly comentou, dissipando a desconcertante tensão. – Já que estamos todos de bem, agora vai nos dizer por que voltou?

– Eu preciso de vocês. – Ethan passou a mão pelo cabelo ao admitir o óbvio. – Sozinho não conseguirei recuperar Danielle.

Joly não sorriu, mas o contentamento em seu olhar era claro como o dia.

– Ouvi sua conversa com Joly antes que saísse – disse Thomas, indo se colocar ao lado da companheira. – Então esse encontro é certo?

– Paul marcou no Central Park, à meia-noite de hoje.

– Eu concordo com Joly. Ele não vai estar sozinho. E se estiver, vai usar Danielle para distraí-lo. Mas o provável é que vá com quem o criou.

– Pelo que ele me disse, quem o transformou não queria um confronto entre nós. Acho que ele vai sozinho e se você ouviu tudo que eu disse, sabe que *é meu*. – Ethan enfatizou. Aceitaria ajuda, mas de ser ele a dar o merecido fim ao rábula não abriria mão. – E ele vai levá-la, eu sei. Não posso correr o risco de algo grave acontecer a Danielle por algum deslize.

– Estaremos lá – garantiu seu melhor amigo. – Somente nos diga o que pretende fazer.

Ethan riu sem humor. Uma reação espontânea à ironia de ver-se sem direção.

– Eu simplesmente não sei o que fazer... Só sei que preciso resgatá-la, incólume.

– E vai! – Joly garantiu e se comprometeu. – Não deixarei que perca o foco.

Ethan somente pôde assentir. Sempre se considerou o senhor de tudo e de todos, e no momento se sentia a mais fraca de todas as criaturas. E já que estava sem Norte, foi com reconfortante alívio que deixou os amigos determinarem o que deveria fazer. Em sua cobertura ou no apartamento ao lado, não importava, ele deveria descansar sua mente até que escurecesse, aconselhou Joly. Depois, deveria sair e caçar para então seguirem junto ao parque determinou Thomas.

Como ainda faltava muito para a meia-noite, Thomas iria novamente seguir o rastro de Seager. Se Raquel estivesse com ele, talvez pudesse abordá-la e tentar conseguir alguma informação útil.

– Sendo assim vou com você – anunciou.

– Não, Ethan. O melhor é...

– Vou com você e não se fala mais nisso. – Apesar da firmeza não foi rude.

Ao aquiescer de Thomas, Joly se ofereceu para acompanhá-los. Seguiram no Austin Martin, com Ethan ao volante. Se qualquer um de seus amigos achou imprudente sua forma de dirigir, nada comentaram. Em menos de vinte minutos estavam diante do edifício onde Seager morava.

Ethan foi o primeiro a deixar o veículo e, impaciente, esperou que Thomas descobrisse se o sócio estava em seu apartamento. Quando o amigo trouxe a confirmação, sem nem ao menos pensar, Ethan se dirigiu a passos largos até a entrada. Antes que alcançasse a porta principal Thomas se colocou à sua frente.

– O que pensa que está fazendo?

– Não penso... Vou subir.

– Não considero prudente.

– Ultimamente não temos conseguido nada sendo prudentes. Se Seager sabe de alguma coisa, qualquer coisa, eu preciso ter conhecimento.

– E se Raquel realmente estiver com ele? – Joly perguntou preocupada.

– Tanto melhor! – Ethan retrucou antes de seguir para a porta, ordenando: – Quero que fiquem aqui. Joly pode cuidar do saguão e você da entrada de serviço. Não quero que detenham ninguém, mas se algum imortal passar por vocês, sigam-no.

Passar por um porteiro jamais seria problema. Logo Ethan estava no elevador, rumo ao andar indicado. Bastou caminhar ao longo do corredor para que ele ouvisse sons característicos, que ficavam cada vez mais audíveis à medida que se aproximava. Ignorando a campainha e sem se importar em interromper o que faziam, Ethan bateu à porta. Em pouco mais de um minuto Seager atendeu, vestido apenas com o *short* de pijama.

– Senhor McCain? – Ele se mostrou surpreso. – O que faz aqui?

Ao sentir o cheiro de álcool e sexo, lamentou não poder entrar. No segundo seguinte deu um passo decidido à frente ao se lembrar que entrou no apartamento de Paul. Poderia esbarrar na barreira, mas não aconteceu. Ethan parou no meio da sala, encobrendo sua incredulidade. Seager em momento algum o deteve apenas se mantinha a encará-lo com a surpresa anterior. Mas uma vez que estava dentro, não tinha nada a falar com ele.

– Raquel! – chamou impaciente. – Sai ou irei até aí onde está! Preciso falar com você. É importante.

Quando Ethan se preparava para percorrer os quartos, Raquel apareceu. Sem demonstrar qualquer pudor, se apresentou usando a camisa do pijama de Seager, fechada apenas pelos dois últimos botões.

– Os cidadãos desse país não têm o direito de aproveitarem o feriado em paz?

Ethan estava mais preocupado em entendê-la do que ouvir falsas lamúrias. Há apenas quatro dias ela demonstrava um desprezo profundo por Seager, no entanto...

– Vejo que aprendeu alguma coisa – ela comentou, cortando se raciocínio. – Seager me disse que nunca esteve aqui, e mesmo assim entrou sem ser convidado.

– Já tinha acontecido antes. Entrei no apartamento de Paul, dias atrás – revelou nem sabia por quê.

Raquel estreitou os olhos, avaliando-o, então disparou:

– Não faz à mínima idéia de como conseguiu, não é?

Ethan empertigou-se. Não foi ali para ter sua ignorância novamente citada.

– O que realmente me interessa descobrir é quem é você! Uma rainha altiva que reclama da insubordinação dos peões, mas fornicava com eles. Seu rei sabe dessa prática?

– Deixe Graco fora disso! – Raquel pediu exasperada, cruzando os braços sobre o peito. – Acho melhor dizer logo o que deseja para que possa ir embora.

Estavam se desviando do foco. Com um bufar aborrecido, Ethan tentou se acalmar.

– Escute! – começou apaziguador. – Realmente não é da minha conta, desculpe-me. – Ao colocar as mãos nos bolsos, sentiu o anel de noivado e o apertou. – Paul está com Danielle – revelou – e eu queria saber de Seager se tinha alguma informação, mas como você está aqui, acho que é a mais indicada para me ajudar.

– Sinto muito, Ethan! – O pesar causou estranheza, pois pareceu sincero. – Infelizmente nada podemos fazer. Seager e eu não o encontramos, então lavei minhas mãos. Dou-lhe minha palavra que não sabemos sobre isso. Só posso afirmar que se Paul sequestrou a humana foi contrariando ordens e dificilmente ficaria onde pudesse encontrá-lo.

Nada que ele não soubesse. Naquele instante, arrependido da provocação inicial, arriscou:

– Mas já que citou nosso encontro, vale lembrar que você queria minha ajuda para eliminá-lo. Não sabemos onde ele está agora, mas Paul e eu temos um encontro marcado esta noite no Central Park. Não gostaria de acabar com ele, junto comigo?

Ainda mantendo a camisa bem fechada, Raquel arrumou uma mecha de cabelo atrás da orelha.

– Tentador, mas agora que Paul está fora de controle, não quero me envolver. Ele estava terminantemente proibido de tocar a humana. Se o fez é porque perdeu o medo de seu criador e isso o torna ainda mais perigoso. Conheço a intensidade de sua força, Ethan. Acho que pode se sair bem contra ele. Você não precisa de mim.

Surpresa seria se ela se aliasse a ele, Ethan concluiu. E uma vez que nada conseguiria ali, simplesmente lhes deu às costas e se foi. Raquel o chamou de volta, mas não foi atendida. Outra hora tentaria entender aquela estranha relação daqueles dois. No momento, tudo que lhe interessava era saber como chegaria até a meia-noite sem perder a sanidade.

“Se o fez é porque perdeu o medo de seu criador e isso o torna ainda mais perigoso”.

Danielle estava em poder daquele louco! E ele não a sentia.

Bastou deixar o prédio para ser cercado por seus amigos. Não havia muito a contar. A parte emocionante foi novamente entrar sem ser convidado. Além disso, não conseguiu nada novo. Depois de combinarem o próximo encontro, já no Central Park, Ethan os deixou.

Dispensando o oferecimento de ficar com o carro de Joly, ele seguiu ao seu edifício a pé. Permaneceu em sua cobertura, tentando ignorar a quietude em seu peito, até que fosse hora de sair para sua caçada. Não iria ao encontro de um inimigo, enfraquecido. Quanto àquele detalhe Joly jamais teve com o que se preocupar.

Então era hora!

Não meia-noite, infelizmente, mas estava no Central Park. Estaria pronto para quando Paul chegasse, levando Danielle. O silêncio dela ainda o massacrava, mas ali, em meio às árvores de onde a conheceu, sentiu que o fim de sua agonia estava próximo. E assim, estranhamente pacificado, Ethan vagou pelas calçadas até chegar ao mesmo banco em que a viu sentada pela primeira vez.

Tinha sido recuperado de seu vandalismo então Ethan sentou e ajeitou o sobretudo preto sobre os ombros, maldizendo o frio daquele início de tarde.

Não seria diferente afinal o inverno estava cada vez mais próximo, e ele não se queixava por si, mas por Danielle. Esperava que o rábula, ao levá-la para a zona de guerra, tomasse o devido cuidado e a agasalhasse. Ethan riu escarninho de sua nova postura. Decididamente o amor de Danielle o havia tornado uma criatura melhor.

Esperava somente ser perdoado por falhar em protegê-la e ter a chance de retribuí-la, livrando-a de sua mortal fragilidade transformando-a na vampira que, ele tinha certeza, seria extraordinária. E então Ethan sorriu. Novamente a sentia!

∞

Enquanto passeava o dedo pelo rosto anguloso, perfeito, sentia seu coração inundado de amor verdadeiro, eterno. Sabia que sim, pois lia a promessa nos olhos muito verdes apesar da escuridão reinante na praia.

Sentia seu coração bater em sincronia ao dele. Os lábios, antes frios, estavam numa temperatura agradável. Como a mão que a acariciava. Ela estava com saudade daquele beijo, daquele toque, daquela praia, onde o relacionamento impossível, enfim, começou.

Era inverno, e tampouco ela sentia o frio do mar em seu corpo nu, atado ao dele. Um corpo forte que instigava, tomava. Tanto que ela sentiu o desejo incontável de mordê-lo. Sabia que somente lhe faria cócegas, mas não resistiu e cravou os dentes em seu pescoço. Ele arfou quando o sangue inundou sua boca. O sangue dele? Impossível!

Dana despertou sentada, ofegante, aturdida. Com a vista turva repetiu a expressão de sua incredulidade:

– Impossível!

Depois de piscar algumas vezes para despertar completamente, Dana olhou em volta e estacou. Lembrar de onde estava sendo encarada por Betânia não foi a melhor experiência de sua vida.

– Sonhos perturbadores? – Seu sorriso era sarcástico, a voz, arrastada. – Pelo odor que exalava apostou que era sacanagem... Com Ethan.

Ignorando-a, Dana desceu as pernas da cama para se sentar corretamente, lembrando-se também do motivo de Betânia estar ali. Nesse momento foi impossível conter uma careta, pois seus ombros doíam terrivelmente. Com isso lembrou ainda que, mesmo a vampira sendo odiosa, deveria agradecê-la por ainda estar viva.

Sim, pois Paul estava prestes a matá-la – ou algo pior – depois que o afrontou. Ignorando o cheiro de Ethan tentou beijá-la com violência. Felizmente os dentes dele não feriram sua carne enquanto lutava com todas as suas forças para não descerrar os lábios e dar passagem à língua asquerosamente fria. Porém a rudeza da boca faminta espremendo a sua terminou por machucá-la. Antes assim.

Não fosse Betânia ter invadido o quarto e lembrá-lo de sua importância para aquela noite ele teria... Dana nem queria imaginar. O que aconteceu depois ela não sabia, apenas sentia que deveria agradecer a interferência, mesmo que fossem inimigas.

– Obrigada!

– Por que, porcelana? – Betânia perguntou friamente.

– Você sabe.

– Se está se referindo a Paul, sabe que não é o caso de agradecer. Não fiz nada pensando no seu bem-estar. Esse apartamento não pertence a ele para maculá-lo e da forma que estava furioso a mataria antes de ter um *tempo de qualidade* com você. Agora que estou perto de conseguir o que quero, não vou deixar que ele a machuque. Não ainda.

Dana entendia. Betânia nada valia. Era o intruso que vinha perturbando a vida de Ethan, incitara Paul contra ela, mas a manteve viva. Era o que contava no momento.

– Obrigada, mesmo assim.

Cansada de tudo aquilo, Dana tombou para trás e mirou o teto. Seus ombros doeram, provavelmente estavam marcados e saber disso entristeceu-a. Assim, manchada, Ethan não a aceitaria de volta. Como ele acreditaria que não houve traição? E se ele não a aceitasse, como seu sonho, um dia, poderia se tornar realidade? Nunca seria como ele, era um fato.

– A donzela enclausurada está triste – Betânia debochou. – O que há? Percebeu agora que não existem príncipes salvadores? Mas não seja derrotista. Nada é impossível para um vampiro... Quem sabe ele não se transforme num lindo morcego e venha bater em nossa janela?

Dana nada disse, apenas tentou secar as lágrimas traiçoeiras, sem sucesso.

– Sabe o que é mais engraçado, meu bem? – Betânia se sentou ao seu lado, sussurrando confidente. – Ele realmente poderia vir socorrê-la porque conhece esse endereço. Estamos na cidade há praticamente dois meses e ele nunca veio até aqui. Se o todo poderoso Ethan McCain não fosse tão arrogante provavelmente já teria nos descoberto.

Saindo de sua autocomiseração, segura de que Betânia realmente nada faria contra ela para não perder o trunfo, Dana especulou:

– Esse apartamento não é de Seager, não é mesmo?

– Não – admitiu, exibindo um sorriso admirado. – Você sabe mais do que diz e sem dúvida é mais inteligente do que Paul. E digo isso abertamente porque seu ex-namorado pirado saiu para se alimentar sem se importar com o que eu fizesse com você. Estamos sozinhas agora... – ela deu um risinho discreto, odioso. – Mas não se preocupe. Quero-a viva. Bom, voltando ao chato, foi realmente uma jogada de mestre manipular o lunático como estava fazendo. Acho até que deva parabenizá-la, afinal, para uma humana insignificante é muita boa atriz.

– Dispenso elogios – Dana murmurou, pensativa.

– Pois não deveria. Estou mesmo admirada com sua coragem. Se não fosse preciso usá-la para destruir Ethan eu não me importaria que ocupasse a vaga e fizesse parte de nossa família. Você seria uma vampira incrível. Agora eu quase lamento por ter que matá-la.

Completamente alheia às observações maldosas, Dana tentou se concentrar nos detalhes relevantes.

– Se diz que Ethan conhece esse endereço é porque ele conhece o dono, não é?

– Quer saber? – Betânia se mostrou aborrecida. – Retiro o que disse. Você não é tão inteligente quanto pensei. Odeio responder o óbvio. E já que você não está prestando

atenção, acho melhor mudarmos o rumo de nosso papinho... Você ainda me deve uma resposta. O que Raquel queria com Ethan?

– Já disse que não sei tudo... – Dana respondeu desviando o olhar. Tinha esquecido Raquel.

– Humana patética! Acredita mesmo que pode mentir para mim sua idiota?

– Se nosso papinho vai entrar no mérito das idiotias, uma vampira poderosa, capaz de descobrir o que quiser e ainda assim perde tempo com perguntas desnecessárias é muito mais patética e idiota que qualquer humano.

– A porcelana tem a língua afiada! – Betânia disse em tom de elogio, tentando encobrir a raiva estampada nos olhos azuis. – Pois saiba que além de afiada, ela já foi delatora.

– O que quer dizer? – Dana se alarmou.

– Que eu já a induzi, tolinha! Agora eu estava só brincando... É divertido! Ops!... Temos companhia.

– O que eu... – Dana ainda estava aturdida, perguntando-se o que poderia ter dito, quando Paul escancarou a porta.

– Está na hora! – ele anunciou friamente, encarando-a.

As duas mulheres demonstraram reações distintas. Betânia se pôs de pé num átimo com o sorriso luminoso ao passo que Dana se encolheu, sentindo-se miserável.

– Não ouviu o que eu disse? – Paul bradou. – Precisa que eu a levante daí?

– Não, obrigada! – ela respondeu de má vontade antes de se levantar. Diante do que lhe aguardava, nem sentiu o machucado dos ombros. Ao vê-la de pé, Paul se dirigiu à porta.

– Não me obrigue a arrastá-la – alertou.

– Espere! – Betânia interveio, apontando para as roupas de Dana. – Olhe para ela... Ainda é cedo. A flor delicada não vai durar até a noite vestida como está... Para ela o frio será insuportável.

– Não me importa! – Paul garantiu, porém sua voz tremeu. Dana soube que mesmo furioso ele ainda se importava. – Se está preocupada, arrume algo para que ela vista.

– Evidente! Agora que ela é dispensável eu a quero mais forte do que nunca e não que morra de hipotermia antes da meia-noite.

Dana nada disse, não poderia. Contrariando sua impressão, Paul não expressou qualquer alteração às palavras de sua aliada, como se realmente não se importasse com o destino que Betânia pudesse lhe dar diante dos olhos de Ethan.

De repente, ela entendeu a não reação. Se Paul não a teria por inteiro, então que pelo menos sua morte servisse para desestabilizar seu rival facilitando assim sua vitória. Era isso!

Com o pânico se acercando dela, Dana foi arrastada por Betânia sem o mínimo cuidado até outro quarto. Perdida nas visões aterradoras que sua mente começava a projetar, antecipando a luta, não se deu conta de que a vampira estava de volta ao seu lado.

– Acorde Bela Adormecida! – Betânia disse impacientemente. – Agora não é hora de se perder em sonhos.

Sonhos?! Dana reprimiu um riso que se tornaria histérico. Não via a possibilidade de voltar a sonhar.

– O que foi? – Betânia a provocou. – Nenhum comentário ácido? Nada? – Como não teve resposta, deu de ombros e atirou um grosso casaco de lã em sua direção. – Vista isso! – ordenou.

A vontade de Dana era atirá-lo na cara da vampira, mas sabia que nada conseguiria com a reação infantil, então a obedeceu. Ver a marca famosa deu a ela uma forma de reagir. Enquanto prendia o cinto da peça, liberou o comentário maldoso:

– Para quem vivia no meio do mato, seu gosto para moda é apurado. Uma evolução e tanto para alguém que deveria usar tapa-sexo de folhas e penas. Ou você viva ao natural, mostrando apenas suas escamas?

– Rá! Rá! – Betânia afastou as mãos dela para testar a firmeza do cinto. – Não me ofende ao me comparar com uma cobra; gosto delas. Elas são lindas em sua maioria, frias como eu e mesmo despertando o medo, são fascinantes.

– E a gente mata pisando em suas cabeças – Dana observou secamente.

– Não a minha, meu bem! – garantiu antes de puxá-la pelos cabelos até a penteadeira, ante a qual a soltou para fazer um rabo de cavalo em seu cabelo. – Vamos deixar seu pescoço livre. Quero que Ethan tenha uma boa visão quando eu o partir.

– Se não se adiantar quem vai perder o pescoço aqui é você – disse Paul da porta. – Está me atrasando com toda essa conversa fiada.

Capítulo Trinta e Um

Ao ver as árvores, assim que entraram na 5th Avenue, Dana estremeceu. Alheios à sua aflição, os vampiros seguiam em silêncio até que Paul estacionasse o carro e a obrigasse a sair.

– Está amarelando, anjo? – perguntou ao ver sua expressão nauseada. – Não era isso que queria? Voltar para *Ethan*, o bastardo que tem nome?

– Nomeado ou não, hoje ele deixa de existir. – Betânia estava animada. – Finalmente!

Dana não retrucou, apenas se deixou guiar pela mão de Paul. Não sentia sua cabeça, onde Betânia pegou seus cabelos ou seus ombros doloridos ou os lábios ainda inchados. Via as pessoas e os carros passarem em câmera lenta, como se estivesse presa num pesadelo.

Os vampiros caminhavam lentamente por entre os poucos ocupantes das vias internas do parque, mas poderiam estar correndo que não faria diferença para ela. Quando chegaram ao Peregrino, inexplicavelmente Dana soube que o encontro se daria ali.

– Isso é quase um *déjà vu*, não é anjo? A única diferença é que agora não precisa me esperar. Estou aqui e não trepando com Melissa sobre a mesa de meu escritório.

Dana sequer o olhou. Seria possível que ele não tivesse se dado conta do que sua traição desencadeou? Então, tudo pareceu tão engraçado que ela se viu obrigada a sufocar o riso e, ao não conseguir, irromper numa sonora gargalhada, agravada por seu nervosismo. Queria parar, estava às lágrimas, mas ver o olhar furioso de um e a surpresa de outra agravou seu riso frouxo.

– O que pode ser tão engraçado? – Paul quis saber.

Dana não respondeu. Depois de olhar em volta e ver que ela chamava a atenção sobre eles, Paul a abraçou pelos ombros e pressionou sua carne machucada. Com isso o riso morreu e as lágrimas passaram a ser de dor.

– Fiz uma pergunta! – ele disse ríspidamente. – Qual a graça em saber que eu a deixei aqui? Que foi trocada por outra?

– Essa é a piada. – Dana tentou não hesitar, apesar do choro. – Você não me trocou, só colocou as coisas nos eixos e sabe disso. Se tivesse vindo, Ethan não teria me conhecido... O resto da história você conhece, não? Talvez eu devesse te agradecer...

– Pois hoje eu retiro essas mesmas coisas do eixo. Nem que eu tenha que induzi-la para que o despreze, eu farei. Ele saberá que perdeu!

– Desculpe me intrometer num assunto de casal. – Betânia chamou a atenção dos dois. – Se a humana é tão importante para você – ela encarava Paul – prometo não machucá-la, mas pelo menos deixe a presença dela valer alguma coisa.

– Como assim?

– Não acho que deva induzi-la. – Betânia não disfarçava o deboche. – Tudo bem viver nesse universo paralelo, mas mesmo nesse mundinho perfeito que habita é preciso ser um pouco realista.

Dana sentiu seus pelos se eriçarem. Após uma breve pausa, Paul perguntou ainda irritado:

– O que quer dizer com isso?

– Quero dizer que Ethan nunca vai acreditar que ela voltou para você, seu idiota! – Betânia se impacientou. – Se quer mesmo acabar com ele precisa fazê-lo se preocupar com ela. O cretino precisa ver pavor nos olhos dela... Isso vai abalá-lo mais que meia dúzia de palavras manipuladas para afagar seu ego de macho preterido.

Sem respondê-la, Paul voltou os olhos para Dana. Ela tentava manter a calma, mas era traída por seu coração. Betânia tinha razão, quando Ethan a visse, se distrairia. Quando uma nova lágrima rolou por seu rosto, Paul sorriu. E quando um brilho cruel correu pelos olhos negros, Dana se desesperou. A vampira conseguiu o que queria.

De repente, para inquietá-la de vez, Dana sentiu a observação. Forçando o ar a entrar em seus pulmões, disfarçadamente escrutinou toda a área à sua frente. Evidente que não o viu. E talvez fosse maluquice, afinal nenhum dos vampiros presentes manifestou qualquer reação a uma possível aproximação do inimigo. Fosse como fosse, cada célula de seu corpo lhe dizia que Ethan estava ali. E mais... Que ele não tirava os olhos de cima dela.

Ethan olhava fixamente para Danielle. Era realmente incrível a forma que seu corpo era ligado ao dela, atraído como um imã. Foi o que aconteceu. Pouco mais de uma hora de espera ele a sentiu mais perto e, depois de se aproximar seguindo em meio às árvores, realmente a encontrou.

Danielle estava abatida, chorosa, ferida. E para sua consternação, cercada por Paul e uma vampira. Ethan acreditou se tratar de uma desconhecida até que o vento contrário trouxe o cheiro deles: Danielle, Paul e seu intruso. E era ela! Como não a reconheceu? Foi aquela vampira que esteve na sacada de Danielle e em seu baile de Halloween. Foi ela a cobra que matou seu pai. Atordado, Ethan se perguntou como era possível que estivesse viva.

Anos se passaram, mas se ele fechasse os olhos, veria com riqueza de detalhes a cobra peçonhenta caída ao seu lado com a cabeça quase separada do corpo e... O *quase* encerrou a questão. No seu mundo não havia meio termo. Assim como não tinha dúvidas do que ela fazia ali. Para Betânia, aquela era a hora da desforra.

Ethan temeu ainda mais pela segurança de Danielle. Estava preparado apenas para disputá-la com o rábula, não para vê-la ser morta por uma vampira vingativa que – era evidente – tentaria imitá-lo quando matou Sabina.

Sabina! Era isso! Ethan elucidou. Se Raquel e Betânia estavam com Graco Demini, foi sua criadora quem ele tirou de seu rival. E não roubou, executou sumariamente. Não precisava ser muito inteligente para saber o quanto era odiado.

Quando o pesadelo terminasse, procuraria Raquel e a faria revelar toda a história sórdida. Esperava apenas que quando acontecesse, o rábula acéfalo estivesse nos quintos dos infernos, assim como Betânia. Seria possível que o idiota não soubesse o risco que Danielle corria? E se sabia, ele não se importava? A garganta de Ethan se fechou e cerrou os punhos, ansiando bater em alguma coisa.

– O que procura? – Paul perguntou, seguindo o olhar de sua prisioneira. – Não há nada ali.

Dana nada respondeu; sabia que Ethan a observava por entre as árvores.

– Não sei, Paul... – Betânia também seguia o olhar de Dana. – Às vezes sinto que ele já está aqui.

– É cedo! – Paul comentou. – Ainda há algumas pessoas no parque. Ele não viria agora.

– Não tenho tanta certeza. – Betânia murmurou, apertando os olhos. – Mas sei como fazê-lo aparecer caso esteja nos observando. – Ela tentou puxar Dana para seu lado.

– Ainda não! – Paul se pôs diante dela. – Na hora certa ele aparecerá.

Aparentemente conformada, Betânia silenciou. Depois do episódio, Dana evitou olhar em frente. Não o via e sua insistência talvez terminasse por delatá-lo. Para seu desespero o tempo pareceu se arrastar ainda mais. Mais de uma hora havia se passado quando Paul resmungou rispidamente:

– Todos esses suspiros estão me dando nos nervos, anjo.

– Você é quem começa a me dar nos nervos! – Betânia estava em seu limite. – Começo a me perguntar se não é tão indeciso quanto ele. Acho que devíamos acabar logo com isso. Não o vi ou o farejei, mas agora tenho certeza de que Ethan está aqui. – Olhou para Dana. – Acho que deveríamos obrigá-lo a aparecer.

– Ainda há humanos por aqui – Paul indicou um pequeno grupo que se aproximava – mas se ele está à espreita, então que aproveite a vista...

Sem aviso, ergueu o rosto de Dana e a beijou. Como havia feito mais cedo, ela cerrou os lábios com força e, mesmo sendo impossível, tentou afastá-lo.

– Pelos sons que ela faz até mesmo um cego saberia que esse beijo não significa nada. – Betânia debochou e então, subitamente, capturou Dana dos braços de Paul sem que ele

pudesse evitar. Imediatamente passou um dos braços ao redor do pescoço de sua presa. – Se pensar em se aproximar eu aperto – avisou a um Paul incrédulo.

– Não se atreva Betânia – ele ciciou entre dentes, livre da surpresa. – Eu estou avisando.

– E você é quem mesmo?... Acha que eu tomo conhecimento de qualquer aviso vindo de um João- ninguém?

Era o fim. Dana soube que sim ao ver a convicção deixar os olhos de Paul.

∞

Como sempre, foi inevitável distrair-se ao olhar Danielle. Perdido em sua vigília, Ethan demorou a avisar aos amigos que todos já estavam no parque. Uma falha imperdoável. Agora teria que agir sozinho. Enquanto Danielle era beijada a força, ele retirou o sobretudo, muito pronto para atacar Paul. Betânia tomá-la e ameaçá-la, o cegou de vez e o fez avançar, mesmo em desvantagem.

Como rosnavam um para o outro, distraídos em sua disputa interna, nenhum dos dois o viu até que vociferasse para Betânia:

– Pois acredito que meus recados valham então... Largue a humana! Agora!

Os vampiros o encararam imediatamente, assim como Danielle. Ao flagrar o brilho desesperado nos olhos âmbar, sua vontade era se lançar sobre Betânia e livrá-la daquela chave de braço que, ao mais leve aperto, seria fatal. Contudo, obrigou-se a ignorá-la.

– Seu problema é comigo – ciciou, então desviando os olhos rapidamente para Paul acrescentou: – O problema de vocês dois, então deixem de covardia e venham resolvê-lo de uma vez.

Somente então Ethan notou que Paul estava alarmado, novamente atento à vampira, tão perturbado quanto ele próprio por ver a mulher amada cativa do abraço mortal. Não havia tempo para ciúme. Acreditando que poderia baixar a guarda quanto a Paul, Ethan imediatamente encarou Betânia e ao fazê-lo, novamente encontrou o olhar azulado dirigido a ele, ainda vidrado e agora escurecido pelo ódio.

– O que está esperando seu idiota? – Ela incitou o comparsa. – Acabe com ele!

– Passe Dana para cá que eu faço o que quiser – Paul garantiu sem nem ao menos olhar seu rival. Para Ethan bastou como confirmação, enquanto Dana estivesse cativa, ele não seria problema.

– Não seja estúpida, Betânia! – Ethan sibilou. – Já percebeu que nesse momento somos dois contra você. Se fizer algo a humana não sairá viva desse parque. Pode até nos ferir se a matar, mas não terá sua vingança. O máximo que conseguirá é ser mandada para o inferno logo em seguida para se juntar àquela cobra imunda. A... Qual era mesmo o nome dela?

Sua provocação valeu. Betânia emitiu um grito agudo e empurrou Danielle na direção oposta a qualquer um deles dois para então se lançar livre, com toda sua fúria, contra ele.

– Desgraçado! Vou fazê-lo repetir o nome dela mil vezes antes que morra!

Ethan se deixou ser Ethan para que Betânia não mudasse de idéia e voltasse a capturar a humana. Não houve tempo hábil para sentir alívio ao ver Paul segurá-la antes que caísse, pois enquanto tentava se livrar do ataque da vampira furiosa, ele viu o rival correr e sumir com a jovem por entre as árvores.

Não havia tempo para se desesperar tampouco. Seu peito já sangrava pelos cortes das unhas afiadas. Era mais forte que Betânia, contudo Ethan não conseguia repeli-la. A vampira mais velha era incrivelmente ágil e não lhe dava meios de se concentrar para usar sua força contra ela. Por várias vezes ele tentou pegá-la pelos cabelos ou pelo pescoço, sem sucesso.

Felizmente a constante mobilidade também não permitia a ela atingi-lo como deseja. Basicamente se machucavam e se repeliam. Quando finalmente Ethan teve a chance de atirá-la longe com seu poder, não teve tempo de segui-la para prender-lhe o pescoço. Antes que corresse sentiu a aproximação traiçoeira do rábula às suas costas.

A trégua tinha acabado!

Como nos jardins de sua casa, Ethan girou o corpo antes de ser atingido e pegou o covarde em pleno ar, atirando-o na mesma direção de Betânia. Nesse momento, percebeu um grupo limitado de humanos a alguns metros de onde estavam, todos paralisados e incrédulos assistindo a luta irreal. Infelizmente Ethan não poderia se ocupar deles.

Usando sua força, novamente repeliu os dois vampiros que se lançavam em sua direção. Na segunda investida, Ethan os atirou em direção às árvores. Depois de atingirem os troncos sólidos com estrondo e caírem ao chão, seus oponentes tomaram rumos diferentes.

Inesperadamente, Betânia se atirou contra os humanos enquanto Paul corria para atacá-lo mais uma vez. Ethan ainda tentou deter a vampira, mas não teve a chance. Paul avançou rápido demais e em seu breve momento de indecisão, Ethan terminou por ser atingido por um punho cerrado. Antes que caísse ao chão, viu que a vampira já havia feito duas vítimas inocentes. Todos estavam fora de controle e não havia meio de pararem.

Ao cair de costas sobre as folhas da calçada, Ethan ouviu os primeiros gritos de desespero. Queria poder ajudar os humanos, mas Paul já se atirava sobre ele na tentativa de prendê-lo sob seu corpo. Ethan conseguiu chutá-lo com os dois pés bem no meio do estômago, repelindo-o mais uma vez. Ato contínuo, Ethan se pôs de pé de um salto em tempo de ver Thomas passar por ele e correr na direção da vampira descontrolada. Joly se mostrou indecisa sobre ajudá-lo ou ao marido, distraíndo-o ao ponto de quase ser atingido por Paul.

– Vá com Thomas! – ordenou.

Após a saída de Joly, Paul correu na direção oposta. Ethan ainda o derrubou com sua força, mas o vampiro se ergueu rapidamente e, se valendo das tantas árvores existentes na colina, saiu de seu campo de visão. Ethan não podia deixar que se fosse e mesmo sem vê-lo o seguiu pelo cheiro. E então, ao contornar um carvalho centenário, ele os viu.

Infelizmente não poderia usar seu poder. Paul – como o bom covarde que era – usava Danielle como escudo humano, tal qual Betânia, minutos antes.

– Por que sua postura não me espanta? – Ethan perguntou num rosnado, aproximando-se. – Seja homem! Solte-a e venha a mim.

Pela segunda vez daquela noite, Dana sentiu seu sangue gelar ao ouvir uma ordem de Ethan.

– Tudo ao seu tempo, McCain. Primeiro quero saber como se sente ao vê-la comigo.

Ao fazer a pergunta, o Paul correu os dedos pelo rosto de Dana, delicadamente. Como antes, ela sentiu as voltas de seu estômago. Agora era ainda pior, pois Ethan assistia toda a cena. Seus rosnados baixos calavam fundo em sua alma.

Ethan não conseguia se concentrar vendo o rábula com as mãos imundas em Danielle. E não ajudava nada ver o olhar culpado, temeroso e suplicante dela. Ela deveria saber que ansiava libertá-la. Precisava apenas que o covarde a soltasse. Não poderia fazer nada com ela entre eles.

– Então, McCain? – Paul o provocou mais. – Nenhuma idéia mirabolante, nenhum truque novo para tentar tomá-la de mim?... Nada de induções dessa vez?

– Não precisaria recorrer à indução – retrucou. – Tomar uma mulher de você é como roubar o sorvete de uma criança.

– Não seria assim tão fácil. Ela me ama!

– Não seja ridículo! – Danielle sussurrou. A voz amada, mesmo que incerta, ecoou no coração do vampiro.

– Não se meta na conversa, anjo...

Ao fazer o pedido, Paul correu as costas dos dedos frios por sua pele, arrepiando-a. Betânia a preparou para torturar Ethan, agora quem se valia do pescoço livre era o vampiro. Pela expressão de seu noivo, Dana poderia jurar que o cretino nem ao menos desviava os olhos dele enquanto beijava sua nuca. Automaticamente Dana gritou:

– Vá embora, Ethan!

– Não sem você – ele respondeu de forma gutural. – Estou avisando, Paul... Sua conversa fiada não vai dar em nada. Deixe-a e vamos acabar com isso de uma vez.

– Prefiro que tente tirar o sorvete diretamente da minha mão.

Com um rosnado, Paul se preparou para mordê-la, contudo nunca concluiu o movimento. Tenso como estava, nem mesmo Ethan percebeu a aproximação de Joly que se lançou sobre Paul. Infelizmente o vampiro conseguiu reagir antes que ela o atacasse, tendo tempo de usar a força de sua investida, contra ela mesma. Com um único golpe Paul a lançou longe na direção oposta depois que a pegou no ar.

Antes que Ethan pudesse pedir que Danielle não se movesse, viu a determinação nos olhos dela. Uma vez livre ela tentou se afastar de seu captor. Sem nada que pudesse fazer para detê-la, Ethan deixou que sua força excedente viesse à tona e num movimento rápido, concentrou-se em empurrar Paul violentamente para afastá-lo de Danielle.

Toda a ação aconteceu em milésimos de segundo. Danielle ainda não estava longe o suficiente, então, antes mesmo de ser atingido, Paul estendeu a mão e segurou o cinto do casaco dela e a levou com ele. Foi paralisado em seu choque que Ethan os viu seguir num vôo cego, de costas, rumo à escuridão das árvores.

O vampiro abjeto bateu violentamente num tronco próximo. Contudo, para desespero de Ethan, ele não segurou Danielle. O cinto se partiu e ela seguiu sua trajetória até ser engolfada pelo breu, longe do alcance de sua visão.

Ethan desejou ser capaz de parar o tempo, ser capaz de correr e segurá-la antes do impacto, mas não conseguiu mover um único músculo antes que o baque surdo de um corpo se chocando contra um tronco fosse ouvido, finalmente liberando-o do transe paralisante. Sem nem pensar, Ethan correu para socorrê-la. Não pôde sequer se aproximar das árvores, pois foi atingido violentamente por um corpo forte que o lançou na direção oposta.

Ethan caiu agachado e, aturdido, olhou em volta em tempo de ver o novo avanço de Paul. Ignorando-o, esquivou-se e correu mais uma vez até as árvores. Não poderia perder tempo; Danielle precisava dele. Novamente foi alcançado e dessa vez, Paul derrubou-o, sentando-se sobre ele para socá-lo.

– Bastardo filho da puta! – vociferou. – Viu o que me obrigou a fazer?

Depois de desviar o rosto do segundo golpe, Ethan conseguiu se libertar e saltar para longe. Apenas Danielle importava. Quando finalmente conseguia enxergar além da escuridão, encontrou-a caída, amparada por Joly.

O vampiro estacou, sem forças para dar outro passo ao flagrar o momento exato em que a amiga cobria as pálpebras da humana para fechá-las. Um cuidado clássico com aqueles que partiam com os olhos abertos.

O que era aquilo?! Ethan pensou em desespero. Danielle estava...

Incapaz de pensar na palavra, Ethan sentiu seu coração sangrar. E antes que Paul o atacasse, Joly respondeu sua muda questão ao erguer os olhos sofridos, manear a cabeça com pesar e se curvar sobre o corpo inerte de Danielle. Os gestos encerraram sua vida centenária, obscura e detestável. E então, finalmente, o tempo parou. Tarde demais!

– NÃO!

Ethan liberava um grito de dor extrema quando Paul o atingiu, fechando os braços em sua cintura para derrubá-lo. Dessa vez, porém, o encontrou sólido. Com a força do impacto, o atacante conseguiu apenas movê-lo, arrastando terra e grama sob seus pés, não tombá-lo.

– Desgraçado! – o rival gritou indicando ter visto o mesmo. – Você a matou!

Anestesiado para a dor, mesmo que estivesse aberto ao meio, cego de ódio genuíno, Ethan o desprende de seu corpo e o atirou longe, fazendo com que se chocasse contra uma árvore. Seu peito rugia e agora não mais controlava seus rosnados. Paul se pôs de pé somente para ser arremessado contra outra árvore depois de um simples, porém firme movimento das mãos de Ethan. O oponente se levantou ainda mais duas vezes para atacar, e em todas elas foi lançado contra um tronco sólido.

Antes que Paul levantasse pela quarta vez, Ethan – preso a uma fúria fria e assassina – se lançou sobre ele com toda sua determinação, socando-o repetidas vezes. O vampiro mais novo poderia ser forte, mas não era páreo para sua força extrema, potencializada pela consciência da perda irreparável. Se ele sangrava, todos sangrariam.

– Não bastou tê-la antes? – Ethan rosnou. – Não bastou magoá-la, importuná-la ou fazê-la sofrer?

Não, não bastou. O rábula dos infernos tinha que roubá-la definitivamente.

– Desgraçado! – bradou. – Como pôde trazer a mulher que ama para a morte?

Ao pronunciar a palavra Ethan o socou com força renovada. Despejava sobre seu oponente subjugado não só sua sede de vingança como também toda sua dor e culpa. Incapaz de parar socou o rival até sentir os ossos da face odiosa se quebrando sob seu punho cerrado. Até sentir seus próprios ossos se trincarem. Não importava.

Paul não mais se movia quando, preso em sua ira torturante, Ethan inseriu seus indicadores na cavidade óssea para arrancar-lhe olhos sem nem ao menos se deleitar com os gemidos de dor.

– Não vai levar a imagem dela! – vociferou. E então, completamente esquecido de seu desejo em quebrar-lhe todos os ossos, enfiou a mão intacta em seu peito para lhe arrancar o coração. – Não vai levar seu amor por ela!

Ao arremessar o coração, segurou a cabeça firmemente e a apartou do corpo inerte.

– Volte para onde nunca deveria ter saído rábula dos infernos!

Livre do rival definitivamente, Ethan se deixou cair de costas sobre as folhas secas. Esquecido de Thomas, Betânia e todo o resto, ele permaneceu deitado pelo tempo suficiente de recuperar o mínimo de força. Então, pela primeira vez em sua existência,

sentindo que perdia sua coragem, se levantou. Ainda cambaleante decidiu seguir até onde havia visto Joly e Danielle pela última vez.

Ao pensamento Ethan perdeu a firmeza das pernas e caiu de joelhos abraçando o próprio estômago.

– Danielle... – murmurou. Então, como havia acontecido durante toda disputa, sem se importar em ser ouvido, gritou: – Danielle!

Não conseguiria! Não poderia vê-la morta. Morta, não! Mas tinha que fazê-lo. Tinha que cuidar dela pela última vez antes que pudesse segui-la. Movido apenas pelo senso de dever, Ethan se obrigou a levantar e seguiu para onde Joly amparava o corpo de sua noiva. Caminhou quinze metros por entre as árvores antes de perceber que estava perdido. Olhando em volta, farejou o ar. Nada. Intrigado, fez o caminho de volta. Logo estava junto ao corpo de Paul.

– Joly! Cadê você? – Silêncio. – Joly!

O medo se sobrepôs à dor. Aquela guerra não era somente de Paul. Betânia poderia ter feito algo a Thomas. Poderia ter atacado Joly enquanto ele esteve preso em seu acesso de fúria. Poderia ter pegado o corpo de Danielle e...

Recusando-se a pensar, Ethan encontrou o lugar exato onde as viu e não havia traço da passagem de Betânia por ali. E uma vez que elas não haviam sido importunadas, nenhum pensamento coerente lhe ocorreu.

Tirava o celular do bolso para tentar localizá-la, quando este tocou, indicando que havia uma mensagem de texto; de Joly.

“Espero que esteja bem e que tenha se livrado dele. Se aconteceu e está lendo meu recado, por favor, não faça nenhuma idiotice e me espere no seu apartamento”.

Ignorando a mensagem, Ethan ligou para ela. O celular estava desligado. Com a cabeça vazia de tudo que não fosse a imagem de Joly cerrando as pálpebras de Danielle, ele deixou o parque. Como uma lembrança distante, desejou que Thomas tivesse dado um fim a Betânia antes de colocar as mãos feridas nos bolsos e seguiu até seu carro, não permitindo que as pessoas o vissem.

Precisava de explicações imediatas; precisava saber o que foi feito de Danielle. Ao pensar no nome, seu coração se encheu de aflição. Resultante de sua dor, ele considerou enquanto acelerava. Mal estacionou em sua garagem, Ethan se lançou escada acima – abalado por sentir a combinação de odores: Paul, Betânia, Joly e Danielle.

Estava enlouquecendo!

Quando chegou a sua cobertura, sua dor dividia espaço com a raiva. Joly não precisava colocar mais obstáculos em seu caminho, bastava lhe entregar o corpo de Danielle. Em sua

irritada divagação, Ethan não reparou nos cheiros ou nos ruídos ao seu redor. Somente ao entrar no apartamento que atentou a eles e estacou.

– Joly! Eu juro por Deus que nunca mais falo com você se não me deixar sair daqui, agora! – A voz vinha de cima. Que brincadeira macabra era aquela? Ethan se perguntou, apurando os ouvidos. Ao impacto do novo choque, ele deu um passo para trás, cambaleante.

– Danielle?!... – murmurou incrédulo.

– Abre a droga da porta Joly! – ela gritou. – Me deixa sair daqui!

A três batidas de um coração, Ethan estava diante da porta de seu quarto, tremendo violentamente e se deixando ser invadido pelo som da voz amada.

– Joly, eu te odeio! – Danielle declarou, ainda batendo contra a porta.

Não confiando nas forças de suas pernas, Ethan se recostou à madeira. As pancadas dos punhos fracos de Danielle trepidavam em sua testa e repercutiam em todo seu ser. Ela estava de volta!

– Mas que inferno, Joly! Precisamos saber o que aconteceu com Ethan... Se fizerem algo a ele porque o deixou sozinho eu acabo com você!

Naquele ponto Ethan se permitiu sorrir. Ainda assim, pela terceira vez depois que aquela humana furiosa se instalou definitivamente em sua vida, ele chorou.

Capítulo Trinta e Dois

– Joly, você está aí?! – Danielle perguntou incrédula. – Estou ouvindo a sua respiração. Não acredito que vai me ouvir implorar sem fazer nada.

Parcialmente recuperado de todas as sensações que passaram por seu corpo naquele curto espaço de tempo, Ethan se afastou da porta. Desceu as escadas ainda ouvindo as súplicas de Danielle a uma Joly sabiamente ausente.

Com a francesa ele se entenderia depois. No momento, importava somente ouvir o mau gênio de Danielle se voltar contra a melhor amiga, demonstrando o quanto o amava. Era hora de fazer o mesmo. Decidido, Ethan seguiu ao lavabo. Limpou-se como podia, tomando o cuidado de não deixar resquícios de sangue no mármore branco. Olhou-se no espelho, sem ver sua imagem, na verdade.

Relativamente limpo, Ethan seguiu para o gabinete e, depois de pegar o velho abridor de cartas de prata, correu escada acima. Sem deter-se, girou a chave lentamente para que Danielle se afastasse da porta, então entrou. Novamente seu coração foi tomado pelo choque, dessa vez por vê-la viva.

Danielle também se mostrou abalada ao vê-lo. Com a respiração contida, levou a mão ao coração e retrocedeu dois passos. Tinha a face corada, seus olhos estavam úmidos e, com exceção dos lábios machucados, aparentemente ela não estava ferida.

Somente Joly poderia dizer por que mentiu. De toda forma, para Ethan ainda era um milagre ter Danielle de volta depois de tudo pelo que passou. Ele ouviu quando ela se chocou contra a árvore. Viu-a inerte nos braços de Joly. Para ele, aquela sempre seria sua pior recordação.

– Ethan... – ela sussurrou por fim de olhos baixos.

Seu nome nos lábios dela era música, mas a súbita palidez e a quebra de contato visual fizeram-no estacar.

Presos aos seus medos, receios e culpas, nenhum dos dois percebeu que o anseio mútuo e primordial era o de se atirarem um nos braços do outro. Tal desejo tão profundamente oculto e agravado por todo o ocorrido nas últimas horas os travou.

Paralisada em seu choque, Dana ainda não conseguia acreditar que Ethan estava de volta. Sim, havia se negado a crer que Paul pudesse matá-lo, mas aquele era o desfecho lógico. Talvez as forças realmente se equiparassem como ele alegou, ainda assim tudo conspirou contra ele. Até mesmo Joly ao deixá-lo sozinho quando a tirou do parque, desmaiada.

E agora, milagrosamente ele estava ali. Encarando-a daquela forma indecifrável. O olhar perturbador agravou sua culpa, obrigando-a a desviar os olhos. Descumpriu sua palavra, colocou-o em perigo. E o que era pior, não pôde impedir que o ex a beijasse ou tocasse seu corpo.

Talvez Ethan soubesse de todas aquelas coisas, pois, mesmo que mirasse os próprios pés ela guardava a imagem dele à sua frente, carregando algo parecido com um pequeno punhal de prata na mão machucada. Talvez Ethan tirasse sua certeza da boca ferida e tencionasse matá-la por trocá-lo. Se fosse o caso, ainda preferia assim.

Qualquer coisa seria preferível a sabê-lo morto. Porém daquela vez não iria sem se defender. Era inocente!

– Ethan... – ela repetiu incerta, dando um passo à frente.

– Não diga nada – ele a cortou.

Dana fechou os olhos e se encolheu. Ethan nem ao menos queria ouvi-la. Depois de Paul e Betânia, agora era hora de ele acertar suas contas com ela. Tentando aparentar uma calma que não sentia, ela abriu os olhos e mirou a mão que segurava o objeto prateado.

– Vai me matar, não vai?

Ethan não respondeu de imediato. De repente imaginou que as batidas frenéticas do coração humano e o fato de não ser encarado fosse por estar sujo, com a camiseta danificada, então a retirou rapidamente antes de dizer a verdade:

– Ainda não.

– Ainda não? – perguntou sem entender, impressionada com as marcas da luta que via nele.

– Ainda não.

Dana não sabia o que esperar, nem encontrava palavras para se explicar, mas não se importou quando o vampiro veio em sua direção. Apenas prendeu a respiração ao acreditar que seria estocá-la. contrariando sua crença, Ethan atirou o objeto sobre a cama e se aproximou para cheirar-lhe o alto de sua cabeça. Ainda com a respiração suspensa Dana se enrijeceu, pois sabia que exalava o cheiro do rival. Para sua surpresa, Ethan a abraçou.

Temerosa, confusa, saudosa, Dana espiou e retribuiu o abraço. Apesar de ferido, Ethan estava bem, o que mais poderia importar? Absolutamente nada!

Iria estreitar o abraço quando, de repente, ele a afastou e conduziu ao banheiro, puxando-a pela mão. Dana não quis se animar, mas considerou bom sinal, afinal, da última que acreditou que seria morta por um vampiro taciturno nas mesmas circunstâncias, continuou viva para aproveitar os melhores dias de sua vida.

Depois de ligar o chuveiro, sempre em silêncio, Ethan começou a despi-la. Ele se lembrava de cada pico aflitivo vindo dela, então sabia de tudo pelo que ela passou junto a vampiros lunáticos. Como nada pôde fazer para ajudá-la, o mínimo que lhe cabia agora era cuidar dela e livrá-la daquela mistura fedorenta de cobra e rábula.

Ethan prendeu a respiração ao retirar-lhe a blusa de flanela. A carne delicada estava coberta de hematomas enegrecidos onde eram visíveis os contornos de mãos masculinas. Foi impossível reprimir os rosnados dirigidos ao defunto. Antes que imagens perturbadoras se formassem em sua mente, perguntou num rouco sussurro:

– Ele se atreveu a...?

– Não – Dana garantiu sem hesitar, porém com voz sumida.

Acreditava nela. E como Danielle não havia sofrido a violência máxima que um homem poderia impingir a uma mulher, ele acreditou que seria mais fácil conseguir o perdão por deixá-la vulnerável ao perigo.

Tudo ao seu tempo! Por ora era preciso limpá-la e se acalmar durante o processo para fazer o certo da melhor forma que fosse possível.

Ethan assentiu para indicar que acreditava e a despiu. Considerando-a pequena e muito frágil, ele a colocou sob o chuveiro e a banhou carinhosamente, sem se importar com sua calça ou sapatos. Depois de soltar-lhe os cabelos, lavou-os assim como ao rosto inquiridor, o corpo marcado pela veemência de dois vampiros apaixonados. Ao tocar os ombros, foi inevitável abafar seus rugidos.

A cada novo gesto de Ethan, Dana o entendia menos. Como era possível que rosnasse para ela e a tratasse com tamanho cuidado? Ela queria controlar as batidas de seu coração, mas era tarefa impossível. Ao ser levada para fora do box, Dana estava no limite de sua sanidade.

Ethan secava seus cabelos o mesmo desvelo, quando ela sentiu uma necessidade sufocante de se defender. Ao tomar coragem, disparou:

– Juro que não era minha intenção magoar você nem criar tantos problemas.

Ethan não a julgava, pois reconhecia sua culpa. Contudo, diante das palavras dela, não resistiu. Ele precisava entender por que não foi procurado antes de qualquer coisa. Segurou-a pelo queixo e fez encará-lo.

– E qual era sua intenção? – perguntou roucamente. – Enlouquecer-me? Conseguiu.

Decididamente ver a intensidade nos olhos verdes não ajudava, mas ela precisava ser forte e explicar.

– Salvar quem não poderia se defender, Ethan. Essa foi minha única intenção, acredite! Paul estava ameaçando Joly. E Jack. Ele é só uma criança, meu Deus! E outras pessoas do meu prédio. O que eu poderia fazer? Vocês não poderiam guardar todos ao mesmo tempo.

– Por que não me avisou antes de partir?

Antes de ter uma resposta ele a cobriu com a toalha. Os resquícios da tensão daquela noite e a voz trêmula, associados ao corpo nu, começavam a perturbá-lo.

– Teria me deixado ir? – Ela segurou a toalha e se recostou na pia, suas pernas tremiam.

– Não.

– E então muitos morreriam – ela disse o óbvio. – Até mesmo Joly.

– Perdoe-me a insensibilidade – sua voz era um sopro rouco. – Verdadeiramente entendo sua atitude, mas a mim, interessa somente você.

– Sei disso, Ethan. Mas eu não poderia... – ela engasgou embargada. – Eu não poderia conviver com a culpa.

– E decidiu que eu poderia viver sem você?

– Não tive muitas alternativas – ela disse ao encará-lo. – Diante do que me era exigido, escolhi quem era mais fraco, não quem me importava mais.

– Isso é o suficiente para mim!

Dana se sobressaltou com a súbita veemência. Ethan não acreditou que nunca seria preterido.

Ouvir a declaração de era o mais importante, aqueceu-lhe o coração e fez nascer o orgulho pela coragem dela. Danielle cresceu aos seus olhos. Sem dúvida, ela verdadeiramente seria uma vampira extraordinária.

Movido pela admiração e pela lembrança de sua obrigação – atrasada em muitas noites – Ethan deixou que a saudade e seu eterno desejo ganhassem força.

Eliminando a distância, Ethan a tomou nos braços e beijou delicadamente para não machucá-la mais. Seus lábios apenas acariciavam os dela com todo o cuidado que era capaz.

Certo, aquele poderia ser o começo do fim, mas, como sempre, ela não poderia afastá-lo depois dos lábios unidos. Dana ansiou por aquele beijo, por sentir os braços fortes em volta de seu corpo. No momento não importava o desfecho que aquela noite tivesse. Incomodava-a somente a leveza, Dana sabia do que ele a privava então, passando os braços em volta do pescoço de Ethan, ela afastou os lábios e deixou que as línguas se esbarrassem.

Ante ao oferecimento mudo Ethan não se conteve e, com um grunhido abafado, invadiu-lhe a boca, sedento. Danielle gemeu e se jogou em seu colo, enlaçando-o com suas pernas.

Feliz, como nunca antes em sua existência, Ethan segurou-lhe as nádegas e a levou ao quarto.

Ao deitá-la em sua cama, colocou seu abridor de cartas no criado-mudo para que não a ferisse. Então se estendeu sobre ela, sem soltar eu peso, e voltou a beijá-la. Antes que os lábios se encontrassem, ela já acariciava seu dorso. Enroscando os dedos por seus pelos como tanto apreciava fazer, enlouquecendo-o, fazendo-o liberar rosnados de saudade e agonia.

Danielle estava de volta. Queria devorá-la, fundir-se a ela até que se tornassem insolúveis. Sem controlar os rosnados lamuriosos, desprende os lábios dos dela, beijou seu pescoço e separou as pontas da toalha.

– Senti tanto sua falta – ela declarou, arqueando o corpo enquanto a boca de Ethan descia por seu colo e ia além à medida que a descobria.

– Eu ainda sinto! – Ethan beijou o vão entre os seios. – Em tempo algum necessitei tanto de você como agora.

– Estou aqui, Ethan!... Tome de mim o que quiser.

– Então será tudo! – anunciou, acariciando os seios com ambas as mãos, inflamando-a. – Pois nada menos do que isso me interessa. Cada pedaço seu me é vital, Danielle!

– Se é assim, por que pretende me mat... Ah! – Dana arfou, inconclusiva, ao ter um seio sugado pela boca faminta de seu vampiro. Como poderia entender qualquer coisa com seu mamilo sendo rolado na língua áspera, fria. Ela começava a duvidar que fosse morta, mas ainda considerava aquela a melhor forma de morrer.

Chorando, sem nem saber por que, Dana se entregou ao deleite do sugar ritmado e separou as pernas para melhor sentir o membro endurecido. Ethan urrou contra sua pele, e se afastou. Com evidente pressa, livrou-se dos sapatos e meias, então se despiu completamente.

Ele aproveitou esse tempo para guardar a última imagem de Danielle corada sobre sua cama. Depois de capturar o momento, Ethan se deitou sobre o corpo macio e acariciou-a com seu sexo intumescido antes de fechar os olhos e, numa estocada, entrar inteiro na cavidade estreita, quente, acolhedora.

– Ethan... – ela ofegou confusa por não haver questionamento sobre machucá-la ou não. Enquanto ele se movia dentro dela, pela primeira vez urrando livremente e gemendo de forma incontida, Dana entendeu. Esteve se enganando, não havia porque ter cuidados uma vez que aquela seria a última vez que eles estariam juntos.

Talvez tivesse desenvolvido alguma espécie de tara pelo perigo iminente, pois ao se imaginar como uma oferenda para aplacar a fúria de um titã, Dana sentiu seu desejo se elevar a um limite insuportável. Então o acompanhou, instigando-o a ir ainda mais fundo.

Queria tudo, o máximo que Ethan pudesse oferecer antes de executar sua sentença. Iria explodir, quando ele desacelerou e os rolou sobre a cama. Antes que percebesse, estava sentada sobre seu colo, ainda com os corpos encaixados, com ele a segurando pelas nádegas, impedindo seu movimento.

– Está confortável assim? – Ethan quis saber, rouco.

– Sempre está... – ela sussurrou.

– Bom! – Ethan a encarou, seus olhos escurecidos brilhavam intensamente. – Está pronta?

– Pronta...? – indagou, dispersa.

– Para morrer?

Dana ofegou e estremeceu. Ela estava?

Era difícil ser coerente, com todas as emoções a bordo, mas ao ver uma lágrima correr pelo rosto de Danielle, Ethan foi explicativo.

– Pronta para morrer no seu mundo?... E viver eternamente no meu?

– Ethan...? – Seu medo, patologicamente excitante, deixou-a entender direito? Ao perscrutar o rosto subitamente ansioso do vampiro, ela soube. – Sempre estive!

Ethan sorriu satisfeito e provou a boca quente, pela última vez. Logo correu os lábios pela pele delicada do pescoço, afastou os cabelos dela quase reverente, e a mordeu. Danielle estremeceu minimamente.

Também pela última vez, Ethan saboreou o sangue fresco, quente e doce de sua amada, deixando que ele corresse por suas veias, curasse o resto de suas feridas. Distraído, soltou o quadril de Danielle que imediatamente se moveu sobre seu colo, roubando-lhe a razão. Mas não se desviou de seu objetivo. Era hora e ele conhecia toda dor que ela enfrentaria. Queria ao menos, que antes, ela tivesse seu último momento de prazer como humana.

Controlando-se, parou seus movimentos alucinógenos.

– Deixe Ethan... – ela implorou num gemido, ainda presa por seus dentes.

– Teremos tempo, meu amor. – Ao alcançar o abridor, Ethan se munuiu de coragem e alertou: – A mutação é extremamente dolorosa... Se quiser pensar...

– Sei como será – assegurou, encarando-o suplicante, ainda tentando mover o quadril à procura de fricção entre os corpos. – Joly me contou.

Ethan sorriu. A língua grande da amiga enfim encontrou uma utilidade. Poupou-o de ver Danielle recuar. Muito satisfeito, afastou seu dorso, sempre com ela atada a ele,

despedindo-se também daquela cavidade prazerosamente quente que insistia em apertá-lo, provocando-o.

– Seja rápida – pediu com a pouca razão que ainda restava. – E beba o máximo que puder.

Sem hesitar, o vampiro cravou o abridor de cartas no próprio peito e o correu com força, diante dos olhos expectantes da humana. Extasiada, Dana o viu abrir um corte, não longo, porém fundo, sobre o coração. Quando o sangue – vermelho muito escuro – correu, ela sequer pensou.

Enfim, o sangue de Ethan!

Como ele arqueou o dorso sobre o travesseiro, foi fácil lambe o sangue que escorreu para então cobrir todo o corte e o sugar. Dana entendeu todas as vezes que ele a mordeu enquanto faziam amor. A sensação era inexplicável. E ela as queria por inteiro, então enquanto o bebia, voltou a cavalgá-lo.

Depois de tudo por que passou aquela noite, Ethan poderia morrer naquele instante exato que partiria feliz. Sua Danielle se servia dele! Nunca saberia descrever o quão prazeroso era senti-la deslizar em seu membro enquanto o bebia. Quando a sensação em seu peito cessou, Ethan soube que seu corte havia fechado. O que ela tivera era o suficiente, mas não para ele.

– Beberia mais? – perguntou esperançoso.

– Mais – pediu ofegante.

Novamente sem hesitar, Ethan abriu outro corte em sua carne, dessa vez, na base do pescoço. Ansiosa, Dana se prendeu a ele e desceu a boca sobre o novo ferimento.

– Isso, meu amor! – incentivou-a, de olhos fechados, abrindo os braços sobre o travesseiro totalmente entregue ao prazer aniquilador. – Alimente-se de mim Danielle! Devora-me, pois sou eternamente seu!

Haviam chegado a um limite irreversível, então, com Danielle chupando-o fortemente, Ethan a abraçou e voltou a erguer o dorso, ajudando sua noiva a intensificar o movimento sobre seu quadril, com a mão livre. Quando o novo corte se fechou, os dois estavam presos pela força do gozo conjunto.

Danielle ainda se movia, incitando-o, enquanto estremecia violentamente em seus braços. Sabendo que ainda poderiam ter mais, Ethan rolou os corpos sobre a cama, ficando sobre ela, mantendo o movimento. E assim, serpenteando sobre ela, ambos foram vencidos pelo novo orgasmo avassalador.

Ethan se deixou ficar sobre sua noiva apenas por alguns segundos. Dos dois, era ela quem precisava de recuperação. Deitando ao seu lado, abraçou-a fortemente, esquecido dos ombros feridos.

Dana ainda respirava com dificuldade quando foi acomodada num abraço acolhedor. Sua cabeça girava, girava, mas caía no mesmo lugar: seria como Ethan! Ficariam juntos para sempre! As sensações desse último ato sexual ainda corriam por seu corpo quando lembrou todas as palavras de Joly, mas não temeu a dor iminente.

– Ethan...

– Diga...

– Hoje você me tornou a mulher mais feliz sobre a face da Terra! – Dana se ergueu para encará-lo. – Obrigada por finalmente confiar.

– Sempre deixei claro que não era falta de confiança. – Tocar o rosto ainda corado o lembrou da parte egoísta de sua decisão anterior. Mas ela não precisa saber.

– Eu sei, mas algo mudou depois dessa noite. O que foi?

– Tinha mudado há muito tempo. Eu que fui cego ao não ver. Mas não enxerguei essa noite. Já estava decidido desde a tarde passada, mas quando cheguei aqui, você não estava.

– Sinto muito... – murmurou. – Eu não...

– Não precisa dizer nada. – Ele tocou-lhe os lábios. – Não tenho o que perdoar. Não sinto compaixão, exceto por você, mas entendo quem é capaz. Admiro-a por isso e espero que conserve esse nobre sentimento.

– Obrigada. – Dana lhe segurou o rosto. – Eu te amo!

Ethan fechou os olhos desfrutando da quentura da palma ainda humana e as palavras.

– Eu amo você, Danielle... Estaria disposta a se casar comigo?

Dana sorriu abertamente e o provocou:

– Ah, como a idade é madrastra! Já sou sua noiva, senhor, não se lembra?

– E a juvenzinha teria como provar? – Ethan ergueu uma sobrancelha, inquiridor.

A pergunta trouxe a lembrança de como tudo aquilo começou então, tentando não se entristecer por Black ou por todo o resto, respondeu:

– Não.

Eles não tinham tempo, nem ele a queria triste quando já a sentia mais quente do que o normal, por isso, sem nada dizer, Ethan foi o *closet*. Ao voltar, sem se importar com sua nudez, ele sentou na beirada da cama e fez Danielle imitá-lo.

– Onde foi? – Dana perguntou, evitando olhar todos os detalhes perturbadores daquele corpo que a deixava em brasa.

– Pegar a sua prova. – Solene, segurou-lhe a mão esquerda e correu o anel no dedo de sua noiva. Ao ver o diamante reluzir na mão delicada, Ethan sorriu; ambos haviam voltado para a dona legítima. Tudo voltou ao lugar.

– Eu queria transformar você e o fiz... Você queria me fazer uma surpresa usando o anel que lhe dei e aí ele está... – disse, beijando-lhe os dedos, fazendo com que Dana queimasse ainda mais. – Então vamos esquecer o que se passou nessas últimas horas.

Era tentador, Dana pensou, sentindo-se estranha, meio tonta. Tudo o que queria era esquecer aqueles momentos, mas muitas coisas importantes haviam acontecido. Agora que lembrou, sabia que tinha vários assuntos a tratar com Ethan, assuntos de suma importância. Contudo estes lhe fugiam. E não ajudou ouvir a voz novamente rouca de seu noivo.

– Mas tem algo que não vou esquecer. Nessas horas infernais, quando estive... longe, eu descobri que não preciso ter medo de morrer por suas mãos depois que a mudança for concluída.

– Nunca precisou ter medo, Ethan... – comentou, perdendo o foco. – Para mim, a profecia já se cumpriu, afinal, se olharmos por outro lado, você carrega uma marca como a minha e me subjogou... De uma forma boa... E isso... há muito tempo...

– Danielle, eu...

Então aconteceu. Uma mão imaginária, dura e cruel espremeu sem reservas seu estômago, torcendo-o em seu eixo, calando a voz de Ethan, eliminando todos os sons.

O primeiro grito de Danielle atravessou o coração do vampiro como uma lança afiada. Imediatamente o corpo frágil lançou-se para trás num espasmo de dor. Compadecido, Ethan a abraçou na tentativa de mantê-la imóvel. Ainda se lembrava de sua própria transformação. Sabia que tinha alguma consciência, e não conseguiria falar, seus pensamentos por vezes seriam desconexos.

Então ficaria ao seu lado, mantendo-a segura em seu abraço até que todo aquele tormento acabasse.

– Shhh... – murmurou em seu ouvido depois de beijar a face febril. – Estou com você, meu amor. E não vou a lugar algum.

Ethan sabia que as próximas horas seriam longas e torturantes, sabia que padeceria da mesma dor de Danielle, ainda assim sorriu. Mesmo que ainda tivesse assuntos pendentes com seus rivais, aquela noite se livrou definitivamente de uma sombra maldita; havia recuperado seu chão, seu ar, sua vida. E tudo isso antes da meia-noite, como previsto.

Ainda era feriado e, depois de anos de uma existência vazia, finalmente o vampiro tinha algo que valia a pena agradecer na noite em que todos davam graças.

Último Livro da Série Amor Imortal

Amor Imortal - ETERNA UNIÃO

Capítulo Um

Não tinha como esquecer o próprio nome, Danielle Hall. Lembrava também de Martin e Tracy, seus pais. Era jornalista, tinha 25 anos... Nova demais para morrer! No entanto, era isso. Estava morrendo da forma mais dolorosa que alguém poderia morrer. Sua cabeça e seu coração estavam prestes a explodir. Mas não queria partir, não ainda... Tinha de ficar com ele...

Ele quem?

Também não sabia há quanto tempo padecia. Dez horas, dez minutos. Não tinha como saber, pois não esteve consciente todo o tempo. Queria, mas não gritava. Descobriu que apenas agravava a dor lancinante que a mataria.

Se havia algum conforto naquela tortura, este era saber que não estava sozinha. Alguém – um homem – a amparava. E tinha *o cheiro*. Um odor especial, almiscarado, que parecia correr por suas veias junto ao fogo que a consumia, tornando a dor quase suportável.

Por vezes, o homem segurava sua mão e acariciava seu rosto, ou entoava sons harmoniosos ao seu ouvido. Outro detalhe que se destacava tanto quanto o cheiro, a voz. A mesma que naquele instante cantava uma música conhecida, que ela não recordava o título.

Ele entrelaçava os dedos nos seus. Ela queria retribuir o aperto para mostrar que sabia de sua presença, mas a mão não a obedecia. E ele não estava com ela à toa, era alguém importante. Por que não lembrava?

Como se não bastasse tanta dor, a agonia por não saber a torturava.

– Shhh... Não chore! Eu estou aqui, meu amor... – a voz era confortadora. – Está acabando, eu prometo... É horrível agora, mas não passará por isso outra vez. Vou ficar aqui até que termine, Danielle.

Ethan!

Era isso! Precisava morrer em seu mundo para viver eternamente ao lado de Ethan McCain. De repente, todas as lembranças vieram. Desde quando o conheceu e o deixou até o reencontro, o medo de perdê-lo em uma luta com Paul e o momento da transformação. Ethan finalmente confiou e no que dependesse dela, ele não se arrependeria.

A consciência trouxe certo alento. Ainda dóia, contudo, agora fazia sentido. Tanto sentido quanto ouvir seu noivo imortal voltar a cantar ao seu ouvido.

– Por favor, amor... – ele pediu depois de beijar seu rosto. – Não chore!

Ela não sentia que chorava, nem o que poderia ter feito para parar, mas gostou de saber que o fez.

– Isso! – Ethan a encorajou. – Seja forte, minha bruxa! Eu sei que pode.

Queria poder sorrir para indicar que estava bem – na medida do possível –, contudo não tinha como mover qualquer músculo. E então não era preciso, pois todos os sons se calaram e os pensamentos se foram.

Aquela estranha conexão que os unia permitia a Ethan saber quando perdia Danielle para a inconsciência. Era o que acontecia naquele momento. E, como das outras vezes, ele agradecia, pois enquanto ela *dormia* não sentia as dores massacrantes. Consequentemente, sua própria dor era apaziguada. Queria que existisse um jeito melhor para não perdê-la – tranquilo e indolor –, mas não existia.

Analisando o rosto amado, Ethan o beijou sem pressa, sentindo o cheiro e o sabor das lágrimas antes de se obrigar a levantar. Enquanto Danielle estivesse inconsciente, precisava ocupar sua mente. Como na trégua anterior, Ethan desceu para o gabinete e tentou contatar Thomas ou Joly.

Mais uma vez não fora atendido, mas mantinha a confiança. Era cedo para que Thomas usasse sua força, contudo sempre seria forte o bastante para lidar com Betânia, mesmo esta sendo ágil. Quanto a Joelle, parecia claro que o evitava, visto que mentira de forma arbitrária, fazendo com que acreditasse na morte de Danielle.

Enfim, seja qual for o motivo de não encontrá-los, nada poderia resolver nas próximas horas, então, depois de tomar uma dose de uísque, Ethan retomou a montagem dos novos móveis, como antes, para se ocupar até que sentisse a aflição de Danielle e voltasse ao quarto. Daquela vez não demorou a subir, assim como não tardou a perdê-la para a inconsciência, mais uma vez.

Ao descer, seguiu o ritual e ligou para os amigos. E nada conseguiu. Resignado, Ethan recolocou o fone no gancho e olhou para a imensa janela de vidro. Era dia, provavelmente mais de 7h. Os jornais já estavam em circulação há horas. Não tinha como saber de Thomas e Joly, mas poderia se inteirar da comoção que a luta no parque causou à população.

Ethan levou seu computador para a sala e o ligou. Após o tempo interminável de iniciação, digitou algumas palavras chaves na barra de pesquisa e esperou. Nem precisou ver todas as manchetes para saber que o encontro da noite passada não seria esquecido facilmente.

Todos os jornais comentavam o ocorrido, mas a manchete que mais lhe chamou à atenção fora a do *New York Times*.

Mortes Misteriosas Marcam Feriado à Sangue.

De imediato Ethan clicou para abrir a matéria.

A noite de um dos feriados mais tradicionais e festejados pelos americanos foi marcada por acontecimentos macabros. Como ocorrido há quase dois meses, mais uma vez o Central Park serviu de cenário a eventos dignos de histórias de terror. Três turistas canadenses estão desaparecidos e um corpo foi encontrado.

A imprensa não teve acesso ao local, mas segundo informações extra-oficiais, o estado adiantado de putrefação do corpo, ainda não identificado, o desligou das mortes recentes. No entanto, a brutalidade do ataque, chocante para ser descrita, levou as autoridades responsáveis pela investigação a associá-lo ao mesmo procedimento quanto à morte de Michael King e seus seguranças.

Histerias à parte é impossível até mesmo para o nova-iorquino mais cético não associar a morbidez desses assassinos em série a seres míticos. A similaridade confere credibilidade aos muitos relatos de quem esteve próximo ao local que narraram sobre os rosnados animalescos e os vultos velozes, impossíveis de ser descritos.

O detetive responsável pela investigação, Joshua Palmer do 22º DP, manifestou sua preocupação com o pânico generalizado. Segundo Palmer, não há motivos para alardes já que se trata de um crime comum apesar da brutalidade.

Todavia, contrariando a declaração, fala-se em toque de recolher caso outro assassinato sem explicações lógicas ou de pronta resolução ocorra nos próximos dias. Seja como for, a cada novo ataque um dos pontos turísticos mais visitados da cidade deixa de ser um local seguro para...

Exasperado, Ethan fechou a página. Se um dos jornais mais lidos e respeitáveis especulava sobre a existência de criaturas míticas, não era preciso ler outro para saber a dimensão que sua ação da noite passada alcançou. Infelizmente não teve como evitar. Betânia estava disposta a tudo. Se tivesse dúvidas, bastava lembrar como a vampira se lançou contra os turistas e, sem cerimônia, arrancou-lhes a cabeça. O que custaria matar Danielle?

Ethan se eriçou e afastou o pensamento. Olhando o fundo azul da tela à sua frente, voltou a lembrar a matéria, a parte boa. Por ela, indiretamente soube que Thomas estava bem, pois era evidente que fora ele o responsável por dar sumiço aos corpos. Contudo, o amigo ter a oportunidade de limpar a cena do crime não significava que tivesse se livrado da vampira.

Com um bufar aborrecido pela possibilidade real de novamente se encontrar com Betânia, Ethan seguiu até a piscina e mergulhou. Entre uma braçada e outra, sentiu Danielle.

No quarto, depois de seco, estendeu-se ao lado dela e todo assunto que não fosse referente à transformação fora esquecido. Especialmente por notar as mudanças sutis que

a deixavam ainda mais bela. As pálpebras – em constante movimento – estavam mais lilases e os lábios, antes rosa pálido, estavam dois tons mais rosados. Perfeitos!

E a mudança não se dava apenas no rosto. Os hematomas, deixados por ele e pelo ex-namorado abjeto, agora eram marcas esmaecidas. Logo, somente o desenho no quadril direito impediria que toda a pele de Danielle fosse imaculada.

Desviando o olhar do dragão rosado – que a cava da calcinha mínima não cobria –, Ethan beijou a mão que segurava, fitando o ventre de Danielle. Sem pensar, agora desligado de todo o resto, ele espalmou a mão naquele ponto. Delicadamente acariciou a barriga lisa, plana. Foi impossível não recordar o questionamento quanto a filhos. Antes era pouco provável que os tivesse, agora era impossível. Tanto melhor!

Se esquecesse por um minuto o ciúme desmedido que não lhe permitiria dividi-la com ninguém, o vampiro ainda teria plena consciência de que em seu mundo violento e clandestino – em breve o mundo de Danielle – não comportava crianças. Respirando profundamente, ainda acariciando a carne cada vez mais firme, ele agradeceu a esterilidade eterna que reservaria Danielle somente para si.

Ethan descartou o assunto antes de deslizar a mão, com toda delicadeza possível, sobre as costelas de sua noiva, até parar na base dos seios simetricamente redondos, de bicos eriçados pela tensão da transformação. Nesse ponto Ethan se obrigou a parar. A inspeção detalhada dava início a uma reação de difícil reversão. Nas próximas horas – as últimas graças aos deuses! –, Danielle ficaria melhor sem sua perversão.

Mas... Ele sempre seria aquilo que era, então, não se furtou de roçar a palma aberta no mamilo enrijecido antes de acariciar e beijar o rosto de sua noiva.

– Se ainda posso pedir alguma coisa – soprou sobre a pele dela. – Rogo para que os deuses me ajudem, pois agora será impossível resistir a você!

Não queria que resistisse, Dana pensou, queria que ele continuasse com os carinhos que desviavam sua atenção da dor, que despertavam algo em seu âmago, mas ele não os fez, não como antes. Ethan se manteve a tocar seu rosto, seu pescoço, suas mãos e nada mais. De toda forma, talvez não fizesse diferença. Agora a dor, como se fosse possível, parecia pior. E havia a indecisão de seu coração. Para cada batida, falhava duas ou três. E sua garganta se obstruía, ardia.

Ethan soergueu o dorso para analisar o rosto de Danielle ao ouvi-la emitir sons estranhos. Não se lembrava de Thomas tê-los feito durante sua transformação. Queria entender a razão daqueles ruídos que não eram gemidos nem rosnados, quando percebeu a movimentação no andar inferior.

Imediatamente deixou a cama, vestiu apenas a boxer deixada ao chão na noite passada e correu escada abaixo. Sabia não se tratar de Thomas ou Joly, pois o casal jamais faria tanto barulho. Ao chegar à sua sala, dirigiu-se à cozinha. Entrou em tempo de ver a empregada depositar sua bolsa sobre o balcão.

– O que faz aqui? – perguntou de chofre, assustando-a.

– Credo, Senhor McCain! – Martha exclamou, levando as mãos ao coração.

– Fiz uma pergunta – lembrou-a de mau humor, ignorando os batimentos acelerados do coração humano.

– V-vim... – Ela encolheu os ombros ante ao olhar do patrão. – V-vim cuidar de meu serviço senhor... Como... Como sempre faço...

– Estava combinado de vir hoje?

Talvez fosse irracional interpelá-la daquela maneira, mas depois de tantos acontecimentos estranhos, encomendas mórbidas e induções de seus funcionários, ele não se continha. Sem contar que não era aconselhável ter uma humana por perto com uma nova vampira prestes a despertar.

– Responda, Martha! – ordenou. Como a mulher não se moveu, ele se esforçou em manejar o tom de sua voz. – Por favor, Martha, poderia me dizer se combinou com Danielle de vir hoje limpar a cobertura? – finalizou com um sorriso.

Martha piscou algumas vezes e, depois de liberar a respiração, explicou:

– Não combinamos nada, senhor. Nem mesmo me lembro de quando fui embora da última vez.

Ethan se lembrava. Literalmente a expulsara, pois não queria descer ao escritório deixando a serviçal com Danielle.

– Bem... – ela prosseguiu – Como não sei o que ficou acertado e agora é preciso tratar com a Srta. Hall, eu achei melhor vir hoje para terminar o serviço de quarta... – Olhando rapidamente em volta, ela murmurou como que para si mesma. – Não me lembro se fiz tudo... Vim também conversar com ela para combinarmos os dias que devo vir...

Martha explicava, contudo Ethan não mais a ouvia, apenas a encarava fixamente, alimentando uma ideia repentina. Talvez, a presença dela fosse providencial. Precisava apenas cercar-se de soluções para todas as possibilidades.

– Você tem família?

– Como, senhor?!... – ela estranhou a pergunta repentina, fora do contexto.

– Perguntei se tem família. – Ethan sorriu mais uma vez. – Perdoe-me se a interrompi. Quis saber como foi seu feriado. Esteve com sua família? Foi ao desfile?

– Ah... Sim, senhor! Tenho marido, filhos... Ontem fomos todos ver o desfile da Macy's. Lindo! Esperamos para ver os balões e os carros na Central Park West. O senhor também viu?

Não, ele não viu o maldito desfile! Mas teve sua cota de Central Park à noite. Assim como proporcionou um show à parte para uma plateia limitada.

– Não gosto de feriados – simplificou. E, bem, Martha tinha família. Ainda assim, ele não desistiria.

– Realmente uma pena. O senhor poderia ter levado sua noiva. Eu acredito que ela teria gostado muito e...

– Martha – cortou-a, prendendo-a pelo olhar. – Quero que ligue para seu marido e diga que não nos encontrou, por isso resolveu tirar o dia de folga. Diga que não tem hora para voltar. Depois, sente-se no sofá da sala e espere que eu a chame.

– Sim, senhor!

Seguro de que seria obedecido, Ethan a deixou e voltou para o quarto. Faltavam duas horas, aproximadamente, para que a transformação estivesse completa e ele queria estar com Danielle em tão significativo despertar. Subiu os degraus de dois em dois, no corredor, correu, abriu a porta do quarto e estacou.

Danielle não estava onde a deixou, sim, de pé, diante da janela.

Um dia, caso Martha sobrevivesse, ele a odiaria por obrigá-lo a deixar o quarto no momento em que deveria estar presente. Um dia... Naquele momento, Ethan somente conseguia admirar uma nova vampira em todo seu esplendor. Seminua, realçada pela claridade do dia.

– Oi... – ele a cumprimentou, apreensivo.

– Oi... – ela retribuiu e imediatamente uniu as sobrancelhas.

Ethan entendia a estranheza. A adorável reação à própria voz o ajudou a sair do transe. Sem deixar de encará-la, fechou a porta atrás de si, e não avançou.

– Com o tempo você se acostuma – disse. – Não só com a mudança em sua voz, mas com todo o resto. – Foi inevitável descer o olhar ao longo do corpo semidespido antes de voltar a fitar o rosto irretocável. – Como se sente?

Como ela se sentia? Em chamas. E especulava de onde vinha aquele cheiro almiscarado, doce e atrativo que a eletrizava. Queria saber também, porque Ethan não estava ao seu lado quando a dor cessou, de repente, como veio. Sim, ela queria saber muitas coisas, mas... *aquele cheiro!*

– Danielle? – Ethan chamou-a, receoso. – Não se sente bem?

– Não sei... – respondeu ela, dispersa, agora perscrutando o homem parado junto à porta com total atenção. Era estranho, mas podia ouvir a batida errática de seu coração. E era como se o visse pela primeira vez, magnífico em cada detalhe.

Por instinto, ela ergueu o rosto e sorveu o ar pelo nariz, profundamente, expandindo as narinas.

Nunca, em sua existência, Ethan se sentiu exposto ou constrangido ao ser avaliado por uma mulher. Mas ali, sob a avaliação descarada de sua noiva, ele não se cobriu como uma ridícula virgem na noite de núpcias por estar paralisado. E, sim, admitia estar um tanto temeroso com o que viria. Para piorar, Danielle agora o encarava seriamente, farejando o ar.

Que os deuses o defendessem! Foi tudo o que Ethan pediu em silêncio ao sentir a tensão no ar e saber que seria atacado. Quando os olhares se cruzaram, o vampiro tomou consciência de que ela se lançaria em sua direção tal qual ele fizera com sua criada, há dezenas de anos. Preparou-se para desviar do bote, porém, quando Danielle se moveu com graça felina, ele não pôde sair do lugar.

– Acalme-se, Danielle! – Ethan pediu ao ser empurrado de encontro à porta, deixando-se prender pelos pulsos. Jamais usaria sua força contra ela. Se acontecesse como sempre temeu, que assim fosse! Assumira o risco ao transformá-la, não?

– Vem de você! – ela o cheirava minuciosamente. Primeiro todo o rosto, depois a mandíbula até arrastar o nariz à base do pescoço. Antes que Danielle o lambesse, com lentidão e força, Ethan já se encontrava enrijecido. – Ah! Vem mesmo de você!

– Danielle... – ele soprou, enquanto a língua indócil circulava sobre sua pele. – Sei que está com sede, mas não é prudente se alimentar de mim. Não tenho o que você precisa.

– Tem, sim! Seu cheiro é tão bom! – rouca, Dana o contradisse, farejando o peito largo. – E está queimando tanto...

– Eu sei... – Sim, era incômodo. Estava sendo incômodo para ele também.

Quando Danielle ergueu os olhos em sua direção, Ethan pôde admirá-los. O novo olhar era hipnotizante, salpicado com filetes dourados que seguiam desde a borda até a íris negra. Ao percebê-los lamuriosos, o coração do vampiro derreteu como manteiga lançada à brasa.

– Deixe... – ela pediu, doce e carinhosamente em seu tom melodioso.

Sem dúvida, Danielle estava pronta. Além de ser sua eterna bruxa, era uma vampira e definitivamente possuía todas as armas para persuadi-lo. Seria sua primeira vítima de bom grado.

Sem nem se importar com o que acontecesse, Ethan consentiu. Depois de fechar os olhos, inclinou sua cabeça para trás. Dana arfou em expectativa e voltou a lamber o pescoço exposto, roçou seus dentes de leve então os apertou.

Ao sentir seu sangue velho verter lentamente para a boca de Danielle e ter o peito comprimido pelos seios perfeitos, Ethan se excitou ainda mais. Tinha algo de atraente e

erótico no perigo representado por sua noiva. Ele começava a apreciar aquela sedução assassina.

– Danielle...

Dana vibrou ao ouvir o seu nome entre gemidos enquanto o mordia. A sensação de romper a carne firme com seus próprios dentes era indescritível e altamente excitante. Suas palmas formigaram então, segurando com firmeza os pulsos de Ethan, ela correu a mão livre pela lateral do abdômen, deliciando-se com cada volta inédita que sua mão receosa e humana deixara passar.

Ela apreciou também a temperatura corporal. Agora Ethan não lhe parecia frio. Quando sua mão tocou a base do abdômen, ele liberou outro gemido lamurioso. O som ecoou dentro dela, agravando o latejar insuportável em seu sexo. Precisava de Ethan, teve certeza ao apertar o membro rijo sobre a boxer. Precisava montá-lo e bebê-lo.

Ele não tinha prometido que seria sempre seu?

“Não depende dele”, disse uma voz interior. Se continuasse a beber como queria, terminaria por cumprir a profecia. E estava claro que Ethan sequer reagiria. Morreria em deleite e prazer enquanto ela extravasasse sua luxúria. Ciente do fato, ela parou, antes que não fosse capaz. Afinal, mesmo que o sangue velho tivesse um sabor estranho, sempre seria o sangue de Ethan.

Ethan se sentiu confuso quando Danielle o imitou e lambeu seu pescoço. Contudo não teve tempo de entender ao senti-la enfiar a mão em sua boxer. Estava adorando a desenvoltura de sua noiva, mas, uma vez liberado de seu poder de sedução, era preciso refreá-la e fazer o certo antes que fosse tarde. Reflexivo, Ethan segurou-lhe a mão.

– Agora não, Danielle! – disse rouco, com toda a firmeza que conseguiu; não fora tanta. E mesmo que ela tivesse interrompido a ação, não deixou de acariciá-lo e prendeu sua boca para beijá-lo. Como não retribuir?

Jamais saberia. Especialmente quando entre todas as coisas que queria fazer com a nova versão de Danielle, provar a boca rosada sem a mínima reserva fosse, talvez, a mais aguardada. Com isso, deixou que os lábios macios, porém não frágeis, acariciassem os seus até que a língua exploradora se aventurasse entre eles. Com um urro incontido, assumiu o controle do beijo.

Logo os dois rugiam com as bocas atadas, as línguas duelando-se entre si. Uma vez que não era necessário ter cuidados, por vezes a mordeu levemente até que fosse retribuído no ataque e passasse a sentir os dentes de Danielle em sua língua e boca. A cada nova mordida seu membro pulsava sob a mão dela.

– Eu preciso de você, Ethan... – ela soprou em sua boca. – Dói tanto!

As palavras mais uma vez o livraram do transe. Teriam todo o tempo do mundo para saciarem o desejo da carne. No momento, Danielle precisava se alimentar antes que a sede

chegasse a tal ponto que não fosse possível racionalizar sobre suas ações. Mesmo extremamente excitado, Ethan obrigou-se a fazer o certo.

Senhor de si, ele fez com que ela o soltasse e experimentou girar os corpos, recostando-a contra a porta. Danielle não impôs resistência, deixando-se ser contida enquanto ainda era beijada. Quando a sentiu entregue, Ethan interrompeu o beijo e a encarou. A visão do rosto adorado, com os olhos flamejantes e os lábios entreabertos, roubou suas palavras. Sua vampira realmente estava magnífica, pensou orgulhoso.

– Beije-me – ela pediu, despertando-o mais uma vez.

– Danielle, acredite – ele começou, forçando-se a acalmar seu desejo por ela. – Beijá-la e possuí-la é o que mais quero, mas...

– Então vem! – ela o cortou, girando os corpos para prendê-lo junto à porta. – Eu te quero tanto... E esse seu cheiro!

– Não podemos, meu amor! Não ainda... – disse sem convicção alguma, quando sentiu os lábios puxarem os pelos de seu peito.

– Por que não? – ela inquiriu, antes de morder um mamilo diminuto.

– Como está sua garganta? – perguntou, refreando um gemido.

– Queimando, como tudo em mim... – ela respondeu antes de morder o outro mamilo.

– Você está com sede, Danielle – Ethan explicou, contendo-se como podia. – Sempre despertamos com sede de sangue.

– Eu despertei com fome de você!

Para o vampiro apaixonado e vaidoso que sempre seria, foi impossível refrear um sorriso convencido após a declaração.

– Eu percebi – ele sorriu –, mas não quis me morder por me desejar sexualmente. Você precisa se alimentar.

Ao entender no que as palavras implicavam, Dana imediatamente se afastou. Ela teria de caçar, era evidente. Sem comentários, olhou para além da janela. Era dia claro, sentia que ainda era muito cedo e que não estava pronta para matar alguém. Contudo, agora não era opcional. Fazia parte do *seu* pacote!

– Se eu preciso caçar, me ensine como fazer – pediu, sorrindo, resoluta.

Danielle esteve calada por tempo demais depois de se afastar, então as palavras vieram tranquilizá-lo. O sorriso – perfeito e seguro – serviu para endossar a certeza de que ela não tinha se arrependido. Ensinar-lhe-ia muitas coisas. Desde que fosse preciso.

Apenas não a influenciaria a ser como ele, Ethan determinou ao analisar o rosto angelical. Como disse antes, gostaria que ela conservasse sua compaixão. E lhe pareceu errado fazer de uma criatura tão bela, uma assassina. Ele fez sua opção, Danielle faria a dela. Em breve saberia.

- Na verdade – disse Ethan, sorrindo-lhe, seguro –, para caçar basta seguir seu instinto.
- Mas vamos sair agora? – Dana voltou a olhar para a janela. O dia não estava ensolarado, mas era cedo, muito cedo.
- Não será preciso – assegurou, com seu desejo arrefecido, afastando-se para abrir a porta. – Apenas escute e encontre a surpresa que reservei para você.

Página oficial: <https://www.facebook.com/SerieAmorImortal?fref=photo>

Contatos da autora:

E-mail: halicefrs@outlook.com

Facebook: <https://www.facebook.com/halice.frs>

Twitter: <https://twitter.com/HaliceFRS>